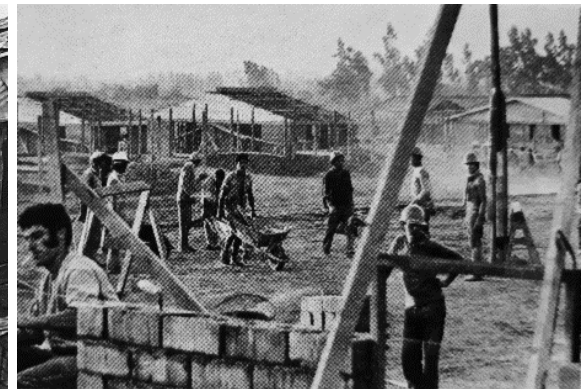


Universidade de São Paulo  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo



**O OLHAR DO OUTRO PARA O TERCEIRO MUNDO:**  
O debate na revista italiana Spazio e Società

Fabiane Regina Savino

São Paulo, 2023



Fabiane Regina Savino

## **O OLHAR DO OUTRO PARA O TERCEIRO MUNDO:**

O debate na revista italiana Spazio e Società

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para a obtenção de título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo

área de concentração

História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo

orientação

Profa. Dra. Nilce Cristina Aravecchia Botas

São Paulo, 2023

Exemplar revisado e alterado em relação à versão original, sob responsabilidade da autora e anuência da orientadora. O original se encontra disponível na sede do programa. São Paulo, 02 de junho de 2023.

Fotos da capa:

“A preparação dos tijolos” – PETRUCCIOLI, Attilio. Hassan Fathy. Inseguendo il poeta dei mattoni crudi. **Spazio e Società**, n. 17, p. 42 - 51, 1982.

“Um exemplo de moradia para alugar no centro da cidade, construída ilegalmente ao longo de um rio, em situação precária e desafiando a lógica estrutural. Os materiais usados variam de terra a bambu, tábuas de madeira reciclada, estanho, amianto, telhas e concreto” - DAS, S.K. Abitazioni per i senzatetto. **Spazio e Società**, n. 46, p. 6 - 23, 1989.

“Os muros portantes externos das habitações são construídos com tijolos produzidos industrialmente” (sobre a construção da *población* Nueva Habana, no Chile) – CATALANO, Fernando. La storia de Nueva Habana, Cile. **Spazio e Società**, n. 7, p. 55 - 72, 1979.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

SAVINO, Fabiane R. **O olhar do outro para o Terceiro Mundo:** o debate na revista italiana Spazio e Società. 2023. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Profa. Dra. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_



Para os meus pais, Janete e Giovanni, por tudo.

Para Rosana (em memória).





## AGRADECIMENTOS

À professora Nilce Aravecchia Botas, por suas orientações, pela sua sabedoria, paciência e por todos os seus comentários imprescindíveis para a feitura deste trabalho, mas principalmente pela sua imensa generosidade, acolhimento, apoio, amizade e carinho.

Ao professor José Huapaya, pela sua leitura e valiosas contribuições durante o exame de qualificação. À professora Ana Castro, também por seus comentários fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa e por ser sempre tão sensível e acolhedora. À professora Marianna Boghosian, pelo seu apoio e amizade.

À Anna de Carlo, pela disponibilidade e enorme gentileza. Aos entrevistados que aceitaram participar desta pesquisa Margarita Iglesia, Mariano Arana e Rubén Pesci. Ao professor Hugo Segawa, pelo seu depoimento fundamental ao estudo da revista *Spazio e Società*.

Ao professor Antonello Alici, pela gentileza, disponibilidade, e pela possibilidade que tive de participar da rede de pesquisadores do grupo *GDC Centennial* criado em 2019. À Monica Graner, por toda a troca e carinho.

Aos meus amigos Gabriela Giraldez, Guilherme Mejias e Gabriel Scachetti, pelo amor e força de todas as horas. Aos meus colegas e amigos do Cacal, especialmente Michel Chauí, Alex Matos, Fabiana Paiva, Laura Levi e Luiz de Luca. Ao amigo Eduardo Verri, pelo carinho e por toda a diagramação deste trabalho. Ao amigo Daniel Bernardo, pelas trocas e apoio nos tempos de pandemia. Ao amigo Tasso Cipriano, por seus conselhos, pela força e pela amizade. Aos amigos Lucas Prôa, Elaine Conte e Fernando Dizzio, que auxiliaram direta ou indiretamente neste trabalho. À professora Rosana Miranda e ao professor Patrick Heller, pelo feliz cruzamento dos nossos caminhos em 2022.

Aos meus pais, Janete e Giovanni, por serem minhas mais antigas fontes de amor e afeto, e por sempre me apoiarem e torcerem pelo meu sucesso. A minha irmã Giovanna, pelas alegres pausas de trabalho.

À minha irmã Fernanda, que desde sempre é a minha referência de profissional e ser humano, pelo seu incansável incentivo e torcida. Ao meu companheiro Gabriel Fenerich pela paciência, cuidado, amor e por todas as horas que roubei de nós.





*La cultura moderna funciona como esos cuartos de espejos en los que en el cruce de las miradas parece disolverse la imagen originaria: los artistas de la periferia miran a la vanguardia europea, que mira a los Estados Unidos, que mira a los primitivos americanos y a los africanos y asiáticos que miran y son mirados por los europeos...*

(Jorge Francisco Liernur, 1992, p. 12)

## RESUMO

SAVINO, Fabiane R. **O olhar do outro para o Terceiro Mundo**: o debate na revista italiana Spazio e Società. 2023. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Esta dissertação tem como foco as interfaces do campo disciplinar da arquitetura e do urbanismo com outros campos das ciências humanas, naquilo que diz respeito às percepções, às práticas e às teorias relativas à produção cultural do conceito de Terceiro Mundo. A investigação tem como recorte a trajetória da publicação Spazio e Società, editada pelo arquiteto italiano Giancarlo de Carlo e pela tradutora Giuliana Baracco entre os anos 1978 e 2000. Por meio de suas edições pretende-se verificar em que medida, no âmbito das dinâmicas interdisciplinares da arquitetura, o conceito de Terceiro Mundo trouxe elementos para as tentativas de refundação do campo disciplinar da arquitetura em ambiente Europeu, sobretudo após as adversidades que levaram ao fim dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAMs).

### **Palavras-chave:**

Terceiro Mundo | revista Spazio e Società | arquitetura moderna | historiografia

## ABSTRACT

SAVINO, Fabiane R. **The view of others towards the Third World**: the debate in the Italian magazine Spazio e Società. 2023. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

This dissertation is focused on the interfaces between the architecture and urbanism disciplinary area and other human sciences' areas mainly regarding to the insights, practices, and theories related to the cultural production of the Third World concept. The investigation is framed on the publication path of Spazio e Società, a magazine edited by the Italian architect Giancarlo e Carlo and by the translator Giuliana Baracco between 1978 and 2000. Throughout its editions, we intend to verify to what extent, under the interdisciplinary dynamics of architecture, the concept of Third World brought elements to the attempts of refoundation of the architecture disciplinary area in Europe, especially after the adversities that resulted in the end of the International Congresses of Modern Architecture (CIAMs).

### Key words:

Third World | Spazio e Società magazine | modern architecture | historiography







## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>1. O PRIMEIRO OLHAR PARA O TERCEIRO MUNDO</b>	<b>18</b>
1.1. A revista Spazio e Società de Giancarlo de Carlo e Giuliana Baracco	44
1.2. Os temas abordados	50
<b>2. O TERCEIRO MUNDO</b>	<b>56</b>
2.1. Um conceito em disputa	56
2.2. O Terceiro Mundo na revista	68
2.2.1. A precariedade	79
2.2.2. Elementos, materiais e técnicas locais	95
2.2.3. Planejamento urbano e regional	111
<b>3. O “OUTRO” TERCEIRO MUNDO NA REVISTA SPAZIO E SOCIETÀ</b>	<b>130</b>
3.1. A África	130
3.2. A Ásia	140
3.3. A América Latina	150
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>173</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>177</b>
Artigos da Spazio e Società indexados como Terceiro Mundo	181
Artigos da Spazio e Società tratados no Capítulo 3	184
Outras fontes	186
<b>ÍNDICE DE FIGURAS</b>	<b>188</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>195</b>
Entrevista Anna Vermiglia De Carlo	195
Entrevista Margarita Iglesia	198
Entrevista Mariano Arana	202
Entrevista Rubén Pesci	204



## INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como foco as interfaces do campo disciplinar da arquitetura e do urbanismo com outros campos das ciências humanas, naquilo que diz respeito às percepções, às práticas e às teorias relativas à produção cultural do conceito de Terceiro Mundo. As disputas em torno de seus conceitos, relacionadas ao contexto da Guerra Fria, às descolonizações na África e na Ásia e à explosão demográfica nas cidades do mundo, influenciou não só dinâmicas culturais, sociais, econômicas e políticas de diversos países, mas também dinâmicas do campo disciplinar da arquitetura e do urbanismo ao longo do século XX.

Na Europa, no período entre finais da década de 1920 até a década de 1950, ocorreram os Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAMs), que por muito tempo foram consagrados pela historiografia como *locus* principal de debate sobre a arquitetura e o urbanismo modernos. Nos encontros do pós-Segunda guerra, fizeram parte arquitetos e urbanistas que, descontentes com as dinâmicas dos encontros e principalmente com rumos das discussões, iniciaram um movimento interno de mudanças e críticas que levariam ao fim dos Congressos. Esse grupo ficou conhecido como Team 10 e entre seus membros estava o arquiteto e urbanista italiano Giancarlo de Carlo.

Sua trajetória profissional, muito pautada por sua orientação política libertária, insere-se nesse contexto histórico complexo a partir dos anos 1950 até chegar nas duas últimas décadas do século, quando, já com uma certa maturidade profissional e intelectual, o arquiteto, junto com a tradutora, editora e sua companheira Giuliana Baracco, fundam a revista de arquitetura e urbanismo *Spazio e Società*.

A investigação da dissertação, portanto, tem como recorte a trajetória da publicação *Spazio e Società*, editada mais especificamente entre os anos 1978 e 2000, por meio da qual pretendeu-se verificar em que medida, no âmbito das dinâmicas interdisciplinares da arquitetura, o conceito de Terceiro Mundo se insere nas discussões do campo disciplinar da arquitetura em ambiente Europeu, sobretudo após as adversidades que levaram ao fim dos CIAMs.

A trajetória do arquiteto italiano Giancarlo de Carlo se desenvolveu em parte junto ao grupo de vanguarda dos países desenvolvidos que na década de 1950 buscava respostas aos dilemas

disciplinares no âmbito dos CIAMs, refletindo sobre o projeto, a memória, a identidade, os recursos locais e principalmente sobre um pensamento e prática arquitetônica que partisse de problemas reais. “De Carlo foi um provocador desde o início da sua primeira discutível obra para Matera, que fez escândalo no CIAM rompendo todas as regras fixadas pelos maestros-gurus do Movimento Moderno” (BUNCUGA, 2014, p. 10). Seu pensamento crítico, sempre presente nas suas publicações, direciona-se para a arquitetura e o urbanismo na contramão dos “ismos” contemporâneos a ele. Esse olhar é o que parece ser reproduzido na revista *Spazio e Società*.

Em um momento em que o Movimento Moderno aparece aos arquitetos como um mundo esfacelado e muitos procuram uma solução manipulando as formas da história no ‘beco sem saída’ do pós-moderno, a única saída do arquiteto é a busca por uma ‘filosofia’ que seja a base do seu trabalho. Uma concepção da arquitetura que não seja mais prestação de serviços de base standard, nem fechamento no campo cada vez mais restrito do específico, nem mesmo uma fuga para o mundo da utopia. Uma nova concepção capaz de envolver o usuário e de recolocá-lo ‘em paz’ com o seu ambiente por meio de uma arquitetura que saiba entender as motivações mais profundas da sociedade (MICARA; PETRUCCIOLI, 1984, p. 90, tradução da autora).

A questão central da pesquisa, portanto, é a identificação da dimensão ideológica das abordagens teóricas que incidiram na interpretação dos objetos relacionados ao conceito de Terceiro Mundo principalmente no âmbito europeu do segundo pós-guerra. Percebendo tal processo como parte da criação e da leitura de um “outro” que contribuiu para a negação da homogeneização que a modernização ocidental promoveu, pretende-se investigar em que medida a construção cultural do Terceiro Mundo operou como ponto de disputa no interior do campo disciplinar à medida que os cânones do movimento moderno foram sendo questionados. Para isso, foram imprescindíveis as obras e contribuições de Liernur (1992, 2010, 2015), Gilman (2003) e Escobar (2007), construídas com certo distanciamento histórico e de um ponto de vista fora do circuito norte-atlântico.

O trabalho então se divide em três partes. O primeiro capítulo explora as miradas de arquitetos e urbanistas do que se tornaria o Primeiro Mundo em direção ao outro: povos primitivos, assentamentos rurais e diferentes práticas culturais desde finais do século XIX e se intensificando ao longo do século XX, até chegar nas discussões dentro da revista *Spazio e Società*, principal objeto desta pesquisa. Contemporaneamente, são apresentadas as trajetórias profissionais de Giancarlo de Carlo e Giuliana Baracco, seus editores-chefes, e a trama de relações que vão tecendo ao longo das décadas que vão iluminar seus pensamentos, teorias e visão de mundo que de certo modo direcionam a revista.

O capítulo então se debruça na apresentação minuciosa da revista *Spazio e Società*, desde as suas divisões internas até os assuntos nela abordados. Como tópicos de interesse, são enunciados pelos seus editores tanto temas mais comuns no campo disciplinar como a crítica ao movimento moderno,

o papel do arquiteto na sociedade, as diferentes práticas artísticas e metodologias de projeto, quanto – e sobretudo - assuntos menos comuns em outras revistas contemporâneas de mesma categoria com destaque para as transformações do ambiente físico no chamado Terceiro Mundo e suas práticas culturais. Nesse sentido, quando a revista deixou de ser produzida, foram publicados dois números de fechamento, nos quais consta um índice que retoma toda a trajetória da revista com uma classificação por palavras-chave como “crítica arquitetônica”, “sustentabilidade” e “Terceiro Mundo”. Desse índice foram retirados os textos centrais de análise da dissertação. Ainda, o estudo das publicações permitiu o levantamento de mais de duzentos outros textos publicados na revista, também sobre territórios que supostamente pertenceriam a categoria de Terceiro Mundo, mas que não foram classificados pela revista como tal.

Já o segundo capítulo parte do conceito de Terceiro Mundo, buscando entender as disputas, ideologias e significados do termo ainda que de maneira breve, para então confrontá-las com os significados que teriam o Terceiro Mundo nas práticas arquitetônicas, urbanísticas e culturais da revista italiana. A análise dos artigos do periódico os dividiu em três grandes eixos – a saber: a precariedade; elementos, materiais e técnicas locais; e planejamento urbano e regional – identificados a partir das temáticas abordadas, e que foram sendo relacionados com os significados mais sociológicos do conceito de Terceiro Mundo.

Por fim, o terceiro capítulo desta pesquisa se conforma a partir da análise de textos sobre territórios como a África do Sul, Índia, Argentina, Uruguai e Venezuela, considerados pela geopolítica da segunda metade do século XX como de Terceiro Mundo, mas não indexados como tal na *Spazio e Società*, no intuito de iluminar os argumentos que gerariam tal classificação e, principalmente, compreender como as diferentes culturas e práticas do Terceiro Mundo poderiam responder aos impasses da Modernidade.

## 1. O PRIMEIRO OLHAR PARA O TERCEIRO MUNDO

O presente capítulo tem como propósito apresentar a revista *Spazio e Società*, principal objeto de estudo desta pesquisa, e seus diretores Giancarlo de Carlo e Giuliana Baracco, uma vez que suas visões de mundo e trajetórias profissionais influíram em grande medida na construção do periódico. No caso de De Carlo, o foco recai principalmente na sua orientação política, atuação em grupos de arquitetos como o Team 10 e na sua produção escrita, espaços em que ele pôde desenvolver criticamente seu pensamento acerca da arquitetura, do urbanismo e da sociedade de modo geral, que continuaram nos temas e debates internos da *Spazio e Società*. Arquiteto e urbanista italiano de formação, nasceu em 1919 na cidade de Gênova e viveu sua infância e adolescência entre Gênova, Túnis, Livorno e Trieste, iniciando seus estudos superiores na Itália em 1938. O contexto da ditadura fascista e a participação da Itália na Segunda Guerra Mundial coincidiram com o início da sua formação superior quando, frequentando por um curto período o curso para oficiais cadetes da Marinha por vontade de seu pai, transferiu-se para a Faculdade de Engenharia Civil do Politécnico de Milão onde se formou em 1942. Nesse contexto, envolveu-se com o movimento de guerrilha antifascista *Resistenza* e ali conheceu sua companheira Giuliana Baracco.

Ela, filha de um oficial de cavalaria do exército e uma professora, nasceu no município de Alba, na região do Piemonte<sup>1</sup>. Transferiu-se para Milão ainda muito pequena, aos cuidados das suas irmãs após o falecimento da sua mãe quando tinha 3 anos de idade. Seu percurso formativo se encerrou ao completar o curso de *Avviamento al Lavoro* que, no antigo sistema escolar italiano, equivaleria a um ensino médio técnico preparatório para o mercado de trabalho, direcionado àqueles que não pretendiam ou não poderiam continuar os estudos superiores. O ensino de francês e inglês que recebeu na escola permitiu que Baracco se inserisse profissionalmente na USIS – *United States Information Service*, uma rede de escritórios estadunidense ligados ao Departamento de Estado,

---

<sup>1</sup> Em entrevista concedida em 28 de abril de 2022 (reproduzida ao final desta dissertação, na seção Anexos), Anna de Carlo, filha de Giancarlo de Carlo e de Giuliana Baracco, e ilustradora da revista *Spazio e Società*, respondeu a algumas perguntas sobre a trajetória profissional de sua mãe dentro e fora do periódico, e sobre a sua própria colaboração como desenhista. As fontes sobre Giuliana Baracco são escassas, mas sobre o seu papel no corpo editorial da revista destacam-se a entrevista feita por Francesco Samassa, divulgada na publicação de fechamento da *Spazio e Società* em 2000 (Una sezione longitudinale sulla rivista), sob o título Giuliana Baracco. Dietro le quinte, a tese de Doutorado de Isabella Daidone (2012) e, mais recentemente, a menção no artigo de Matteo Sintini (2017).

com sedes em embaixadas e consulados de diversos países no período da Guerra Fria, e trabalhasse como tradutora. Apesar de não ter cursado formalmente a faculdade de Arquitetura e Urbanismo, traduziu importantes obras de arquitetos para o italiano no pós-Segunda Guerra, quando já conheceria De Carlo.

Em contrapartida, o interesse de Giancarlo de Carlo pelo curso de arquitetura e urbanismo começa quando da graduação de engenharia, na medida em que entra em contato com intelectuais e figuras como o crítico de arte e de arquitetura Raffaello Giolli (1889-1945), por meio do qual conheceu Edoardo Persico (1900-1936), Giuseppe Pagano (1896-1945) e Giancarlo Palanti (1906-1977), arquitetos que desempenharam papel importante na sua trajetória. Persico e Pagano eram editores-chefes da revista *Casabella*<sup>2</sup> desde meados dos anos 1930, uma plataforma de debate arquitetônico e político, para qual também escreviam Palanti e outros nomes como Giulio Carlo Argan. A relação com Pagano se revelaria fundamental para a formação de suas teorias arquitetônicas, sobretudo as reflexões sobre o tema da arquitetura rural italiana que Pagano vinha publicando na *Casabella* e cuja síntese resultaria na VI Trienal de Arquitetura de Milão em 1936 (BUNČUGA, DE CARLO, 2014).

Com a sua *Architettura Rurale Italiana* Pagano faz uma verdadeira sondagem antropológica – fato bem notado - para encontrar os fundamentos comunitários da arquitetura, recuperando pelo seu próprio interesse uma das reivindicações fundamentais do Movimento moderno, que é a necessidade de propor o modelo de uma sociedade pré-mecânica e pré-industrial como alternativa ao cansado individualismo da sociedade industrial sustentada na economia burguesa e no capitalismo privado (MENNA *apud* BUNČUGA, 2014, p. 29, tradução da autora)<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> A revista *Casabella* foi fundada em 1928 por Guido Marangoni em Milão. A primeira série, publicada até 1933 e que se intitulava “La Casa Bella”, tratava principalmente de design de interiores e tinha o apoio de indústrias milanesas. Em 1933 a direção passa a Giuseppe Pagano, com Edoardo Persico como co-editor chefe (que o seria somente até 1936, quando falece), assumindo o nome *Casabella*. Neste mesmo ano a revista fora adquirida pelo grupo editorial *Domus*. Nos períodos de 1943 a 1946 e 1947 a 1953, tem suas publicações interrompidas (e neste período também falece Pagano, em 1945). Quando a *Casabella* volta às atividades, sua gestão passa ao ex-diretor da revista *Domus*, Ernesto Nathan Rogers, que a renomeia *Casabella-Continuità*, reforçando o elo com a gestão anterior. Em 1965 a revista voltou a se chamar *Casabella*, como ainda o é atualmente.

<sup>3</sup> MENNA, Filiberto. **Profezia di una società estetica**. Milão: Lerici, 1968, p. 111.

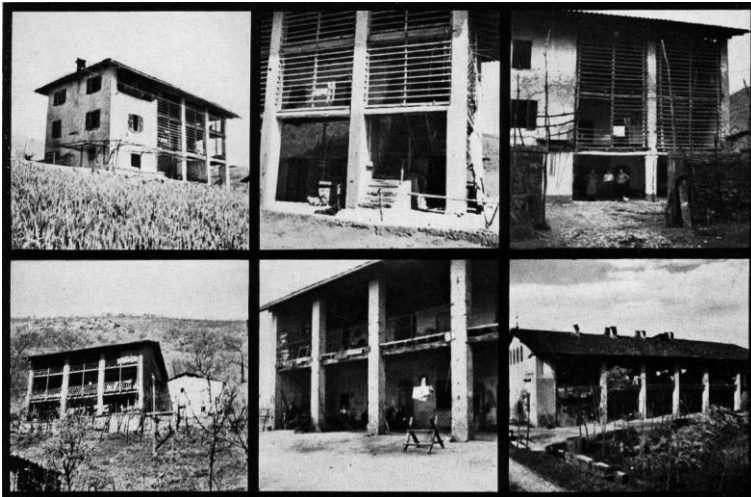


Figura 1: “Soluções elegantes e usuais de galerias (*loggie*) com sistema vertical de madeira e alvenaria nas casas de Val Seriana (Jefe) e Lombardia (Treviglio)”, norte da Itália. Imagens presentes no catálogo da VI Trienal de Arquitetura de Milão em 1936, sob o tema “Arquitetura Rural Italiana”. Fonte: GUARNIERO, Daniel; PAGANO, Giuseppe. **Architettura Rurale Italiana**. Milão: Ulrico Hoepli Editore, 1936, p. 67.

Esse interesse de Pagano pela arquitetura “espontânea” italiana e por seus fundamentos comunitários encontraria semelhanças nas reflexões de De Carlo sobre arquitetura participativa, a importância da história e da leitura do contexto em que se projeta e a escolha correta dos materiais para a construção, ao longo de sua trajetória profissional. Em seu artigo publicado em 1935 na revista *Casabella* de n. 95, Pagano argumentava que “onde a cultura do século XIX via só arcádia e folclore, a análise deste grande repositório de energia que sempre existiu como mero pano de fundo, pode dar-nos a alegria de descobrir expressões de honestidade, clareza, lógica e longevidade” (PAGANO apud MOTA, 2012), tomando a arquitetura vernacular italiana como uma alternativa a uma versão monumentalista da arquitetura moderna do regime fascista de Mussolini. Para Pagano, a verdadeira identidade da arquitetura italiana encontrava-se no mundo rural e não na herança clássica (MOTA, 2012).

Além dos seus contatos na universidade - com destaque para o relacionamento com Pagano -, muito da visão de mundo de De Carlo, refletida no seu percurso profissional, parece decorrer da sua orientação política libertária. Teriam sido cruciais para essa orientação a sua participação nos grupos contrários ao regime fascista e os círculos sociais por ele frequentados no Politécnico de Milão. A militância antifascista *partigiana* o fez estreitar laços com outras figuras importantes da cena política anárquica como Carlo Doglio (1914-1995) que, após ter sido preso diversas vezes pelo regime fascista, tornou-se redator de alguns periódicos anarquistas da região da Lombardia como o



Gioventù Anarchica a partir de 1946, e colaborador nos periódicos *Il Libertario* e *Volontà*<sup>4</sup>. Por meio de Doglio, De Carlo teria tido contato com o pensamento de Pëtr Kropotkin (1842-1921) que, junto com Patrick Geddes (1854-1932) e Lewis Mumford (1895-1990), fariam parte de uma cultura anglo-saxã de finais do século XIX que chegou no pensamento arquitetônico e urbanístico no século seguinte. Com o amigo italiano, participou dos primeiros congressos nacionais do movimento anárquico, na cidade de Carrara (1945) e em Canosa (1948), onde iniciou uma grande rede de contato com outros intelectuais de pensamento anarquista europeus. Ainda nesse período conhece alguns dos editores da revista inglesa *Freedom*<sup>5</sup> como Colin Ward (1924 - 2010) e John Turner (1927), e editores da *Volontà* (SAMASSA, 2014).

Seu pensamento arquitetônico e urbanístico, que buscava favorecer comportamentos e atitudes libertárias nos núcleos sociais a que se endereçava, refletiam de certo modo a ideologia anarquista. Os encontros de Carrara e de Canosa, frequentados por ele nesse momento importante de formação das suas ideias e da sua carreira, teriam auxiliado para que ele não só priorizasse

o resultado, mas o caminho que se percorre para tentar alcançá-lo, acolhendo todas as contribuições positivas que se encontram ao longo do caminho, enfrentando os obstáculos com espírito inclusivo; que a dúvida é uma chave que pode abrir as várias portas do problema; que o processo é o verdadeiro propósito e o objeto tem o valor de verificação provisória. Acredito que aprendi isso com o pensamento anarquista e o transplantei para o meu modo de fazer arquitetura (DE CARLO; BUNČUGA, 2014, p. 134-135, tradução da autora).

De certo modo, sua orientação política se contrapôs tanto ao estado de Bem-Estar e à social-democracia, que se instalaram em boa parte da Europa ocidental nas primeiras décadas do pós-guerra, quanto à vertente marxista ortodoxa e ao socialismo real representado pela URSS. Ou seja, uma alternativa tanto ao Primeiro Mundo quanto à sua contraposição histórica, ou “Segundo Mundo”. Na prática, De Carlo buscou durante boa parte de sua trajetória profissional refletir sobre o papel cívico do arquiteto e urbanista e atuar coletivamente, defendendo e estimulando a participação das pessoas nos processos urbanos sem nunca perder de vista a vocação política da

---

<sup>4</sup> O periódico *Gioventù Anarchica – periodico dei giovani della Federazione Anarchica Italiana* foi impresso em Milão e durou apenas um ano (de julho de 1946 e março de 1947), com dois números publicados por mês. A Federazione Anarchica Italiana (FAI) é uma organização criada em 1945 e ainda existente no país, que reúne diversos grupos anarquistas. O periódico *Il Libertario*, fundado com o nome *Il Comunista Libertario*, nasce clandestinamente no final de 1944 também em Milão, mas se torna um semanário legal após o fim da guerra. Era o periódico de outro movimento de tendência anárquica do pós-Segunda guerra, o *Federazione Comunista Libertaria Lombarda*, e existiu até seu fechamento em 1961. Já a *Volontà – periodico di propaganda anarchica* de Ancona existiu durante 50 anos, de 1946 a 1996, e não tinha ligação com nenhuma associação política.

<sup>5</sup> Fundado em 1886 por voluntários – dentre eles o próprio Kropotkin -, o periódico inglês com base em Londres *Freedom* tem como eixo o pensamento anarquista, a favor de uma sociedade fundamentada na ajuda mútua e cooperação voluntária. Deixou de ser impresso em 2014, mas continua suas atividades como periódico online até os dias de hoje no endereço <<https://freedomnews.org.uk/>>.

arquitetura. Como De Carlo, outros arquitetos e urbanistas se contrapunham ao sistema político e às mudanças sociais em larga escala que ocorriam na Europa e no mundo todo. Alternativas às respostas comumente dadas a esses sistemas e práticas poderiam vir de culturas e territórios outros, como de manifestações culturais distintas na África, Ásia e América Latina. Práticas largamente utilizadas no que se chamaria de Terceiro Mundo, com o exemplo clássico da autoconstrução do âmbito da arquitetura, tornar-se-iam temas centrais nas discussões da disciplina na segunda metade do século XX, e serão tratadas com atenção mais à frente.

De Carlo termina o curso de arquitetura e urbanismo no *Istituto Universitario di Architettura di Venezia* (IUAV), para onde se transferiu no final dos anos 1940, terminando formalmente seu percurso acadêmico de graduação. O início da sua atividade projetual se deu, portanto, em um momento de intenso debate sobre os temas da habitação, reconstrução nacional e recuperação econômica do pós-Segunda guerra na Itália (SAMASSA, 2014). Seus primeiros projetos como arquiteto e urbanista ocorreram no âmbito do Plano Fanfani de construção habitacional (batizado com o nome do então ministro do Trabalho e da Previdência Social Amintore Fanfani), mais conhecido como Plano INA Casa<sup>6</sup>, para o qual o arquiteto participou da elaboração de inúmeros edifícios em diferentes partes do país durante a década de 1950.

Além da atividade projetual e da militância, sua entrada no mundo da arquitetura e do urbanismo foi marcada pela produção escrita. Antes mesmo de se formar arquiteto, De Carlo estudou profundamente a obra de Le Corbusier e William Morris, o que resultaria em duas publicações<sup>7</sup> ainda em fins da década de 1940. Baracco, que conhecia muito bem a língua inglesa, também foi convocada pela editora a traduzir para o italiano importantes obras de Nikolaus Pevsner e Frank Lloyd Wright<sup>8</sup> em 1945. A parceria entre os dois, as pesquisas de De Carlo e esses trabalhos lançados possibilitaram outros caminhos de atuação para o arquiteto, como a sua participação na renomada revista italiana *Domus*, iniciada com um texto seu sobre Wright e William Morris em 1946. A partir de então, outros tantos textos serão reproduzidos na *Domus* em que o arquiteto expressa suas reflexões acerca do movimento moderno na arquitetura, a relação entre a sociedade e o espaço físico e os rumos da arquitetura contemporânea, em editoriais da revista publicados até o ano de 2004, o que reforça a sua permanência no cenário dos debates do campo disciplinar até

---

<sup>6</sup> Sobre o Plano INA Casa, consultar MARTA, Roberto. **I nuclei INA-Casa: da zero a qualcosa**. Roma: Costruire, 1961.

<sup>7</sup> DE CARLO, Giancarlo. **Le Corbusier: antologia critica degli scritti**. Milão: Rosa e Ballo, 1945 (a antologia crítica de De Carlo foi a primeira obra em italiano sobre Le Corbusier, que até então não tinha sido traduzido na Itália). Sobre William Morris e sua atuação no movimento *Arts and Crafts*, DE CARLO, Giancarlo. **William Morris**. Milão: Il Balcone, 1947.

<sup>8</sup> PEVSNER, Nikolaus. **I pionieri dell'architettura moderna. Da William Morris a Walter Gropius**. Milão: Rosa e Ballo, 1945; WRIGHT, Frank Lloyd. **Architettura e democrazia**. Milão: Rosa e Ballo, 1945.

o início do século XXI. Dentre seus textos, ganha destaque o intitulado “*Tortuosità*” (revista de número 866, 2004), em que De Carlo tece uma crítica ao planejamento urbano contemporâneo da cidade europeia a partir das reformas urbanísticas de Barcelona nos anos 1990 que, segundo ele, teria como base a extrema racionalização do uso do solo, das relações humanas e de uma concepção puramente economista de desenvolvimento urbano, originárias das concepções de *zoning* e *existenzminimum* por ele criticadas desde os CIAMs. Aqui, ele contrapõe esse modelo à tortuosidade da cidade mediterrânea, cuja forma urbana e percursos estimulariam uma outra percepção e experiência do espaço - mais complexas e estimulantes – que mereceriam um olhar mais atento e novas reflexões. Além da revista *Domus*, De Carlo colaborou com a revista *Casabella-Continuità* a convite do então redator-chefe Ernesto Nathan Rogers (1909 – 1969), que também o havia envolvido nas atividades dos CIAMs em meados dos anos 1950.

Os CIAMs aconteceram entre 1928 e 1956 em diferentes cidades europeias, reunindo arquitetos e urbanistas com o objetivo de discutir, formalizar e disseminar os preceitos da arquitetura moderna, passando por temas como habitação mínima, habitação em massa, a cidade funcional e a nova monumentalidade. Quatro dos mais célebres personagens à frente dos Congressos eram Le Corbusier (1887 – 1965), Josep Lluís Sert (1902 – 1983), Walter Gropius (1883 – 1969) e Sigfried Giedion (1888 - 1968), que tiveram maior ou menor destaque nos encontros à medida em que as disputas internas delineavam os caminhos e os debates. Foram encontros largamente estudados e legitimados pela historiografia da arquitetura e do urbanismo. Pode-se dizer que, desde final do século XX, outros olhares vêm sendo construídos para revelar a hegemonia de determinados grupos na definição do que se convencionou chamar de movimento moderno em arquitetura. No que diz respeito aos CIAMs mais especificamente, estudos mais recentes como o trabalho de Eric Mumford na historiografia internacional e de Ana Barone<sup>9</sup>, pesquisadora brasileira, reconhecem e iluminam as disputas no interior desses Congressos, evidenciando a influência de certos grupos nas dinâmicas e as mudanças pelas quais os encontros passaram. Por se aproximarem das abordagens da história cultural e intelectual, e terem maior atenção ao contexto histórico mais abrangente da primeira metade do século XX, tais trabalhos têm sido fundamentais para debater esses eventos à luz de uma miríade de propostas e significados políticos, colocando pela primeira vez em suspenso as leituras historiográficas que legitimaram uma construção cultural muito específica do que teriam sido não só os eventos, mas o próprio movimento moderno, em suas inúmeras vertentes.

---

<sup>9</sup> Dentre os diversos livros, artigos e trabalhos acadêmicos que tratam do tema dos CIAM, destacam-se as obras de Eric Mumford, **The CIAM discourse on urbanism 1928/1960**. Cambridge: MIT Press, 2002; **Defining urban design: CIAM architects and the formation of a discipline, 1937-69**. New Haven, CT: Yale University Press, 2009; e, mais especificamente sobre os desdobramentos dos CIAM no grupo do Tem 10, o trabalho da pesquisadora Ana Cláudia C. Barone, **Team 10: arquitetura como crítica**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

Neste ponto é importante ressaltar os trânsitos, as ligações, os diálogos e disputas entre a Europa, os EUA e a América Latina nesse sentido mais amplo de movimento moderno. Liernur (1992) mostra como essas relações começaram a se delinear em meados do século XIX, quando a modernização das infraestruturas em territórios latino-americanos impôs novas demandas e atraiu profissionais como o engenheiro francês Gustavo Eiffel, os arquitetos italianos Francesco Tamburini e Adamo Boari, e o arquiteto dinamarquês Thomas Reed, a projetar e construir em países como Peru, Chile, Colômbia, Argentina e México. O movimento contrário também teria se dado, com as elites enriquecidas do subcontinente transitando entre as capitais europeias no período de formação das vanguardas artísticas. Já durante a primeira metade do século XX, Le Corbusier, Walter Gropius, Mies van der Rohe e Marcel Breuer são outros arquitetos europeus que viajaram e materializaram seus projetos na América Latina, tida no imaginário europeu de então como um território a ser construído.

Por outro lado, um dos princípios que fundamentariam o olhar formalista do modernismo seria a singular relação estabelecida entre “arte e verdade”, elegendo, assim, a América Latina, África e Oceania como lugares em que se poderiam encontrar formas primitivas, incontaminadas e transparentes (LIERNUR, 1992). Ainda, o interesse da cultura arquitetônica internacional pela América Latina consagrou-se, a partir dos EUA, com a realização das exposições *“Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 - 1942”* pelo Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMA) em parceria com o Instituto Norte-Americano de Arquitetos (AIA) em 1942, e outra também no MoMA realizada em 1955 sob o título *“Latin American Architecture since 1945”*<sup>10</sup>. Ambas se inserem no contexto da Política de Boa Vizinhança, iniciativa apresentada e desenvolvida pelo então presidente dos Estados Unidos Franklin D. Roosevelt entre 1933 e 1945, no intuito de estreitar laços com os países da América Latina por meio de uma série de ações no campo da cultura, economia e política. Nesse período da segunda metade dos anos 1930, os EUA procuraram definir uma “arquitetura

---

<sup>10</sup> Dentre os autores que se debruçaram sobre o tema, destacam-se aqui DEL REAL, Patricio. Building a Continent: MoMA's *Latin American Architecture since 1945* Exhibition. **Journal of Latin American Cultural Studies**. Londres: Travessia, vol. 16, n. 01, 2007, p. 95-110; SANTOS, Fabiana F. P. dos. **Em busca da América Latina e suas arquiteturas: Contextos, proposições e tensões nas exposições do MoMA (1955 e 2015)**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. 210 p.; SOUSA, Laura L. C. **Arquitetura moderna latino-americana: uma ideia construída a partir de “Latin American Architecture since 1945” [1955]**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. 382 p.; TORRENT, Horacio Enrique. *Latinoamérica, las arquitecturas, las exposiciones, las revistas y las ideas: MoMA 1955*. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL LAS EXPOSICIONES DE ARQUITECTURA Y LA ARQUITECTURA DE LAS EXPOSICIONES: LA ARQUITECTURA ESPAÑOLA Y LAS EXPOSICIONES INTERNACIONALES (1919-1975)**. *Actas...* Pamplona: T6) Ediciones, Escuela Técnica Superior de Arquitectura de la Universidad de Navarra, 2014. P.81 – 92. Disponível em <<https://www.unav.edu/documents/29070/376778/actas09.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

moderna americana” diferente da europeia<sup>11</sup>, mais próxima a um organicismo e informalismo, incluindo também outras arquiteturas “americanas”, como mostra o destaque do Brasil na citada exposição do MoMA e no livro de Goodwin. Em resumo, pode-se dizer que a busca pelas arquiteturas americanas se direcionava à “força da linha, formas curvas abundantes, liberdade plástica, relação orgânica com a natureza e rejeição evidente das formulações duras dos primeiros CIAM” (LIERNUR, 1992, p. 20). Giulio C. Argan (1992) também reforça a perda da centralidade da Europa no âmbito da cultura artística moderna para os EUA, principalmente após a Segunda Guerra Mundial. Tal perda teria a ver com a “crise das ciências europeias”: todo um sistema cultural baseado na racionalidade, que vinha ganhando prestígio e influência desde a metade do século XIX, chegaria ao seu colapso cem anos depois. Na disputa pela hegemonia cultural, então, sairiam vitoriosos os EUA, com o MoMA desempenhando um papel importante nessa hegemonia.

É, portanto, necessário entender a crise que se manifesta no interior dos CIAM nos anos de 1950, como a própria crise de hegemonia do movimento moderno, à luz tanto das disputas geracionais no interior do campo disciplinar, quanto de disputa cultural nos termos da geopolítica mundial da Guerra Fria que se armava de forma evidente naqueles anos. Ao analisar a totalidade dos dez Congressos, Kenneth Frampton (2003) os divide em três períodos a partir das influências de alguns grupos no direcionamento dos debates: os três primeiros encontros teriam uma maior influência do grupo de arquitetos de língua alemã da *Neue Sachlichkeit*<sup>12</sup>, em sua maioria de tendência socialista, cujas discussões giravam em torno dos padrões mínimos de espaço para habitações unifamiliares e da disposição mais eficiente dos blocos de habitação; os Congressos do período seguinte, de 1933 a 1947, seriam marcados pela preponderância da atuação de Le Corbusier e do grupo francês, com um extenso debate sobre o desenho urbano que culminou com a Carta de Atenas e os preceitos do urbanismo funcionalista<sup>13</sup>; por fim, o último estágio dos Congressos de 1947 a 1956 teria sido

---

<sup>11</sup> A arquitetura e o urbanismo modernos europeus que estavam se delineando nos encontros do CIAM de então tinham como premissa a cidade funcional: um desenho de cidade que a divide em zonas e o tipo de habitação urbana de grandes blocos para áreas de adensamento populacional. A cidade funcional foi tema do IV CIAM ocorrido em 1933, cujas discussões resultaram em um dos documentos mais célebres dos Congressos, a Carta de Atenas.

<sup>12</sup> A “Nova Objetividade” nomeia uma corrente artística alemã do pós-Primeira guerra mundial, posterior ao expressionismo. Nas palavras de Argan (1992, p. 242), “quase se opondo a essa orientação menos engajada na problemática social [da corrente do expressionismo], agudizada pela derrota na guerra, forma-se a corrente, ainda tipicamente expressionista, da *Neue Sachlichkeit* (“nova objetividade”), que quer apresentar uma imagem atrozmente verdadeira da sociedade alemã do pós-guerra, sem os véus idealizantes e mistificadores da “boa” pintura ou literatura”.

<sup>13</sup> A Carta de Atenas, documento criado a partir das discussões do IV CIAM de 1933, traz argumentos acerca dos problemas comuns às cidades de então provenientes em grande medida das mudanças ocorridas pela “era da máquina”. Doravante, faz considerações sobre as habitações, o lazer, o trabalho, a circulação e o patrimônio histórico das cidades, sugerindo diretrizes para a sua melhoria. Dentre outros recursos, o documento prega a separação das áreas residenciais, de lazer e de trabalho em setores separados na cidade,

marcado por diferenças cada vez maiores nos interesses de grupos participantes desde o começo dos encontros e grupos mais novos. Logo no VI CIAM de 1947, o autor aponta que “seus membros tentaram transcender a esterilidade abstrata da ‘cidade funcional’, afirmando que ‘o objetivo dos CIAM consiste em trabalhar para a criação de um ambiente físico capaz de satisfazer as necessidades emocionais e materiais do homem” (FRAMPTON, 2003, p. 329). Isso mostra como a mudança geracional interna dos Congressos somada ao contexto histórico do pós-Segunda guerra, com a situação urbana difícil em que se encontravam muitas cidades europeias devastadas, marcaram definitivamente as dinâmicas do campo disciplinar<sup>14</sup>.

Tais transformações, que aparecem com mais força nos encontros do terceiro período de Frampton, mostram o interesse crescente de muitos membros dos Congressos na cultura, arquitetura, tradições e dinâmicas sociais de regiões fora da rota norte-atlântica. Sigfried Giedion, um exemplo como tantos outros que antes da guerra associavam o modernismo ao progresso tecnológico e à máquina, passou a reconhecer os limites da tecnologia industrial, afastando-se da proposta de racionalização no campo da arquitetura e do urbanismo para se aproximar de abordagens baseadas na emoção e imaginação humanas<sup>15</sup>. Esse novo interesse pode ser indagado sob diversos aspectos: seria fruto de um olhar colonialista, próprio da expansão cultural europeia desde o século XVI? Instrumentalização de elementos culturais outros para superar as próprias contradições do centro em expansão? Ou resultado da dimensão política das ações de agentes dos próprios países tidos como “marginais” ou “subdesenvolvidos”, conscientes de sua participação cultural nos processos de mundialização da cultura? Independentemente da causa, fato é que a arquitetura, o urbanismo

---

junto a um planejamento do uso do solo. Tal setorização, que visaria um melhor funcionamento da cidade, ficara conhecido como urbanismo funcionalista, urbanismo moderno ou cidade funcional. O termo *zoning* não aparece literalmente na Carta de Atenas, mas também serve para se referir a uma legislação urbanística de regulamentação do uso do solo por setores, ainda que com bases diferentes. Sua criação é anterior aos CIAM e foi desenvolvida no âmbito dos EUA pelo advogado Edward Bassett, que posteriormente publicaria sua obra **Zoning. The Laws, Administration and Court Decisions during the first twenty years**. New York: Russell Sage Fundation, 1936.

<sup>14</sup> Ao tratar do campo disciplinar da arquitetura neste trabalho, referimo-nos à constituição daquilo que o sociólogo Pierre Bourdieu definiu como um “sistema relativamente autônomo que integra produção, reprodução e difusão e configura um mercado de bens simbólicos” (BOURDIEU apud SILVA, 2010, p. 16). Outra fonte de grande interesse nesse sentido é a dissertação de mestrado de AL ASSAL (2009), em que a autora discute os processos de legitimação do campo profissional autônomo da arquitetura no Brasil na primeira metade do século XX ancorada, sobretudo, nas reflexões desenvolvidas por Bourdieu.

<sup>15</sup> O estudo da história da mecanização, publicado no ano seguinte ao VI encontro dos CIAM em seu livro **Mecanization takes command: a contribution to anonymous history** (Oxford: Oxford University Press, 1948), teria como objetivo ajudar os seres humanos a reestabelecer um equilíbrio entre si e seu ambiente, retomando a necessidade de reunir “‘pensar’ e ‘sentir’ que o século XIX tinha dilacerado ao separar engenharia e produção estética, e que Giedion havia estabelecido como projeto de arquitetura moderna dez anos antes na narrativa histórica de suas palestras de 1938 em Harvard, desenvolvidas em [seu livro] **Space, time and architecture** [Harvard University Press, 1941]” (NORWOOD, 2015, p. 2).

e os debates concernentes aos problemas e às soluções em curso no chamado Terceiro Mundo, tornaram-se definitivamente tema do debate internacional.

Voltando aos CIAMs, e mais especificamente ao VI Congresso, encontro de retomada após dez anos sem atividades por conta da guerra, Giedion se unira às vozes que queriam debater criticamente as ideias de “padrão” e “funcionalidade” que haviam dado o tom do movimento até aquele momento. Tais proposições reverberaram também no campo das artes, como algumas exposições do *Institute of Contemporary Art* (ICA) de Londres entre finais da década de 1940 e início dos anos 1950 que mostraram “surpreendentes relações entre assentamentos espontâneos, artefatos antigos e africanos, organismos biológicos e paisagens naturais” (DAINESE, 2019, p. 304). Um exemplo marcante desse período é a mostra de 1949 intitulada *40.000 Years of Modern Art*, que explorou a relação entre alteridade e modernidade na arte europeia e africana.

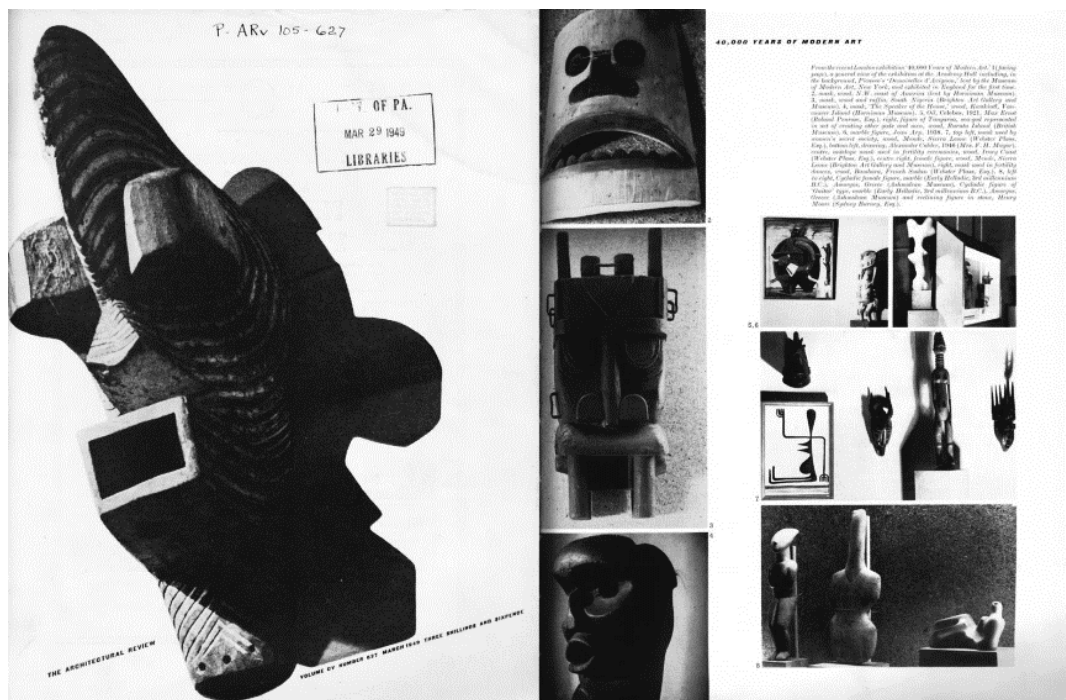


Figura 2: Capa da revista **The Architectural Review**, n. 627, mar. 1949, Londres: Architectural Press Ltda., sobre a exposição *40.000 Years of Modern Art* do *Institute of Contemporary Art* de Londres em 1949. Fonte: DAINESE, 2019, p. 305.

A África tornar-se-ia um assunto de destaque no IX CIAM em 1953, com a apresentação de cinco pesquisas e proposições desenvolvidas para colônias africanas da França e Inglaterra: dois projetos em Casablanca, no Marrocos, pelos grupos franceses GAMMA (*Group d'Architectes Modernes Marocains*) e ATBAT-Afrique (*Atelier des Bâtitseurs*), pesquisas sobre a Bidonville Mahiedinne em Argel (capital da Argélia), o projeto de Volta River na então Costa do Ouro Britânica (*British Gold Coast*) – hoje a República do Gana -, e a pesquisa desenvolvida por um grupo de arquitetos de Paris sobre a colônia francesa de Camarões. Dainese (2019) mostra a participação de arquitetos europeus

e estadunidenses do CIAM nesses territórios africanos que passavam por mudanças causadas pelos processos de descolonização. A preocupação com a urbanização desequilibrada tornara-se objeto central nas discussões acerca daquele continente no IX CIAM pela compreensão, por parte dos participantes, de que práticas coloniais no âmbito da arquitetura e do urbanismo beneficiavam somente as metrópoles e que, somadas a outros fatores, levaram ao crescimento dos *slums* nas áreas periféricas das principais cidades.

*Slums, bidonvilles, shantytowns, squatters, villas miseria, barriadas* e favelas são alguns dos termos criados para se referir à materialização espacial da nova pobreza urbana do século XX, decorrente de fatores sociais, econômicos, históricos, demográficos e urbanos dessa nova era. Liernur (1992, 2015) insere tais fenômenos nos debates europeus e estadunidenses mostrando como o cotidiano de milhões de marginais do Terceiro Mundo ganhava, desse modo, um status teórico cujo estudo poderia auxiliar na resolução dos problemas habitacionais do Ocidente (Primeiro Mundo), com os “modelos alternativos do habitar” descortinados por Turner no Peru como ápice desse quadro. As *bidonvilles* portanto já faziam parte das grandes cidades do Terceiro Mundo desde o fim da Primeira Guerra Mundial, e para alguns autores eram, em grande medida, resultado das práticas coloniais. Nas palavras de Avermaete,

A *bidonville* foi o símbolo por excelência em que a situação colonial com seu desenvolvimento desigual das áreas urbanas (consideradas apenas como pontos de fabricação e transporte de produtos) e rurais (consideradas como territórios vazios que ofereciam matéria-prima) vem à tona. Era uma zona urbana em que os recém-chegados do campo eram absorvidos e onde suas lutas cotidianas por moradia se tornavam literalmente visíveis (AVERMAETE, 2010, p. 256, tradução da autora).

No caso dos países norte-africanos, o autor reforça que as *bidonvilles* seriam muitas vezes locus de protestos e ações contra o poder colonial, como ocorria no Marrocos já na década de 1950. Isso também explicaria o interesse de jovens arquitetos europeus de orientação política de esquerda em geral (e, neste caso, os arquitetos que apresentaram propostas para os problemas habitacionais de então no IX CIAM) pelas práticas de moradia das *bidonvilles*, pela capacidade adaptativa de seus habitantes, suas formas coletivas de vida e pelo poder simbólico de sua resistência.

Das citadas propostas apresentadas no IX CIAM na França, destacam-se os dois projetos para a *bidonville* Carrières Centrales (localizada em uma área periférica de Casablanca), que, a partir de estudos inéditos do território marroquino, revelariam diferentes processos entre grupos do CIAM de leitura e proposição de projetos de habitação. A metodologia adotada desde 1947 pelo Serviço de Urbanismo do Departamento de Planejamento do Protetorado Francês seguia uma tradição antropológica de pesquisa do território, mas era inédita por se utilizar de uma unidade móvel chamada *atelier ambulante*: um topógrafo, um engenheiro, um planejador urbano e dois desenhistas viajavam pelo país investigando e registrando as diferentes culturas habitacionais. Antes da Segunda



Guerra, o Protetorado privilegiaria o “mestre-arquiteto” para a execução de obras e pesquisas, enquanto no pós-guerra a realidade direcionou as ações para a figura do “arquiteto-etnólogo” (AVERMAETE, 2010), reforçando as mudanças correntes nos debates e práticas da disciplina. Tal inventariação então fora também utilizada pelos participantes franceses naquele Congresso, que a partir dela, apresentaram soluções para os problemas habitacionais da África.

Uma das propostas foi exibida pelos membros do GAMMA, grupo organizado pelo arquiteto greco-francês Georges Candilis (1913-1995), que tinha como seu diretor o arquiteto e planejador urbano também francês Michel Écochard (1905-1985). O projeto, intitulado “Habitat Marroquino” (*Moroccan Habitat*) fora desenvolvido a partir do estudo de assentamentos tradicionais da região como a medina (o centro urbano antigo das cidades islâmicas norte-africanas), do estudo da morfologia de suas ruas, e segundo políticas e diretrizes coloniais francesas de assistência para o desenvolvimento, mas também considerou o interior da própria *bidonville* por seu caráter vernacular e transitório, e pela sua capacidade de transitar entre padrões tradicionais e modernos de vida (AVERMAETE, 2010). O conjunto habitacional como um todo deveria abrigar um número de pessoas calculado com base nos números de habitantes que superlotavam os assentamentos tradicionais em torno dos *souks* (mercados ao ar livre), e as unidades individuais, cada uma com seu pátio interno – elemento comum das casas muçulmanas -, foram oferecidas pelo protetorado de Casablanca às famílias islâmicas que habitavam nos *slums* da cidade (DAINESE, 2019, p. 310-11).



Figura 3: Foto de 1954 das casas com pátio projetadas para a área de *Carrières Centrales*, na periferia Casablanca, por Michel Écochard. Fonte: DAINESI, 2019, p. 311.

Distinta foi a abordagem do ramo africano do grupo ATBAT, fundado por Le Corbusier em 1947, cujo projeto “Habitat do Maior Número” (*Habitat du Plus Grand Nombre*) se dividiria em três unidades habitacionais coletivas, duas das quais projetadas pelo Georges Candilis, então diretor do grupo, e pelo arquiteto nova iorquino Shadrach Woods (1923-1973), inseridas entre as citadas unidades projetadas por Écochard. Enquanto a pesquisa deste se debruçou nos desenhos urbanos tradicionais, a dupla Candilis e Woods, sabendo que a forte imigração daquela cidade viria principalmente da Cordilheira do Atlas<sup>16</sup>, focou no exame dos assentamentos rurais tradicionais: os *ksours* (antigos vilarejos fortificados) e celeiros coletivos do Atlas, os *kasbahs* do Saara (cidadelas fortificadas), sua cultura e condições geográficas. O projeto decorrente dessa pesquisa consistia em dois desenhos de edifícios habitacionais verticais “modernos e reprodutíveis”, pautados em princípios projetuais funcionais de Le Corbusier, com pátios suspensos inspirados nos pátios horizontais das medinas (DAINESE, 2019, p. 311-12).



Figura 4: Unidades habitacionais verticais projetadas por Woods e Candilis entre as casas de *Carrières Centrales*, em Casablanca, 1952 (fotografia de Michael Écochard). Fonte: DAINESI, 2019, p. 312.

A autora aponta ainda que, embora as propostas dos dois grupos tenham considerado características sociais locais, tradições históricas e tenham partido de pesquisas do contexto em que se estabeleceriam, a incorporação das referências tradicionais como a *kasbah* e o *ksour* nas novas moradias marroquinas apareciam congeladas em formas arcaicas e imutáveis, com os pátios gradualmente se transformando em elementos estéticos e sem vínculo com o contexto cultural e social que representavam. De qualquer maneira, pode-se dizer que modelos africanos e nativos aos

---

<sup>16</sup> A Cordilheira do Atlas é uma cadeia de montanhas no noroeste da África que separa as terras costeiras dos mares Mediterrâneo e Atlântico do deserto do Saara, e que se estende entre o Marrocos, a Argélia e a Tunísia.

poucos foram reconfigurando o modernismo após a Segunda Guerra Mundial ao se descortinar um notório interesse cada vez maior desses arquitetos europeus pelo Terceiro Mundo.

É na esteira dessas transformações, de mudanças internas nos CIAM e na disciplina da arquitetura e do urbanismo de modo geral, que se insere a figura de Giancarlo De Carlo. Embora tivesse se envolvido com os Congressos em 1953 e colaborado com os encontros prévios ao X CIAM - que se deu na cidade croata de Dubrovnik em 1956 -, De Carlo participou ativamente do encontro em Otterlo (Holanda) em 1959, já organizado e desenvolvido por um grupo de arquitetos que contribuíram para a dissolução dos Congressos Internacionais. Os membros do que ficou conhecido como Team 10 vinham questionando os preceitos estabelecidos por grupos hegemônicos nos Congressos anteriores e sua estrutura burocrática naquele momento de revisão crítica da arquitetura e urbanismo modernos. Para citar alguns, De Carlo, Jaap Bakema (1914 - 1981), Aldo Van Eyck (1918 - 1999), Georges Candilis, Shadrach Woods, Alison Smithson (1928 - 1993) e Peter Smithson (1923 - 2003)<sup>17</sup> punham em xeque o legado racionalista moderno e se contrapunham à cidade funcional determinada pela Carta de Atenas, propondo novas abordagens metodológicas para a disciplina. Pode-se dizer que, de modo geral, os temas mais relevantes para o grupo naquele momento eram as questões sociais da arquitetura, o papel do arquiteto na sociedade e a democratização do debate arquitetônico e urbanístico, este expresso inclusive no modo como os encontros seriam conduzidos pelo grupo. Sem a intenção de publicar programas, cartilhas e manifestos<sup>18</sup>, as discussões dos membros do Team 10 se desenvolveriam a partir da apresentação de seus projetos, desenvolvidos segundo as posições individuais de cada um e as demandas de seus contextos, para que então fossem debatidas entre todos. O Team 10 se apresenta como uma congregação interessante pelas suas dinâmicas e tópicos discutidos, dos quais se destacam nesta dissertação a questão social da arquitetura - e como esta se desenvolveu no trabalho de cada arquiteto, principalmente os de De Carlo - e a busca por respostas aos novos problemas impostos pela Segunda Guerra Mundial nas sociedades, que alguns membros encontraram em territórios como a África.

---

<sup>17</sup> Outros tantos merecem destaque como José Coderch, Ralph Erskine, Amâncio Guedes, Rolf Gutmann, Geir Grung, Oskar Hansen, Reima Pietilä, Charles Polonyi, Brian Richards, Soltan Jerzy, Oswald Mathias Ungers, John Voelcker, e Stefan Wewerka.

<sup>18</sup> Ainda assim, dois foram os documentos produzidos por alguns dos membros do Team 10: a Declaração do Habitat e o Manifesto de Doorn. O primeiro, redigido na cidade de Doorn na Holanda em 1954, era um documento preparatório para o décimo encontro dos CIAM e continha diretrizes breves para as discussões acerca do conceito de 'habitat' que voltariam a se dar no Congresso. O segundo, mais voltado para a construção do ambiente humano desde a casa até a cidade, tinha como premissa o diagrama The Valley Section, de Patrick Gueddes (1854 - 1932), em que o biólogo e filósofo escocês ilustra, no início do século XX, diferentes agrupamentos humanos, relacionados com seu meio ambiente - o que demonstra não só o interesse de De Carlo no pensamento urbanísticos de Gueddes, mas da maioria dos membros do Team 10 (BARONE, 2002).

Segundo Barone (2002), a questão social de modo geral, foi tratada por Van Eyck a partir do problema da falta de valorização do usuário na atividade projetual, e traduzido em seus estudos acerca das formas de percepção e apropriação dos espaços pelo usuário; por Alison e Peter Smithson, a partir do conceito de comunidade (cluster)<sup>19</sup>, das relações de vizinhança e da atenção às diferentes escalas da casa, da rua, do bairro e da cidade (metodologia claramente em oposição à cidade separada por funções); e por Giancarlo De Carlo que, valorizando em toda a sua trajetória o caráter político da arquitetura, pôde desenvolver projetos de habitação de interesse social com a participação dos futuros usuários, além de continuamente ressaltar a importância da leitura e compreensão do contexto onde se inseriria o projeto.

De Carlo foi um dos pioneiros na reflexão sobre o tema da participação na arquitetura nas décadas de 1960 e 1970, desenvolvendo procedimentos de trabalho para projetos como o conjunto habitacional da Vila Matteotti (1964 – 1974) na cidade de Terni (Umbria), e em seus estudos para a elaboração de um plano de desenvolvimento urbano para Urbino (1958 – 1976). O processo participativo, que poderia ser definido como “uma forma de enfrentar a dimensão social e política dos projetos de interesse coletivo, fazendo valer a opinião e o desejo dos usuários, com o fim de garantir maior cidadania e democracia na concepção dos espaços urbanos” (BARONE e DORBY, 2004, p. 18), condiz com a natureza política das práticas profissionais e com a visão de mundo do arquiteto. Sua proposição participativa para o projeto de reestruturação do vilarejo operário Matteotti, existente desde 1934, a fim de aumentar sua densidade populacional com mais moradias, foi decidido com o envolvimento da prefeitura de Terni e o conselho da fábrica onde trabalhavam os operários<sup>20</sup>. Como bem escrevem Barone e Dorby (2004), o processo participativo se colocava para De Carlo como uma oportunidade em três segmentos: ampliar o repertório arquitetônico e de referências do habitante, oferecer a ele opções de escolha e, talvez principalmente, mostrar ao cidadão seus direitos em termos urbanísticos e, com base em suas necessidades, saber reivindicá-

---

<sup>19</sup> A palavra usada por eles é *cluster*. Como explica Barone, “a noção de cluster, ou agrupamento, também seria adotada genericamente pelo grupo [dos membros do Team 10], para designar os diversos modos de agregar unidades. Para eles, o objetivo central do urbanismo era tornar claros os padrões de organização do espaço, no sentido de facilitar a criação de relações de identidade e associação do homem com a cidade. A noção de *cluster* tinha como objetivo tornar compreensível a ideia da comunidade e das partes que a formam, como grupos visuais inter-relacionados, constituídos de associações de unidades” (BARONE, 2002, p. 81).

<sup>20</sup> O número 421 (1977) da revista *Casabella* é inteiro dedicado aos processos de elaboração e construção do Villaggio Matteotti. Sobre o processo participativo que se dera no desenvolvimento do projeto, consultar BARONE, Ana Cláudia C.; DOBRY, Sylvia A. “Arquitetura participativa” na visão de Giancarlo de Carlo. **PosFAUUSP**, [S. l.], n. 15, p. 18-31, 2004. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43369>>. Acesso em: 12 set. 2022; e a tese de doutorado que se tornou o livro de FRANCHINI, Alberto. **Il Villaggio Matteotti a Terni: Giancarlo de Carlo e l'abitare collettivo**. Roma: L'Erma di Bretschneider Srl., 2020.

los, garantindo com todo o processo, o respeito à sociedade como história e cultura, e ao espaço existente.

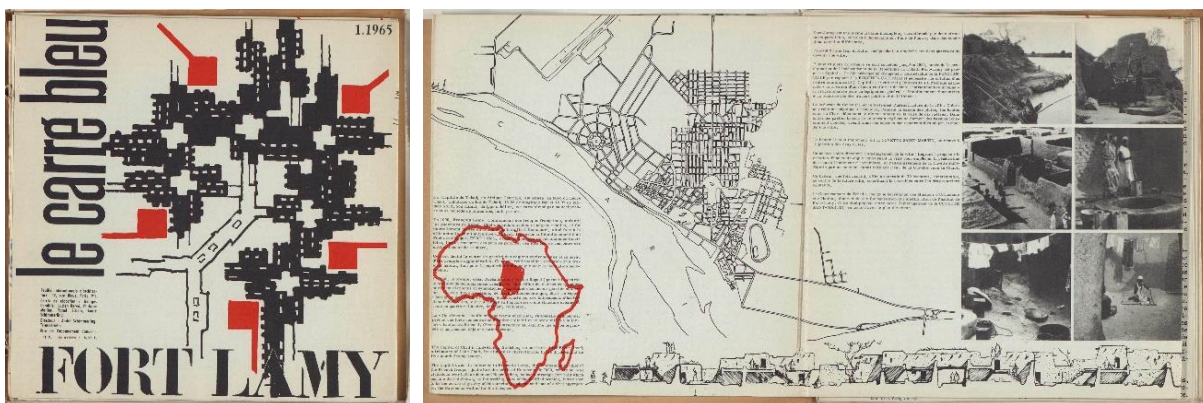
Além da questão social, outra preocupação de alguns dos arquitetos vinculados ao Team 10 foram os inconvenientes ocasionados pela reconstrução europeia do pós-guerra segundo alguns parâmetros do CIAM, o que os levaria novamente a olhar para povos indígenas e africanos em busca de outras formas e saberes alternativos àqueles que estariam fracassando em seus territórios. Neste período, dois processos em curso estavam presentes no imaginário desses arquitetos: os movimentos de descolonização na África, com destaque para o Congo (cuja descolonização teria se dado definitivamente em 1960) e a Argélia (1962), e a Revolução Cubana (1959) na América Latina que, “identificados como lutas dos povos para manter a sua identidade, [...] se articulavam perfeitamente com o debate arquitetônico internacional centrado em torno da questão da falta de “qualidade” e “identidade” na produção moderna” (LIERNUR, 1992, p. 21-22). Além de ganhar importância nos últimos encontros do CIAM, ser objeto de interesse de membros do Team 10 e de exposições de arte como a já citada *40 000 years of modern art*, a arquitetura e o urbanismo na África também despontaram em importantes periódicos europeus e outras publicações durante as décadas de 1950 e 1960. Alguns exemplos disso são a revista francesa *L'Architecture d'aujourd'hui*, que dedicou dois números especiais ao Marrocos e à África do Norte, em 1951 e 1955 respectivamente, ambos com textos de Écochard; o periódico trimestral *Le Carré Bleu*<sup>21</sup>, criado em 1958 em Helsinque, na Finlândia, pelos membros da delegação finlandesa dos CIAM Aulis Blomstedt (1906 – 1979) e Keijo Petäjä (1919 – 1988), em que constam textos de alguns membros do Team 10; e a publicação do livro *House form and culture* em 1969, em que o arquiteto polonês Amos Rapoport (1929) buscou entender as formas de habitar a partir da cultura, dos saberes tradicionais, do ambiente e do comportamento humano, com o estudo de sociedades primitivas e vernaculares.

---

<sup>21</sup> Dois exemplos de artigos sobre regiões da África na revista *Le Carré Bleu* são a entrevista com o arquiteto e urbanista francês Pierre Dalloz (1900 – 1992) e projetos seus nas capitais Paris e Argel, publicados na revista de n. 1 de 1959 (p. 3-5), e a publicação de número 1 de 1965 que é inteiramente dedicada ao projeto que Georges Candilis, Shadrach Woods e Alexis Josic (1921 – 2011), que trabalharam juntos de 1955 a 1968, desenvolveram para o concurso urbanístico de 1962 em Fort Lamy, área ao sul do Chade, na África central.



Figuras 5, 6 e 7: Capas da revista francesa *L'Architecture d'aujourd'hui* dedicadas ao Marrocos e à África do Norte, de número 35 (1951) e 60 (1955) respectivamente, e do livro de Amos Rapoport, *House form and culture* (editora Prentice Hall , Nova Jersey) de 1969.

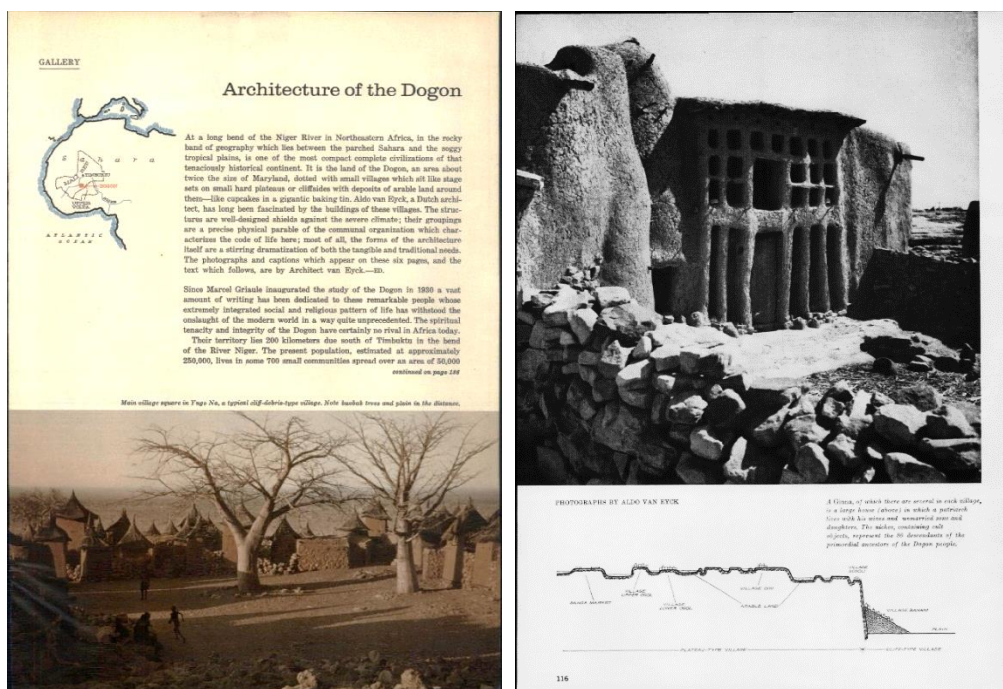


Figuras 8 e 9: Capa do periódico *Le Carré Bleu*, n.1 de 1965 e páginas do artigo sobre o projeto desenvolvido por Candilis, Josic e Woods para Fort Lamy, no Chade.

As pesquisas de Aldo van Eyck, membro do Team 10, também merecem destaque no âmbito das pesquisas, por parte de estudiosos do Primeiro Mundo, por modos de vida não ocidentais. Iniciando nos anos 1950 e por duas décadas, o arquiteto desenvolve uma série de estudos de assentamentos humanos em oásis no deserto do Saara argelino (como a aldeia Aoulef), aldeias das tribos Dogon no Mali, *pueblos* no estado Novo México ao sul dos EUA, e de outros povos de culturas arcaicas pelo mundo, publicando suas investigações, a partir de 1953, nas revistas *Architectural Forum* e na holandesa *Forum*<sup>22</sup>. Van Eyck tinha então ao centro do seu trabalho a arquitetura e modos de vida tradicionais não tanto pelo interesse exclusivo nas suas formas primitivas, mas pela compreensão de que essas formas seriam resultado de “tradições inteligíveis” de seus povos. Para ele tais assentamentos seriam articulações materiais de uma tradição milenar de construção e

<sup>22</sup> EYCK, Aldo. Bouwen in de Zuidelijke Oazen (tradução: Construindo nos oásis do sul). In. *Forum* 8, n.1, 1953, p. 28-38; Architecture of the Dogon. In. *Architectural Forum*, vol. 115, n. 5, set. 1961, p. 116-121; Dogon: mand-huis-dorp-wereld (tradução: cesta-casa-aldeia-mundo). In. *Forum* 17, jul. 1967, p. 30-50.

conhecimento do clima e materiais locais, destinadas a atender às necessidades básicas e aspirações simbólicas de seus habitantes. Reforçando as preocupações do Team 10 com a alienação causada pela “arquitetura para o grande número” (*architecture for the greatest number*) da reconstrução europeia do pós-Segunda guerra, Van Eyck considera as aldeias Dogon, construídas com terra e lama, como um exemplo daquela articulação entre necessidades materiais, símbolos e mitologia que ele chamou de “vernáculo do coração” (*vernacular of the heart*): um meio de recuperar uma relação significativa com o ambiente construído como forma de combater tal alienação (AVERMAETE, 2010).



Figuras 10 e 11: Páginas do artigo de Aldo van Eyck “Architecture of the Dogon” na revista **Architectural Forum** n. 5 de setembro de 1961.

Seja pelos hábitos e organização física vernacular dos Dogon ou pela composição, práticas sociais e escala das *bidonvilles* da África mediterrânea, é certo que a mirada desses arquitetos europeus estava se expandindo para outras partes do mundo, em certa medida em busca de outras formas arquitetônicas e sociais que respondessem às novas aspirações e desafios contemporâneos.

Já as ideias defendidas por De Carlo nos encontros do Team 10 seriam coerentes com aquelas há pouco publicadas em seus escritos na *Casabella-Continuità*. Logo em seu primeiro texto<sup>23</sup> no periódico, o arquiteto lançou uma campanha contra o formalismo na arquitetura moderna, alegando que esta se distanciara da complexidade do mundo real, dos contextos históricos e culturais e principalmente da relação entre os seres humanos e seu espaço (DE CARLO, 1953). Três anos

<sup>23</sup> DE CARLO, Giancarlo. Formalismo, continuità dell'accademismo. *Casabella-Continuità*, n. 199, Milão, dez. 1953/abr. 1954.

depois, em 1957, escreve outro texto anunciando o seu desligamento da revista, principalmente por estar em desacordo com a linha editorial “Continuità” proposta por Rogers que não mostrava intenções de aprofundar os debates e críticas ao movimento moderno, dando apenas continuidade a conteúdos já ultrapassados. Reafirmando suas críticas, sobretudo ao valor dado à linguagem da arquitetura moderna, ele escreve:

Sob o amplo manto dessa linguagem [moderna], os ambientes urbanos são sumariamente destruídos, constroem-se bairros desertos e desumanos, casas que em poucos anos se transformam em casebres decrepitos, [...] E mais ainda deveria ser acrescentado em relação às escolas, associações, revistas; mas o que foi dito talvez baste para atestar que o sucesso na esfera da linguagem se deu às custas de uma falha grave na esfera do conteúdo. Ao não adequar seus princípios e suas ferramentas à contínua mudança das circunstâncias históricas, a arquitetura moderna fechou-se nos confins de um academicismo formalista e, assim, falhou na tarefa - que sustentava sua nova linguagem - de inserir-se como instrumento de progresso no mundo contemporâneo (DE CARLO, 1957, p. 1, tradução da autora).

De Carlo reafirma a sua crítica e analisa mais a fundo o movimento moderno no encontro do Team 10 de Otterlo em 1959. Antes de apresentar e debater seu projeto habitacional para a cidade de Matera no sul da Itália, o arquiteto contribuiu para o debate teórico com um depoimento que posteriormente foi publicado com o título *“Talk on the situation of contemporary architecture”*<sup>24</sup> em que, ele reitera a necessidade de examinar minuciosamente as tendências e correntes do movimento moderno para compreender, à luz daquele momento histórico, quanto do seu patrimônio ideológico ainda teria força e quanto dele se tornara obsoleto, na busca por respostas à sua crise.

Ao traçar um panorama do movimento e seus constantes esforços de renovação arquitetônica, De Carlo sinaliza duas abordagens principais, opostas e coexistentes que dividiriam as tendências arquitetônicas modernas desde finais do século XIX. Uma delas estaria mais ligada a padrões estéticos e expressivos pautados pelo “gosto”, e a outra objetivaria uma transformação das estruturas existentes, dando maior atenção à situação histórica em que se inseria. Os ecos ideológicos de ambas as tendências estariam reverberando ainda naquele momento, quando escreve De Carlo no final dos anos 1950, o que seria mais um motivo para esmiuçá-las e entender suas falhas.

Segundo o arquiteto, embora as circunstâncias em que foram formuladas fossem semelhantes em grande medida - a produção em massa, o advento de novas tecnologias, novos materiais e o rápido crescimento das cidades, para citar algumas -, tais tendências se diferenciariam no modo com que interpretaram as ideologias e as transformaram em ação daquele contexto histórico. Grosso modo, a primeira tendência, que se expressaria mais evidentemente no Art Nouveau, nos movimentos

---

<sup>24</sup> DE CARLO, Carlo. Talk on the situation of contemporary architecture (1959). In. NEWMANN, Oscar. **CIAM '59 in Otterlo**. Londres: Tiranti, 1961.



vanguardistas europeus dos anos 1920, e no purismo de Le Corbusier<sup>25</sup>, lidaria com as mudanças da sociedade contemporânea na medida em que estas permitissem uma renovação arquitetônica “lírica”, mas sem mudanças mais profundas na sua constituição; o critério de avaliação da qualidade das obras resultantes nessas correntes seria o seu poder expressivo, considerado de caso a caso, uma vez que a expressividade é um padrão subjetivo e definido a priori. Já a linguagem das obras resultantes da segunda tendência, relacionada sobretudo aos movimentos do *Arts and Crafts*, à obra de Adolf Loos e ao racionalismo alemão do pós-Primeira guerra, viria da necessidade de encontrar caminhos e elaborar formas de ação aplicáveis aos novos problemas da sociedade moderna. Um dos objetivos do esforço de renovação dessa tendência seria melhorar o nível de qualidade de toda a produção relacionada à arquitetura, desde artigos de uso diário até o planejamento de cidades, e cujos resultados seriam medidos de acordo com o poder das obras de cumprir com sua tarefa civil.

Embora De Carlo tendesse a eleger a segunda conduta como mais interessante, concluiu que parte do retrocesso das práticas arquitetônicas e urbanísticas naquele momento em que ele se inseria teria origem no radicalismo da primeira tendência (descrita por ele como radical-histórica-objetiva) e, em maior grau, na postura da segunda que, sendo mais propensa à conciliação e menos revolucionária, teria encontrado uma maneira mais fácil de se espalhar e se misturar. Logo, o caminho apontado pelo italiano para superar os nós causados pelos rumos que tomou a arquitetura e o urbanismo modernos na Europa seria permitindo o avanço do conhecimento sem deixar de associar a arquitetura com a vida na sociedade, ou seja, voltar a formular planos e projetos flexíveis a partir do conhecimento detalhado das realidades históricas para as quais se vai projetar, que variam de país para país. Nota-se aqui que novamente De Carlo sai em defesa do conhecimento histórico e reforça a importância das realidades locais em oposição a uma suposta realidade universal imaginada por setores do movimento moderno, argumento que ele considerará na sua prática projetual e que aparecerá também em outros momentos da sua trajetória profissional, como nas proposições de debate da revista *Spazio e Società*.

A década de 1960 viu, então, o rápido desenvolvimento de uma pluralidade de novas práticas e abordagens que se afastaram de discursos racionalistas para reaproximar a arquitetura e o urbanismo das demandas dos seus futuros usuários. Fenômenos como o *advocacy planning*<sup>26</sup>, a

---

<sup>25</sup> É importante ressaltar que, embora De Carlo tenha feito grandes críticas a algumas ideias encabeçadas pelo Le Corbusier nos CIAM, reconhece a grandeza do arquiteto franco-suíço. Anuncia no encontro do Team 10 em Otterlo que “qualquer opinião sobre Le Corbusier deve sempre pressupor um reconhecimento da sua genialidade motriz. Nosso objetivo, porém, é o de examinar a natureza e os resultados de sua contribuição para o desenvolvimento do movimento moderno e, portanto, feito esse reconhecimento, devemos deixá-lo de lado se quisermos ir direto às raízes da questão” (DE CARLO, 1959, p. 83).

<sup>26</sup> “Advocacy and Pluralism in Planning” foi o título do artigo escrito pelo planejador urbano e advogado estadunidense Paul Davidoff (1930-1984) no jornal do Instituto Americano de Planejadores Urbanos (*Journal*

autoconstrução e a participação do usuário foram ganhando força na prática e nos discursos chegando com ainda mais força na década seguinte. O arquiteto inglês John Turner se tornou uma figura notória na defesa de práticas e métodos construtivos locais quando, após completar sua formação acadêmica em meados da década de 1950 na *Architectural Association* de Londres, transfere-se para o Peru a convite do arquiteto e urbanista peruano Eduardo Neira Alva (1924-2005). Neira tinha cursado pós-graduação na Inglaterra e participado do curso de verão dos CIAM em 1950 em Veneza, onde conheceu Turner (BALLENT, 2004; HUAPAYA, 2015). O arquiteto inglês inicia então uma trajetória profissional nas *barriadas* de Lima que o levará a defender a autoconstrução em oposição aos projetos de conjuntos habitacionais elaborados por técnicos e provisionados inteiramente pelo Estado, e a contribuir para o debate acadêmico com publicações<sup>27</sup> sobre estudos urbanos e habitação em países em desenvolvimento, com destaque para a América Latina. Seu trabalho nas *barriadas* de Lima entre 1957 e 1965 se fundaria em um resgate mais conceitual de ideias, ações e processos do que de formas e tipos, aproximando-se daquela realidade como se fosse um antropólogo que encontrara um mundo de significados, razões e lógicas próprias e uma capacidade de resposta superior à que técnicos ou o Estado poderiam oferecer, e um lugar onde historicamente os estudiosos urbanos teriam encontrado ausência de valores e vazio cultural (BALLENT, 2004). De todo modo, é importante ressaltar que Turner não teria elaborado suas ideias sozinho ou partindo “do zero”. Ballent (2004) traz uma série de fatos que mostram como as *barriadas* vinham deixando de ser vistas como “pragas” urbanas com a construção de outros olhares desde meados dos anos 1950. São destacados trabalhos sobre autoconstrução e habitações

---

of the American Institute of Planners), em 1965. O texto, que daria nome a um movimento crescente nos EUA em meados da década de 1960, insere-se em um contexto de mudanças das cidades, com o crescimento dos subúrbios, habitados por classes médias e altas, e uma crise nas grandes áreas urbanas, que recebiam cada vez mais migrantes (naquele momento, de maioria negra), forçados por uma grande discriminação racial e segregação espacial a habitarem os guetos das áreas centrais, áreas frequentemente com moradias precárias, altos índices de desemprego e assistência médica insuficiente. A situação levou a protestos e campanhas por direitos civis, marchas e boicotes, com a adesão de estudantes e muitos moradores locais contra os processos urbanos (urban renewal) que nesse momento, eram em grande medida direcionados pelos interesses do capital e de empresas privadas. Davidoff reflete sobre o papel do planejador urbano, que naquele momento teria um caráter de técnico especialista focado somente na organização física da cidade, acreditando que o planejamento seria um processo de promoção de um pluralismo democrático na sociedade, que representasse diversos grupos no debate político e nas políticas públicas. O advocacy planning seria uma ferramenta para a mudança social voltada para os interesses de todos, em que o planejador deveria se engajar abertamente nos processos políticos e ajudar os grupos a formular seus planos e desenvolver sua capacidade – destaque para o trabalho com todos os grupos da sociedade, sobretudo com organizações que representassem as famílias de baixa renda (CHECKOWAY, Barry. Paul Davidoff and Advocacy Planning in Retrospect. *Journal of the American Planning Association*, Chicago, vol. 60, n. 2, p. 139-143, 1994).

<sup>27</sup> Dessas publicações, destacam-se o livro organizado por ele e Robert Fichter, **Freedom to Build: dweller control of the housing problem** (Nova Iorque: Macmillan Company, 1972), seus artigos **The Architecture of Democracy** (revista *Architectural Design*, n.38, 1968), **Urban Dwelling environments** (escrito com Horacio Caminos e John Steffian, MIT Report, n. 16, 1969), e seu livro **Housing by People: towards autonomy in building environments** (Nova Iorque: Pantheon Books, 1976).

transitórias<sup>28</sup> e sobre as próprias *barriadas* do Peru<sup>29</sup>, além das políticas de consolidação desses assentamentos precários como a lei 13517/1960 que tornaria legais alguns bairros marginais.

Na América Latina de modo geral, desde 1952, projetos de habitação social em sistema de autoconstrução foram disseminados por meio de estudos, projetos experimentais e cursos do *Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento* – CINVA, instituição subordinada à Organização dos Estados Americanos – OEA, sediada na Colômbia. A Ação Comunitária (*Acción Comunal*), defendida na instituição como trabalho participativo e interdisciplinar, envolvendo usuários, arquitetos, assistentes sociais e outros profissionais, foi entendida como meio para promover a organização social de comunidades e alcançar um sentido de pertencimento e cidadania (ARAVECCHIA-BOTAS, 2019).

Outra figura importante, cujas ideias influenciaram mudanças nas agências internacionais de desenvolvimento<sup>30</sup> a favor de novas abordagens de autoconstrução no lugar de esforços direcionados ao planejamento com tecnologias mais avançadas foi o arquiteto egípcio Hassan Fathy (MUMFORD, 2002). Seus projetos para Nova Gourna, em que o arquiteto pôde combinar planejamento urbano, participação do usuário e técnicas tradicionais da arquitetura rural do Egito em um vilarejo para comunidades tradicionais, que tiveram início em 1945, foram publicados no final da década de 1960<sup>31</sup>. Nos Estados Unidos, a escritora e ativista Jane Jacobs (1916- 2006) publica em 1961 seu livro *Morte e vida de grandes cidades*<sup>32</sup> que é, como ela mesma escreve na sua introdução, “um ataque ao planejamento e a reconstrução da cidade atual”. Jacobs critica políticas urbanas como as propostas para a cidade de Nova Iorque por Robert Moses nos anos 1950 e 1960, e milita a favor da vida em comunidade, atentando à importância da pequena escala - das ruas, do bairro e da comunidade.

---

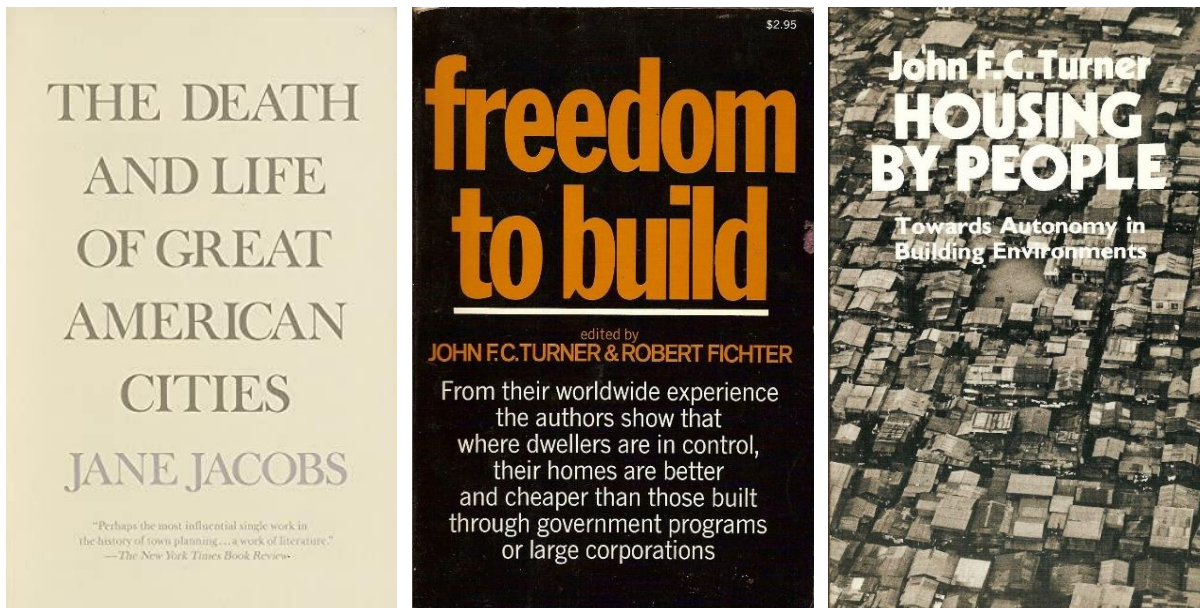
<sup>28</sup> Ballent cita o material sobre autoconstrução e moradias transitórias desenvolvidas em Porto Rico durante o governo de Rexford Tugwell (1942-1946), que Neira proporcionara a Turner no seu primeiro encargo estatal no Peru.

<sup>29</sup> Trabalhos como o do antropólogo peruano José Matos Mar e do geógrafo inglês John P. Cole sobre as *barriadas*, publicados em 1956.

<sup>30</sup> Como a U.S. Agency for International Development e o U.S. Department of Housing and Urban Development, a título de exemplo.

<sup>31</sup> Publicado primeiramente com o título **Gourna: A Tale of Two Villages** (Cairo: Ministry of Culture, 1969), tornou-se alguns anos depois o célebre **Architecture for the Poor: An Experiment in Rural Egypt** (Chicago, 1973).

<sup>32</sup> JACOBS, Jane. **The Death and Life of Great American Cities**. Nova Iorque: Random House, 1961.



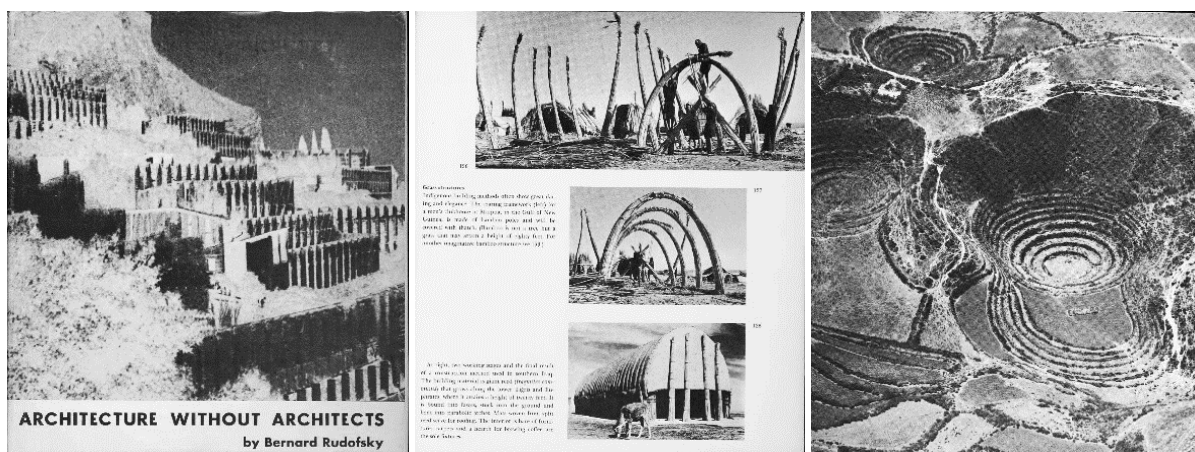
Figuras 12, 13 e 14: Capas das obras de Jane Jacobs (1961) e John Turner (1972 e 1976).

No âmbito das artes, outra exposição no MoMA em Nova Iorque pode ser lida como uma crítica ao estado da arquitetura moderna nos anos 1960, nesse caso privilegiando a arte das construções “sem pedigree, vernáculas, anônimas, espontâneas, indígenas, rurais” (RUDOLFSKY, 1964). É inaugurada em 1964 a mostra *Architecture without architects*, em que o arquiteto vienense Bernard Rudofsky (1905 – 1988) expõe fotografias em preto e branco de formas pré-industriais, formações urbanas e arquitetura vernacular tiradas entre as décadas de 1920 e 30<sup>33</sup>. A mostra viajou pelos Estados Unidos e outros países em mais de oitenta sedes ao longo de onze anos, sendo bem-vista por uns e criticada por outros. De todo modo, a historiadora da arquitetura e professora Felicity Scott, ao escrever sobre a exposição para a revista argentina *Block*<sup>34</sup>, afirma que

Recebidas no contexto dos anos sessenta, as imagens da [exposição] *Arquitetura sem arquitetos* evocavam o incipiente descontentamento desse período face à devastação do meio rural e urbano, as políticas anticoloniais e de libertação, e a preocupação que provocava um crescente consumismo. Cuidadosamente construídas, essas imagens geraram a sensação de que havia uma alternativa para aquele mundo (SCOTT, 2004, p. 81, tradução da autora).

<sup>33</sup> Da mostra foi produzido o catálogo RUDOLFSKY, Bernard. *Architecture Without Architects: a Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture*. Nova Iorque: Museum of Modern Art, 1964.

<sup>34</sup> A revista *Block* é uma publicação do Centro de Estudios de Arquitectura Contemporánea da Universidad Torcuato di Tella, na Argentina, editada entre 1997 e 2012. O número 6 do periódico é totalmente dedicado ao tema do Terceiro Mundo, onde estão publicados o já mencionado texto de Anahi Ballent e o citado artigo de Felicity Scott, intitulado “Revisando *Arquitetura sin arquitectos*”.



Figuras 15, 16 e 17: Capa e páginas do catálogo da mostra do MoMA, *Architecture without architects* (1964).

Esses e outros episódios revelam o que pode ser lido como um sentimento de época, como sugeriu Claudia Gilman (2003) para analisar a produção de intelectuais e literatos latino-americanos de esquerda em um período que vai do final dos anos 1950 até meados da década de 1970. A autora argentina utiliza o termo “época” por acreditar ser essa uma entidade temporal e conceitual com espessura histórica própria, com limites mais ou menos precisos que se destacam do bloco temporal imediatamente anterior e daquele imediatamente posterior. Um momento de convergência de conjunturas políticas, programas estéticos e expectativas sociais que abarcou importantes eventos globais como a Revolução Cubana, as descolonizações na África e Ásia, a Guerra do Vietnã, e as revoltas antirracistas nos EUA, conformando uma percepção de grande transformação e energia revolucionária. A autora inclui também as ondas de protesto e revoltas estudantis de 1968 em todo o mundo, atentando para a necessidade de não se perder de vista que foram originárias desses e de outros movimentos provenientes do Terceiro Mundo<sup>35</sup>. Nas suas próprias palavras,

o bloco temporal sessenta/setenta constitui uma época que se caracterizou pela percepção compartilhada da inevitável e desejada transformação do universo das instituições, da subjetividade, da arte e da cultura, percepção sob a qual foram interpretados acontecimentos verdadeiramente inaugurais, como a Revolução Cubana, não só para a América Latina, mas para o mundo inteiro (GILMAN, 2003, p. 33).

De todo modo, os acontecimentos de tal época (que a autora alternativamente alcunha como “longos sessenta”) não escaparam de contratempos, reviravoltas e momentos de ruptura, porém a caracterização geral seria a mesma: um grande interesse pela política e a certeza de que uma transformação radical era iminente<sup>36</sup>.

<sup>35</sup> Inclusive na sua iconografia, que por vezes levantando cartazes de líderes revolucionários terceiro-mundistas como o argentino Che Guevara, o vietnamita Ho Chi Min e ainda o chinês Mao Tsé-Tung.

<sup>36</sup> Voltar-se-á a essa ideia de um sentimento geral de transformação radical iminente no capítulo II.

Seguindo as pistas que Gilman oferece por meio da literatura para analisar os debates arquitetônicos, pode-se entender a trajetória de De Carlo no âmbito dos anos 1950 e 1960 fazendo parte dessa “estrutura de sentimento”, em que os arquitetos procuram saídas para a disciplina colocando em xeque o referencial ocidental, olhando para a produção de espaço construído que está fora do meio erudito, e fora da Europa.

Nesse período, De Carlo esteve empenhado no desenvolvimento do Plano Diretor da cidade de Urbino<sup>37</sup> em que pôs em prática os princípios por ele defendidos desde os encontros dos CIAMs. O projeto urbanístico derivou de um estudo minucioso do contexto e dos processos de formação do tecido urbano, diretamente ligados à análise histórica daquela cidade, fundada no ano de 238 a.C., período do império romano. Durante a análise, o foco reincidiu na compreensão do *lugar*, a partir de um estudo empírico das relações com o território, e nos seus *usos*, entendidos como “experiência em todos os seus significados: prático, contemplativo, simbólico, etc.” (DE CARLO, SCHIROLLO, 1992, p. 166), ambos submetidos às práticas e vivências de seus usuários. Além do plano urbanístico, De Carlo elaborou diversos projetos arquitetônicos para a cidade, em sua maioria ligados à *Università degli Studi di Urbino* Carlo Bo, como os edifícios dormitórios *Il Colle*, *Il Tridente*, *L'Aquilone*, *La Vela* e *La Serpentina*, e as sedes da Faculdade de Direito, Faculdade de Economia e o *Magistero*, além dos projetos para as universidades de Dublin<sup>38</sup> e Pavia<sup>39</sup>, que resultaram das suas pesquisas e experimentações em busca de outros modelos de espaços universitários.

No final da década de 1960, em parte por conta das manifestações estudantis do que ficou conhecido depois como “Maio de 68”, Giancarlo de Carlo produziu três textos<sup>40</sup> cujo tema central é a relação entre arquitetura e educação, que refletem uma tentativa de interpretação da crise universitária italiana - mais especificamente no ensino de arquitetura e urbanismo -, e reflexões acerca do espaço físico das escolas, da formação do arquiteto e do seu papel na sociedade. Sua crítica ao ensino universitário se voltava principalmente à sua estrutura tradicionalista e arcaica que, sem responder às novas demandas daquele tempo e sem qualquer abertura para mudanças,

---

<sup>37</sup> O arquiteto desenvolveu dois planos urbanísticos para a cidade, o primeiro entre 1958 e 1964 (cujo processo projetual, desde o estudo preliminar até o desenho proposto, tornou-se um livro, **Urbino: la storia di una città e il piano della sua evoluzione urbanistica**, Padova: Marsilio, 1966) e o segundo entre 1989 e 1994.

<sup>38</sup> De Carlo desenvolve um projeto de campus para um concurso promovido pela University College em Dublin (Irlanda) entre 1963-64, publicado no ano seguinte em formato de livro com o título **Proposta per una struttura universitaria**. Veneza: Cluva, 1965.

<sup>39</sup> Seu projeto para a Università degli Studi di Pavia pode ser encontrado no livro REBECCHINI, Marcello. **Progettare l'università**. Roma: Kappa, 1981.

<sup>40</sup> **La piramide rovesciata**. Bari: De Donato, 1968; Why/how to build school buildings. **Harvard Educational Review**, v. 39, n. 4, p. 12 – 35, dezembro, 1969; Il pubblico dell'architettura. **Parametro**, n. 5, p. 4 – 13, 1970. Os três textos dialogam entre si e, organizados por Filippo de Pieri, foram impressos juntos em uma nova edição: **La piramide rovesciata. Architettura oltre il '68**. Macerata: Quodibet, 2018.

apresentava-se como uma instituição rígida e gerida de cima para baixo, contribuindo para o apogeu dos grandes movimentos estudantis em curso. Para De Carlo, a chave para esse e outros tantos problemas estava na participação coletiva nas tomadas de decisão, tema já muito caro ao arquiteto e que continuaria a se desenvolver nas suas reflexões e projetos ao longo de toda a década seguinte. Nesse sentido, destacam-se duas atividades importantes na sua trajetória: a criação em 1976 do *International Laboratory of Architecture and Urban Design* (ILAUD) que, junto com a direção da revista *Spazio e Società* em 1978, apresentaram-se como lócus fértil para o desenvolvimento de projetos coletivos e participativos, cada um de um modo e com um objetivo.

O ILAUD surge então de uma vontade de colocar em prática preceitos defendidos por De Carlo que, junto com Carlo Bo (1911 – 2001), reitor da Universidade de Urbino desde 1947, funda esta escola, cujos objetivos centrais eram “a experimentação de novas metodologias e técnicas de projeto; a criação de uma rede internacional de contatos entre alunos e professores; a oportunidade de as universidades compararem suas abordagens didáticas; a abertura de um canal de intercâmbio cultural entre universidades” (GRIECO, 2019, p. 173) e que era, sobretudo, um espaço para a prática coletiva de projeto. O inglês foi a língua adotada para as atividades do Laboratório que se dividiam em duas: o *Residential Course*, com duração de cerca de dois meses, e as atividades permanentes, que ocorriam em curtos períodos antes do *Residential Course* para preparar as atividades e materiais, e depois para organizar os trabalhos finais. Os alunos da primeira edição viriam de seis<sup>41</sup> universidades europeias e estadunidenses, e eram divididos em grupos de pesquisa para discutir e desenhar soluções de projeto para diversas situações. Ainda, o ILAUD se aproxima de uma escola itinerante, cujas realizações se deram entre as cidades italianas de Urbino (de 1976 a 1981 e de 1992 a 1993), Siena (de 1981 a 1990), San Marino (de 1994 a 1996) e Veneza (de 1997 a 2003)<sup>42</sup>. Além do seu quadro de funcionários permanentes, cada edição contava com professores convidados, alguns ligados ao Team 10 ou que viriam a publicar textos na revista *Spazio e Società*, como Peter Smithson, George Candilis (na edição de 1978), Aldo Van Eyck (em 1980 e 1989), Ralph Erskine (1983), Lucien Kroll (1984 e 1985), Miguel Angel Roca (1985) e Balkrishna Doshi (1987 e 1991) para citar alguns.

As atividades do ILAUD geraram duas publicações. Das reuniões prévias aos cursos decorreram os *Bulletins*, em que se agrupavam projetos, os programas de trabalho, frentes de pesquisa e relatórios das reuniões para atualizar os conferencistas das práticas do laboratório. Os *Yearbooks* por sua vez

---

<sup>41</sup> Escuela Tecnica Superior de Arquitectura de Barcelona, Katholieke Universiteit of Leuven, Massachusetts Institute of Technology, Oslo School of Architecture, Università degli Studi di Urbino e Eidgenossische Technische Hochschule of Zurich.

<sup>42</sup> O ILAUD continua em atividade, sob a direção de Paolo Ceccarelli, e atualmente desenvolve atividades em colaboração com a Università degli Studi di Ferrara (GRIECO, 2019).

consistiam em publicações com os trabalhos resultantes dos grupos de pesquisa dos alunos, e a reprodução de discussões e críticas, sinopse de palestras e descrições de viagens e programas; uma espécie de documento com a apresentação dos resultados dos cursos, que de certa forma figurava uma ocasião de promoção do ILAUD entre universidades (GRIECO, 2019). O esforço de debater ideias, projetos e críticas no campo da arquitetura e do urbanismo com relação à sociedade e seu espaço construído também ganhou reprodução impressa, em formato de revista e com o título *Spazio e Società*.

### 1.1. A revista *Spazio e Società* de Giancarlo de Carlo e Giuliana Baracco

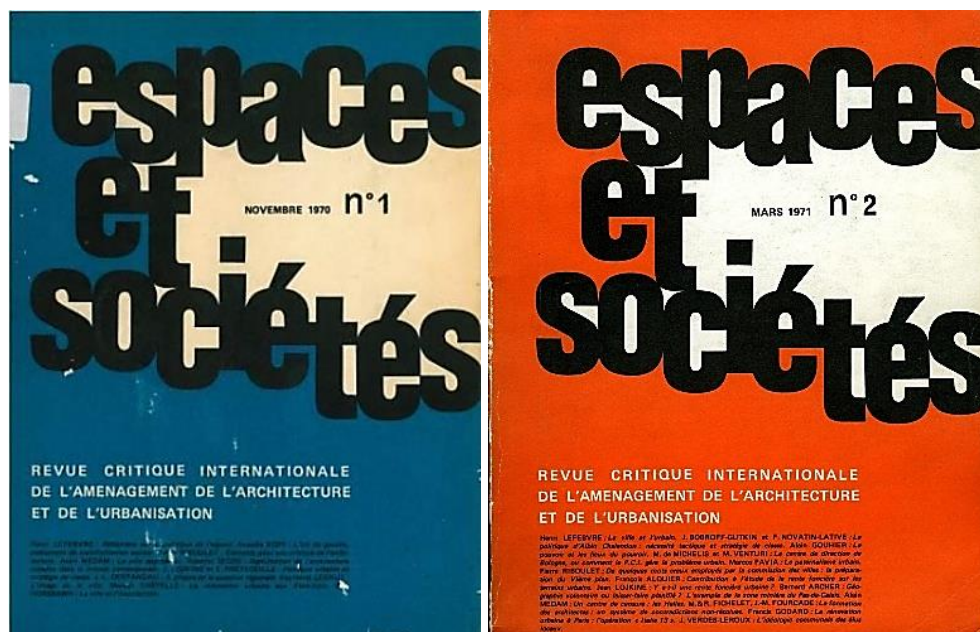
A revista de arquitetura, urbanismo e design *Spazio e Società* nasce em 1975 como uma edição italiana da homônima francesa *Espaces et Sociétés*, fundada em 1970 pelo filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre (1901-1991) e pelo arquiteto e urbanista Anatole Koop (1915-1990). Este periódico, de subtítulo “revisão crítica internacional de arquitetura e planejamento urbano”, buscava uma síntese de diversas aproximações disciplinares na relação entre as sociedades e seus espaços e territórios, dando voz a uma discussão que já vinha sendo feita de revisão das propostas - práticas e teóricas - da arquitetura moderna. O modo teórico de analisar a organização do território e a sua relação com a sociedade na *Espaces et Sociétés* refletia os interesses de Lefebvre que, além da trajetória militante pelo Partido Comunista Francês, era um grande estudioso das obras de Karl Marx e interlocutor de importantes críticos sociais como Michel Foucault e Pierre Bourdieu, e em cujos estudos urbanos definiu ‘espaço’ como uma categoria de produção e um produto social. Sua equipe editorial era composta por sociólogos, arquitetos, urbanistas e filósofos envolvidos com estudos urbanos, e os primeiros números da revista francesa eram fortemente guiados por Lefebvre, como o primeiro artigo da revista intitulado *Reflexões Sobre a Política do Espaço*<sup>43</sup>, em que o autor faz um balanço dos primeiros vinte anos de existência dos estudos urbanos, reiterando como o espaço é uma questão política e evidenciando problemas sociais advindos do seu modelo fordista de produção (BIAGI, 2020, pp. 55-56). O principal tema da revista era a política urbana, mas também se ocupava de temas como a formação do arquiteto, e outros mais circunscritos ao âmbito da sociologia como o trabalho, a emigração e a procura de moradia por trabalhadores, com um olhar mais atencioso à parte mais pobre do mundo que se encontrava em processo de desenvolvimento econômico. Koop e Lefebvre permaneceram na direção da *Espaces et Sociétés* até 1978 e, a partir desta mudança de direção, pode-se dizer que o periódico vai se distanciando de uma orientação

---

<sup>43</sup> LEFEBVRE, Henri. *Réflexions sur la politique de l'espace*. **Espaces et Sociétés**, n. 1, p. 3-12, 1970.



política e marxista e se consolidando como uma revista científica de pesquisa (DAIDONE, 2012, p. 26-27), até chegar nos dias de hoje<sup>44</sup>.



Figuras 18 e 19: Capas da revista Espaces et Sociétés de números 1 (1970) e 2 (1971).

A Espaces et Sociétés vai para a Itália por meio de Carlo Doglio, que conheceu pessoalmente Lefebvre, em 1975. Foram publicados 4 números da versão italiana Spazio e Società sob a direção de Riccardo Mariani, um arquiteto e pesquisador florentino que fora aluno e assistente de Carlo Doglio e autor do prefácio da segunda edição do livro Direito à Cidade, de Lefebvre, e de um grupo de outros arquitetos italianos, e cujo conteúdo eram majoritariamente traduções dos textos franceses<sup>45</sup>. A editora que então produzia a revista era a Moizzi e Spinelli, com sede em Milão. Em janeiro de 1978, Giancarlo de Carlo assume a direção da revista que passa a ser produzida em seu estúdio de arquitetura e impressa pela editora Mazzotta, ambos localizados também na cidade de Milão, dando início a uma nova série e recomeçando do número 1, com mudanças no projeto gráfico, formato e redação.

Giuliana Baracco se tornou coordenadora de redação a partir do segundo número da revista e desempenharia um papel fundamental em toda a concepção do periódico. Além de ser sua principal tradutora e figura central no contato com todos os colaboradores – tanto os internos ao periódico

<sup>44</sup> Atualmente a revista é impressa pela editora francesa Érès (Toulouse) e encontra-se na publicação de número 184-185 (2022).

<sup>45</sup> Os dois primeiros números da Espaces et Sociétés na Itália, publicados em junho e setembro de 1975 respectivamente, tinham como diretor-chefe Riccardo Mariani; a partir do terceiro número, são também publicados textos inéditos de autores italianos, iniciando um processo de maior autonomia da revista – que então ganha o nome de Spazio e Società –, e dirigida por Luigi Colajanni, Daniele Pini, Gaddo Morpurgo e Giancarlo de Carlo, além de Riccardo Mariani.

quanto os internacionais<sup>46</sup> -, destaca-se o fato de ela ser a única editora sem formação superior em arquitetura e urbanismo, o que tornaria essencial o seu ponto de vista distinto nos assuntos do periódico. Seu modo de se ocupar dos textos recebidos dos autores estrangeiros, exemplificado na produção dos dossiês<sup>47</sup> em entrevista, revela um intenso trabalho de tradução e de edição, dados o volume de material e a forma como eram organizados e chegavam na Itália.

Traduzir tudo que vinha de fora [...] era uma oportunidade de revisar os textos, de cortá-los - sempre havia muitas palavras inúteis para eliminar e eu sempre gostei desse trabalho e o fiz de boa vontade. [...] Éramos fanáticos que tinham que entender tudo, ser o mais simples possível. E isso nos levou a escrever e reescrever continuamente (BARACCO, 2000, p. 11, tradução da autora).

É preciso lembrar que toda a correspondência se dava por cartas ou via fax, aumentando o tempo dessa troca. Segundo a tradutora e editora, para o dossiê da Índia (publicado na revista de número 38, 1987), os editores receberam um material volumoso que, embora fosse de grande interesse, continha artigos muito extensos. No caso dos textos, desenhos e fotografias recebidos para o dossiê da Argentina (revista de número 33, 1985), “chegaram muito desorganizados, geralmente muito abundantes, às vezes mal escritos, traduzidos desastrosamente para o italiano” (BARACCO, 2000, p. 11). Se por um lado tal prática visava simplificar o conteúdo e facilitar o entendimento, por outro poderia dar margem a ruídos nos textos originais e eventuais deslizes com os colaboradores, como relatou o então correspondente internacional e atual professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Hugo Segawa. Em seu depoimento, o professor detalhou a dinâmica editorial e a sua comunicação com a Spazio e Società - feita direta e quase que exclusivamente com Giuliana Baracco – mencionando o grande interesse que os italianos tinham na arquitetura que estava sendo feita no Brasil, e como eram receptivos às sugestões de publicação feitas pelo professor. Ainda, Segawa menciona os problemas de tradução e outros equívocos de dados e autorias que ocorreram no texto escrito por Niccolò Ceccarelli, membro da equipe editorial da revista, que tratava dos problemas e soluções urbanísticos das gestões de Jaime Lerner na cidade de Curitiba, publicado em 1995, na revista de número 70<sup>48</sup>. De todo modo, tendo a arquitetura e

---

<sup>46</sup> Corroborando com o seu depoimento dado em entrevista para Francesco Samassa em 2000, em que Baracco conta sobre o contato que fazia com os correspondentes internacionais, o professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo Hugo Massaki Segawa, autor de cinco textos publicados na Spazio e Società durante a década de 1990, ao participar do evento online intitulado “A produção escrita de Giancarlo de Carlo na revista Spazio e Società e a proximidade com o pensamento de Henri Lefebvre” (2020) organizado pela autora desta pesquisa e a então aluna de doutorado Mônica Graner, ao tratar do seu processo de trabalho e relacionamento com a revista, reforçou a importância de Baracco que estava à frente de toda a comunicação entre ele e a Spazio e Società. O evento online como um todo – e especialmente a sua colaboração – serve como documento inédito para esta pesquisa, e consta na lista de referências bibliográficas.

<sup>47</sup> As seções internas da Spazio e Società serão detalhadas mais adiante, ainda neste capítulo.

<sup>48</sup> CECCARELLI, Niccolò. Curitiba, una città “sostenibile”. **Spazio e Società**, n. 70, p. 66-81, abr./jun. 1995.

o urbanismo como pontos centrais de interesse, a Spazio e Società de fato buscou expressar as diversas esferas envolvidas no seu fazer. A atenção especial às questões sociais e a produção arquitetônica e urbanística que acontecia nos países ditos “periféricos”, à margem dos acontecimentos do cenário europeu que predominavam na crítica e na historiografia, foi em grande medida devida aos interesses de De Carlo e Baracco.



Figuras 20, 21 e 22: Capas da revista Spazio e Società de números 11 (1980), 12 (1980) e 14 (1981).

A Spazio e Società se diferencia das demais revistas contemporâneas a ela de mesma categoria por diversas razões: por se declarar uma revista internacional de arquitetura e urbanismo e, de fato, buscar conteúdo dos mais variados meios culturais para suas publicações e enriquecimento dos debates; por ter ao centro de suas reflexões a natureza processual da prática projetual, bem como a dimensão participativa da arquitetura e a leitura do contexto, argumentos largamente utilizados por De Carlo quando da sua participação no Team 10 e nas suas críticas aos postulados canônicos de grupos internos do CIAM, logo, em consonância com a pesquisa arquitetônica de seu editor chefe; e por ter as figuras de Giancarlo de Carlo e Giuliana Baracco à frente da sua direção, cujos pensamento e crítica sobre o homem, a sociedade, a arquitetura e o urbanismo tensionavam os debates mais correntes e se traduziram na sua atividade editorial.

Embora a revista tenha tido um total de 92 números publicados trimestralmente ao longo de 22 anos, a trajetória de sua produção não escapou de dificuldades, revisões e mudanças. Por pouco mais de duas décadas, a Spazio e Società passou por sete editoras diferentes, na maioria das vezes por crises econômicas e internas às mesmas e com isso, mudavam também algumas de suas características. A primeira editora foi a *Mazzotta* (Milão), que publicou as revistas de n. 1 a n. 5; a *Sansoni* (Florença) publicou as revistas do n. 6 ao n. 16, momento em que faz um acordo com a *MIT Press* (Cambridge, EUA), em que esta se encarregava da distribuição da revista aos países de língua inglesa, Japão e Escandinávia, e se tornava responsável pela edição de um dos quatro

números anuais da publicação<sup>49</sup>, que passou a se chamar *Spazio e Società – Space and Society*. Ainda, se antes dessa parceria boa parte dos textos publicados tinham tradução para o inglês, deste momento em diante a revista passa a ser totalmente bilíngue, o que perdura mesmo depois do fim do acordo. A série do número 37 ao número 48 foi publicada pela editora *SAGEP* (Gênova), fruto de uma associação de professores da Faculdade de Arquitetura de Gênova, seguida pela *Le Lettere* (Florença) do número 49 ao número 60, *Gangemi* de Roma do número 61 ao 80, e finalmente a editora *Maggioli* (Rimini) foi a responsável pelos últimos números. A cada troca de editoras, De Carlo expunha de maneira breve as causas e demonstrava otimismo no porvir, analisando a trajetória da revista, e por vezes anunciando novas temáticas de interesse, latentes no contexto social e histórico que refletiam diretamente no contexto arquitetônico e urbanístico, como a poluição, a violência, as “invasões turísticas, o nivelamento de saberes e pensamentos e julgamentos e escolhas produzidos pelos meios de comunicação de massa, [e] o condicionamento exercido pelo poder político e econômico sobre o debate arquitetônico” (DE CARLO, 1989, p. 6).



Figuras 23, 24, 25 e 26: Capas das revistas de n. 31-32 (*SAGEP*), n.59 (*Le Lettere*), n. 73 (*Gangemi*) e n. 86 (*Maggioli*).

Com relação à organização interna da revista, já no primeiro editorial De Carlo afirma que o objetivo principal da nova *Spazio e Società* era tratar das transformações do ambiente físico sob a ótica arquitetônica, que se ancora não só na estrutura organizacional e na forma do espaço, mas também nas relações sociais e experiências dos usuários. Este é um ponto chave da diferença dos olhares da revista de Lefebvre e Koop e de De Carlo e Baracco: enquanto a francesa olhava para as transformações espaciais da sociedade de um ponto de vista teórico, a italiana seguia analisando os fenômenos materiais da arquitetura e do urbanismo com foco maior nos processos e relações para somente então entender seus resultados.

<sup>49</sup> A parceria com a MIT Press durou apenas dois anos, até a publicação de n. 29, e produziu inteiramente as revistas de número 18, 22 e 26. O responsável pelas revistas produzidas nos EUA foi Julian Beinart (1932 – 2020), filho de pais judeus lituanos, nasceu na África do sul, estudou na University of Capetown, no MIT e na Yale University. Passou a década de 1960 trabalhando na África do sul quando imigra para os EUA em 1970 onde posteriormente se torna professor do MIT. Sua principal disciplina, “The Theory of City Form”, tinha caráter multidisciplinar que tinha como base os estudos de Kevin Lynch de meados da década de 1950. As revistas de n. 30 a n. 36 tiveram como editora somente a Sansoni.

Para isso, seria necessário renovar, ou até mesmo inventar novas ferramentas de análise crítica, diferentes daquelas propostas à análise das transformações do ambiente físico pela ótica política, econômica ou sociológica. As ferramentas críticas para a análise no campo da arquitetura e do urbanismo disponíveis então, para De Carlo, também não seriam suficientes, tendo em vista as mudanças ocorridas na disciplina em um período anterior e recente, em que a arquitetura moderna passara a ter como foco principal uma lógica funcionalista universal. Nas palavras de De Carlo, “a instrumentação herdada desgastada não pode ser usada porque foi distorcida por um longo exercício de mistificação que levou a arquitetura a perder o centro de seu problema real: o de preservar e continuar a propor consciência, necessidade e apropriação da qualidade do ambiente.” (DE CARLO, 1978, p. 5).

Quanto a sua estrutura interna, a *Spazio e Società* foi organizada em duas partes: um núcleo principal, com ensaios críticos e projetos, e um apêndice com a participação de colunistas. Os ensaios tendem a ser textos relativamente maiores e mais densos e podem tratar de teoria e método, fomentar discussões sobre problemas já abertos ou ainda latentes na cena internacional da arquitetura ou confrontar propostas de contextos similares e diversos. Os projetos apresentados e analisados eram escolhidos no intuito de abarcar a produção contemporânea do maior número de países possível e sua apresentação se dava de modo a expor todo o desenvolvimento projetual, desde as motivações que o causaram, até a sua concretização, sempre que fosse possível. Também eram publicados projetos não tão contemporâneos, a fim de verificar como seus programas originais resistiram ao uso e ao passar do tempo. A escolha dos projetos e ensaios não era necessariamente guiada pelo fato de serem mais ou menos inéditos, dado que o interesse dos editores da *Spazio e Società* era na circulação da informação e, sobretudo, da crítica (DE CARLO, 1978). Ainda, a coluna intitulada “Questões” (*Questioni*) - que existiu somente até a revista de número 13 - abrigava comentários do próprio corpo editorial ou de grupos de pessoas que a revista julgava particularmente competentes para discutir as questões postas sobre o conteúdo dos ensaios e projetos principais, convidando os leitores a contra-argumentar, favorecendo uma participação direta destes e com o propósito/objetivo de suscitar debates ao confrontar visões diferentes sobre o mesmo objeto.

Já a coluna editorial do apêndice foi dividida inicialmente em três partes, cada uma com mais ou menos conteúdo a depender da publicação e dos materiais recebidos dos colaboradores: Hipóteses (*Congettura*), Argumentos e Acontecimentos (*Argomenti e Avvenimenti*) e Documentos (*Documenti*), cujo conteúdo se articula em maior ou menor grau com as temáticas principais tratados no número. As Hipóteses poderiam conter novos materiais e argumentos, ou contribuições sobre artigos já publicados ou decorrentes da coluna *Questioni*. A título de exemplo, textos como o de Alison

Smithson, de título *Sulla trama del Movimento Moderno*<sup>50</sup>, em que a arquiteta analisa o período “heroico” do Movimento Moderno (os anos 1930 segundo seus exemplos), oferecem novos argumentos na esteira das revisões daquele movimento na arquitetura e no urbanismo. Já na coluna “Argumentos e Acontecimentos”, poderiam constar comentários sobre livros ou fatos contemporâneos de interesse, como os projetos de transformação da área do Fórum Romano (*Foro Imperiale*) elaborados em 1982 no âmbito das exigências de conservação e valorização da Superintendência Arqueológica de Roma, publicados naquela seção da revista de número 23, juntamente com outros dois textos sobre o plano arqueológico e o debate que os projetos estavam suscitando na sociedade civil<sup>51</sup>. Na coluna “Documentos” (a maior coluna em termos de número de textos publicados), organizavam-se materiais que poderiam servir de apoio à pesquisa realizada nos ensaios, projetos ou nas outras colunas, e geralmente eram mais raros ou difíceis de se encontrar. O texto de Mauro Bertagnin<sup>52</sup> sobre uma das mais populosas *bidonvilles* de Argel, capital da Argélia, é um exemplo de conteúdo presente em Documentos. Outras colunas que surgiram depois na revista eram a Livros/Crítica (*Libri/Recensioni*), com a publicação de partes de livros ou de textos críticos, Discussões (*Discussioni*) e, a partir do número duplo 31-32, os Dossiês (*Dossier*), espaço dedicado à exploração abrangente do estado da arquitetura de diversos países e cidades do mundo em que “a pesquisa da organização e da formação do espaço físico tomou um rumo particularmente interessante”, como explica De Carlo naquele editorial. Foram publicados dossiês sobre a Alemanha, Índia, China, Uruguai e Argentina e sobre as cidades italianas e estrangeiras Gênova, Palermo, Turim, Siena, Catania, Nápoles, Joanesburgo, Paris e Hong Kong, confiados – no caso dos dossiês internacionais – a intelectuais e arquitetos locais, a fim de que o conjunto de textos publicados se aproximasse ao máximo das questões dos territórios apresentados.

## 1.2. Os temas abordados

A escolha dos países e de cidades como Joanesburgo e Hong Kong para os dossiês revelam o esforço de abrangência dos diversos territórios e meios culturais na *Spazio e Società* que dificilmente apareciam em outras publicações de arquitetura e urbanismo europeias daquele momento. De modo geral, as temáticas da revista de De Carlo e Baracco eram variadas e ainda que não seguissem uma linha rigorosamente pré-estabelecida, eram direcionadas aos campos, já mencionados

---

<sup>50</sup> SMITHSON, Alison. *Sulla trama del Movimento Moderno*. **Spazio e Società**, n. 20, p. 74-83, dez. 1982.

<sup>51</sup> Os três textos são: EINAUDI, Robert. Roman Forum (p. 72 – 78); PAVOLINI, Carlo. Il piano archeologico (p. 79 – 81); e Un anno di polemiche (p. 82 – 87), um compilado de notícias publicadas nos principais jornais italianos sobre o assunto. O conjunto de textos está em **Spazio e Società**, n. 23, set. 1983.

<sup>52</sup> BERTAGNIN, Mauro. Algeria: autocostruzione o bidonvilles?. **Spazio e Società**, n. 20, p. 100-107, dez. 1982.

anteriormente, da forma do espaço e das transformações do ambiente físico, submetidas a uma investigação realizada a partir de diferentes pontos de vista. Os assuntos mais explorados dizem respeito ao papel do arquiteto na sociedade, aos processos das diversas soluções de projeto, ao uso de tecnologias, à relação da arquitetura com a história, à crise da cidade contemporânea e ao ensino da arquitetura. Destes temas amplos irradiavam outros igualmente importantes e prementes, anunciados diversas vezes nos editoriais, como a arquitetura participativa e as transformações do ambiente físico ligadas à urbanização em países de Terceiro Mundo, aquela como questão em pauta desde fins da década de 1960, e estas como tema a ser discutido urgentemente<sup>53</sup>. Segundo Samassa (2003), “no geral pode-se dizer que De Carlo transmite à revista a sua inclinação pessoal de dar mais atenção às instâncias que provém ‘de baixo’, do ofício e da prática da arquitetura, mais do que do topo das cátedras da cultura acadêmica”, como o próprio arquiteto manifesta ao declarar, no editorial do n. 14, necessário “estender as antenas” da revista para incluir intervenções de outros agentes que não arquitetos, que se encontram fora da cena tradicional da disciplina e que também operam no espaço físico habitado (DE CARLO, 1981).

Nessa perspectiva de busca por tópicos não tão habituais<sup>54</sup>, destacam-se também os temas do colonialismo e neocolonialismo, que têm ligação com a noção de Terceiro Mundo e de subdesenvolvimento. Logo na primeira revista de 1978, é publicado um texto monográfico intitulado *Architettura e Neocolonialismo*<sup>55</sup> em que seus autores fazem uma análise das razões do subdesenvolvimento e colocam como sua causa básica a empresa colonial. O reflexo disso na arquitetura e de urbanismo é exposto por eles no âmbito dos países africanos, mais especificamente nos planos habitacionais e urbanísticos para as cidades nigerianas de Kano e Kaduna, desenvolvidos por estúdios londrinos na década de 1960. Ali ficam claros os limites da imposição

---

<sup>53</sup> De Carlo menciona diretamente o Terceiro Mundo nos editoriais das revistas de número 14 (1981, p. 4), 20 (1982, pp. 4-9) e 49 (1990, p. 7), além de reforçar o interesse da revista por este assunto na ocasião em que apresentou a Spazio e Società na Galleria Nazionale di Arte Moderna di Roma, em 26 de fevereiro de 1980, cujo depoimento foi publicado na edição especial **Spazio e Società: una sezione longitudinale sulla rivista**, p. 38-45, 2000.

<sup>54</sup> Tópicos mais comumente encontrados em revistas e livros de arquitetura e de urbanismo como considerações sobre o Movimento Moderno também figuram nas páginas da Spazio e Società, com textos de autores italianos importantes como Ludovico Quaroni e de membros do Team 10, como Alison e Peter Smithson. Sobre esses debates, consultar SINITINI, Matteo. An open field of debates: architectural culture since 1978 in the journal Spazio e Società In: *Theory's History, 196X/199X. Challenges in the Historiography of architectural Knowledge*, 2017, Bruxelas. **Anais eletrônicos...** Bruxelas: KU Leuven, 2017. P. 2-22. Disponível em: <[https://www.academia.edu/35803807/An\\_open\\_field\\_of\\_debates\\_Architectural\\_culture\\_since\\_1978\\_in\\_the\\_journal\\_Spazio\\_e\\_Societ%C3%A0](https://www.academia.edu/35803807/An_open_field_of_debates_Architectural_culture_since_1978_in_the_journal_Spazio_e_Societ%C3%A0)>. Acesso em: 2 ago. 2022. No caso da presente dissertação, o foco será dado a debates travados na revista Spazio e Società menos comuns na historiografia da disciplina, como a arquitetura e o urbanismo do Terceiro Mundo.

<sup>55</sup> BARBERO, Luciano; SAVIDU, Athinà. Architettura e neocolonialismo. **Spazio e Società**, n. 1, p. 27-66, jan. 1978.

de um modelo de desenvolvimento e de urbanização por zonas em um território com hábitos, normas e valores próprios e muito diferentes daqueles “ocidentais”. Outro texto que trata abertamente da questão da implantação de projetos ineficazes em países em desenvolvimento por parte daqueles desenvolvidos foi publicado na revista de número 14<sup>56</sup>. São expostos os resultados da exportação de uma arquitetura dimensionada segundo padrões do *existenzminimum* inserida em sociedades baseadas em agregações tribais, com exemplos na Nigéria, revelando alguns dos grandes problemas que afetaram muitos países africanos recém independentes.

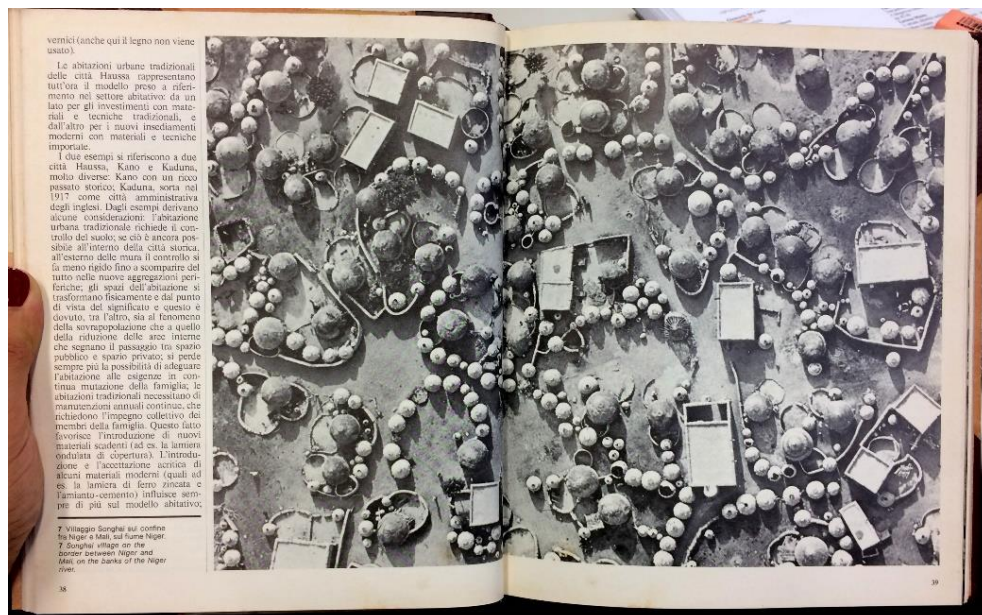


Figura 27: Páginas do texto *Architettura e neocolonialismo* (n. 1, 1978) com a vista aérea da aldeia Songhai, entre o Níger e o Mali, no rio Niger.

Para além da abrangência das temáticas, os textos publicados na *Spazio e Società* também se ocupavam de um território amplo. Dentre os mais de 70 países tratados nas suas páginas, encontram-se Marrocos, Japão, Rússia, Argélia, Brasil, México, Irã e China, para citar alguns. Embora o núcleo editorial fosse menor e composto de italianos<sup>57</sup>, a revista contou com importantes colaboradores nacionais e internacionais, dos quais destacam-se Juhani Pallasmaa, Peter Blundell

<sup>56</sup> ARADEON, David. L'ambiente costruito nelle economie in sviluppo. *Spazio e Società*, n. 14, p. 40-45, jun. 1981.

<sup>57</sup> Giancarlo de Carlo foi o diretor da revista durante toda a sua existência, do n. 1 ao n. 92, com o também arquiteto Amedeo Petrilli como vice-diretor desde o n. 58 ao n. 85 e Giuliana Baracco como coordenadora de redação da revista de n. 1 à de n. 89. O elenco de profissionais que participaram da redação com diferentes tarefas e em diferentes momentos é: Amedeo Petrilli, Antonio Petrilli, Barbara Croce, Betta Latis, Daniele Brandolino, Daniele Pini, Donatella Testini, Francesco Florulli, Francesco Samassa, Gabriele Corsani, Gaddo Morpurgo, Giorgio Bigatti, Giovanni Galli, Lamberto Rossi, Laura Malighetti, Marco Abate, Marco Ceccaroni, Mario Mastropietro, Mauro Manfrin, Nicolò Ceccarelu, Paolo Ferrario, Roberta Sironi e Stella Silba. Também participaram da redação da *Spazio e Società* como especialistas Alison Smithson, Balkrishna Doshi, Bengt Edman, Donlyn Lyndon, Frei Otto, Fumihiko Maki, Georges Descombes, Henry Millon, Herman Hertzberger, Julian Beinart, José M. Garcia De Paredes, Lucien Kroll, Luo Xiaowei, N. John Habraken, Peter Prangnell, Peter Smithson, Reima Pietilä e Sverre Fehn (DAIDONE, 2012, p. 49).



Jones, Athinà Savvidu, Hugo Segawa, Antonio di Mambro, Rubén Pesci, Franco Mancuso, Naomi Miller e Luciana Miotto.

Após o fechamento da revista com o último número no ano de 2000, foram produzidos dois apêndices, intitulados “*Una sezione longitudinale sulla rivista*” e “*Indici con figure*”. O primeiro contém anotações de reuniões dos editores, correspondências trocadas e um balanço geral dos mais de vinte anos de publicações da Spazio e Società. Já o outro apêndice trata-se de um índice geral, dividido em seis partes: (1) índice estendido com todos os títulos dos artigos e seus autores por ordem de publicação, (2) índice por autor, (3) por projetista<sup>58</sup>, (4) por lugar (país e/ou cidade), (5) local de projeto<sup>59</sup> e (6) palavras-chave. Dentro deste último, encontra-se o termo ‘Terceiro mundo’, com uma lista de 59 artigos que reforçam a importância desse debate dentro da revista como declarou De Carlo em outras ocasiões.

Temos nos dedicado o máximo possível ao Terceiro Mundo. Por que o Terceiro Mundo? Porque acreditamos que no Terceiro Mundo os problemas da arquitetura são muito mais claros do que no Primeiro ou Segundo Mundo. No Terceiro Mundo tudo é levado ao limite. São vistos no Terceiro Mundo com muita evidência os resultados da falsificação tecnológica, do erro tipológico, do empobrecimento formal, da arquitetura usada como instrumento de repressão, da arquitetura utilizada como instrumento de incomunicabilidade, de barreira e freio à comunicação etc. (DE CARLO, 2001, p. 43, tradução da autora)<sup>60</sup>.

O debate sobre o Terceiro Mundo já existia há algumas décadas, sobretudo nos campos das relações internacionais, no campo econômico e geopolítico, com inúmeros agentes envolvidos no esforço de definir – e disputar - seus conceitos. A maioria desses esforços designou como Terceiro Mundo praticamente todos os países que na segunda metade do século XX não estavam política e ideologicamente alinhados diretamente às duas potências da Guerra Fria. Posto isso, os países terceiro-mundistas seriam mais da metade dos países do mundo ao final da década de 1970, quando é lançada a Spazio e Società. Para além dos 59 artigos indexados na palavra-chave Terceiro Mundo, que abarcam territórios de um total de 30 países, há outros 221 textos<sup>61</sup> sobre a arquitetura, o urbanismo e a cultura de lugares, àquela altura, considerados pertencentes ao Terceiro Mundo pelo arranjo geopolítico internacional, mas que não aparecem naquele índice. Assim sendo, faz-se

---

<sup>58</sup> Projetista como um termo genérico que pode designar os arquitetos, urbanistas, escritórios ou responsáveis pelos projetos tratados.

<sup>59</sup> Diferente dos países e cidades contidos no index de “lugar”, no “local de projeto” são dados com mais especificidade nomes de outros lugares geográficos como regiões, montanhas, nomes de rios, cidades menores menos conhecidas etc.

<sup>60</sup> Texto de De Carlo de 26 de fevereiro de 1980, publicado na *Sezione longitudinale*, em 2001.

<sup>61</sup> O conjunto de artigos não leva em consideração aqueles sobre a China, ou Hong Kong, embora haja 2 artigos sobre o país indexados como Terceiro Mundo.

necessário confrontar o conteúdo desses dois conjuntos de artigos com o objetivo de entender melhor a construção cultural do que seria o Terceiro Mundo na revista.



Figura 28: Foto de uma aldeia de pescadores em Poonthura (estado do Querala, Índia), presente no artigo “A riqueza dos recursos pobres” (*La ricchezza delle risorse povere*). Fonte: **Spazio e Società**, n. 15/16, 1981, p. 66.



## 2. O TERCEIRO MUNDO

### 2.1. Um conceito em disputa

Terceiro Mundo é um termo que tem uma historicidade específica, muito relacionado ao contexto da Guerra Fria, e carregado de significados. No intuito de entender parte de sua complexidade a partir do seu emprego na revista *Spazio e Società*, faz-se necessário, ainda que brevemente, percorrer a sua produção<sup>62</sup> histórica a partir do pós-Segunda Guerra Mundial.

O texto *“Trois Monde, Une Planète”* publicado em 1952, de autoria do demógrafo francês Alfred Sauvy<sup>63</sup> é reconhecido como o primeiro<sup>64</sup> documento em que o Terceiro Mundo é citado como sinônimo de subdesenvolvimento. O artigo, publicado no periódico semanal *L’Observateur politique, économique et littéraire*, tem como pano de fundo as mudanças políticas e sociais do segundo pós-guerra, período marcado por conflitos indiretos e disputas estratégicas de ordem política, militar, econômica, social e ideológica entre os Estados Unidos e a União Soviética e suas zonas de influência, a Guerra Fria. Sauvy inicia seu texto tratando esses dois blocos da Guerra Fria como dois mundos e atestando que para além deles haveria um terceiro, uma vasta região do globo que não estaria sob o domínio ou influência direta das outras duas e justamente o motivo da sua disputa.

---

<sup>62</sup> “Produção” nos termos de Ádrian Gorelik (2003) que mostra os agentes sociais e o contexto em que foi possível a construção cultural da categoria ‘cidade latino-americana’ do pensamento social em um período específico do século XX. Com base em autores como Arturo Escobar, aqui também se entende que as grandes mudanças geopolíticas oriundas principalmente das Guerras Mundiais possibilitaram a produção dos conceitos de ‘desenvolvimento econômico’ e ‘Terceiro Mundo’.

<sup>63</sup> Alfred Sauvy (1898 – 1990) nasceu em Villeneuve de la Rohe, no sul da França. Frequentou a *École Polytechnique* e se tornou uma das maiores figuras no âmbito dos estudos populacionais desde a década de 1930. Fundou o INED – *Institut National d’Études Démographiques* – em 1945 e o seu periódico *Population* no ano seguinte. Sauvy é autor de inúmeros artigos (muitos dos quais publicados no jornal *Le Monde*) e de quase 50 livros, dos quais se destacam **De Malthus à Mao Tsé-Toung** (Paris: Deno, 1958), **Théorie Générale de la population** (Paris: Presses Universitaires de France, 1966) e os 4 volumes da enciclopédica **Histoire économique de la France entre les deux guerres** (1965).

<sup>64</sup> Antes de Sauvy, o termo já havia sido utilizado na literatura e em periódicos desde o final do século XIX, com outros significados. Para um estudo mais completo, consultar SOLARZ, Marcin W. “Third World”: the 60th anniversary of a concept that changed history. **Third World Quarterly**, vol. 33, n. 9, p. 1561-1573, 2012; PLETSCHE, Carl E. The Three Worlds, or the division of social scientific labour, circa 1950-1975. **Comparative Studies in Society and History**, vol. 23, n. 4, Cambridge University Press, 1981, p. 565-590.

Em outras palavras, o Terceiro Mundo seria a chave da rivalidade entre as superpotências e palco de inúmeros confrontos com participação direta ou indireta de poderes externos.

Em outras palavras, dentro dos debates políticos do pós-Segunda guerra, partiu-se do pressuposto de que o mundo estaria dividido em três partes. A primeira corresponderia aos países partidários do sistema capitalista e considerados desenvolvidos<sup>65</sup>, grosso modo a Europa ocidental, Canadá, Estados Unidos e Austrália; a segunda parte corresponderia aos países de “sistemas socialistas modelados na União Soviética”, que abarcava por alto “toda a área a leste de uma linha que ia [...] do rio Elba na Alemanha até o mar Adriático e toda a península Balcânica, com exceção da Grécia e da pequena parte da Turquia que restava no continente [europeu]” (HOBBSAWN, p. 362-364, 1995), além de países do extremo ocidente como a China, parte da Coreia, e mais tarde Cuba e alguns países da África (que não necessariamente compartilhavam de políticas aos moldes soviéticos).

Ainda, o demógrafo aponta para o crescimento populacional, resultado de altas taxas de natalidade e diminuição da mortalidade dos países subdesenvolvidos em função dos avanços técnicos da medicina. Tal conjuntura tornar-se-ia um problema por não ser acompanhada por mudanças nas estruturas econômicas e sociais e, somada ao fato de que muitos dos investimentos mundiais do período destinavam-se a despesas de guerra, boa parte da população dos países subdesenvolvidos viveria na penúria e na fome. Por fim, no último parágrafo o autor compara o Terceiro Mundo com o Terceiro Estado, que na Europa do Antigo Regime em decadência, aplicava-se ao conjunto da sociedade que estava fora do Primeiro Estado, o Clero, e do Segundo Estado, a nobreza. Referenciava-se ao trecho “O que é o Terceiro Estado? Tudo. O que ele tem sido até agora na Ordem Política? Nada. O que ele almeja ser? Alguma coisa” do ensaio de Joseph Sieyès<sup>66</sup> escrito em 1789, em plena Revolução Francesa. Portanto, como a plebe revolucionária, o Terceiro Mundo ainda que fosse mais extenso e com população numericamente muito superior aos outros dois Mundos, seria da mesma forma “ignorado, explorado, desprezado”, almejando um outro lugar na ordem política mundial.

A partir do curto ensaio de Sauvy, a origem do conceito em questão já parte de importantes associações políticas, econômicas e sociais. O termo foi ganhando notoriedade e se popularizando ao longo da década de 1950, sendo já então objeto de estudo de diversas obras. Dessa produção, elaborada por estudiosos do Primeiro Mundo, destacam-se *Le Tiers Monde: sous-développement et*

---

<sup>65</sup> As teorias do desenvolvimento serão abordadas mais adiante neste capítulo.

<sup>66</sup> Emmanuel Joseph Sieyès (1748 – 1836) foi um eclesiástico e político francês. É autor do texto panfletário *Qu'est-ce que le tiers état?* (O que é o Terceiro Estado?), que diferencia a crescente burguesia, os trabalhadores das cidades e os camponeses da “ordem privilegiada” - o Primeiro Estado representado pelo clero e o Segundo Estado pela nobreza - na organização política constituinte da monarquia francesa pré-revolução.

*développement*, livro dedicado a Sauvy, organizado por Georges Balandier em 1956<sup>67</sup> e o periódico multidisciplinar *Tiers Monde*<sup>68</sup> voltado para as questões relativas ao desenvolvimento econômico (fundado pelos franceses François Perroux e Henri Laugier). Em 1964, o Terceiro Mundo é retratado como a esfera colonial não alinhada às potências da Guerra Fria na obra do sociólogo inglês Peter Worsley<sup>69</sup>, e em 1967, como o agrupamento de países pobres no livro do sociólogo estadunidense Irving Louis Horowitz<sup>70</sup>, para citar algumas obras.

Desse processo emerge o terceiro-mundismo como uma miríade de correntes ideológicas, que pretendiam embasar teoricamente a importância do agrupamento dos países do Terceiro Mundo rumo a uma ação revolucionária mais autêntica, diante da bipolaridade forjada pela Guerra Fria (Gilman, 2003).

Para tanto, seria fundamental a participação de intelectuais latino-americanos, com destaque para os que convergiram para a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – CEPAL. No que diz respeito às questões econômicas, conceitos como subdesenvolvimento e dependência, incrementariam “terceiro-mundismo” a partir de teses latino-americanas, que surgem em grande medida como respostas às teorias do desenvolvimento, elaboradas principalmente por pensadores inseridos nos países do norte atlântico. (ALBUQUERQUE, 2011, pp. 176-179).

Por outro lado, as dimensões raciais e culturais dos processos de colonização tiveram alcance ampliado no debate intelectual, a partir da contribuição de autores africanos e asiáticos que também rebateram em todos os cantos do planeta.

Identificando um cruzamento de olhares atrelados à noção de Terceiro Mundo, num jogo de espelhos que dificulta a identificação exata dos pontos de vista, alguns entendimentos interessam mais diretamente a este trabalho. Não se trata, pois, de buscar a origem de formulações, mas considerar as inúmeras contribuições e também as disputas na produção do conceito a partir dos próprios interesses e atravessamentos que envolvem a elaboração deste trabalho<sup>71</sup>. Assim, atenção

---

<sup>67</sup> BALANDIER, Georges (org.). **Le Tiers du monde: sous-développement et développement**. Paris: PUF-INED, 1956.

<sup>68</sup> A *Revue Tiers Monde* circulou com esse nome até 2017 quando se tornou a *Revue Internationale des Études du Développement*, publicação científica com artigos em francês, inglês e espanhol, editada pelo Institut d'étude du Développement Économique et Social (IEDES) e pela Université Paris 1 Pantéon-Sorbonne.

<sup>69</sup> WORSELY, Peter. **The Third World**. Chicago: University of Chicago Press, 1965.

<sup>70</sup> HOROVITZ, Irving L. **Three Worlds of Development. The theory and practice of international stratification**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1966.

<sup>71</sup> A saber: a sua inserção no campo da arquitetura e do urbanismo, ainda que se estabeleça diálogos interdisciplinares; seu objeto e fonte principal de pesquisa, a Revista Spazio e Società e seus editores; a sua filiação institucional e seus diálogos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU USP, e no Grupo de Pesquisa Cultura, Arquitetura e Cidade na América Latina - CACAL, sediado na mesma instituição.

especial volta-se à suposta neutralidade política do Terceiro Mundo na Guerra Fria por parte dos líderes das ex-colônias recém libertas naquele momento - sobretudo africanos e asiáticos -; à ideia de Terceiro Mundo como lugar de outra revolução, alternativa aos caminhos burocráticos e autoritários assumidos pela URSS; e o Terceiro Mundo relacionado à pobreza, insuficiência e carência, e por fim de civilidade em uma reafirmação da superioridade do colonizador.

O objetivo é compreender, a partir da noção em tela e da forma em que apareceu na Revista *Spazio e Società*, a medida da retroalimentação entre os campos da política, economia e sociologia com a arquitetura e o urbanismo. Entende-se que tal processo histórico opera consequências nas práticas de arquitetos e planejadores, referenciam-se aos discursos em torno da ideia de Terceiro Mundo, ou olham para este como um “outro” a ser incorporado ou negado, tanto em suas dimensões materiais quanto em seus imaginários.

A ideia de neutralidade política, por exemplo, embora seja sugerida em Sauvy (1952), foi primeiro evocada por líderes de estados recém independentes em conferências como a afro-asiática ocorrida em abril de 1955 em Bandung, Indonésia. Simbolicamente, a Conferência de Bandung, como ficou conhecida, marcou o início do terceiro mundismo como movimento histórico mundial, que teria “emergido das atividades e ideias de nacionalistas anticoloniais e seus esforços para combinar interpretações por vezes altamente romantizadas de tradições pré-coloniais e culturas com a utopia Marxista e socialista, e visões ‘ocidentais’ de modernização e desenvolvimento mais gerais” (BERGER, 2004, p. 11). O historiador Mark T. Berger analisa o terceiro mundismo - ainda na chave do não alinhamento político e das tentativas de união e apoio entre grupos de nações recém independentes - como um movimento e o divide no âmbito da Guerra Fria em dois períodos: o da primeira geração dos regimes de Bandung, que se daria entre as décadas de 1950 a 60, e de uma segunda geração, entre as décadas de 1960 a 1970.

A primeira geração, cujos líderes principais seriam Jawaharlal Nehru (primeiro-ministro da Índia entre 1947-64), Sukarno (presidente da Indonésia entre 1945-65), Gamal Abdel Nasser (presidente do Egito entre 1954-70), Ho Chi Minh (líder da República Democrática do Vietnã entre 1954-69), Kwame Nkrumah (primeiro-ministro de Gana entre 1957-66) e Zhou Enlai (primeiro-ministro da República Popular da China entre 1949-76), teria como característica principal uma forte oposição ao colonialismo em todas as suas formas, desde o colonialismo formal exercido por potências europeias, até a ocupação do leste europeu pela União Soviética, e o “colonialismo informal” ou neocolonialismo exercido pelos Estados Unidos. Na Conferência de 1955 foram traçadas algumas diretrizes em prol do aumento do apoio aos direitos humanos e da ampliação da cooperação técnica e cultural entre governos da África e Ásia que, embora não tenham tido êxito a longo prazo, inspiraram diversas organizações terceiro-mundistas, com destaque para a formação

da AAPSO (*African-Asian People's Solidarity Organization*) no contexto da Conferência de Povos Afro-Asiáticos no Cairo em 1957, a organização das Conferências de Cúpulas dos Países Não-Alinhados ocorrida na cidade iugoslava de Belgrado em 1961, o movimento NAM (*Non-Aligned Movement*) na década de 1970 e ainda contribuiu para a aceleração dos processos de descolonização no mundo. Importante destacar que, apesar das tentativas terceiro-mundistas de não alinhamento, esses países mantinham alguma relação diplomática, econômica e/ou militar com os superpoderes de EUA e URSS, ou seja, já em meados da década de 1960 quando da Segunda Conferência de Cúpula dos Não-Alinhados, os conflitos de interesses entre as nações da África e da Ásia dificultavam uma coalisão mais fortalecida entre elas (BERGER, 2004, p.12).

Seguindo ainda a interpretação de Berger, enquanto as ações de tais regimes de maneira geral tinham como foco a libertação das colônias de suas metrópoles e a união das nações recém independentes, a segunda geração de regimes de Bandung<sup>72</sup> expressaria um terceiro mundismo mais radical, anti-imperialista e de tendência socialista, articulado na Conferência Tricontinental de Solidariedade dos povos de África, Ásia e América Latina, ocorrida em Havana em 1966 – pendendo, portanto, ao “segundo Mundo”, ainda que recusando o imperialismo soviético. Nesse período entre as décadas de 1960 e 1970, inspirados em grande medida pela Revolução Cubana e pela vitória do Vietnã contra as forças estadunidenses (1975), “os regimes de Bandung de segunda geração e seus apoiadores tentaram radicalizar os esforços de desenvolvimento nacional mediado pelo Estado de várias maneiras em nome do socialismo e da libertação nacional” (BERGER, 2004, p. 21).

Tais esforços de “radicalizar” as ações, bem como as grandes mudanças que vinham ocorrendo no mundo todo desde o segundo pós-guerra, adicionaram um novo significado ao Terceiro Mundo: o lugar da revolução: social, cultural e, sobretudo, política. Fosse ela recém-realizada - como os processos, por vezes violentos, que levaram as ex-colônias africanas à independência - iminente ou possível, o fato é que poucos Estados terceiro-mundistas atravessaram a segunda metade do século XX sem revolução, golpes militares ou conflitos internos armados (HOBBSAWN, 1995, pp. 421 - 446). Mesmo setores marxistas do Primeiro Mundo, ao olhar para a sua realidade e perceber que a social-democracia parecia pouco disposta ou até mesmo incapaz de suscitar transformações

---

<sup>72</sup> A segunda geração de grupos e líderes de Bandung seriam Ahmed Ben Bella (1962-65) e Houari Boumédiène (1965-78) na Argélia, Julius Nyerere (1965-85) na Tanzânia, Salvador Allende (1970-73) no Chile, Michael Manley (1972-80) na Jamaica, Muammar Qaddafi (pós 1969) na Líbia, o Derg – *Coordinating Committee of the Armed Forces, Police and Territorial Army* - (1974-91) na Etiópia, os sucessores de Amílcar Cabral (a partir de 1974) na Guiné Bissau, o MPLA – *Popular Movement for the Liberation of Angola* - (pós 1975) na República Popular de Angola, Samora Moises Machel (1975-86) em Moçambique, os Sandinistas (1979-90) na Nicarágua e Patrice Lumumba (1960) na República Democrática do Congo.



radicais na sociedade, lançavam um olhar de esperança para essa vasta parte do globo (GILMAN, 2003, p. 47). Como evidenciou Eric Hobsbawn:

o Terceiro Mundo agora se tornava o pilar central da esperança e fé dos que acreditavam na revolução social. Representava a grande maioria dos seres humanos. Parecia um vulcão global prestes a entrar em erupção, um campo sísmico cujos tremores anunciavam os grandes terremotos futuros. [...] Toda a esquerda, incluindo humanitários liberais e social-democratas moderados, precisava de algo mais que legislação de seguridade social e salários reais crescentes. O Terceiro Mundo podia preservar seus ideais; e os partidos pertencentes à grande tradição do Iluminismo precisam de ideais, além de políticas práticas (HOBSBAWN, 1995, p. 424).

Essa enorme energia revolucionária almejava a mudança fosse pelas frentes populares na América Latina, ou pelos militantes das novas causas revolucionárias, descrentes dos partidos comunistas e das políticas democrático-burguesas, optando pelas guerras de guerrilha inspirados por Che Guevara, Fidel Castro e Mao Tsé-tung - após o rompimento com a URSS (HOBSBAWN, 1995, p. 425). A mudança por meio da violência apresentava-se como único caminho para conduzir a um socialismo autêntico (GILMAN, 2003, p. 50). Independentemente da dimensão real desse movimento, é certo dizer que ele foi usado como justificativa para disseminação de um discurso anticomunista, e para a articulação de setores conservadores de direita que capitanearam golpes e intervenções militares na América Latina a partir da década de 1960. Tratava-se de conter não só possíveis novas revoluções, como quaisquer mudanças na estrutura social desigual que caracterizara desde o início o *establishment* capitalista na região.

Como já mencionado, outra associação importante, que interessa diretamente a este trabalho, é a do Terceiro Mundo com as ideias de combate à pobreza, a partir das formulações de políticas de desenvolvimento econômico. Para o antropólogo colombiano Arturo Escobar (2007)<sup>73</sup>, a construção do conceito de Terceiro Mundo teria se dado por meio de práticas e discursos desenvolvimentistas. A partir do pós-Segunda Guerra Mundial, a pobreza e a fome tomaram grandes proporções no mundo, principalmente na Ásia, África e América Latina, em decorrência da difusão de uma economia de mercado capitalista que “rompeu laços comunitários e privou milhões de pessoas do acesso à terra, água e outros recursos” (ESCOBAR, 2007, p.49). Em termos econômicos, as agências internacionais como o Banco Interamericano de Desenvolvimento, o Banco Mundial e outros, utilizar-se-iam da renda per capita<sup>74</sup> dos territórios como parâmetro oficial da riqueza dos

---

<sup>73</sup> Texto traduzido do inglês para o espanhol, publicado originalmente como **Encountering development: the making and unmaking of the Third World**. Princeton: Princeton University Press, 1995.

<sup>74</sup> A renda per capita (“per capita” em latim significa “por cabeça”) mede a renda de cada indivíduo dentro de uma população, cifra usada para calcular uma média de renda em diversos níveis, como o municipal, estadual e nacional. No caso deste último por exemplo, o cálculo é feito com a divisão do Produto Nacional Bruto (PNB – que leva em conta tudo o que é produzido por empresas nacionais, mesmo por aquelas que operam

países e seu indicador de desenvolvimento. A partir de 1948, o Banco Mundial definiria como pobres aqueles cuja renda per capita fosse inferior a 100 dólares, ou seja, dois terços dos países do mundo. Conseqüentemente, o contingente populacional enquadrado no critério passou a ser visto como problema, e a solução, segundo algumas teorias econômicas criadas no contexto das décadas de 1950 e 1960, residiria no crescimento e desenvolvimento econômicos. Em grande medida, tais teorias, na busca por explicar o “atraso econômico” dos países e apontar caminhos para superá-lo, apoiavam-se em quatro pilares: acumulação de capital, industrialização, planejamento do desenvolvimento e ajuda externa (ESCOBAR, 2004, p. 133), dentre as quais se destacam a de Ragnar Nurkse (1907 – 1959), Sir William Arthur Lewis (1915 – 1991) e Walt Whitman Rostow (1916 – 2003).

Sem a pretensão de aprofundar tais teorias sob a ótica econômica, o foco se dará aqui em seus argumentos centrais que direcionaram a construção cultural do discurso do desenvolvimento. O economista estoniano Nurkse (1953)<sup>75</sup> atribuiu fortemente o subdesenvolvimento dos países à pobreza, às suas economias agrárias superpovoadas e de produtividade limitada, argumentando de maneira geral que o “círculo vicioso da pobreza” seria causado sobretudo pela falta de alimento e a saúde precária somadas à baixa capacidade de trabalho e baixa renda, que levariam novamente à escassez de alimentos. A solução para um “crescimento equilibrado” seria a industrialização, que aumentaria a produtividade de diversos setores da economia e cuja produção criaria a própria demanda. Outro economista, o santa-lucense Lewis (1954)<sup>76</sup>, por sua vez, opera dentro de uma dicotomia moderno-tradicional ao identificar a vida econômica e social de um país dividida entre estes dois setores, que ele chama de “economia dual”. O desenvolvimento se daria, portanto, com o progressivo crescimento do setor moderno sobre o tradicional e com a expansão da economia monetária sobre o campo da subsistência ou quase subsistência. Já no modelo de Rostow (1960)<sup>77</sup>, economista e teórico político estadunidense, o crescimento econômico dos países ocorreria segundo uma seqüência de etapas, partindo da sociedade tradicional, para a etapa de pré-condições para o arranco, etapa de arranco, fase da maturidade e consumo em massa<sup>78</sup>, e que os países

---

em outros países) pelo número de habitantes do país. Nota-se que a renda per capita se trata de uma média de renda que oculta outros importantes fatores como a desigualdade social e a concentração de renda.

<sup>75</sup> NURKSE, Ragnar. **Problems of capital formation in underdeveloped countries**. Oxford: Oxford University Press, 1953 (traduzido para o português como **Problemas da formação de capital em países subdesenvolvidos**, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1957).

<sup>76</sup> LEWIS, William A. Economic development with unlimited supplies of labour. **Manchester School of Economic and Social Studies**, vol. 22, n. 2, p. 139-91, mai. 1954.

<sup>77</sup> ROSTOW, Walt W. **The stages of economic growth: a non-communist manifesto**. Cambridge: Cambridge University Press, 1960 (traduzido para o português como **Etapas do desenvolvimento econômico**, Rio de Janeiro: Zahar, 1974).

<sup>78</sup> Do original “*tradition society, preconditions to take-off, take-off, drive to maturity, high mass consumption*”.

subdesenvolvidos, estagnados na sociedade tradicional, com pouca demanda industrial e agrícola e poucos investimentos em capital social fixo, precisariam alcançar a fase de arranco (*take-off*) que marcaria a passagem de uma economia atrasada para uma industrial (ESCOBAR, 2007; GUMIERO, 2011).

De modo geral, essas teorias construídas a partir do ponto de vista do Primeiro Mundo, explicativas da condição de atraso das economias de países “periféricos”, ora entendem o desenvolvimento econômico como um processo etapista, que deveria ocorrer igualmente em todos os países do mundo para que chegassem ao desenvolvimento, sem levar em consideração as diferenças socioculturais e as dinâmicas históricas entre diferentes povos e regiões (como em Rostow); ora enxergam o mundo de forma maniqueísta, dividindo-o entre dois segmentos – tradicional e moderno – como se fossem duas coisas absolutamente desvinculáveis, como em Lewis.

Ainda que Sauvy já tivesse associado o Terceiro Mundo à ideia de desenvolvimento – mencionando, em verdade, o subdesenvolvimento<sup>79</sup> -, foi na esteira de acontecimentos e instituições latino-americanas que o termo carregou consigo a ideia de subdesenvolvimento para dar vazão à ideia de dependência no plano conceitual. No contexto latino-americano, a principal fonte do pensamento econômico estruturalista desde finais da década de 1940 foi a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, a CEPAL, órgão atrelado à ONU e criado em 1948 nesse âmbito de debate sobre o subdesenvolvimento dos países periféricos no pós-Segunda guerra, com sede na cidade de Santiago do Chile. Seus economistas eram no geral críticos à lei das vantagens comparativas e ao pensamento econômico convencional, uma vez que estes eram vistos como instrumentos de promoção dos interesses dos países ricos. Dentre seus economistas mais proeminentes destacam-se o argentino Raúl Prebisch (1901 – 1986) e o brasileiro Celso Furtado (1920 – 2004). O subdesenvolvimento para Celso Furtado não seria uma etapa a ser superada ou sinônimo de atraso, mas uma consequência da dominação estrangeira formal ou informal exercida pelos países ricos aos então subdesenvolvidos; em outras palavras, o subdesenvolvimento se daria por conta da submissão da periferia ao centro<sup>80</sup>. Fazia-se necessário, portanto, distinguir a ideologia do desenvolvimento como desdobramento de progresso e como equilíbrio, de um desenvolvimento integral resultado de tensões sociais em dadas condições históricas e geográficas (BRANDÃO, 2020, pp. 185-186). Nas palavras de Bresser-Pereira:

Nos anos 1950, os nacionalistas dos países em desenvolvimento adotaram a teoria do imperialismo para explicar o subdesenvolvimento; ou seja, explicavam o

---

<sup>79</sup> “É o conjunto daqueles que chamamos, no estilo das Nações Unidas, os países subdesenvolvidos” (SAUVY, 1952).

<sup>80</sup> Os termos “centro” e “periferia” foram concebidos pela Cepal para explicar o fenômeno econômico que estava se teorizando e, segundo Bresser-Pereira (2010), tais termos seriam utilizados em detrimento do termo “imperialismo”, haja visto que a CEPAL era um organismo da ONU.

subdesenvolvimento não apenas em termos de falta de capital, falta de empresários e falta de instituições [...], mas também em termos da exploração pelos países desenvolvidos e do caráter dualista das sociedades subdesenvolvidas resultantes (BRESSER-PEREIRA, 2010, p. 27).

De modo geral, as teorias cepalinas produzidas entre os anos 1940 e início dos 60<sup>81</sup> também reconheciam a industrialização como forma básica de superar o subdesenvolvimento dos países latino-americanos, mas julgavam imprescindível que o processo fosse coordenado pelo Estado como parte de uma estratégia nacional de desenvolvimento econômico, com um progresso técnico e com um consequente aumento de salários e padrões de vida decorrentes de uma maior acumulação de capital gerada pelas indústrias (BRESSER-PEREIRA, 2010). É possível dizer que a primeira década de existência da CEPAL foi uma das mais efervescentes e criativas da sua existência, cujas ideias lograram grande sucesso no pensamento social e econômico da América Latina e do exterior. Os novos desafios impostos pelos contextos históricos subsequentes levaram a outras contribuições intelectuais que Bielschowsky (1998) divide em cinco períodos: o período de “reformas para desobstruir a industrialização da década de 1960, a “reorientação dos ‘estilos’ de desenvolvimento para a homogeneização social e diversificação pró-exportadora” da década de 1970, a “superação do problema da dívida externa mediante o ‘ajuste com crescimento’” da década de 1980 e a “transformação produtiva com equidade” da década de 1990 (BIELSCHOWSKY, 1998, p. 22).

Outras análises do subdesenvolvimento nas décadas de 1960 e 1970, incluindo desdobramentos na obra do próprio Celso Furtado e de outros intelectuais da Cepal, foram elaboradas do ponto de vista da dependência, embaladas por um contexto histórico posterior à Revolução Cubana, de crise política e golpes militares no Cone Sul, sobretudo na América Latina, ao longo dos anos 1960. Por essa abordagem, autores ligados à Universidade de Brasília como o cientista social brasileiro Ruy Mauro Marini (1932 - 1997), o economista Theotônio dos Santos (1936 – 2018) e o economista e sociólogo alemão André Gunder Frank (1929 - 2005), também recusavam as explicações do subdesenvolvimento econômico das nações como uma etapa a ser superada para se chegar ao desenvolvimento. No entanto, diferente dos modelos econômicos dos desenvolvimentistas nacionalistas da CEPAL (e, de certo modo, críticos a eles), esses intelectuais priorizavam um viés político de denúncia da forma dependente que se deu o capitalismo na América Latina. De acordo com sua chave relacional, para que o sistema capitalista mundial pudesse se sustentar, seria necessário que existissem países “centrais” e, subordinados a eles, países “periféricos”, cujas elites seriam associadas aos interesses dos países ricos. A ênfase, então, deixava de ser simplesmente nas relações de exploração dos países periféricos pelos centrais desenvolvidos, e passava a ser em

---

<sup>81</sup> Dos autores citados, destacam-se as obras PREBISCH, Raúl. O desenvolvimento econômico da América Latina e seus principais problemas. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v.3, n.3, p. 47-111, 1949 e FURTADO, Celso. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

outras formas de exploração dentro dos próprios países periféricos, a exploração de classes pelas elites. A impossibilidade de aliança entre as classes, sobretudo entre burguesia nacional e proletariado, e a superexploração dos trabalhadores da periferia caracterizariam, nesse caso, a dependência (BRESSER-PEREIRA, 2010)<sup>82</sup>. Esse debate avançou em diálogo com os integrantes da CEPAL e culminou com a obra de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto em 1973 intitulada *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*. Nesse ponto, tal interpretação de dependência se aproximaria das ideias já mencionadas expressas em Hobsbawm (1995) e Gilman (2003), entendendo que romper com o subdesenvolvimento exigiria romper com o próprio capitalismo como um todo por meio de uma revolução.

Aravecchia-Botas e Castro (2016), por sua vez, mostram como os termos “dependência” e “marginalidade” ganharam formulações conceituais no campo da urbanização na América Latina nesse mesmo período. Mais especificamente, as autoras retomam as discussões em voga no subcontinente entre os anos 1950 e 1970 (período que abarca os governos de Belaúnde Terry no Peru, de 1963 a 1968, e de Salvador Allende no Chile, de 1970 e 1973) e mostram como os problemas urbanos latino-americanos, relacionados às discussões em andamento na Europa, auxiliaram na transformação do Terceiro Mundo de objeto exclusivamente empírico e “campo de realizações para profissionais de inúmeros países” em “*locus* de produção teórica que influenciaria a sociologia em todo o mundo” (ARAVECCHIA-BOTAS e CASTRO, 2016, p. 2-3). Desde a década de 1950, arquitetos, urbanistas e outros profissionais lançariam seus olhares para os assentamentos caracterizados pela precariedade habitacional e urbana como as favelas, *barriadas* e *villas-misérias* já existentes, interpretando essas referências da maneira que fosse mais condizente com as suas disputas naquele momento: tais realidades eram elaboradas tanto na chave de uma nova identidade em contraposição às soluções universais e genéricas dos principais movimentos de arquitetura europeus do século XX, quanto por artistas que as tomavam como objeto de reflexão e criação cultural. As análises das autoras cruzam as trajetórias e concepções de dois intelectuais importantes das questões urbanas da América Latina, os sociólogos Manuel Castells (1942) e Aníbal Quijano (1928 – 2018), que de maneira geral viram nos grupos marginais urbanos<sup>83</sup> novos personagens no cotidiano das cidades que, por não estarem completamente integrados ao sistema e não terem uma organização sindical burocratizada, representariam uma força potencial para o rompimento daquele (ARAVECCHIA-BOTAS; CASTRO, 2016).

---

<sup>82</sup> Para uma análise geral e mais aprofundada das diferentes interpretações da dependência, consultar BRESSER-PEREIRA, Luis Carlos. As três interpretações da dependência. **Perspectivas**, São Paulo, v. 38, p. 17-48, jul./dez. 2010.

<sup>83</sup> Os marginais seriam os pobres urbanos, aqueles cuja mão-de-obra não poderia ser absorvida pelos aparatos produtivos do modelo de modernização no âmbito do imperialismo (ARAVECCHIA-BOTAS; CASTRO, 2016).



Figuras 29 e 30: Capas das obras *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*, de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, e *Imperialismo y Urbanización en América Latina*, organizado por Manuel Castells e com texto de Aníbal Quijano, ambas de 1973.

Por fim, muitos dos sentidos atrelados ao conceito de Terceiro Mundo desenvolvidos anteriormente reaparecem nas análises da geógrafa e professora Amalia de Lemos, que procura relacioná-los aos processos de urbanização e de metropolização do Terceiro Mundo. Embora não fosse um espaço geográfico, histórico, político, econômico e social precisamente definido, é possível dizer que o Terceiro Mundo seria um conjunto de formações socioespaciais que apresentariam características comuns como a presença de pequenas elites privilegiadas e poderosas, a distribuição de renda desigual, o problema da falta de emprego formal, a explosão demográfica (com algumas exceções, como a Argentina e o Uruguai) e a subordinação frente às economias dos países desenvolvidos, para citar alguns. No intuito de entender a realidade social do Terceiro Mundo e sua relação com o espaço no final do século XX, momento em que a autora escreve, Lemos primeiramente explica que os processos de metropolização se iniciam a partir do fenômeno de urbanização, e esta teria se dado de maneiras diferentes nos países industrializados e no Terceiro Mundo. Aqui, a urbanização da qual decorreria a metropolização seria fruto “de um processo social que exigiu a transferência de grupos sociais das áreas rurais para os aglomerados urbanos, produziu novas formas de organização de vida da sociedade contemporânea, a partir de uma nova forma de divisão territorial do trabalho” (LEMOS, 1999, p. 24). A autora divide o encadeamento dessa urbanização e metropolização do Terceiro Mundo em três períodos, e segue, em grande medida, as leituras hegemônicas sobre esses processos.

O primeiro período teria sido o “de materialização da modernidade” nos países do Terceiro Mundo, com as transformações nos seus territórios ligadas às atividades econômicas e políticas da Europa

e à formação de um mercado internacional cujo centro de comando era a Inglaterra. Chamadas “de cidades do período industrial” por Milton Santos (1971), teriam como paradigma Londres e Paris do Plano de Haussmann, e o período histórico em que se inserem tem seu início em finais do século XIX até o início dos anos 1940. Embora a urbanização nos países subdesenvolvidos atingisse menos de 25% da população nesse momento, suas cidades-capitais, as metrópoles, já concentravam até 20% da população do país. Do ponto de vista da forma espacial urbana, as reformas modernizadoras foram se justapondo – e, muitas vezes, destruindo – a cidade original, como por exemplo nas cidades do Rio de Janeiro, Buenos Aires e Havana e, um pouco mais tarde, São Paulo, Santiago e Cidade do México. Mudanças similares ocorriam em cidades de países subdesenvolvidos de origem árabe, cuja organização espacial até então conduzida em grande medida por princípios religiosos contidos no Alcorão, e que também começaram a sofrer transformações segundo referencial europeu (LEMOS, 1999).

O período entre 1950 e 1990 seria então o de maior metropolização do Terceiro Mundo e aumento da população urbana nas metrópoles dado, sobretudo, por grandes fluxos migratórios por situações diversas: desde mudanças na estrutura agrária e nas relações de trabalho no campo, até lutas internas e situações de guerrilha, como por movimentos repressivos das ditaduras militares na América Latina e movimentos de independência na África. Outro atrativo da cidade seria a oferta de empregos decorrente das novas forças econômicas do processo industrial – na sua maioria uma industrialização por substituição de exportações – e da construção civil das metrópoles que se modernizavam e cresciam rápida e intensamente.

A autora segue aqui a caracterização mais comum sobre a paisagem urbana do Terceiro Mundo: divisão e loteamento de glebas agrárias nos arredores do centro, ocupadas de forma desordenada e “sem planejamento”, conhecidas como “periferias”; fenômenos como assentamentos informais e favelas, reproduzidos com autoconstrução dos moradores, ou os cortiços caracterizados pela alta densidade de moradores em únicas habitações ou cômodos, e os conjuntos habitacionais promovidos pelo estado. Todas essas formas de habitar estariam atreladas, muitas vezes, a uma “cultura da pobreza”<sup>84</sup> da população que as ocupam e produzem esses territórios. Lemos ainda vê

---

<sup>84</sup> O conceito de “cultura da pobreza” foi cunhado pelo historiador e antropólogo Oscar Lewis (1914-1970) em meados da década de 1950 em um contexto histórico de pós-guerra que, embora mais tarde fosse classificado como “anos dourados” pela aparente prosperidade e abundância dos países do Primeiro Mundo, ocultaria grandes contradições. A pobreza e desigualdade que acometiam os EUA, lugar de onde fala Lewis, principalmente (mas não só) a população negra, fizeram-no refletir sobre os pobres que viviam em uma situação de grande marginalidade. Sua teoria, um “amalgama de marxismo e antropologia” que buscava conferir uma base materialista aos aspectos culturais da pobreza, tem como definição mais conhecida “uma subcultura da ordem social ocidental. Ela é tanto uma adaptação quanto uma reação dos pobres a sua posição marginal numa sociedade capitalista de classes, estratificada e fortemente individualizadora. Ela representa um esforço para lidar com os sentimentos de desesperança e desespero que advém da percepção, por parte

nesse processo de urbanização acelerada uma “massificação da sociedade urbana”, ou seja, o recebimento de populações em massa é contemporâneo à massificação “das formas de vida, [d]as formas de consumo e [d]as mentalidades na metrópole” (LEMOS, 1999, p. 28) e da cultura de massa divulgada pelos meios de comunicação, principalmente a televisão, rádio e cinema.

O terceiro período, a partir dos anos 1990, seria o da metrópole mundial inserida em um mundo globalizado, com novas funções e outros atores como o capital financeiro e tecnologias mais avançadas de comunicação. A revista *Spazio e Società*, cuja produção se inscreve entre o segundo e terceiro períodos de Lemos, ao tratar das transformações do ambiente construído no Terceiro Mundo parece tangenciar boa parte das discussões que abrangem os conceitos desenvolvidos neste subcapítulo.

## 2.2. O Terceiro Mundo na revista

A revista *Spazio e Società* é objeto propício para pensar como o Terceiro Mundo adentra o campo disciplinar da arquitetura e do urbanismo. Além da temática ter sido anunciada nos textos editoriais como assunto de interesse, tem sua importância reforçada quando aparece no índice da publicação de 2001 como palavra-chave. Algumas questões surgem dessa classificação: qual a referência de Terceiro Mundo de que trata o periódico? O que diferencia tais artigos dos outros publicados na revista e mais especificamente dos artigos sobre fenômenos que aconteceriam na parte do Globo identificada como Terceiro Mundo, mas não vinculada a essa palavra-chave pelo seu índice? Em outras palavras, por que esses artigos estariam enquadrados na categoria Terceiro Mundo?

Antes de refletir sobre as questões colocadas acerca do interesse da revista pelo Terceiro Mundo, e tendo em vista a preferência de seus editores-chefes pelo espectro político mais à esquerda, outra pergunta pode surgir ao se analisar o índice: qual o lugar do “Segundo Mundo” nessas discussões? Na revista são publicados alguns textos sobre territórios considerados então do Segundo Mundo, com destaque para artigos sobre a China, seguindo o propósito de tratar de fato das questões envolvidas nos processos de produção da arquitetura e do urbanismo do mundo todo. Talvez o fato de o Segundo Mundo não ganhar tanta evidência na *Spazio e Società* se dê por dois desencantos: aquele, retomando Gilman (2003, p. 47), dos progressistas do Primeiro Mundo, tanto com a própria

---

dos membros das comunidades marginais dessas sociedades, acerca da improbabilidade de alcançar o sucesso nos termos dos valores e objetivos dominantes. Muitos dos traços da cultura da pobreza podem ser vistos como locais, tentativas espontâneas de satisfazer necessidades não supridas pelas agências e instituições da sociedade mais ampla porque os pobres não são aceitáveis para elas, não podem pagar por isso, ou são ignorantes e suspeitos” (LEWIS apud CASTILHO, 2017). O conceito foi sendo então apropriado e ressignificado, sempre para caracterizar a relação das populações pobres com seus espaços de habitar nas formações metropolitanas.



social-democracia em curso que, como já mencionado, parecia incapaz de suscitar transformações mais radicais na sociedade, quanto com os rumos autoritários que tomaram os governos de esquerda sob a égide da União Soviética. Assim sendo, o Terceiro Mundo reafirmava seu lugar nesse imaginário como lugar de revolução e alternativa política, instigando os libertários De Carlo e Baracco.

Ainda que haja uma disputa em torno do significado do termo também dentro da revista, a hipótese é de que nesse conjunto de textos o olhar para as construções sociais e o entendimento dos fenômenos se dá a partir de uma dimensão material que deseja se contrapor ao que era entendido como abstração moderna. No âmbito do debate teórico da arquitetura e do urbanismo na Europa (mais especificamente nos CIAM), o giro da preferência pela racionalidade e pelo estabelecimento de regras gerais que definiriam a arquitetura e urbanismo modernos, para a busca de alguns arquitetos por respostas aos novos problemas do mundo pós-Segunda guerra, já estava em curso dentro do próprio CIAM, como expresso no capítulo 1 desse trabalho. Temas como o coração da cidade, a importância do lugar e o olhar para a África foram preparando o terreno para as novas dinâmicas do grupo do Team 10 e evidenciam a necessidade e o desejo por mudança de alguns membros, notadamente aqueles de gerações mais novas. De Carlo se encaixa nesse grupo crítico às propostas do modernismo universalista, principalmente da abstração em termos urbanísticos, que fugiriam da realidade de cada lugar. Essa sua crítica o acompanha na sua atuação na revista *Spazio e Società*, e aparece também em diversos textos de outros autores do periódico.

A revista enquanto local de discussão, estudo e troca de conhecimento, traduz a busca de seus editores chefes por novos instrumentos críticos para a arquitetura. No editorial do primeiro número, De Carlo apresenta a revista e discorre sobre o trabalho que ele, Baracco e sua rede de arquitetos, intelectuais e leitores pretendiam construir com o periódico, ressaltando a necessidade de revisão de preceitos passados que, segundo ele, contribuíram para que a arquitetura se afastasse de seu real propósito:

De fato, já não é possível utilizar a instrumentação herdada do passado, porque, tendo sido conformada pelo princípio da suposta dependência da arquitetura (ou o seu simétrico: de suposta independência), não serve para decifrar, e para intervir, na transformação do ambiente humano [...]. Mas acima de tudo, não se pode utilizar a instrumentação herdada já desgastada porque foi distorcida por um longo exercício de mistificação que fez com que a arquitetura perdesse o centro de seu problema real: o de preservar e continuar a propor consciência, necessidade e apropriação da qualidade do meio ambiente (DE CARLO, 1978, p. 5, tradução da autora).

Ao enfatizar a materialidade, contrapondo-se à citada mistificação, e anunciar em outros editoriais da revista a importância do olhar para os processos que envolvem o ambiente construído no Terceiro Mundo, De Carlo se aproxima de formulações às quais se dedicavam autores latino-americanos

para confrontar a ideia de um único sentido histórico de modernidade e pós-modernidade com a centralidade do continente europeu, como o fez, por exemplo, o filósofo argentino Enrique Dussel (2016). Em linhas gerais, Dussel analisa, na história mundial, a Europa e as culturas periféricas à Modernidade, no intuito “de responder de outros lugares os desafios da Modernidade e pós-modernidade europeia” (DUSSEL, 2015, p. 51). Dialogando com Emanuel Wallerstein, que se apropriara dos debates da dependência latino-americana para formular seu conceito de sistema-mundo, Dussel afirma que a Europa latino-germânica foi periférica ao mundo muçulmano (mesmo considerando o antigo Império Romano ao sul), cuja cultura mercantilista seria muito mais desenvolvida em termos científicos, teóricos, culturais e econômicos, após as invasões germânicas e islâmicas do século VII d.C. A “Modernidade” no Ocidente teria início com a invasão da América pelos espanhóis em fins do século XV, fenômeno contemporâneo à origem e o desenvolvimento do capitalismo e à invenção do sistema colonial, este que paulatinamente foi dando à antiga Europa periférica maior poder político-econômico. Dussel então formula a hipótese de que embora o domínio europeu desse sistema-mundo tivesse se iniciado em fins do século XV, sua hegemonia central e ilustrada teria se iniciado mais tarde e durado apenas dois séculos<sup>85</sup>,

período demasiadamente curto para transformar com profundidade o “núcleo ético-mítico” [...] [d]as culturas universais e milenares, como a chinesa e outras mais do Extremo Oriente (como a japonesa, a coreana, a vietnamita etc.), a hinduísta, a islâmica, a bizantino-russa, e até mesmo a bantu ou as da América Latina (de diferente composição e estrutura) (DUSSEL, 2016, p. 62).

Embora essas culturas, consideradas então “periféricas”, tivessem sido colonizadas, excluídas, negadas e depreciadas, deixadas de fora da modernidade, não teriam sido completamente eliminadas. Desse modo, Dussel acredita ser possível desconstruir a pretensa universalidade da cultura europeia e estadunidense a partir das perspectivas dessas culturas subalternizadas e do diálogo entre elas<sup>86</sup>.

Tais ideias parecem dialogar com o objeto de estudo da presente dissertação. A análise da Spazio e Società corrobora o ponto de vista de que o Terceiro Mundo seria o conjunto das culturas silenciadas que poderiam indicar caminhos aos impasses da Modernidade na segunda metade do século XX, mais especificamente ao modelo hegemônico de modernidade na arquitetura e no urbanismo discutidos nos CIAM na Europa. Ainda, os artigos sobre o Terceiro Mundo na revista

---

<sup>85</sup> Seu marco inicial sendo a Revolução Industrial (e, no plano cultural, a criação do Iluminismo), e a queda da União Soviética em 1989 definindo seu fim.

<sup>86</sup> Além de buscar respostas a esse eurocentrismo, Dussel (2016) busca elaborar metodologias para um diálogo simétrico entre culturas “assimétricas”, que assim se tornaram a partir dos juízos de valores da Modernidade hegemônica. Além de propor diálogos Sul-Sul, propõe relacionar a história do mundo islâmico com o nascimento do sistema-mundo - que envolve a América Latina - e outras sugestões que auxiliem a construção de outras narrativas.

parecem valorizar o lugar no sentido estrito de sua geografia, matéria e clima, bem como no sentido cultural, bem expresso por Amalia Lemos:

como um componente de nossa identidade de sujeitos, como centro de significados, como condição da própria existência, foco de vinculação emocional para os seres humanos, contexto para as nossas ações; o lugar como expressão de paisagem e cultura, de experiências e significações diferenciadas (LEMOS, 1999, p. 20).

Tal abordagem está atravessada pela tensa relação modernidade-tradição, universal-local, que como já debatido esteve presente nos CIAMs, e que pautou as discussões sobre os próprios limites da modernidade. No âmbito da arquitetura foi além, e encontraria nas formulações do “regionalismo crítico”, de Alexander Tzonis e Liane Lefaivre em *“The Grid and the pathway”* de 1981, a sistematização de características de algumas arquiteturas que buscavam o ponto ótimo de equilíbrio entre a concretude do lugar e a universalidade abstrata. Para além do casal de arquitetos, ele grego, ela canadense, foi o inglês radicado nos EUA, Kenneth Frampton, que disseminou o termo em seu *“Towards a Critical Regionalism: six points for an architecture of resistance”* de 1983, que pretendeu funcionar como uma espécie de tratado. Os teóricos do eixo norte-atlântico em verdade buscavam elaborar teoricamente as respostas dadas às inúmeras distensões que conformaram o próprio movimento moderno, mas já impactados por soluções da arquitetura produzida nos países do chamado Terceiro Mundo que alcançaram enorme projeção no pós-guerra. No âmbito do Ocidente já era evidente o destaque para a arquitetura moderna de países como Brasil, Venezuela e México.

Na América Latina eram muitos os debates teóricos nesse sentido, que passaram por abordagens como as de Francisco Bullrich, em *“Nuevos Caminos de la Arquitectura Latinoamericana”* de 1969, de caráter mais catalográfico de exemplares de arquitetura no continente, e a de Marina Waisman com *“La estructura histórica del entorno”* de 1977, trabalho bastante denso do ponto de vista teórico, que dialogava de igual para igual com teóricos e historiadores europeus e norte-americanos. Retomava-se naquele momento, já em perspectiva histórica, o que havia sido tema da arquitetura dita “periférica” desde as articulações do movimento moderno nos mais diversos países. As questões do lugar, ou da identidade, que remetiam ao confronto de culturas específicas com uma pretensa universalidade, travaram diálogos com a filosofia, mais especificamente com a fenomenologia em distintas acepções da relação entre sujeito e objeto como definidora do sentido, como as de Martin Heidegger ou Paul Ricoeur. Nesse sentido foi fundamental a contribuição teórica do arquiteto Vittorio Gregotti, italiano como De Carlo, para quem sujeito e objeto não só aparecem de maneira interdependente, mas o próprio sentido de lugar resultaria dessa intersecção. (GREGOTTI, 1966).

Pois, a partir da leitura do conjunto de textos da Spazio e Società que tratam do Terceiro Mundo foi possível identificar algumas temáticas gerais que os atravessam, em diálogo com os conceitos e

significados tratados no início deste capítulo. A partir da perspectiva traçada por esse trabalho, três temáticas são destacadas no intuito de organizar a reflexão que vem sendo proposta: a ideia de precariedade; a dimensão construtiva da arquitetura, definida a partir de elementos arquitetônicos, materiais e técnicas locais; e o planejamento urbano, campo que se consolida e sofre transformações importantes nas décadas de 1960 e 1970, amplia-se para a escala da região ao mesmo tempo em que se abre para debates culturais mais amplos, para além de diretrizes físicas de conformação dos territórios. O estudo dos textos desenvolvido mais adiante será feito por meio dessas temáticas.

O tema do precário está ligado principalmente às ideias de pobreza, insuficiência, desamparo e exclusão dos mais pobres, numa estreita relação com o conceito de marginalidade que esteve no centro do debate sobre a formação das metrópoles do Terceiro Mundo, com uma contribuição decisiva de teóricos latino-americanos (CORTÉS, 2018, pp. 61-113). Na *Spazio e Società* o tema teve por base as diferentes situações de precariedade habitacional no ambiente construído do Terceiro Mundo, como cortiços, favelas, *bidonvilles*, *slums* etc., buscando diferentes soluções para tais problemas, seja por meio da autoconstrução, *self-help* e do projeto participativo, seja por meio do Estado, com programas de recuperação de assentamentos irregulares ou programas de habitação social. Em casos como o de Argel, na Argélia, há textos que mostram as dificuldades do Estado prover habitação de baixo custo para novas famílias imigrantes, de estrutura sociofamiliar muito diferente daquela que os arquitetos e planejadores teriam como base. Outro debate envolveu a ajuda estrangeira, de caráter financeiro - de ONGs, instituições como a ONU ou o Banco Mundial - e de outros tipos, como parcerias entre pesquisadores de universidades do Terceiro Mundo e da Europa, e arquitetos vindos desta para projetar no Terceiro Mundo. De modo geral, os autores reconhecem que um dos grandes fatores responsáveis por muitos desses problemas fora a colonização, que dentre outras coisas impôs um modelo de desenvolvimento capitalista-industrial aos territórios, tornando-os cada vez mais dependentes (em termos políticos e econômicos) mesmo após o fim oficial do seu estabelecimento. A ideia de dependência, por sinal, é outro ponto de confluência com os debates latino-americanos.

A questão construtiva, tratando de elementos arquitetônicos, materiais e técnicas locais traz consigo mais explicitamente os elementos físicos, biológicos e climáticos do lugar que se colocam como base para o projeto construtivo. Nos textos sobre a cultura islâmica, é possível perceber como o debate estava em diálogo com a fenomenologia, já que aparece uma dualidade do sentido de lugar: por um lado, as questões físicas e climáticas do território justificariam certas escolhas projetuais, e por outro, as mesmas escolhas também são legitimadas por sua simbologia extrafísica. Ainda nesse sentido, aparece a tensão entre o local e o universal, já que a valorização da tradição das técnicas construtivas e do fazer “popular” são confrontados com as escolhas de materiais e técnicas

modernas, no intuito de relativizar o que de fato seria mais apropriado para suprir as necessidades de sobrevivência humana locais e o que funcionaria somente (e nem sempre) na teoria.

Por fim, nos textos cuja temática central é o planejamento urbano, a validade do modelo ocidental (capitalista) de desenvolvimento das cidades, que favorece grandes obras e desincentiva as relações comunitárias de uma organização espacial mais orgânica, é constantemente tópico de discussão. Há autores que não só acreditam que este seja um modelo inadequado aos países de Terceiro Mundo, mas falho em um sentido geral. Ademais, aqui, o tema do planejamento urbano carrega consigo discussões acerca de duas concepções políticas de projeto e tomada de decisões: de um lado, projetos urbanos concebidos por equipes de profissionais e técnicos ligados à burocracia estatal ou à iniciativa privada, estrangeiras ou nacionais - as chamadas “soluções de cima para baixo” -, e de outro, a organização e autogestão de grupos da sociedade civil, geralmente os pobres na luta por moradia. Quanto às escalas, também há um debate entre os grandes planos e as pequenas intervenções locais, e o quão efetivos seriam seus resultados.

Quanto aos autores dos textos sobre o Terceiro Mundo, há os italianos e os correspondentes internacionais (cujas biografias serão apresentadas conforme seus textos forem discutidos). Os autores internacionais são Aldo Van Eyck (holandês), Balkrishna V. Doshi (indiano), Charles Correa (indiano), Chen Zhihua (chinês)<sup>87</sup>, Danielle Baris (francesa), David Aradeon (nigeriano), Fernando Catalano (argentino), Fred Pearce (inglês), Georges Candilis (greco-francês), Huang Xiang-Ming (chinês), John Turner (inglês), Lailun Nahar Ekram (bengalês), Lars Reutersward (sueco), Lisa Peattie (estadunidense), Maria Sgroi Dufresne (francesa), Noel Cannat (francês), Peter Rich (sul-africano), Robin Spence (inglês), Serge Theunynch (francesa), Yona Friedmann (francês), Wangbing (chinês), William Porter (estadunidense) e Wu Changfu (chinês).

Já os autores italianos, incluindo a equipe editorial da revista, são Amedeo Petrilli, Athinà Savvidu, Attilio Petruccioli, Barbara Croce, Daniele Pini, Franco Berlanda, Giancarlo De Carlo, Giorgio Bagnasco, Giuliana Baracco, Giuseppe Cinà, Luciano Barbero, Ludovico Micara, Maddalena Ferrara, Marco Ceccaroni, Mauro Bertagnin, Mauro Manfrin, Paolo Tombesi, Riccardo Vannucci, Roberto Costa e Walter Barbero.

É possível traçar relações entre esses autores e De Carlo por meio de algumas redes. Sua participação em atividades internacionais como o *Team 10*, os encontros do ILAUD - que, como já comentado, embora acontecessem em cidades italianas, reuniam professores, alunos e outros arquitetos e urbanistas de diversas localidades -, e suas viagens como professor visitante em

---

<sup>87</sup> Consideraram-se os autores chineses como terceiro mundistas, uma vez que, embora a China não figurasse entre as nações do Terceiro Mundo em termos geopolíticos, há um artigo sobre a habitação na China que consta no índice em questão.

universidades estrangeiras – das quais destacam-se as estadunidenses Yale, o MIT, a Universidade da Califórnia e a Universidade de Cornell a partir de meados da década de 1960 (PIZA, 2003) -, certamente auxiliaram para que De Carlo construísse uma rede de contatos fecunda. Dos autores italianos, há aqueles que foram alunos ou assistentes do arquiteto no IUAV ou na Universidade de Gênova, como Daniele Pini, Mauro Bertagnin, Giorgio Bagnasco, Maddalena Ferrara e Marco Ceccaroni, e aqueles que colaboraram profissionalmente com seu estúdio de projetos em Milão, como os já citados Maddalena Ferrara e Marco Ceccaroni, e ainda Mauro Manfrin.

Outro modo de aproximar os autores italianos é considerando a participação de muitos deles em grupos de estudo, pesquisa e colaboração acadêmica entre universidades italianas<sup>88</sup> e africanas. Destas, destacam-se o programa de cooperação nos campos da arquitetura, planejamento urbano e engenharia, entre a *Università degli Studi di Trieste* (Itália) e a *Obafemi Awolowo University* em Ife (Nigéria), estabelecido na década de 1980, e aos escritórios locais da Unesco ligados também ao âmbito acadêmico em Trieste, a *Cattedra Unesco*, do professor e autor da *Spazio e Società* Roberto Costa e o *Centro Unesco di Trieste*<sup>89</sup>. Essa trama também conta com acordos de cooperação com países em desenvolvimento por meio de ONGs, como a *Arquitectos sin Fronteras* – Espanha (ASF-E), de que tratará Franco Berlanda na revista.

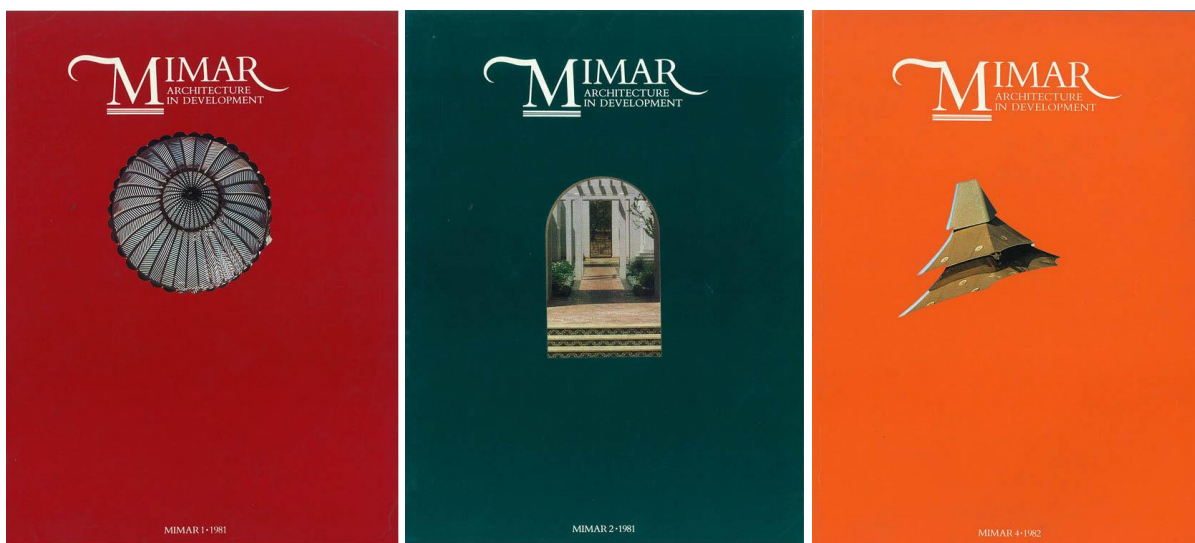
Sobre os periódicos em que foram publicados textos depois reproduzidos na *Spazio e Società* sobre o Terceiro Mundo mencionados anteriormente, destaca-se a revista *Mimar: architecture in development*. Criada em 1981 e dirigida pelo arquiteto e acadêmico indiano Hasan-Uddin Khan (1947) e pelo historiador da arquitetura estadunidense Brian Brace Taylor (1944-2017), tinha como objetivo principal disseminar as práticas e ideias ligadas à arquitetura do Terceiro Mundo, sobretudo do “Mundo Islâmico” da Ásia e África. Foram publicados um total de 43 números quadrimestralmente durante uma década – em Singapura até 1989 e em seguida em Londres até o seu fechamento em 1991 -, e seu escopo se aproxima da revista italiana na medida em que buscou divulgar internacionalmente a arquitetura contemporânea de uma parte do globo que pouco

---

<sup>88</sup> Das universidades estadunidenses em que De Carlo foi professor visitante, o MIT possui um programa internacional de estudos, suporte e promoção da arquitetura no “mundo islâmico”, o *Aga Khan Program for Islamic Architecture* (AKPIA), fundado em 1979 e vigente até os dias de hoje. Autores como Mauro Bertagnin desenvolveram pesquisas nesses programas já no século XXI, após o fechamento da *Spazio e Società*. Como exemplo dessa produção acadêmica ligada a essas redes internacionais a partir da América do Norte, consultar MILLER, Susan G.; BERTAGNIN, Mauro (org.). **The Architecture and Memory of the Minority Quarter in the Muslim Mediterranean City**. Cambridge (Mass.): Harvard-Graduate School of Design-Aga Khan Program, 2010.

<sup>89</sup> Sobre as relações entre África e Itália no âmbito acadêmico, consultar CARETTONI, Tullia; ORLANDO, Piergiorgio R.; COSTA, Roberto; ALESSI, Paolo; ROSSI, Gian Luigi; COLIZZI, Vittorio. Anno della scienza e della tecnologia in Africa: riunione conclusiva del comitato di scienziati italiani. **Africa: Rivista trimestrale di studi e documentazione dell'Istituto italiano per l'Africa e l'Oriente**, ano 63, n. 4, p. 591-604, dez. 2008). Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/25734530>>. Acesso em: 13 jan. 2023.

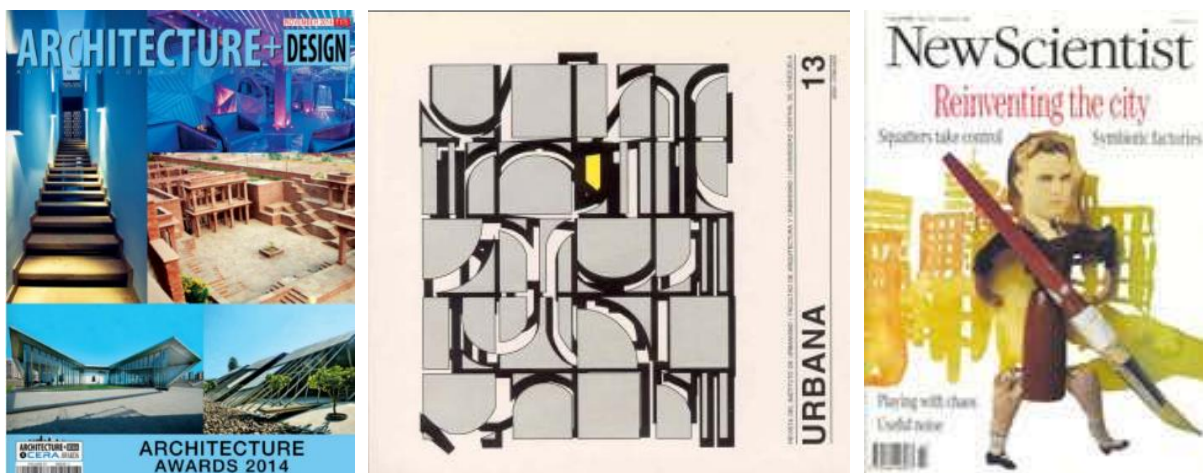
figurava nas principais revistas da área e, principalmente, pela crença de seus diretores de que “o peso de uma arquitetura homogeneizadora internacional precisava ser combatido na crença de que toda grande arquitetura é regional ou local e reflete as preocupações e aspirações de seus usuários” (KHAN, 2010, p. 82). Três foram os artigos reproduzidos na *Spazio e Società*<sup>90</sup> que, em consonância com os tópicos privilegiados na *Mimar*, discutem temas como as relações entre a arquitetura e a comunidade em que se insere, a ligação entre cultura e arquitetura, o vernáculo nas práticas e formas, a autoconstrução e o emprego de materiais locais.



Figuras 31, 32 e 33: Capas da revista *Mimar: architecture in development* de números 1 (1981), 2 (1981) e 4 (1982) respectivamente.

<sup>90</sup> BARIS, Danielle; THEUNYNCH, Serge. Autocostruzione come terapia: mental health care units, Bamako, Mali. *Spazio e Società*, n. 30, p. 103 – 105, jun. 1985; FRIEDMANN, Yona. Lezioni di tecnologie semplici. *Spazio e Società*, n. 37, p. 42 – 47, jan./mar. 1987; ETBS VENTIANE; GRET PARIS. Scuola Elementare a Naxathong, Laos. *Spazio e Società*, n. 49, p. 114 – 117, jan./mar. 1990.

Outras três revistas têm artigos reproduzidos no periódico italiano – a *Architecture+Design*<sup>91</sup>, a *Revista Urbana*<sup>92</sup> e a *New Scientist*<sup>93</sup> -, e ainda um extrato do livro *Bâtir la vie*<sup>94</sup>, de Georges Candilis.



Figuras 34, 35 e 36: Capas das revistas *Architecture+Design* (n. 175 de 2014), *Urbana* (n.13 de 1993) e *New Scientist* (n.2032 de 1996).

Nos primeiros 3 anos da *Spazio e Società* (de 1978 a 1980) foram publicados 10 artigos indexados como sobre o Terceiro Mundo. Dentre as publicações, encontra-se um texto de autoria do inglês John Turner intitulado “Autoconstrução *versus* Grandes Programas”, em que o autor discute percepções e nomenclaturas ligadas particularmente ao âmbito de projetos de habitação, que vinham ganhando notoriedade desde a década de 1960, como participação, *self-help*, *housing* e *low cost*. Ainda, quatro textos dessa fase inicial da revista tratam de países da América Latina e a temática da habitação permanece central: em dois deles, o tema da casa aparece nas chaves de

<sup>91</sup> A *Architecture+Design* é uma revista mensal indiana criada em 1984 que continua sendo produzida atualmente. Na *Spazio e Società* de número 46 (1989), é publicado um conjunto de artigos que tratam dos problemas advindos do déficit de habitação na Índia, publicados originalmente no número de janeiro/fevereiro de 1988 da revista indiana, organizados pelo arquiteto e urbanista S. K. Das. Outros autores desse pequeno dossiê, cujo título é “Habitação para os sem-teto” e que será tratado mais detalhadamente adiante, são S. K. Mohandas, B. C. Mitra, S. Sinha e B. S. Sajni.

<sup>92</sup> A revista *Urbana*, da *Facultad de Arquitectura y Urbanismo da Universidad Central de Venezuela* (FAU UCV), tem seu primeiro número publicado em janeiro de 1980. O texto “*Quali esperanze per gli esclusi della città-mondo?*” do sociólogo Noël Cannat, publicado na *Spazio e Società* n. 71 (1995), foi publicado originalmente na *Urbana* n. 13 (1993). O texto original não apresenta imagens, enquanto na publicação no periódico italiano, foram inseridas imagens sem legenda e sem créditos. Todos os números da revista *Urbana* estão disponíveis online no endereço eletrônico <[http://www.edicionesfau.com/index.php?main\\_page=page&id=18&chapter=0](http://www.edicionesfau.com/index.php?main_page=page&id=18&chapter=0)>. Acesso em: 5 jan. 2023.

<sup>93</sup> A revista semanal de ciências, tecnologia e filosofia *New Scientist* foi fundada em 1956 em Londres e continua sendo produzida também em formato digital, com sedes nos EUA e Austrália. Em seu número 2032 de junho de 1996, é publicado um artigo intitulado “*Squatters take control*”, do inglês Fred Pierce que trata dos problemas de saneamento básico da cidade de Karachi, no Paquistão, e é reproduzido na *Spazio e Società* n.77 de 1997.

<sup>94</sup> CANDILIS, Georges. *Bâtir la vie : un architecte témoin de son temps*. Gollion: Infolio, 2012 (primeira edição de 1977).



luta por moradia, autogestão e autoconstrução nos casos do *Campamento Nueva Habana* no Chile e em Pamplona no Peru. Destaca-se também o texto de Luciano Barbero e Athinà Savvidu que examina entraves sociais, econômicos e culturais oriundos da colonização nas práticas arquitetônicas e urbanísticas no continente africano, especialmente na segunda metade do século XX durante os processos de descolonização em voga ali.

Já na década seguinte, de 1981 a 1990, foram publicados 39 artigos, dos quais apenas um trata de um caso latino-americano. A grande maioria deles apresenta matérias que envolvem países asiáticos ou africanos - destacando-se numericamente textos sobre a Índia e a Nigéria<sup>95</sup> -, mas que de certa forma transitam por temas afins, desde a utilização de materiais locais e técnicas históricas de construção, a convênios internacionais e ajuda financeira de países ricos para projetos urbanos e arquitetônicos. A arquitetura dita local, seja ela de assentamentos de povos nômades das regiões semidesérticas do norte da África, seja da arquitetura islâmica, ou de tribos na África subsaariana, que aparecem como o resultado de um saber local (com materiais, técnicas e tecnologias locais e tradicionais), ganham destaque e apontam caminhos, mesmo quando comparadas a novas tecnologias e novas formas de se pensar o projeto. Esta foi a década em que simbolicamente se deu o fim da Guerra Fria, com a queda do muro de Berlim em 1989, portanto, simbolicamente, o Terceiro Mundo tido como a porção neutra do globo nessa disputa acabaria também.

As três últimas décadas do século teriam sido tempos de crise econômica, política e moral no mundo como um todo, “uma nova era de decomposição, incertezas e crise – e, com efeito, para grandes áreas do mundo, como a África, a ex-URSS e as partes anteriormente socialistas da Europa – de catástrofe” (HOBBSAWN, 1995, p. 15), trazendo velhos problemas enfrentados na época do entreguerras: o “desemprego em massa, depressões cíclicas severas, contraposição cada vez mais espetacular de mendigos sem teto a luxo abundante, em meio a rendas limitadas de Estado e despesas ilimitadas de Estado” (idem, p.19).

A última década do século, entre 1991 e 2000, foi a de menor número de artigos do Terceiro Mundo publicados em termos comparativos, em parte talvez pelo agravamento das questões expostas por Hobsbawn (1995). Dois dos dez textos tratam de relatos de viagem de arquitetos italianos para países a África, com suas experiências e impressões, com destaque para os escritos de Maddalena Ferrara sobre Burundi e Uganda. O artigo “Quais esperanças para os excluídos da cidade mundo?”, explora uma cultura popular dos migrantes das metrópoles negligenciada pelos propósitos de ordem e desenvolvimento econômico da modernidade. Ainda, no fim da década

---

<sup>95</sup> No final da década de 1970, no início das publicações da *Spazio e Società*, a Índia já era o segundo país mais populoso do mundo (atrás da China), e a Nigéria, o décimo (e o país mais populoso do continente africano), segundo os dados da ONU World Population Prospects, de 2019. Não por acaso, as questões arquitetônicas e sociais do “grande número” permeiam esse conjunto de textos.

figuram os textos que tratam de programas de requalificação de favelas no Brasil e de *slums* na Índia.

Neste ponto, retomam-se as três temáticas gerais que permeiam o conjunto de textos sobre o Terceiro Mundo na revista *Spazio e Società* para um aprofundamento do debate. Como já apontado, tais tópicos aparecem em diálogo com os conceitos e significados tratados no início deste capítulo, sobretudo com as ideias de pobreza, insuficiência, neutralidade política, superação da modernidade ocidental e revolução. Tais categorias, mais próximas das ciências sociais, ciências políticas e economia, relacionam-se com temas inerentes ao campo da arquitetura e do urbanismo, separados (a fim de organizar melhor a discussão dos textos) nas chaves da precariedade, materiais e técnicas construtivas, e planejamento urbano.

### 2.2.1. A precariedade



Figura 37: Imagem retirada do texto “Habitações para os sem-teto”, sobre um tipo de habitação na Índia. Na legenda consta: “um exemplo de moradia para alugar no centro da cidade, construída ilegalmente ao longo de um rio, em situação precária e desafiando a lógica estrutural. Os materiais usados variam de terra a bambu, tábuas de madeira reciclada, estanho, amianto, telhas e concreto” (fonte: Spazio e Società n. 46, 1989, p. 10).

As bidonvilles são chamadas de Callampas no Chile, Favelas no Brasil, Ranchitos na Venezuela, Limonados na Guatemala, cidade-milagre no Uruguai, casas das bruxas na Argentina. Todas apresentam uma realidade idêntica: desespero e furor de viver (CANDILIS, 1978, p. 102, tradução da autora).

A precariedade na Spazio e Società muitas vezes aparece nos artigos relacionada às *bidonvilles*, favelas e assentamentos irregulares. Como constata Pancho Liernur essas ocupações urbanas tidas como espontâneas eram as novas estrelas do debate internacional, num momento em que o procedimento cotidiano dos “marginais” da América Latina e do Terceiro Mundo adquiria um

estatuto teórico no campo disciplinar da arquitetura, para responder a problemas práticos de habitação também nas sociedades avançadas do ocidente (LIERNUR, 1992, p.22). Coincide com esse olhar, a percepção do Terceiro Mundo tanto como o lugar da pobreza, da insuficiência e da carência, quanto como o lugar em que uma atitude revolucionária pudesse emergir, confrontando os termos da modernidade ocidental. Em ambos os pontos de vista, há uma projeção da intelectualidade a partir de recortes muito específicos em meio a realidades muito mais complexas, que incluíam territórios econômicos mais ricos e dinâmicos do ponto de vista de sua inserção mundial.

Na revista de número 3, é publicada a tradução para o italiano do último capítulo do livro já citado *Bâtir la vie*, autobiografia de Georges Candilis publicado em 1977, em que o autor narra o processo que levou os habitantes das *bidonvilles* em Lima, no Peru, a abandonarem suas moradias e recomeçarem a vida em Pamplona, uma área distante 30 quilômetros da cidade. As condições precárias, a pobreza e a superlotação das moradias levaram aquelas pessoas a organizarem sua mudança para esse novo lugar, cujo planejamento e construção foram integralmente realizados por elas, e que ficou conhecida como Nova Cidade de Pamplona. O arquiteto greco-francês menciona a miséria das *bidonvilles* e a precariedade das suas construções em terrenos inadequados do ponto de vista urbanístico e formal - “[em] sobras dos planos urbanísticos institucionais, terrenos pantanosos e sujeitos a inundações, colinas íngremes e escorregadiças, valas profundamente cavadas, locais de coleta do lixo urbano ou escavações abandonadas” (CANDILIS, 1978, p. 102). Embora inicialmente oprimido pelas autoridades, o processo todo teve êxito, e a “comunidade urbana” que resultou da organização e cooperação de seus moradores tornou-se objeto de estudo na sala de aula. Candilis analisou os problemas de Lima com seus estudantes em Paris em busca de soluções, porém a conclusão a que se chegou é a de que prover uma “moradia que respeite a qualidade do ser humano” a todas as pessoas por parte do Estado seria uma utopia. Segundo o autor, talvez a resposta residisse mesmo na ação coletiva, enaltecida na narrativa.

Ainda, tratando-se do relato de um livro autobiográfico, há de se levar em consideração um apelo afetivo da escrita e uma certa romantização do episódio. O arquiteto repete algumas vezes que oferecera ajuda técnica aos futuros moradores quando do planejamento e construção, mas que sua oferta fora gentilmente declinada pela decisão coletiva de construir eles mesmos suas casas e cidade; escreve o autor “admiro-me porque conheço a aversão dos latinos à disciplina e, ao contrário, tudo acontece como na ordem natural das coisas, sob o impulso da vontade comum de se preparar para viver juntos” (idem, p. 103).

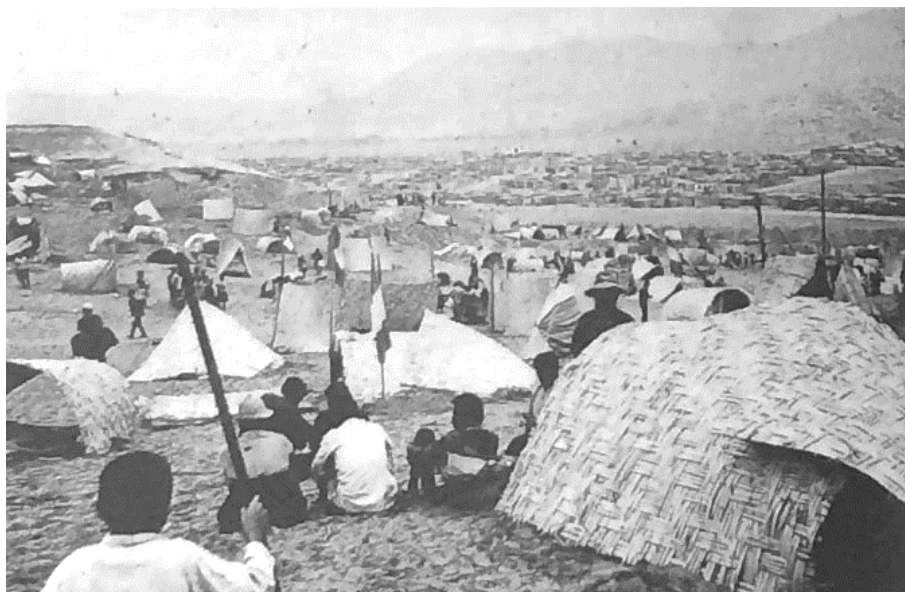


Figura 38: O processo de planejamento e construção da Nova Cidade de Pamplona pelos seus moradores (fonte: Spazio e Società, n. 3, 1978, p. 102).

No texto de Daniele Pini<sup>96</sup> sobre habitação na Argélia (1978), a precariedade de vincula à superlotação dos centros urbanos por uma população de baixa renda. Aqui, Pini parte dos problemas decorrentes do acelerado crescimento urbano nos países subdesenvolvidos de modo geral para tratar dos limites e potencialidades dos planos habitacionais da década de 1970 daquele país. O problema central da habitação no Terceiro Mundo seria, simplificadaamente, “como produzir no menor tempo possível o maior número de moradias para uma população cuja maioria é desprovida dos meios necessários para acessar uma casa em qualquer caso” (PINI, 1978, p.75). O crescimento acelerado dos centros urbanos levaria à multiplicação de assentamentos irregulares e à degradação dos centros históricos da cidade, fenômenos vistos como patologias de uma ‘hiperurbanização’ em descompasso com o crescimento econômico. Para eliminar o que por vezes era visto como “pragas sociais” – *bidonvilles*, *barriadas* etc. -, a solução institucional buscava frear o crescimento urbano ou direcionar as ações para o desenvolvimento do setor habitacional. Pini (1978) mostra como tal visão seria de certa forma simplista por não considerar os fatores que gerariam a dinâmica da hiperurbanização, bem como outras questões complexas, contribuindo para a ineficácia das políticas habitacionais que nela se apoiam.

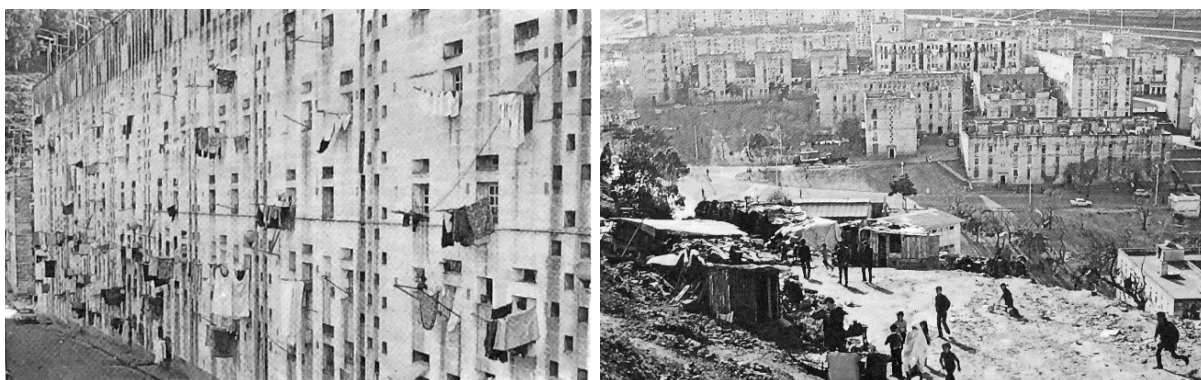
---

<sup>96</sup> Daniele Pini (1944) é um arquiteto, professor e pesquisador italiano. Graduiu-se em 1969 pelo *Istituto Universitario di Architettura di Venezia* (IUAV), sob a supervisão de Giancarlo De Carlo. É co-autor ou curador dos livros **La città tra colonialismo e nuova dipendenza: il caso del Maghreb** (Milão, 1981); **Présent et avenir des medinas: de Marrakesch à Alep** (Tours, 1982); **La città degli altri. La riqualificazione urbana nei Paesi in Via di Sviluppo** (Veneza, 1989), entre outros. Foi redator da *Spazio e Società* de 1975 a 1982, e publicou inúmeros textos nas revistas italianas *Urbanistica*, *Casabella*, *Parametro*, *Rassegna* e *Paesaggio Urbano* (informações retiradas do seu currículo).

No caso específico da Argélia, o autor mostra os possíveis motivos pelos quais os planos habitacionais quadrienais da década de 1970 (o primeiro de 1970 a 1973, e o segundo de 1974 a 1977), propostos no âmbito das políticas de desenvolvimento nacional do Estado argelino, não tiveram sucesso. Juntos, os dois planos previam a construção de 170 mil unidades habitacionais urbanas, quantidade que além de não suprir a demanda de antemão, não foi totalmente realizada. Dentre os numerosos motivos de tal falha, como deficiências na produção dos materiais de construção e a carência de industrialização e normatização no setor edílico, o autor destaca o modelo adotado para os planos: os *grands ensembles*<sup>97</sup>, que já vinha sendo utilizado desde a última fase da colonização francesa.

Tal modelo, escolhido pelo desejo de construir com rapidez e imediatamente, por diversos motivos não se mostrou eficaz para resolver o problema habitacional urbano na Argélia.

Esta escolha tem sérias consequências econômicas, sociais e políticas. De fato, é largamente incompatível com as capacidades e estrutura do setor da construção e requer a importação em grandes proporções de materiais de construção, maquinaria, tecnologia, quadros técnicos e mão de obra qualificada, tornando-se um fator de dependência. Tudo isso contribui para elevar consideravelmente os custos de produção e, dada a inadequação das estruturas de produção e o peso dos trâmites financeiros e burocráticos, às vezes ocasiona enormes atrasos nos tempos de produção previstos (PINI, 1978, p. 78-79, tradução da autora).



Figuras 39 e 40: Os *grands ensembles* construídos na Argélia, cujo projeto inspirava-se em modelos franceses do pós-segunda Guerra (fonte: Spazio e Società, n. 3, 1978, p. 75).

Além das intervenções públicas, Pini trata de outras iniciativas que se dividiriam entre as privadas regulares, que gerariam sobretudo casas unifamiliares voltadas para uma faixa restrita da população – comumente uma burguesia nacional que ascendera depois da independência - e as ditas

---

<sup>97</sup> Os *grands ensembles* foram projetos de edifícios habitacionais em grande escala, aos moldes modernos com centenas de unidades de moradia, surgidos das políticas de reconstrução da França no pós-Segunda guerra. Para mais detalhes sobre os projetos dos *grands ensembles*, ver SPINETTA, Adrien. Les grands ensembles pensés pour l'homme. *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n. 46, fev./mar. 1953. FOURCAUT, Annie. Les grands ensembles ont-ils été conçus comme des villes nouvelles?. *Histoire urbaine* 3, n. 17, p. 7-25, 2006. LACOSTE, Yves. Un problème complexe et débattu: les grands ensembles. *Bulletin de l'Association des géographes français*, n. 318-319, p. 37-46, nov./dez. 1963, citado em RONCAVOLO, Marcel ; PAQUOT, Thierry (ed.). *Villes et civilisation urbaine xviii<sup>e</sup>-xx<sup>e</sup> siècle*. Paris: Larousse, 1992, p 500-501.

‘abusivas’ ou irregulares, superiores numericamente do que as habitações produzidas pelas iniciativas pública e privada juntas. Para além da questão do crescimento acelerado dos centros urbanos, a precariedade se daria também por problemas na gestão do património edificado, com a superlotação de edifícios no centro histórico que acelerava seu processo de degradação. No geral, segundo o autor, estimava-se que somente em Argel 83% das moradias estariam em condições de superlotação no final da década de 1970.

Mauro Bertagnin<sup>98</sup> (1983) cita os mesmos fatores que Pini para explicar o problema habitacional da Argélia, mas traz um outro elemento. Em seu texto, as *bidonvilles* das cidades do Magreb aparecem como um fenômeno ligado diretamente à colonização. Na Argélia, tais assentamentos irregulares teriam surgido no imediato pós segunda guerra, quando a região ainda era uma colônia francesa, e continuariam a crescer em número e quantidade de habitantes mesmo depois da independência, sobretudo por duas razões: a crescente migração da população rural para as cidades e o papel secundário que a habitação ocupava na política de desenvolvimento nacional, que tinha como prioridade a industrialização do país. Tal população rural que migra manteria seus costumes e modo de vida rurais, provocando um fenômeno que o autor chama de “ruralização” da cidade. Está evidente, nesse ponto, como o debate antropológico sobre tais processos migratórios e suas implicações tanto nas populações ditas “marginais” quanto nos aspectos físicos da urbanização na América Latina, circulava em âmbito mundial, sendo incorporado no olhar dos europeus. Protagonizado pelos intelectuais norte-americanos, notadamente os da Escola de Sociologia de Chicago, mas sobretudo por latino-americanos que introduziram pontos de vista distintos, o entendimento sobre a oposição entre comunidade e sociedade, desde as elaborações do século XIX na Alemanha com Tonies, sofreria profundas mudanças. Do determinismo teleológico da “sociedade” sobre a comunidade, passando pela “cultura da pobreza” de Lewis como estratégia de sobrevivência e depois como resposta às fraturas sociais desencadeadas pelos processos de modernização, ou pela leitura materialista de um Paul Singer que via na manutenção das duas formas de vida uma relação direta com os ciclos de expansão e de recessão da economia urbana no capitalismo, deu-se o debate sobre a “cidade latino-americana” (GORELIK, 2011, pp.133-164). Parece certo que o debate, em termos propriamente latino-americanos, tenha influenciado a mirada dos europeus, informando, inclusive, as formulações sobre a África e a Ásia, ainda mais em se considerando de um lado o fascínio que a Revolução Cubana exerceu sobre intelectuais de esquerda em todo o mundo, e de outro a ação imperialista dos Estados Unidos na condução dos debates em

---

<sup>98</sup> Mauro Bertagnin (Padova, 1949) formou-se arquiteto pelo IUAV, sob a orientação de Giancarlo de Carlo. É membro do CRATerre – *Centro Mondiale per l’architettura di terra* – desde 1983, e em 1990 recebeu o prêmio Habitat Scroll of Honour da United Nations Centre for Human Settlements (UNCHS) por seu empenho na proteção do património mundial em terra crua (informações tiradas de seu currículo).

âmbito cultural (LIERNUR, 1992, pp. 21-23). Nesse aspecto, também contam as políticas de cooperação dos EUA para a formação de lideranças comunitárias e para a solução dos problemas da precariedade envolvendo as próprias populações, como a autoconstrução por ajuda-mútua, financiadas por agências internacionais. Nesse processo, à medida que se deu a circulação de técnicos de distintos campos disciplinares promovendo tais ações, cresceu a crítica à ação estatal centralizada e às soluções dadas antes pelo movimento moderno, com o enaltecimento de toda a sorte de soluções tidas como populares, vernáculas, autônomas, originais.

Dando continuidade à leitura de Bertagnin (1983), há o confronto dessa vida “aldeã” com a vida na cidade: uma população formada por “famílias patriarcais alargadas” ou “famílias tradicionais rurais” de quinze pessoas, que se defrontam com um habitat concebido para famílias nucleares de três a cinco pessoas, reproduzido segundo o perfil de uma cultura urbana europeia, que o autor chama então de “habitat colonial”. O processo de “bidonvillização” como conflito cultural já se iniciaria na ocupação das cidades, a partir da superlotação das habitações existentes que geravam problemas sanitários e o deterioramento físico das construções.

Além da ocupação de construções existentes (fosse a superlotação do centro histórico - *kasbah* – ou a superlotação dessa cidade construída segundo parâmetros sociais europeus), em se tratando dos casos de novas construções, os assentamentos irregulares construídos comumente por seus usuários em áreas de risco ou proibidas por legislação estariam em maior consonância com as necessidades das famílias locais em detrimento do habitat construído formalmente:

a bidonville, construída a partir da aglomeração espontânea de barracos em oposição ao habitat de tipo europeu, representa a área em que o "modo de vida rural" na cidade encontra sua expressão mais direta. Se o desenraizamento, a não integração, o subemprego e as deficiências sanitárias são os traços mais evidentes desta realidade, é de notar que a vida no âmbito da bidonville é paradoxalmente mais congruente com a estrutura sociofamiliar dos novos imigrantes em Argel (BERTAGNIN, 1983, p. 103, tradução da autora).



Figuras 41 e 42: A *kasbah* em Argel: o processo de saturação do centro antigo é óbvio, e as cidades “formal” e “informal” paralelas (fonte: Spazio e Società, n. 20, 19828, p. 101 e 102).



Tendo em vista que as *bidonvilles* eram (e ainda são) um grave problema urbano e social, e que qualquer solução simples não conseguiria dar conta da complexidade de tal fenômeno, Bertagnin então aponta para algumas ações de recuperação de assentamentos locais na Argélia no período exatamente posterior à sua independência (processo que se concluiu em 1962), com destaque para o processo de reabilitação na *bidonville* de Oued Ouchaya, ocorrido entre 1962 e 1965. O cerne do programa, que fora desenvolvido por um órgão francês criado em 1957, o BERU (*Bureau d'Etudes et de Recherches Urbaines*) e outros arquitetos, baseava-se na autoconstrução e na formação profissional da mão-de-obra no canteiro, com laboratórios autogeridos por artesãos e pedreiros da própria *bidonville*, voltados para as diversas competências técnicas da construção, sobretudo a produção de materiais e de componentes construtivos a serem utilizados na reabilitação. Tal iniciativa deu origem ao Programa de Autoconstrução Assistida (*Programme d'Habitat en Autoconstruction Assistée*), mencionado também no texto de Daniele Pini (1978), que não só previa a participação direta dos moradores na concepção e construção de suas moradias, mas também financiamentos públicos, concessão e/ou aluguel de terrenos e fornecimento de materiais de construção. Para Bertagnin, “das *bidonvilles* surgem, portanto, não apenas sinais alarmantes de desintegração urbana e mal-estar social, mas também indicações para novas abordagens de assentamento humano e habitação” (BERTAGNIN, 1983, p. 104), em consonância com as ideias de Turner no contexto das *barriadas* de Lima (contemporâneas aos processos debatidos por Bertagnin na Argélia) e sua constatação de que tais construções espontâneas teriam capacidade de resposta aos problemas urbanos superior à que técnicos ou o Estado poderiam oferecer (BALLENT, 2004).

Muito diferente na sua forma é o texto de Giorgio Bagnasco<sup>99</sup> de 1985, publicado no primeiro número da *Spazio e Società* de 1986. Trata-se de uma carta por ele escrita quando da sua estadia em Luanda, capital da Angola, narrando suas impressões enquanto auxiliava na construção das bases da fábrica de tubos FATA, a única fábrica de Angola de então, que abrigaria o maquinário de novas linhas de montagem. Naquela ocasião, Angola já passava por uma guerra civil que começara logo após a sua independência de Portugal, em 1975, fato central do texto. Por conta da guerra e de outros vestígios da colonização, Bagnasco (1986) menciona alguns problemas sérios que enfrentaria a maioria da população em contraste com o estilo de vida de uma pequena elite, como

---

<sup>99</sup> Giorgio S. Bagnasco (Gênova, 1956) é um arquiteto italiano, graduado em Gênova em 1982 com a tese “*Bamboo in construction as a sustainable material*”. Foi assistente de Giancarlo De Carlo na Faculdade de Arquitetura de Gênova de 1984 a 1990, e participou dos cursos do ILAUD em 1997 (fonte: <<http://www.giorgiobagnasco.it/index.html>>, acesso em novembro de 2021).

a extrema pobreza, o esquema ilegal de venda de alimentos nas “*kandongas*”<sup>100</sup>, a constante vigilância do exército e as quase um milhão e meio de pessoas moradoras das *bidonvilles* da cidade, número que crescia diariamente dada a migração da população rural que fugia das guerrilhas espalhadas pelo país. Toda essa precariedade é então contrastada com a cidade de “traçado urbano moderníssimo, ruas, edifícios, praças, monumentos [que] testemunham o esforço que os “angolanos” portugueses fizeram nos anos fabulosos, quando foi a capital “civilizada” da África sul-equatorial” (BAGNASCO, 1986, p. 56), em cujos “arranha-céus inacabados” ou nas casas com piscinas viveriam os diretores das companhias petrolíferas europeias.

Já “Moradias para os sem-teto” é o título do artigo introdutório de uma série de textos que tratam dos problemas habitacionais na Índia. Publicados originalmente na revista indiana *Architecture + Design* em 1988 sob a editoração de S. K. Das<sup>101</sup>, alguns desses textos foram reproduzidos na *Spazio e Società* do ano seguinte e que, lidos em conjunto, constroem um argumento sólido de que a provisão de casas pela iniciativa pública não era suficiente, nem em termos quantitativos como qualitativos. Segundo o autor, no início dos anos 1970 quase metade da população urbana indiana vivia em condições precárias, quadro que piorava com a constante migração da população rural para as cidades em busca de melhores condições de vida. O poder público então vinha financiando a construção de conjuntos habitacionais e outras obras de infraestrutura que já se apresentavam inadequadas à comunidade e muito degradadas após poucos anos de ocupação, resultado de problemas desde a concepção do projeto (os “projetos tipo” concebidos essencialmente para a repetição em série nos mais diversos âmbitos) até a escolha dos materiais empregados (onerosos e indisponíveis localmente). Tal processo teria levado à “opinião que as casas que as próprias pessoas construíam para si são muito [...] melhores daquelas que o governo fornecia aos pobres e que, portanto, o governo não deveria mais construir diretamente, mas apoiar as iniciativas espontâneas” (DAS, 1989, p. 8), estimulando as ditas “políticas de apoio” e “estratégias de habilitação” para programas de recuperação dos *slums*, promoção da ajuda mútua (self-help) e dos projetos de “área + serviços”. O período dos anos 1970 e as ideias de que trata Das nas cidades indianas estariam em consonância com aquelas de John Turner, sobretudo a concepção de que os próprios usuários

---

<sup>100</sup> “Kandongas” seriam os mercados clandestinos (o autor os chama de “mercados negros”) para a compra de toda mercadoria, cuja existência se dava sobretudo pela dificuldade de operação regular da rede oficial de abastecimento no país.

<sup>101</sup> S. K. Das graduou-se em 1971 pela *Sir J. J. College of Architecture*, em Mumbai, antes atuar profissionalmente em diversos países. Lecionou por 7 anos no *Institute of Housing and Urban Development Studies* (IHS), em Rotterdam, quando voltou para a Índia e fundou seu escritório *SK Das Associated Architects* em 1987 em Nova Delhi. Também fundou em 2015 o *Habitat Urban Transformation Lab* (UTLab), laboratório colaborativo e interdisciplinar, que tem como cerne a discussão das práticas urbanas contemporâneas.

conseguiriam resolver seus problemas habitacionais com maior eficácia (atreladas a políticas estatais de apoio) se comparadas com a provisão de unidades habitacionais pelos métodos comuns. Ainda, um outro tipo de habitação apresentada por Das (1989) são as chamadas *chawls*, casas populares com quartos para aluguel de baixo custo e altíssima concentração de pessoas, que se aproximam em certa medida aos cortiços. Surgiram no início do século XX para abrigar o grande número de pessoas que migraram para trabalhar em Mumbai, na sua crescente indústria têxtil e em atividades portuárias. Segundo o autor, pesquisas recentes apontariam que os *chawls* abrigavam “80% das famílias de baixa renda que vivem dentro dos limites urbanos e constituem cerca de 74% do patrimônio habitacional da Grande Mumbai: ou seja, em cada 5 casas, ao menos 3 são *chawl*” (DAS, 1989, p. 12).



Figuras 43 e 44: Imagem de um conjunto habitacional construído por um ente estatal em péssimo estado depois de apenas dez anos de sua construção. Ao lado, a vista de um *chawl* típico (fonte: Spazio e Società, n. 46, 1989, p.8 e 12).

Outro assunto atrelado à precariedade do Terceiro Mundo são as guerras, a destruição e instabilidade política que geram, tratadas em três textos de Franco Berlanda<sup>102</sup>: ‘Bombas sobre a história’ (1986), ‘Um povo disperso: campos de refugiados palestinos na Jordânia’ (1989) e ‘Um país danificado pela guerra: o Vietnã’ (1994). Embora tratem de conflitos em diferentes contextos, cada um com suas especificidades, os três apresentam um ponto em comum: o auxílio internacional. O primeiro deles, publicado em 1986 na Spazio e Società, trata da guerra que estava em curso desde o início dos anos 1980 entre Irã e Iraque, e sobre os limites de uma organização rápida e eficaz do governo do Irã para lidar com as destruições. Nesse contexto, no intuito de discutir

<sup>102</sup> Franco Berlanda (Trento, 1921 – Turim, 2019) foi um arquiteto, urbanista, acadêmico e *partigiano* italiano. Formou-se arquiteto pelo Politécnico de Torino em 1948 e começou a lecionar desde então. Em 1968 lecionou em Palermo, depois em Turim (1972-74) e finalmente em Veneza (1976) no IUAV, onde ficará até a sua aposentadoria, e quando se envolveu com as atividades do ILAUD de De Carlo. Aposentou-se em 1995, após dois mandatos como diretor do Dipartimento di Urbanistica do IUAV.

estratégias e formular planos de ação, a Faculdade de Arquitetura da Universidade de Teerã teria promovido uma conferência internacional que contara com a participação de 27 nações e de representantes internacionais ligados às Nações Unidas, sob o tema da reconstrução de áreas danificadas pela guerra, abrangendo desde as formas de intervir nas cidades históricas destruídas e a reconstrução de aldeias rurais agrícolas à renovação de técnicas construtivas e problemas mais gerais, como forma de contribuir para um plano territorial nacional<sup>103</sup>.

Os termos da cooperação internacional também aparecem no contexto das guerras na Jordânia, dessa vez na organização e administração dos campos de refugiados palestinos no Egito, Jordânia, Síria e Líbano por uma agência criada pela ONU, a UNRWA (*United Nations Relief Works Agency for Palestine Refugees*). Berlanda (1994) conta que visitara os campos da capital Amman e seus arredores por ocasião de uma pesquisa sobre assentamentos de refugiados em países arrasados por guerras, patrocinada pelo Ministério da Instrução Pública italiano, tomando o Terceiro Mundo como objeto de estudo. O Vietnã também se torna um objeto de estudo quando o arquiteto escreve sobre os problemas derivados dos longos conflitos contra os Estados Unidos. Para além da pesquisa das consequências da guerra, o autor relata que o objetivo específico da sua visita ao país era o de estreitar relações entre o Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza, no qual ele então lecionava, e os institutos universitários de Hanoi e Ho Chi Minh no Vietnã, mostrando, mais uma vez, o valor dado à ligação entre universidades e a troca científica entre países de Primeiro e de Terceiro Mundo. Interessante notar que, dentre os objetivos gerais da ida ao Vietnã, Berlanda anuncia:

queríamos manifestar a nossa solidariedade com um país que lutou duramente e que - devido ao embargo imposto pelos Estados Unidos - continua excluído da comunidade internacional, com efeitos muito negativos para o seu desenvolvimento econômico e social (BERLANDA, 1994, p. 100).

A passagem revela uma outra faceta do olhar europeu para o Terceiro Mundo, nesse caso, como lugar da revolução possível, contra os interesses capitalistas do bloco liderado pelos Estados Unidos na Guerra Fria. A passagem pelo Vietnã significava que intelectuais europeus estavam a prestar solidariedade justamente ao país que havia saído vitorioso da guerra contra os EUA. Desse ponto de vista, há uma identificação dessa intelectualidade italiana, um país do Primeiro Mundo, com o que se passava em um outro do Terceiro Mundo. Malgrado a própria posição periférica da Itália no

---

<sup>103</sup> Deve ter-se em mente que àquela altura a guerra ainda estava em curso (só acabaria dois anos depois), e que o envolvimento de representantes da Nações Unidas no convênio com a Universidade pode ser lido como uma forma de os Estados Unidos estarem presentes nas discussões no Irã pelo interesse de que a revolução islâmica lá ocorrida não se espalhasse pelo Oriente Médio.

interior do Primeiro Mundo<sup>104</sup>, e o papel dos arquitetos do IUAV nas formulações socialistas e anarquistas, não foi isolado esse posicionamento, já que em países como França ou Inglaterra também havia, em meio à intelectualidade, expectativas em relação não só ao Vietnã como também a Cuba. Tais ambientes revolucionários explicitavam o posicionamento dos governos dos países europeus como aliados incontestes do imperialismo estadunidense.

Entretanto, as ambiguidades e contradições inerentes ao debate intelectual fizeram com que as análises servissem, em certo sentido, para legitimar, de um ponto de vista ideológico, a hesitação da ação estatal na solução dos problemas, o que em último caso, também entendia os limites do modelo do “Segundo Mundo”, o soviético. A precariedade para Berlanda aparece, por exemplo, como a degradação das cidades, com graves problemas de poluição, má gestão da coleta de resíduos e carência de redes de esgoto, dada pela impotência do aparelho de Estado vietnamita frente a um contrabando corriqueiro e espalhado pelo território. Ainda, a contradição maior deste país para ele consistia na incapacidade de a classe política, que vencera invasões japonesas e o imperialismo estadunidense, conseguir criar, em tempos de paz, “as condições para um desenvolvimento econômico e progresso cultural” (BERLANDA, 1994, p. 99).

Já o sociólogo Noel Cannat<sup>105</sup> trata de diversas questões ligadas às metrópoles do final do século XX do ponto de vista das ciências sociais: como algumas dinâmicas sociais desenhariam o ambiente construído das cidades do mundo e quais as possibilidades de contornar certos problemas com ações coletivas, vindas da própria sociedade. Antes de apresentar algumas experiências reais, Cannat (1995) mostra como a gestão das cidades pelo poder público muitas vezes se apoiaria em modelos conceituais inadequados para a resolução de problemas reais, no intuito de “reestabelecer a ordem” perturbada pelo crescimento descontrolado dos assentamentos irregulares nas margens da cidade. Sua crítica inicial destina-se à lógica do desenvolvimento burguês, que por um lado apostaria na racionalidade e na civilização e por outro desvalorizaria práticas populares e a cultura local.

O descrédito que atinge as culturas populares, urbanas ou camponesas, o desprezo pelos analfabetos e pela cultura oral, a inteligência prática e o trabalho manual, a superestimação do cérebro do cálculo, da "expertise", são a outra face do modelo colonial de desenvolvimento [...]. Para ordenar, arranjar, racionalizar, "desenvolver" rapidamente, é preciso excluir a desordem, o inesperado, tudo o que é espontâneo e, portanto, os portadores dessa cultura popular que se quer esmagar

---

<sup>104</sup> Além de se poder dizer que a própria revista *Spazio e Società* tem uma localização “periférica” frente as suas contemporâneas de mesma categoria daquele território - como a *Domus* e a *Casabella* por exemplo -, a Itália e vários outros países dos arquitetos envolvidos no debate (como a Holanda, a Grécia etc.) estariam à margem da grande disputa do CIAM entre franceses e alemães.

<sup>105</sup> Noël Cannat (1927 – 2003) foi um sociólogo francês, graduado em Direito e Economia, autor dos livros *Sous les bidons, la ville... De Manille à Mexico à travers les bidonvilles de l'espoir*. Paris: L'Harmattan, 1988 e *Le pouvoir des exclus: por un nouvel ordre culturel mondial*. Paris: L'Harmattan, 1990, dentre outros.

sob o rolo compressor da "modernidade" (CANNAT, 1995, pp. 72-73, tradução da autora).

Como resultado prático desse descompasso, os “novos cidadãos” das metrópoles (moradores dos “assentamentos não planejados”), não dispendo de apoio legal, ou possibilidade de diálogo com as autoridades, sem direito à moradia digna e sem direito a empregos formais, recorreriam a atividades ilegais ou ao fundamentalismo político ou religioso em busca de restabelecer laços culturais que dariam sentido às suas vidas. Sendo assim, o caminho do fanatismo ou do crime, somados a frustrações diárias, tornariam a violência uma marca social desses lugares. Um dos exemplos dados pelo autor de ações que iriam na contramão dessa lógica de desamparo e exclusão dos mais pobres se daria no nordeste do Brasil, com a proposta desenvolvida pelo Centro de Estudos da Família e da Comunidade, instituto fundado pelos professores da Faculdade de Psiquiatria da Universidade Federal do Ceará Adalberto Barreto e Antonio Mourão Cavalcante.

O projeto de terapia popular posto em prática com os moradores da favela Pirambu, a então maior do Ceará localizada na cidade de Fortaleza, associaria tradição e modernidade ao valorizar a retomada da identidade e das memórias das pessoas em contraposição a uma realidade muitas vezes dura, violenta e fragmentária que poderia ser a vida nas favelas. Um dos resultados do projeto fora a criação de uma casa da memória a partir das histórias orais dos moradores, dos depoimentos de músicos e cantores populares, reforçando os laços sociais na exposição. Um dos objetivos principais do projeto seria o de dar um sentido de comunidade e coesão social para os moradores daquela favela, apostando na cultura como esperança e ferramenta para os “excluídos” das metrópoles, ao tentar recuperar uma identidade e memória muitas vezes negadas por uma modernidade segregadora e excludente. Como se vê, mais uma vez era acionado um imaginário “comunitário” em oposição a políticas estatais massivas. Daí que a cultura e a ação coletiva fossem, talvez, possíveis respostas ao título do texto do sociólogo, “Quais as esperanças para os excluídos da cidade-mundo?”



Figuras 45 e 46: Imagens presentes no texto de Noël Cannat, *Quali speranze per gli esclusi della città-mondo?* (fonte: Spazio e Società, n. 71, 1995, p. 78-79).

Por fim, outros dois casos de assentamentos irregulares são os assuntos principais de dois artigos publicados nos últimos números da *Spazio e Società*. A precariedade física das favelas do Brasil e dos *squatters* do Paquistão de que tratam os artigos são muito semelhantes, mas os autores apresentam diferentes ações que lograram bons resultados em cada caso apresentado.

O texto de Fred Pierce<sup>106</sup> (1997), publicado originalmente em 1996 na revista inglesa *New Scientist*, traz o caso do *squatter* de Orangi, região ao norte da cidade de Karachi – a mais populosa do Paquistão. A pedido do banco BCCI (*Bank of Credit and Commerce International*) no ano de 1980, o professor de sociologia Akhter Hameed Akhan iniciara estudos empíricos em Orangi com o objetivo de elaborar ações que trouxessem melhorias das condições de vida daquela população de quase um milhão de pessoas. Dentre os vários problemas de Orangi, o autor ressalta as péssimas condições sanitárias que potencializavam doenças como tifo, malária, desintéria e sarna, as altas taxas de mortalidade infantil e a analfabetização. Pierce então relata as ações da comunidade local que, instruídas e impulsionadas pelo centro de pesquisa criado pelo professor Akhan, o *Orangi Pilot Project* (OPP), resolveram coletivamente o problema da falta de redes de esgoto. A OPP, que operava sobretudo com auxílio financeiro do BCCI, pesquisara tecnologias e tubulações de esgotos padronizadas e mais baratas, que pudessem ser produzidas e instaladas de maneira mais simples e que melhor se adaptassem à situação social e física daquela comunidade. Uma vez testado o novo sistema, e com as tubulações sendo produzidas pela própria OPP, os resultados foram discutidos com representantes das famílias e trabalhadores da construção civil locais que se organizaram, compraram e instalaram os materiais e reservatórios aos poucos, sendo treinados e apoiados pelo projeto de Akhan.

---

<sup>106</sup> Fred Pierce (1951) é um jornalista inglês e, desde o começo da década de 1990, um especialista em meio ambiente, tendo sido consultor em mais de 80 países. Autor de diversos livros, atualmente é colunista regular da revista inglesa *New Scientist*, escreve para outros periódicos ingleses importantes como o *The Guardian*, *The Independent*, *Daily Telegraph* e *Times Higher Education*, e para periódicos estadunidenses.



Figuras 47 e 48: Tampas de bueiros dos esgotos construídos pelos próprios habitantes no squatter de Orangi, em Karachi, Paquistão, do texto de Fred Pierce (fonte: Spazio e Società, n. 77, 1997, p. 46 e 48).

Antes de relatar outras ações do OPP, que após o sucesso das novas redes de esgoto contribuiu para melhorias nas áreas da habitação, educação e assistência social, o jornalista chama a atenção para uma diferença fundamental de abordagens entre projetos para aquela área. No início dos anos 1980, Pearce relembra que a ONU também lançara um projeto para Orangi, envolvendo empresas tradicionais. Representantes do órgão internacional, em visita ao assentamento precário de Karachi, julgaram o modo de fazer praticado e sugerido pelo OPP desorganizado, sem planos gerais e muito lentos, uma vez que a rede vinha sendo instalada aos poucos cada vez que os moradores de cada rua se organizavam para construir. Entretanto, o plano proposto pelo órgão internacional não durou mais de cinco anos, dados os inúmeros empecilhos burocráticos, a má execução e má manutenção da rede instalada. Mais uma vez as práticas coletivas, que envolveriam os usuários nas discussões, tomadas de decisões e execução das obras, apareceram na Spazio e Società como mais eficientes em territórios do Terceiro Mundo.

Por último, Mauro Manfin<sup>107</sup> (2000) também escreve sobre melhorias em assentamentos irregulares, mas, na direção oposta dos demais artigos, trata das favelas do Rio de Janeiro e as ações de requalificação postas em prática por iniciativa do poder municipal. Novamente a precariedade aparece atrelada ao fenômeno das favelas, encaradas como problemas das grandes metrópoles da América Latina, e descritas como “lugares congestionados, exemplos da expansão

---

<sup>107</sup> Mauro Manfrin (1963) graduou-se pelo Politécnico de Milão em 1988. De 1986 a 2000 foi colaborador da Spazio e Società e do estúdio de Giancarlo De Carlo em Milão.



danosa das cidades modernas onde as classes mais pobres vivem em condições deploráveis e a integração é difícil” (MANFRIN, 2000, p. 15).

Diferente das ações que mobilizaram ações coletivas - “de baixo para cima” - apresentadas por Cannat (1995) e Pierce (1997), Manfrin (2000) trata de ações públicas que vinham ocorrendo desde 1993 na cidade do Rio de Janeiro a fim de reestruturar favelas e recuperar áreas degradadas urbanas. As iniciativas partiram, em sua maioria, do PROAP (Programa de Urbanização de Assentamentos Populares do Rio de Janeiro, popularmente conhecido como Favela-Bairro), idealizadas pela municipalidade e postas em prática com o auxílio de entes privados, que visavam integrar as favelas à cidade formal e melhorar as condições de habitabilidade e de vida da população de baixa renda. Alguns dos programas apresentados foram o Projeto Bairrinho de 1997, o Programa “Grandes Favelas” e o Projeto “Morar sem risco” de 1994, este com o foco nos moradores de rua.



Figuras 49 e 50: Imagens do texto de Mauro Manfrin sobre as favelas do Rio de Janeiro (fonte: Spazio e Società, n. 90, 1995, p. 23).

De maneira geral, as dimensões da precariedade que se relacionam com o campo da arquitetura e do urbanismo na Spazio e Società estão frequentemente ligadas ao problema da habitação urbana. Os tópicos da pobreza e da carência aparecem ligados a uma população migrante que causaria a superlotação dos centros urbanos – os “pobres da cidade” -, que encontrariam meios para a sua sobrevivência nesses locais com iniciativa própria. Os resultados de tais iniciativas dos pobres da cidade, que traduzem imensas desigualdades sociais materialmente no tecido urbano dividido entre a “cidade formal” e as *bidonvilles*, *squatters*, *slums* e favelas, foram vistos ora como pragas sociais, ora como alternativas para novas abordagens no âmbito habitacional e modelos de práticas coletivas de grande interesse. Os autores da revista parecem tender à segunda opção, valorizando as

experiências participativas locais como mais eficazes na resolução e no enfrentamento dos problemas urbanos.

### 2.2.2. Elementos, materiais e técnicas locais



Figura 51: A preparação dos tijolos, Egito (fonte: Spazio e Società, n. 17, 1982).

Como já mencionado anteriormente, os aspectos construtivos da arquitetura, envolvendo materiais e técnicas, estiveram presentes nos debates das décadas de 1950 e 1960, quando se iniciam formulações mais sistemáticas no sentido de denunciar os limites da abstração moderna, e de sua pretensa universalidade. A ideia de construção de lugar e de território aparecem então para tensionar e propor novo equilíbrio entre a internacionalização da arquitetura e suas dimensões propriamente locais.

As análises a seguir tratam de textos da Spazio e Società nos quais são apresentados projetos arquitetônicos que têm como foco essa relação entre o universal e o local de um ponto de vista material e construtivo. A preocupação com o clima, a geografia e os poucos recursos para adquirir materiais e equipamentos tidos como mais modernos aparecem na maior parte dos textos, em uma relação direta com esse aspecto. Outro tópico recorrente no conjunto de textos é o reconhecimento e valorização – por parte de alguns - de técnicas vernaculares e tradicionais, por se apresentarem tanto como soluções eficazes para problemas materiais, quanto por pertencerem a um conjunto simbólico da cultura dos povos em questão.

Os textos do autor Attilio Petruccioli<sup>108</sup> se destacam nesta seção pois, ainda que tenham sido publicados em diferentes momentos da revista, têm assuntos e formatos muito semelhantes e

---

<sup>108</sup> Attilio Petruccioli possui diploma de arquiteto pela *Università di Roma La Sapienza* (1970) e diploma em Estudos Orientais pela *University of Venice Cà Foscari* (1980), envolvendo-se desde a sua formação com a

trazem debates pertinentes. Os primeiros tratam do arquiteto indiano Balkrishna Doshi, com uma entrevista e um texto introdutório à obra dele, publicados em 1978, cujo tema principal é tradição e tecnologia na arquitetura indiana. Para o autor, em um contexto contemporâneo, em que o Ocidente teria perdido as certezas do movimento moderno, as soluções para esse impasse no campo da pesquisa arquitetônica caminhariam em duas direções distintas: no Ocidente haveria uma pluralidade de fenômenos arquitetônicos diferentes entre si, e nos países em desenvolvimento, a importação e aceitação passiva de tecnologias e linguagens estrangeiras. Nesta conjuntura, a condição da Índia é então valorizada por ter uma cultura milenar que soube absorver partes das culturas de seus invasores, de modo a criar modelos com aquilo que fosse conveniente. Para Doshi, no campo do projeto arquitetônico, existiria uma ordem essencial formalizada em tratados medievais, com leis que direcionariam a construção de templos e cidades<sup>109</sup>, a partir dos quais os arquitetos conceberiam inúmeras possibilidades de desenho.

Seguindo uma ordem cronológica, outro texto pertinente a esta seção trata da concepção e construção de uma universidade no Irã, a *Bu-Ali Sina University* (escrita na *Spazio e Società* como “Bou-Ali Sina”), na cidade de Hamadã, localizada a 300 quilômetros a sudoeste da capital Teerã. Publicado também em 1978, trata-se de um texto de Georges Candilis, que projetou o campus junto a um escritório iraniano a pedido do Ministério da Educação Superior, em que ele explica os processos de desenvolvimento de dois projetos para a Universidade. Previsto para se localizar em uma espécie de encosta bem próxima à cidade, o primeiro desenho teria sido desenvolvido segundo três princípios: preservar ao máximo a vegetação existente e integrar os edifícios à disposição natural do terreno, traçar um plano para a realização de núcleos sucessivos, para o caso de expansão do campus, e se inspirar na arquitetura tradicional da cidade, particularmente no bazar e nos antigos caravancherais. “Os caravancherais são edifícios polivalentes de dois níveis (troca de ideias e produtos

---

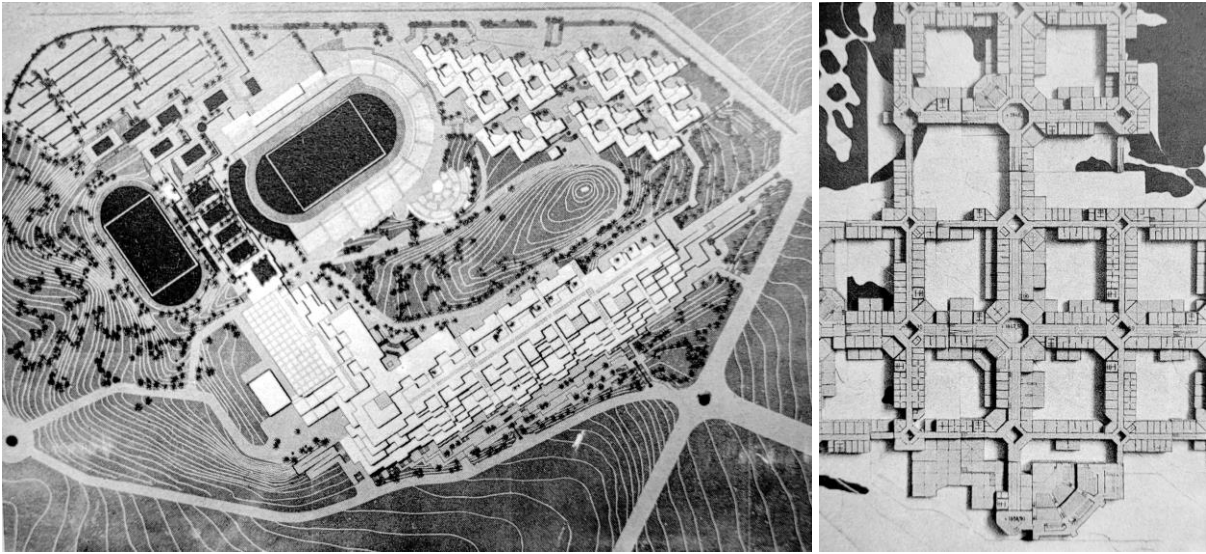
pesquisa em projeto e história da arquitetura islâmica. Em meados dos anos 1970, começou a prestar consultoria na área de patrimônio islâmico e desenvolvimento em diversos países árabes, dentre eles Argélia, Egito, Palestina e Arábia Saudita. É redator da *Spazio e Società* por praticamente todo o tempo de existência da revista (seu último artigo é de 1999), e de seus onze textos publicados, apenas um não trata da arquitetura e cultura de países não-ocidentais. Escreveu sobre e entrevistou o arquiteto indiano Balkrishna Doshi (1978), o egípcio Hassan Fathy (1982), o egípcio Abel Wahed El Wakil (1985) e os indianos Uttam Jaim e Anand Raje (1986). É autor de 34 livros e mais de 200 artigos sobre os tópicos acima mencionados, e lecionou em universidades italianas, na *Qatar University*, e em *Harvard* e no *MIT*, nos EUA.

<sup>109</sup> O arquiteto se refere aos princípios relacionados à arquitetura (*Vastushastra*, a ciência de construir) criados e registrados em um contexto de florescimento cultural do hinduísmo na Índia, entre os séculos IV e VI d.C. Haveria um rico patrimônio de escritos sânscritos sobre o tema por todo o país que não teria sido sistematicamente classificado e valorizado – textos sobre cada aspecto da ciência da construção, como técnicas de análise do terreno, orientação, medidas e proporções, astrologia e cerimônias associadas à construção de edifícios -. Na revista de n. 60 da *Spazio e Società* (1992), em uma seção intitulada “A Sabedoria dos Antigos”, há uma série de textos sobre tal tema, destacando-se as redações “Espaço, tempo e natureza na arquitetura indiana” (Madhu Khanna), “O Vastu moderno” (Sumeeta Srinivasan) e “O público, o privado e o sagrado” (Charles Correa).

no térreo, alojamento no primeiro andar). Estão ligados entre si por um labirinto de ruelas muito animadas, com lojas, mesquitas, escolas, banheiros etc., e outras funções urbanas. O todo constitui o bazar” (CANDILIS, 1978, p. 18).

A concepção da universidade teria se dado a partir do esquema do bazar, com os departamentos pedagógicos separados por módulos como os caravançais, e a conexão entre eles seria por meio de serviços comuns como a biblioteca, anfiteatros, escritórios administrativos etc. Os outros três setores além da universidade – os alojamentos dos estudantes, habitações para professores e o centro esportivo - desenvolver-se-iam em um ambiente com outros tipos de atividades urbanas e seriam mais acessíveis aos outros habitantes de Hamadã, a fim de garantir uma relação maior entre o campus e a cidade existente.

Candilis (1978) relata que tal projeto foi aceito, mas a proposta de que a sua construção fosse feita pelos artesãos e trabalhadores locais, aproveitando suas técnicas tradicionais e uso de materiais como o tijolo, foi rejeitada. O motivo seria que o Irã, naquele momento vivendo o boom do petróleo, buscava se tornar em pouco tempo um país desenvolvido e industrializado e, para isso, acreditava que deveriam ser convocados os melhores engenheiros do mundo e que fossem utilizadas as tecnologias mais avançadas existentes. Convocados profissionais dos Estados Unidos para que a proposta fosse modernizada ao seu máximo, a concepção inicial do projeto perdeu a relação que estabelecia entre o desenho e a sua materialização: cada equipe teria ficado com um setor do projeto, tornando este, nas palavras do autor, em um “monstro tecnológico” que por fim não encontrou meios financeiros nem materiais para a sua construção e foi abandonado. Frente a essa impossibilidade, Candilis e a mesma equipe iraniana (*Mandala Associates*) foram novamente convocados e desenharam um novo projeto já para outro local, uma área plana e mais afastada da cidade, que foi construído seguindo uma grelha, por módulos. Para Candilis, o único aspecto negativo da mudança de lugar seria o afastamento da cidade, que impossibilitava uma relação maior entre o campus e a cidade, pois ainda que o novo desenho fosse concebido em uma grelha modular, continuaria próximo ao esquema espacial dos caravançais. Vê-se, nessa passagem, os conflitos geopolíticos gerados pela expansão da tecnologia em termos mundiais. Os arquitetos certamente estão buscando certa conciliação entre a abstração universalizante e os materiais e processos construtivos locais, entretanto, as disputas políticas e econômicas em chave anti-imperialista impõem governos a competir sobre o domínio das técnicas mais avançadas em termos mundiais, nem sempre adequadas à cultura local.



Figuras 52 e 53: Dois projetos para a Universidade Bou-Ali Sina, no Irã. A primeira figura apresenta a planimetria geral da primeira proposta; a segunda, detalhe dos módulos para uma área destinada a atividades didáticas (fonte: Spazio e Società, n. 4, 1978, p. 18 e 4).

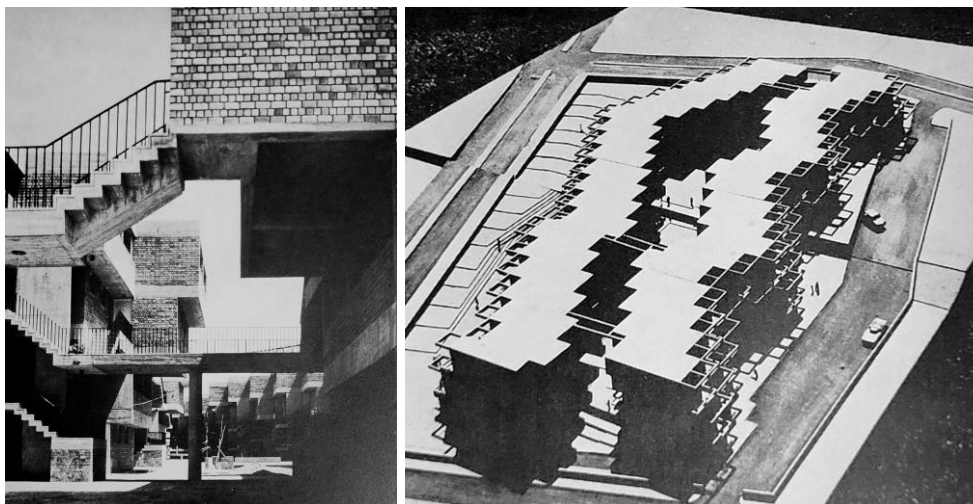
Outra questão importante trazida pelo texto e que aparecerá em outros sobre o Terceiro Mundo na Spazio e Società, é a maneira como certos materiais (o concreto, o aço e o vidro) pareciam pairar no imaginário das elites e dos governantes dos países subdesenvolvidos, como símbolo tecnológico e caminho para o desenvolvimento. No caso do texto de Candilis, a vontade dos chefes de Estado de industrializarem seu país para se aproximar do Primeiro Mundo passava pela representação arquitetônica, visível na sua materialidade. A tecnologia e os materiais mais “modernos” seriam um símbolo concreto de desenvolvimento e progresso priorizados em detrimento da mão de obra artesã local e do uso de materiais mais acessíveis (no sentido físico e financeiro).

“Usar o passado para inventar o futuro” é o título dado por Charles Correa<sup>110</sup> (1981) ao texto em que ele, também analisando as condicionantes e cultura locais, trata essencialmente da arquitetura na Índia e de algumas questões que deveriam permear o pensamento arquitetônico nos países asiáticos do Terceiro Mundo segundo ele. O argumento central da sua introdução é o de que em países asiáticos de clima quente, as pessoas possuiriam uma relação mais próxima com as formas arquitetônicas, por uma grande herança cultural ou pelas altas temperaturas, levando os arquitetos do presente a projetarem para o futuro olhando para os elementos que tiveram êxito no passado. A descrição dos três projetos exibidos em seguida destaca justamente elementos e formas que dariam qualidade ao projeto. O conjunto habitacional *Tara Group Housing* (Nova Deli, 1979) fora pensado

---

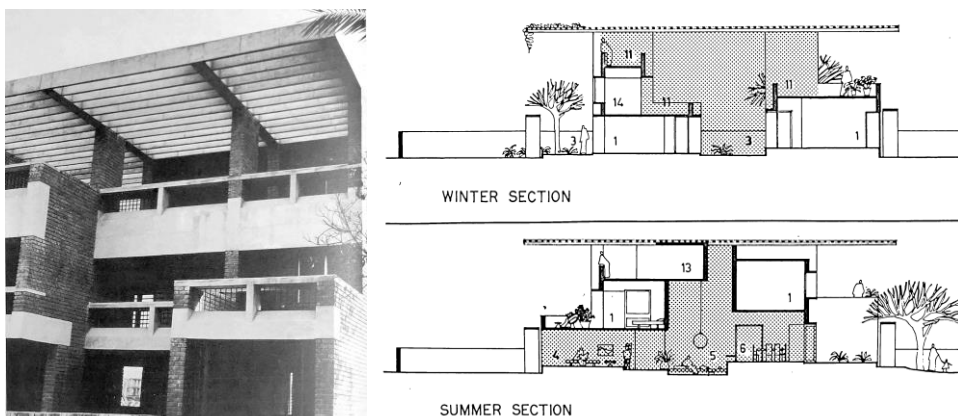
<sup>110</sup> Charles Correa (1930 – 2015) foi um arquiteto e urbanista indiano. Desenvolveu seus estudos superiores nos Estados Unidos, estudando na *University of Bombay* (1946-48), *University of Michigan*, onde obteve seu bacharelado em 1953, e no *Massachusetts Institute of Technology*, finalizando seu percurso de formação em 1955. Em 1958 estabeleceu seu escritório profissional em Mumbai e ficou conhecido pela sua sensibilidade para com as necessidades das classes mais pobres das cidades e pela prática de métodos e materiais tradicionais. Fundou a *Charles Correa Foundation*, que visava a promoção e financiamento de projetos humanitários na Índia.

para se desenvolver em torno de uma praça central, parcialmente coberta por um elemento pergolado e com uma fonte de água corrente, para refrescar a temperatura e umidificar o ar nos dias mais quentes. Cada unidade de moradia, embora de área reduzida, possuía um pé direito de 3 metros, aberturas na parte superior para uma melhor ventilação natural e um pequeno terraço.



Figuras 54 e 55: Foto e maquete do conjunto *Tara Group Housing* em Nova Delhi, 1979 (fonte: *Spazio e Società*, n. 15/16, 1981, p. 57 e 59).

Já o Museu do Artesanato (Nova Deli, 1979) se destacaria pelo seu teto-jardim e por sua lógica projetual, inspirada em “grandes templos do passado” como os de Bali e de Borobudur (Indonésia). Por fim, o arquiteto evidencia o grande elemento vazado da cobertura da Casa Parekh (cidade de Ahmedabad, estado de Gujarat, 1968), situada próxima ao deserto da região do Rajastão, projetada em duas partes: a ala de verão, pensada como uma pirâmide para compensar o clima quente<sup>111</sup>, e a ala de inverno, projetada como uma pirâmide invertida aberta na parte superior, servindo para os dias de temperatura mais amena e noites de verão.



Figuras 56 e 57: Casa Parekh: vista externa e seções de inverno e verão (fonte: *Spazio e Società*, n. 15/16, 1981, p. 62 e 63).

<sup>111</sup> Na região de Gujarat, situada na porção oeste da Índia, a temperatura anual média é de 27°C com picos que podem chegar a 40°C no verão, e pouquíssimas chuvas durante os meses de junho a setembro.

Alguns textos desta seção tratam de arquitetos notórios pela busca por formas de fazer e pensar a arquitetura de maneira profundamente conectada ao seu lugar. Lawrence Baker (1917-2007), arquiteto indiano nascido no Reino Unido, é um desses casos. “A riqueza dos recursos pobres” é o título dado por Robin Spence<sup>112</sup> (1981) que mostra como Baker ficou conhecido na Índia pela sua forma diferente e econômica de construir, preferindo materiais como tijolo, cal, telha e madeira, facilmente disponíveis na região ou simples de se produzir com a mão-de-obra local. Após mais de vinte anos trabalhando com populações muito pobres em regiões rurais no extremo norte e extremo sul do país, Baker incorporaria também métodos para a máxima eficácia daqueles materiais nos seus projetos. Naquele momento de início dos anos 1980, o arquiteto já teria vindo de um intenso período de trabalho junto a comunidades mais afastadas nas colinas ao sul do estado de Querala e se encontrava morando e trabalhando sobretudo na capital do estado, Trivandrum. Embora uma parte da arquitetura moderna na Índia seguisse, de modo geral, as tendências europeias, japonesas e estadunidenses, e fosse baseada prevalentemente em elementos pré-fabricados e materiais como cimento, concreto, aço e vidro – escassos e caros para a economia indiana -, Spence (1981) mostra como Baker adapta suas formas aos modos de vida locais e principalmente ao clima.

Com exemplos do trabalho do arquiteto em Querala, região quente e úmida, o autor menciona a adoção do telhado inclinado que, dentre suas qualidades, pode avançar a linha das paredes e sombrear janelas, tornando desnecessário o uso de elementos como o brise-soleil. A técnica de disposição dos tijolos que se tornou característica da arquitetura de Baker e que ganha destaque no texto é chamada de *jali*. Composta por pequenas aberturas nas paredes de alvenaria que permitem a ventilação e iluminação naturais, a técnica eliminaria a necessidade de peitoris e caixilhos de janelas, vidro e persianas, reduzindo o custo dos edifícios, além de oferecer possibilidades de tratamento decorativo das superfícies. Outra forma de adaptar os recursos locais à construção seria a utilização de cal e pozolana<sup>113</sup> na composição da argamassa entre os tijolos, uma vez que Baker não aplicava reboco ou cimento em seus muros. Para uma maior rigidez estrutural, o autor detalha que o arquiteto também inova; ao contrário de aumentar a espessura das paredes ou valer-se de armadura, constrói em curvas, conecta paredes transversais ou usa a alvenaria inclinada (SPENCE, 1981). Baker projetava dessa forma tanto para projetos de habitação social e em povoados rurais quanto em propostas de clientes de classe média, como seu projeto da Casa do Professor. Uma das

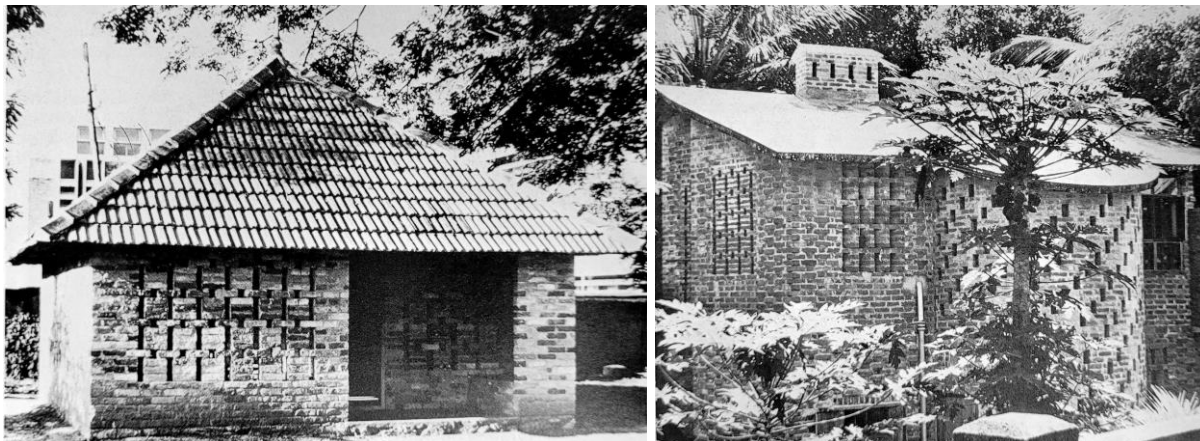
---

<sup>112</sup> Robin Spence (1938-2017) foi um engenheiro de estruturas inglês, graduado pela *University of Cambridge*, onde também foi professor emérito. É autor, dentre outras, das obras **Small-scale production of cementitious materials** (Rugby, Reino Unido, Intermediate Technology Publications, 1980) e **Jobs from housing: employment, Building materials, and enabling strategies for urban development** (escrito com os autores Jill Wells e Eric Dudley e publicado pela mesma editora em 1993).

<sup>113</sup> Embora o termo pozolana se refira originalmente um material derivado de rochas vulcânicas de uma região específica da Itália, sua designação se alargou para outros materiais que não necessariamente sejam locais daquele país.



críticas que recebia era a que sua arquitetura não poderia ser replicável em grande escala, dadas as grandes diferenças climáticas e geográficas do grande território indiano, o que reforça de certo modo o valor dado pelo arquiteto ao lugar.



Figuras 58 e 59: Projetos de Lawrence Baker: uma típica casa de baixo custo (32,5 m<sup>2</sup>) e a Casa do Professor, ambas com telhado inclinado e com paredes externas em *jali*. Querala, Índia (fonte: Spazio e Società, n. 15/16, 1981, p.67 e 68).

A trajetória profissional do arquiteto egípcio Hassan Fathy estaria inserida no movimento do ‘self-help’, de arquitetos cujas soluções projetuais para o problema da moradia de baixo custo em países pobres contariam com a participação dos futuros moradores. Chamado de “poeta dos tijolos crus” na Spazio e Società, Fathy aparece na revista como um arquiteto que, embora formado pelo sistema de ensino da Escola de Belas Artes francesa, tornara-se notório por suas obras que integrariam o resgate de técnicas construtivas e formas arquitetônicas tradicionais, e o uso de materiais como o tijolo de adobe. Attilio Petruccioli (1982) novamente faz uma espécie de balanço da carreira do arquiteto, após o sucesso do seu livro *Construire avec le peuple* (1969) que reverberou por toda a década seguinte à sua publicação, entrevista-o, participando, assim, do movimento de renovação do interesse pela terra como material de construção naquele início dos anos 1980<sup>114</sup>.

No primeiro artigo, o autor descreve as experiências de três dos projetos de Fathy em áreas rurais do Egito que se destacariam por conter os princípios mais importantes no modo de trabalhar do arquiteto: a aldeia de Nova Gourna (iniciada em meados da década de 1940), a escola Farès (1956), e a aldeia cooperativa de Bariz (meados da década de 1960). Sobre a mais famosa delas, Nova Gourna, o autor relembra que Fathy, estudando os modos de vida de povos autóctones pelo território egípcio, conclui que a beleza e qualidade das casas reside no fato de elas terem sido construídas e ornadas pelos seus donos, ou seja, o arquiteto entende que haveria uma valorização

---

<sup>114</sup> Sobre esse interesse, Petruccioli menciona também uma exposição sobre a terra como elemento construtivo no Centre Georges Pompidou, em Paris, da qual resultou o livro de Jean Dethier, **Down to Earth: mud architecture. An old idea, a new future. Based on an exhibition at the Centre Georges Pompidou**. Thames & Hudson: Londres, 1982.

maior naquilo que o homem produz com as suas próprias mãos. Isso, somado às vantagens econômicas e tecnológicas de se usar a terra como material para a construção, são pontos chave no seu trabalho com as comunidades rurais. Das três experiências elencadas, destaca-se o novo vilarejo de Gourna, cujo projeto, que não foi construído na sua totalidade, contava com espaços importantes para aquela cultura como a mesquita, uma igreja copta<sup>115</sup>, o *khan*<sup>116</sup>, uma escola para o ensino de técnicas artesanais tradicionais e o banho turco. As habitações também foram pensadas segundo as tradições locais em diálogo com elementos modernos, resultando em inovações tipológicas: o autor descreve um pátio central em torno do qual se localizam a lavanderia, banheiros e uma varanda (*loggia*) para refeições, o piso térreo com quarto de hóspedes e estábulo, e o andar superior com os outros quartos, dispostos sob um módulo abobadado com planta livre sempre que possível.



Figura 60: Vista da aldeia de Nova Gourna, de Hassan Fathy (fonte: Spazio e Società, n. 17, 1982, p.46).

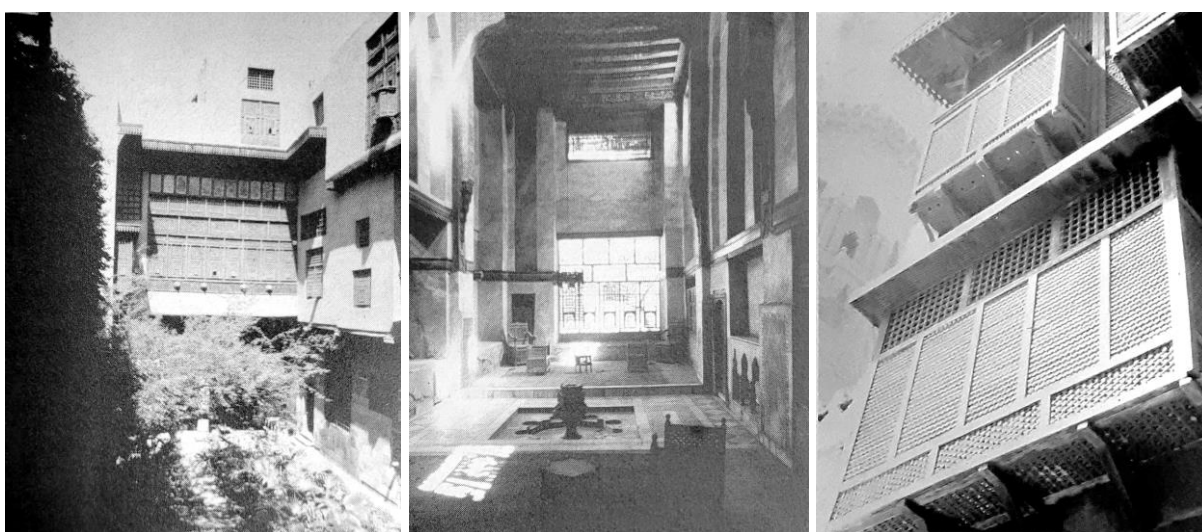
Por fim, vale ressaltar da entrevista de Fathy a crítica que ele faz à “assim chamada arquitetura moderna”, notadamente a um modelo de arquitetura ocidental, e alguns materiais utilizados, como

---

<sup>115</sup> Instituição cristã ortodoxa, uma das igrejas da ortodoxia oriental mais antigas do mundo, separada da Igreja Católica Ortodoxa e da Igreja Católica Apostólica Romana.

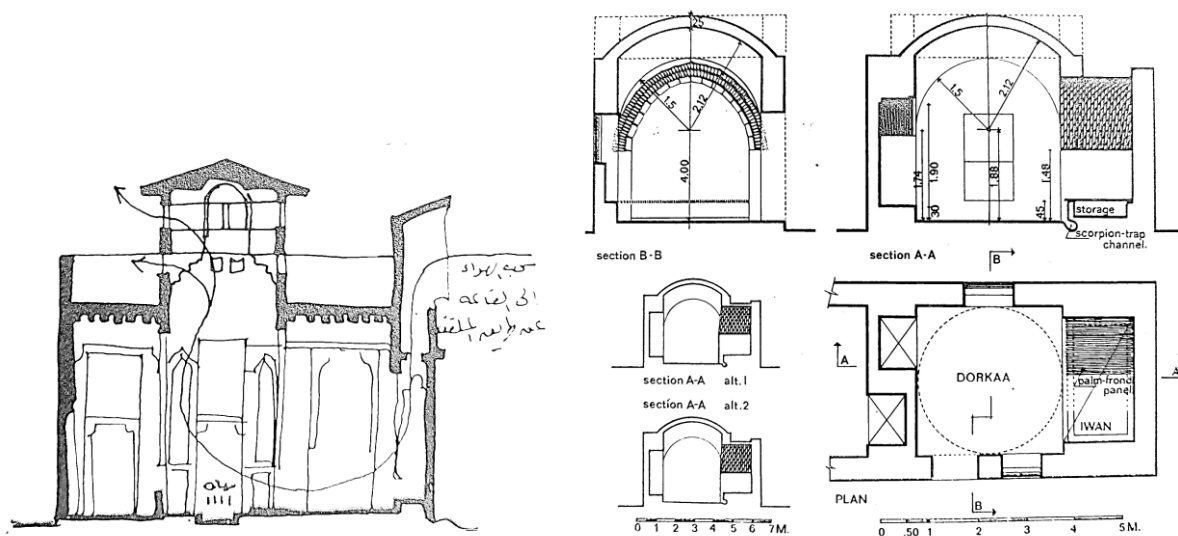
<sup>116</sup> *Khan*, ou *cã*, é um “tipo de pousada outrora encontrada no Oriente Médio e partes do norte da África e da Ásia Central que funcionava efetivamente como um centro comercial e albergue. Um pátio quadrado era cercado por fileiras de quartos de alojamento conectados, geralmente em dois níveis e com arcadas. Embora algum espaço estável fosse fornecido, o *cã* era destinado principalmente às pessoas, fornecendo comida e abrigo para viajantes e comerciantes. [...] No século 16, sob o domínio otomano, os *cãs* se tornaram uma característica de um complexo maior que poderia incluir uma mesquita, uma fortaleza, um banho e outras comodidades” (fonte: Enciclopédia Britannica <<https://www.britannica.com/technology/khan-architecture>>. Acesso em 08/12/2022).

o cimento, o concreto e o vidro. O arquiteto desaprovava a influência que a cultura arquitetônica ocidental das primeiras décadas do século XX teria sobre os arquitetos árabes, que se afastariam da sua própria cultura e seus símbolos, abandonando soluções arquitetônicas tradicionais e materiais economicamente mais viáveis. Como exemplos, o arquiteto menciona o *malkaf*, um sistema passivo de ventilação natural e resfriamento dos ambientes internos que existiria desde 1400 a.C., tempo dos faraós, substituído pelo ar-condicionado; a *Qa'a* e o sistema d'água que compõem o *salsabil*, trocados por salas comuns de estar. Estes últimos elementos, bem como a *mashrabiya* e a *Dorga'a* mencionados, não são explicados pelo autor, mas aparecem em imagens e desenhos nas páginas da entrevista<sup>117</sup>.



Figuras 61, 62 e 63: “Uma casa em Cairo da época mameluca e seus elementos principais: a corte interna, a *Qa'a* e a *mashrabiya*” (fonte: Spazio e Società, n. 17, 1982, p.56 e 58).

<sup>117</sup> Exceto o *salsabil*, que não aparece nas imagens. “Um *salsabil* típico consiste em um bico de água na parede traseira de um *iwan* [uma sala retangular geralmente abobadada]; uma laje de mármore esculpida inclinada chamada *shadirwan* na qual a água flui; um canal longo e fino que atravessa o meio do *iwan*; e uma piscina no meio do pátio por onde corre a água do *salsabil*”. TABBAA, Yasser. The “Salsabil” and “Shadirwan” in Medieval Islamic Courtyards. In: **Environmental Design: Journal of the Islamic Environmental Design Research Centre 1**, editado por Attilo Petruccioli, Roma: Carucci Editions, 1986. p. 34-37. Disponível online em <<https://www.archnet.org/publications/4348>>. Acesso em 23 de dez. 2022.



Figuras 64 e 65: Esquema de ventilação com o ar entrando por um *malkaf* à direita, passando pela *Dorga'a* e saindo por lanternins. Planta e cortes do “princípio da Qa'a aplicado às construções rurais por Hassan Fathy” (fonte: Spazio e Società, n. 17, 1982, p.59).

Os textos de Spence (1981) sobre Lawrence Baker e de Pettrucioli (1982) sobre Hassan Fathy têm muitos pontos em comum, mas há um que se sobressai: mais uma vez, os autores apontam para as dificuldades de aceitação das elites e de alguns governantes desse fazer arquitetônico mais próximo de técnicas e materiais locais por não acreditarem que esse seria um caminho para o desenvolvimento. No caso de Baker, a rejeição das suas obras viria mais especificamente dos engenheiros do Estado, temerosos de perder seus postos e críticos à sua arquitetura, que julgavam não ser duradoura, pois os materiais empregados, para eles, eram muito simples e não aguentariam as intempéries. No caso de Fathy, a rejeição viria do “mundo burocrático”, de uma pequena burguesia estatal. De todo modo, mais uma vez, formas modernas europeias pretensamente universais serviriam de modelo e seriam mais bem aceitas por certos grupos, sobretudo os governantes, que almejavam aderir à modernidade dos novos materiais e técnicas, porque, de certo modo, a ideia de que o Terceiro Mundo era o lugar do primitivo, do resguardo desses materiais vernaculares e dos métodos construtivos artesanais pairava no imaginário. Nesse sentido, a tensão entre o universal e o local parece estar sempre presente nesse conjunto de textos, com um certo estigma com o local por parte de elites e governantes, e uma busca por parte dos arquitetos de responder às necessidades locais com meios possíveis.

Três anos após essa publicação, Petruccioli (1985) entrevista outro arquiteto egípcio, Abdel Wahed El Wakil<sup>118</sup>, que relacionou os temas tecnologia e arquitetura a um fato importante que marcou a

<sup>118</sup> Abdel-Wahed El-Wakil (1943) é um arquiteto egípcio graduado pela *Ain-Shams University*, no Cairo, onde ele lecionou no Departamento de Arquitetura de 1965 a 1970. Tornou-se notório por seus projetos, principalmente de mesquitas na Arábia Saudita, ganhando o prêmio de arquitetura em sociedades islâmicas Aga Khan em 1989 com o projeto da Corniche Mosque, construída em 1986 na cidade de Jeddah, Arábia Saudita.

década de 1970: a crise do petróleo de 1973. Por conta dela, vozes como a de Fathy que evidenciavam a necessidade de trabalhar com elementos locais e tradicionais na arquitetura, ganharam ainda mais força. El-Wakil trabalhou por alguns anos com Fathy e a partir dessa experiência, aprofundou suas pesquisas sobre as formas e estrutura tradicionais da arquitetura islâmica, sendo favorável à sua integração a outros sistemas mais modernos de construção e de projeto sempre que possível. Um exemplo dado pelo arquiteto das suas experimentações estruturais foi a construção de cúpulas, um dos elementos mais notórios da arquitetura de países de maioria islâmica que nas obras de El-Wakil são construídas com diferentes tipos de tijolo e malta, com várias combinações de cúpulas e arcos, e vãos de cúpula mais largos. O arquiteto também menciona que desde a crise energética de 1973, busca aliar técnicas tradicionais como as torres de vento, a utilização de água, parede mais grossas de tijolos e cúpulas, a sistemas mecânicos de controle climático a fim de diminuir ao máximo o uso de recursos energéticos não renováveis no resfriamento do ar nas regiões de clima quente e seco como no norte da África e no Oriente Médio.



Figura 66: Cúpulas em construção, projeto do arquiteto egípcio Abdel Wahed El Wakil, década de 1980 (fonte: Spazio e Società, n. 29, 1985., p. 95).

O tema do nomadismo, prática historicamente comum nas zonas áridas da África e Ásia, é o ponto central de um dos artigos sobre o Terceiro Mundo. O texto escrito por Walter Barbero<sup>119</sup> (1982)

---

<sup>119</sup> Walter Barbero (1941-2010) foi um arquiteto, professor e fotógrafo, graduado pelo Politécnico de Milão. Lecionou na mesma instituição de 1973 a 2006. A década de 1980 foi muito rica em atividades de pesquisa acadêmica e projetuais, principalmente pelo seu envolvimento com projetos de cooperação internacional. Nesse âmbito, destacam-se a pesquisa sobre sistemas de assentamento humano no Burundi (1984), o projeto-pesquisa em escala urbana na Tunísia (de 1987 a 1990) – cinco anos após a publicação do seu texto

sobre a Tunísia é também um dos que mais detalhadamente mostra como o colonialismo e as práticas modernas influenciaram negativamente o equilíbrio dos sistemas econômico, social e cultural seculares de uma região, a partir da aceleração dos processos de sedentarização dos povos nômades em finais do século XIX. Tal aceleração teria se iniciado com os franceses, que ocuparam a Tunísia em 1883 e a colonizaram até a sua independência em 1956, e depois com o próprio Estado independente, visando o desenvolvimento do país nos termos das nações industrializadas.

O autor então traça um panorama esmiuçado de tais processos que vinham ocorrendo lentamente desde o século XII por conta de mudanças sociais que se refletiam nos modos de vida locais, nas construções arquitetônicas e dinâmicas espaciais. Dessa narrativa, destacam-se dois povos: os berberes, de vocação agrícola-urbana, que ocupavam as porções norte do território, os altos relevos e montanhas e os grandes oásis, e os beduínos, povos nômades árabes que dominavam as planícies centrais e as áreas pré-desérticas do Sul, de práticas pastoril e guerreira. De maneira geral, Barbero (1982) mostra as diferenças nos assentamentos desses dois grupos. Os berberes desenvolveram sistemas de irrigação das encostas para tornar os relevos cultiváveis e aldeias fortificadas segundo padrões urbanos romanos e bizantinos. Nos relevos ao norte do Dahar<sup>120</sup>, localizar-se-iam aldeias construídas em pedra (com tipologias habitacionais, mercados e uma mesquita, ligadas por corredores estreitos formando quarteirões de planta irregular) e amuralhadas, as *kasbahs*, e ao sul da cadeia de montanhas, a tipologia conhecida como *kalaa* (a cidadela-celeiro, um agregado de tipologias base chamadas *ghorfes*: células-silo de planta retangular, com teto em arco e entrada pelo lado mais curto) (BARBERO, 1982, p. 15-16). Em um certo momento da história, surgiram possibilidades de integração entre os povos berberes e tribos nômades que envolviam a troca de produtos e proteção contra invasões, culminando nos “contratos de amizade”.

---

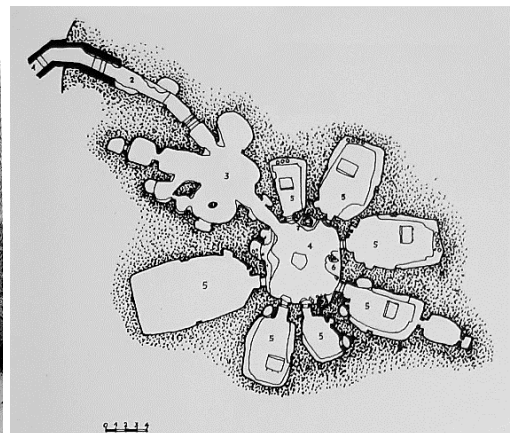
sobre os assentamentos dos nômades na Tunísia na Spazio e Società -, e a direção do curso de aperfeiçoamento “Estudo e recuperação dos centros históricos” nos anos de 1989, 90 e 91, cujos projetos foram parcialmente realizados pela prefeitura do Rio de Janeiro. (informações retiradas do site do arquiteto, criado para divulgação da sua obra em vida <<http://www.walterbarbero.it/tre-biografie/>>. Acesso em 13 jan. 2023).

<sup>120</sup> Djebel Dahar é o nome de uma cadeia de montanhas baixas situada na porção sul da Tunísia, que se expande em um eixo norte-sul.



Figura 67: Aldeia fortificada berbere de Zraoua, Tunísia (fonte: Spazio e Società, n. 20, 1982, p. 13).

Os contratos de amizade teriam sido marcos pacificadores entre tribos, que incidiram sobre o território de modo que as muralhas de proteção foram perdendo sua grande importância. Os silos continuariam murados e passariam a estocar também os alimentos das tribos nômades “amigas”. Já as tipologias habitacionais berberes mudaram quase que radicalmente, tornando-se uma espécie de casa-caverna denominada troglodita. Barbero (1982) descreve dois tipos semelhantes, dos quais destaca-se o mais comum na porção norte do território, criado a partir da escavação de uma “cratera” de diâmetros que variam de 10 a 15 metros e profundidade de 8 a 10 metros. Dos planos verticais que se formam, são escavadas as habitações no nível do solo e em um nível acima espaços que poderiam servir como silos. O acesso da superfície para o fundo da cratera, o pátio, poderia ser feito por rampas, tornando o povoamento dessas áreas quase invisível.



Figuras 68 e 69: A “cratera” de uma casa troglodita em Matmata e a planta de um conjunto de habitações trogloditas da aldeia berbere de Téchine (fonte: Spazio e Società, n. 20, 1982, p. 16 e 15).

Por último, ainda como resultado da maior pacificação entre tribos na Tunísia, o autor menciona o *ksour* (um conjunto de *ksours* formaria um *ksar*), uma tipologia adaptada de silo coletivo que marcaria o início de uma organização territorial mais consolidada dos nômades. A célula-base ainda seria a *ghorfa*, construída em série e disposta lado a lado, de modo a formar um grande quadrado e um pátio ao meio. Tais transformações, somadas a outros fatores (como o empobrecimento dos nômades pela perda de gado e a necessidade de se dedicar à agricultura) auxiliaram nos processos de sedentarização de povos nômades, mas sua aceleração mais recente e suas consequências são ressaltadas pelo autor. As intervenções mais radicais nesse sentido teriam começado com a militarização de áreas nômades do Sul pelos franceses desde o começo da ocupação, no final do século XIX<sup>121</sup> (que intervieram nas dinâmicas “comerciais” entre nômades e berberes, prejudicando progressivamente estes últimos) e, em 1962, com a Tunísia já independente, foi demolida a capital da confederação tribal *Ouerghemma* de origem berbere, Médenine, restando somente dois pequenos *ksour* contíguos. Para o autor, o motivo de tal destruição não poderia ser somente a necessidade de se implantar uma cidade nova no sudeste do país, dado que naquela região há muitas áreas vazias, mas sim o fato de que Médenine carregava na sua materialidade urbana uma história e simbologia que as novas práticas buscavam apagar.

Barbero (1982) por fim menciona os projetos mais recentes de construção em larga escala de novas aldeias inteiras no interior do país que, sem entrar no mérito da qualidade das construções, além de impor um modo de vida estranho às populações a elas destinadas, geram problemas de integração cultural e territorial. Dentre outros desequilíbrios causados por essas e outras ações mais recentes estariam a migração massiva de povos berberes para a capital Túnis e para a França em busca de trabalho, lotando as cidades e abandonando suas práticas agrícolas nos planaltos que, em última instância, há quase mil anos garantiam um regime hidrológico estável e no fim do século XX, encontrava-se já em uma grave crise.

---

<sup>121</sup> Para um estudo aprofundado das relações entre tribos do território tunisino e os franceses durante a colonização, consultar FOZZARD, Adrian. **Tribesmen and the colonial encounter: Southern Tunisia during the French protectorate 1882 to 1940**. Tese (Doutorado de Filosofia em Geografia) - Durham University. Durham, 1987.





Figuras 70 e 71: Parte da cidade de Médenine que sobreviveu à demolição, originalmente formada por um conjunto de 25 *ksour* com mais de 600 *ghorfas*, e habitações em construção para uma “aldeia de sedentarização” em Mesreb (foto de 1981), Tunísia (fonte: Spazio e Società, n. 20, 1982, p. 19 e 24).

O fazer local aparece relacionado ao auxílio internacional no texto de Marco Ceccaroni<sup>122</sup> (1994), em que ele traz dois projetos locais (um na Nicarágua e outro na Maurîtânia) desenvolvidos em parceria com a ONG *Arquitectos sin Fronteras* – Espanha (ASF-E). Como o conjunto de artigos de Franco Berlanda (1986, 1989, 1994) abordados na seção anterior, que tratam principalmente de auxílio internacional a países em guerra, o tema da ajuda externa reaparece aqui sob a forma de cooperação. A ONG citada fora criada em 1992 em Barcelona, com o intuito de oferecer suporte técnico no âmbito da arquitetura e do urbanismo a países em desenvolvimento. Segundo o autor, as ações da ASF-E iam desde a proposta de projetos, melhorias e implantação de infraestruturas, até ações nos setores sanitários e na educação, em áreas de catástrofes naturais ou de conflitos bélicos e, principalmente, no campo da habitação.

Um dos projetos apresentados foi o Programa de moradias populares em Rosso, cidade ao sul da Maurîtânia, localizada na divisa entre este país e o Senegal, na África Ocidental. O autor conta que Rosso e Nouakchott (cidade costeira distante pouco mais de 200 quilômetros a Norte de Rosso) foram as duas cidades que mais receberam migrantes vindos de zonas rurais após graves períodos de secas nas regiões do Sahel<sup>123</sup> durante a década de 1970; Rosso especificamente teria sua população aumentada de 20 mil habitantes para 28 mil em pouquíssimo tempo, e parte desta população estaria instalada em assentamentos precários na cidade. Das três linhas fundamentais segundos as quais se orientou o trabalho da ASF-E – a participação dos habitantes, a organização

<sup>122</sup> Marco Ceccaroni (Gênova, 1963) graduou-se arquiteto e urbanista pela *Università di Genova* em 1990, onde foi aluno de De Carlo desde 1984. Colaborou com este em seu estúdio em Milão (1990-1993), na redação do Novo Plano Regulador de Urbino e no restauro do antigo Monastério dos Beneditinos. Publicou artigos na revista italiana *Abitare* e foi correspondente estrangeiro da Espanha na revista *Spazio e Società*.

<sup>123</sup> O Sahel (ou Sael) é uma área que se estende por quase cinco mil quilômetros no continente africano, limitada geograficamente pelo Mar Vermelho a leste, Oceano Atlântico a oeste, ao deserto do Saara ao norte e à savana ao sul, atravessando dez países: Maurîtânia, Senegal, Mali, Burkina Faso, Níger, Nigéria, Chade, Sudão, Eritreia e Etiópia.

e formação de mão-de-obra local<sup>124</sup> e a utilização de materiais e técnicas locais para a construção – destaca-se a última. Os materiais utilizados eram tijolos de terra crua ou cozidos – neste caso o barro misturado com resíduos da produção de arroz dos campos de cultivo próximos -, gesso extraído das reservas próximas à cidade de Nouakchott e cal, proveniente de conchas do litoral sul da Mauritânia. O método seguia, em grande medida, técnicas bizantinas para a construção de abóbadas, feitas sem escoramento ou armadura provisória e com os tijolos feitos *in loco*, como as elaboradas por Hassan Fathy em meados dos anos 1940 em Nova Gourna.



Figuras 72 e 73: Construção de cúpulas sem escoramento e tijolos crus feitos à mão (aos cozidos eram adicionados resíduos de palha de arroz para os tornar mais leves), cidade de Rosso, Mauritânia (fonte: Spazio e Società, n. 68, 1994, p. 91).

A leitura do conjunto de artigos expressa reiteradamente a dualidade entre a tradição e tecnologia nas práticas arquitetônicas dos países do Terceiro Mundo tratados na revista. A análise dos textos evidencia também o reconhecimento e valorização de técnicas construtivas vernaculares e tradicionais por alguns arquitetos que se destacariam pela sua busca por uma conciliação entre princípios modernos, saberes ancestrais e o uso e materiais locais na produção arquitetônica. Por outro lado, nota-se a valorização, por outros grupos, de tecnologias, métodos e materiais mais modernos, por simbolizarem o progresso e o desenvolvimento.

---

<sup>124</sup> No escopo do trabalho da ONG segundo Ceccaroni (1994) constavam não só ações para melhorias imediatas das condições de vida das pessoas, mas também práticas que oferecessem à população possibilidades de subsistência, neste caso auxiliando na formação de trabalhadores para a construção civil.

### 2.2.3. Planejamento urbano e regional

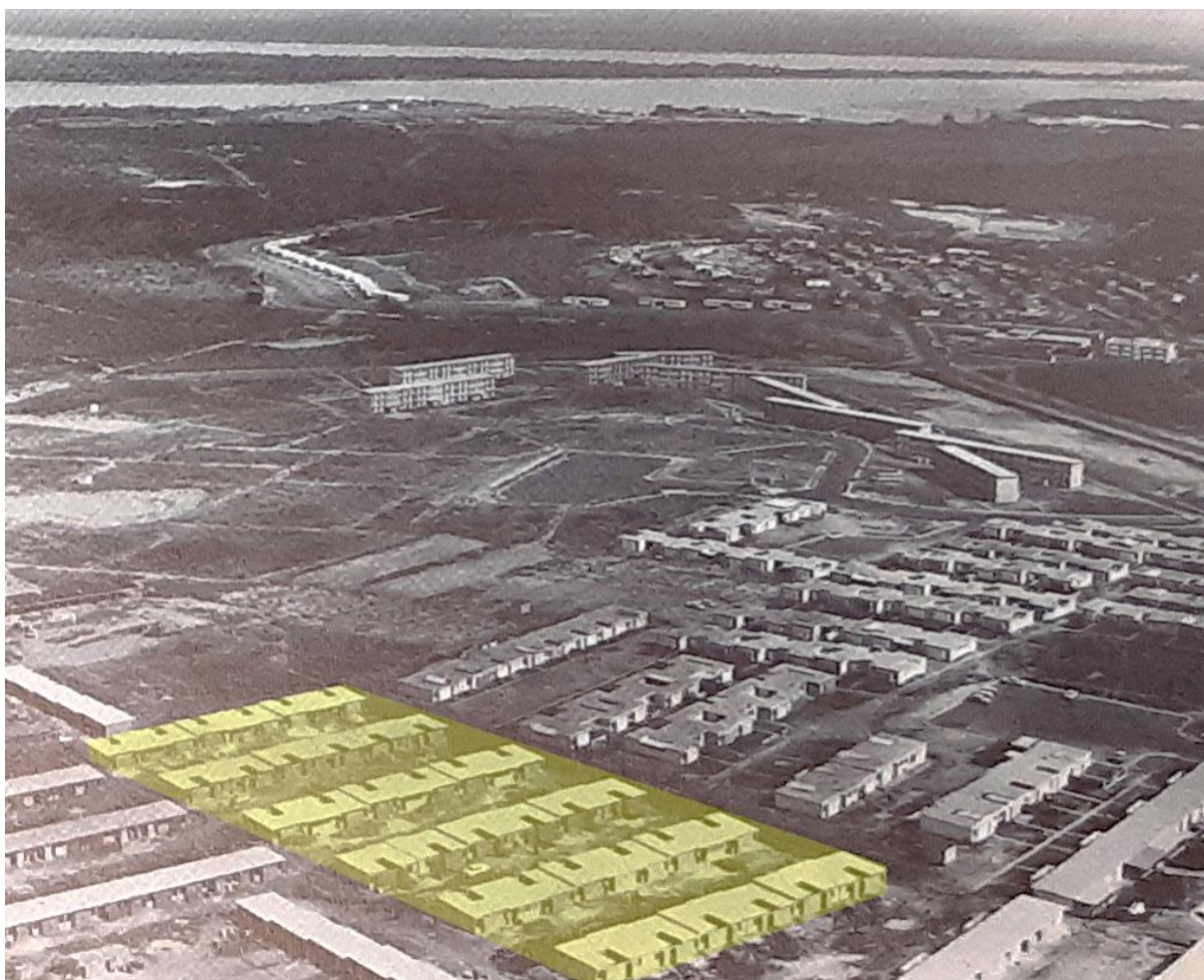


Figura 74: Novas habitações para os trabalhadores das minas de Ciudad Guayana, Venezuela (fonte: Spazio e Società, n. 26, 1984).

Por fim, os problemas urbanos, advindos do processo de colonização e da importação de modelos urbanísticos e construtivos de países europeus para os territórios do Terceiro Mundo, aparecem como preocupação em diversos artigos da revista. Barbero e Savvidu (1978) publicam uma versão reduzida de seu trabalho de conclusão de graduação pelo Politécnico de Milão logo no primeiro número da Spazio e Società. Tomando o continente africano como objeto de pesquisa, o texto parte de um panorama da sua situação na década de 1970 (que os autores identificam como um período de ascensão do neocolonialismo e neoimperialismo) para tratar exatamente da relação entre colonização e urbanização. Dentre as questões centrais da pesquisa estaria a necessidade de compreender os processos em curso globalmente que justificassem o desenvolvimento de alguns países e o subdesenvolvimento de tantos outros. Uma pista para essa questão apareceria logo no início do texto: as pressões militares, econômicas e culturais dos períodos coloniais da parte das metrópoles para as colônias transformar-se-iam em acordos comerciais, de ajuda financeira e cooperação econômica após as independências que, embora parecessem ações a favor de um

equilíbrio entre nações desenvolvidas e o Terceiro Mundo, repetiam um modelo capitalista-industrial que apenas reforçava relações de dependência política e econômica deste para com aquelas. A análise dos arquitetos chega no fenômeno da urbanização na África, que, embora fosse o continente menos urbanizado nos anos 1970, tinha então as maiores taxas de crescimento urbano no mundo. No período entre 1965 e 1970, a taxa de crescimento do continente chegou a 5,4% por ano, representando quase o dobro dos 3,2% da média mundial (BARBERO e SAWIDU, 1978, p. 33). Os autores reconhecem dois “tipos” de urbanização das cidades africanas ao longo da história.

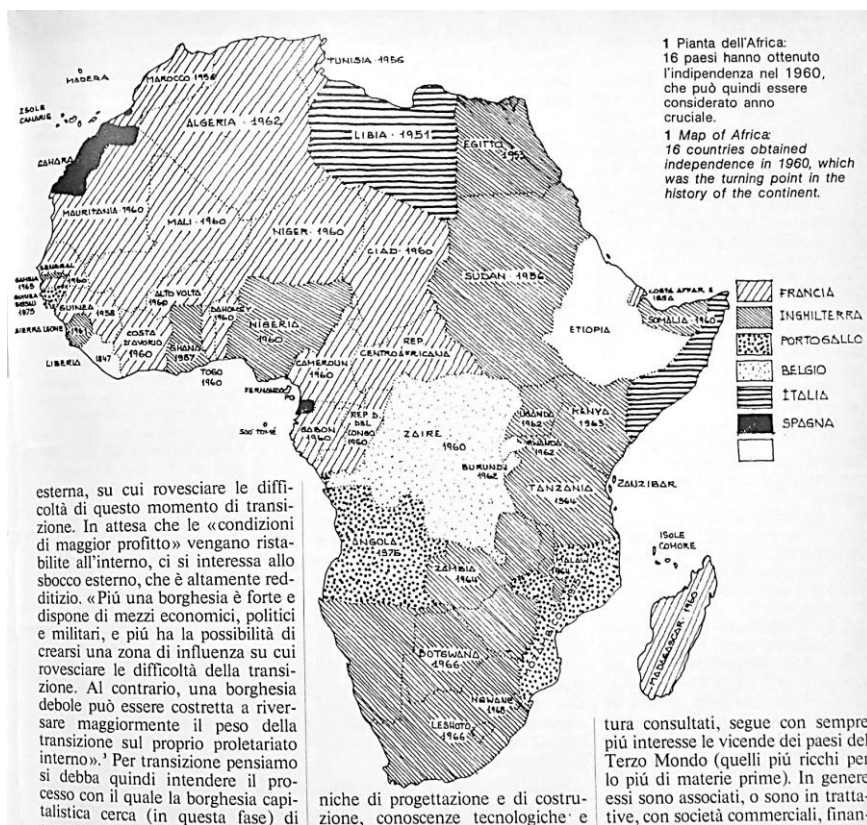


Figura 75: “Mapa da África: 16 países obtiveram a independência em 1960, ano que pode então ser considerado crucial”. Na legenda, os países colonizadores de cada território – França, Inglaterra, Portugal, Bélgica, Itália e Espanha (fonte: Spazio e Società, n. 1, 1978, p. 29).

O crescimento das cidades pré-coloniais da parte ocidental da África (como Tombuctu no Mali, Kumasi em Gana, e Kano e Benin na Nigéria, por exemplo) teria se dado de modo mais orgânico, seguindo movimentos políticos e econômicos locais, com um progressivo aumento da produção comercial acompanhado por um desenvolvimento econômico e social. Nestas cidades, que existiam como centros de urbanidade há séculos, portanto, haveria setores de trabalhadores não agrícolas (artesãos e comerciantes), uma embrionária estrutura de classes e fortes relações de parentesco como base social e política. Com as subsequentes colonização e escravidão, a estrutura social, a cultura e o crescimento nacionais teriam sido esfacelados na medida em que as colônias se reduziram a fornecedores estratégicos de matérias primas e receptores dos excedentes da produção

industrial europeia. Com isso, outras cidades surgiram como novas capitais coloniais, em sua maioria localizadas estrategicamente perto da costa ocidental, próximas ou no entorno dos antigos núcleos urbanos. Ainda para os autores, a cidade colonial, que seria basicamente um centro administrativo construído para os europeus, ao contrário de ser um indicador de crescimento econômico, era a marca mais evidente de deterioração e subdesenvolvimento do território. A estruturação da cidade colonial teria se dado por zonas e evidenciava grandes desigualdades desde a sua origem ao separar áreas para a residência de europeus e elites africanas, o centro comercial e administrativo, áreas industriais, militares e de transportes, visivelmente diferentes dos bairros dos estrangeiros e dos migrantes, muitas vezes com habitações provisórias, e da cidade antiga - quando a cidade nova surgia em torno de um núcleo urbano já existente – (BARBERO e SAVIDU, 1979).

Após tais análises em uma macro escala, são apresentados os planejamentos no início dos anos 1960 para as cidades hauçás<sup>125</sup> Kano e Kaduna, no norte da Nigéria, a partir de uma diferença fundamental entre elas: Kano, que fora uma cidade-estado hauçá de grande esplendor, desenvolvida historicamente em grande medida por conta do comércio transaariano, exemplo de cidade que cresceu “organicamente”, é muito mais antiga que Kaduna, fundada em 1917 por ingleses quando o território era colônia britânica. O escritório inglês B.A.W. Trevallion, por meio de uma parceria entre o órgão administrativo de Kano e o Departamento Inglês de Cooperação Técnica<sup>126</sup>, fora convocado para realizar um projeto de “controle da área metropolitana” da cidade em 1963, considerando seu crescimento populacional para os próximos 20 anos. O planejamento e desenho das habitações teriam como base a configuração dos *compounds* tradicionais, a fim de que a população pudesse assimilar o novo habitat. O *compound* nigeriano genericamente consiste em um conjunto de domicílios (dispersos, se estiverem em áreas rurais), que pertencem a um homem, a sua família – esposas e filhos – e outros parentes, dispostos em torno de uma área central aberta ou interligados, envoltos por uma cerca, muro ou qualquer outra estrutura que os contorne. Nesse caso, os autores se referem aos *compounds* das cidades hauçás tradicionais, unidades habitacionais cujo conjunto formaria o núcleo histórico das cidades que se expandiram no século XIX para fora

---

<sup>125</sup> O termo “hauçá” (ou *hausa*) se refere a um grupo étnico africano da região do Sahel ocidental (mencionado na nota de rodapé número 123) cuja população vive principalmente no norte da Nigéria e no sul do Níger. Tem influência islâmica e é considerado o maior grupo étnico da Nigéria.

<sup>126</sup> A *Comission for Technical Co-operation in Africa South of the Sahara* (1950-1965) foi o resultado de uma colaboração entre França, Inglaterra, Portugal, Bélgica, África do Sul e Rodésia (Estado não reconhecido, sucessor da ex-colônia britânica da Rodésia do Sul, no sul da África durante a Guerra Fria, localizado grosso modo onde hoje se situa o Zimbábue) para coordenar ações na África após a Segunda Guerra Mundial. O esforço era o de unir em uma rede de comunicação comum cientistas de diferentes campos, fosse dos países independentes ou das colônias, para trocar informações em prol de uma melhor utilização dos recursos existentes no continente e, assim, buscar soluções científicas para os muitos problemas técnicos que o continente enfrentava. Para maiores esclarecimentos sobre a comissão, consultar GRUHN, Isebill V. *The Comission for Technical Co-Operation in Africa, 1950-65. The Journal of Modern African Studies*, vol. 9, n. 3, pp. 459-469, out. 1971.

de seus muros. A habitação murada com pátio central é onde se dariam as atividades da família, com tarefas bem determinadas pela cultura hauçá para ambos os sexos. Segundo os autores, as habitações previstas pelo plano de Kano na década de 1960 eram reduções mais simples dos *compounds* tradicionais, projetadas em grupos de quatro unidades, construídas em blocos de alvenaria de areia e cimento, concreto armado e coberturas de amianto ondulado.

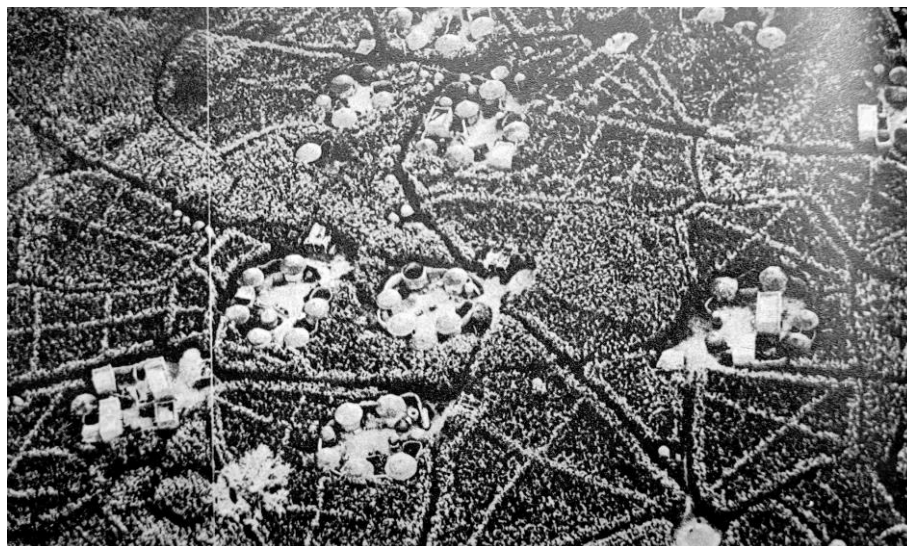
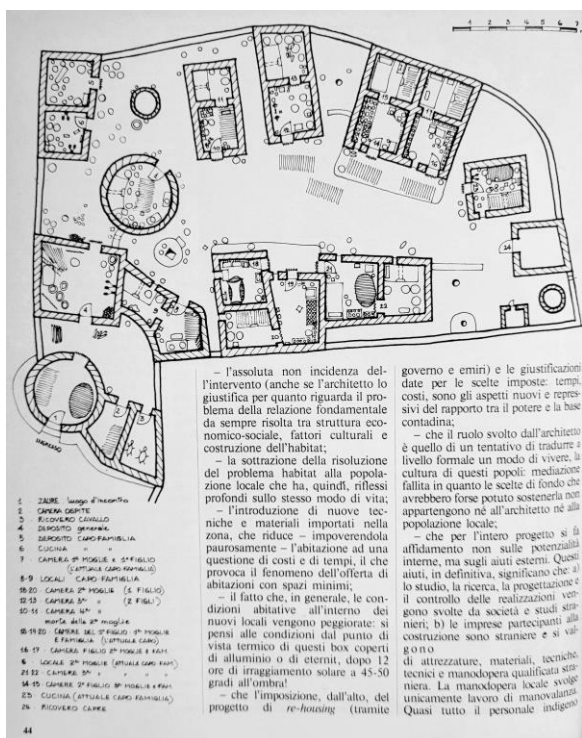
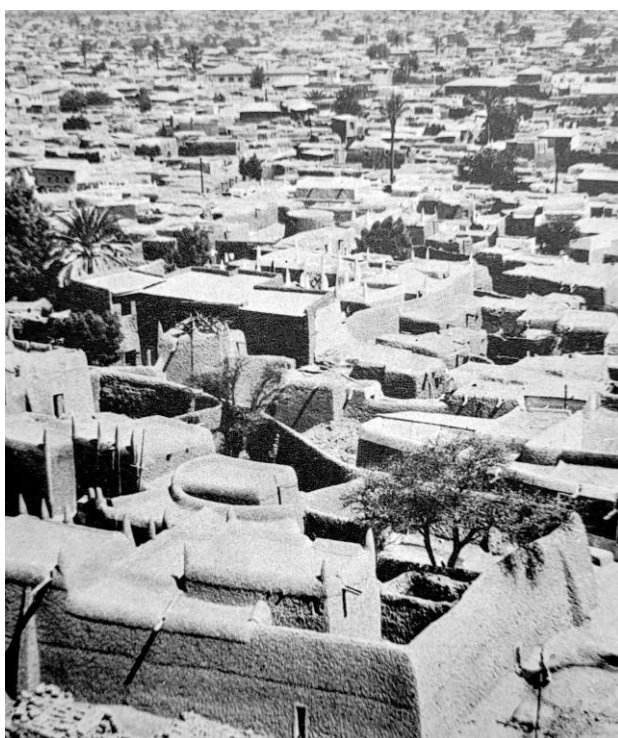


Figura 76: Vista aérea de uma aldeia rural na África, em que se podem ver *compounds* tradicionais dispersos no território (fonte: Spazio e Società, n. 1, 1978, p. 40).



— l'assoluta non incidenza dell'intervento (anche se l'architetto lo giustifica per quanto riguarda il problema della relazione fondamentale da sempre risolta tra struttura economico-sociale, fattori culturali e costruzione dell'habitat);  
— la sottrazione della risoluzione del problema habitat alla popolazione locale che ha, quindi, riflessi profondi sullo stesso modo di vita;  
— l'introduzione di nuove tecniche e materiali importati nella zona, che riduce — impoverendola paurosamente — l'abitazione ad una questione di costi e di tempi, il che provoca il fenomeno dell'offerta di abitazioni con spazi minimi;  
— il fatto che, in generale, le condizioni abitative all'interno dei nuovi locali vengono peggiorate: si pensi alle condizioni dal punto di vista termico di questi box coperti di alluminio o di eternit, dopo 12 ore di irraggiamento solare a 45-50 gradi all'ombra!  
— che l'imposizione, dall'alto, del progetto di *re-housing* (tramite

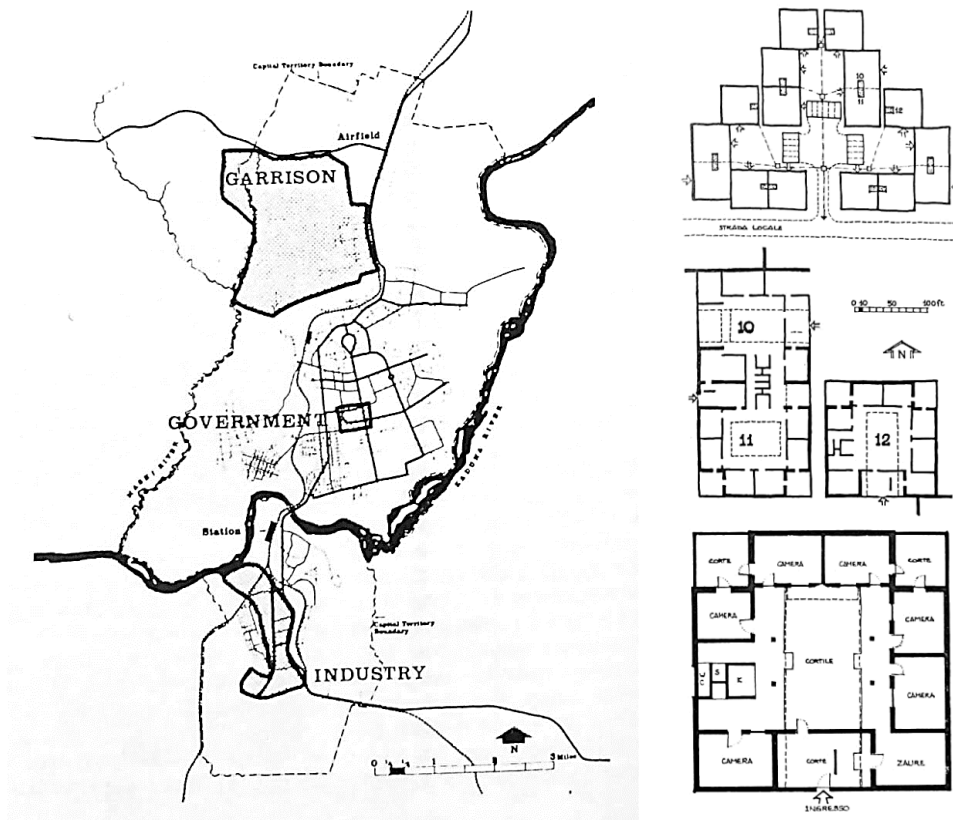
governo e emiri) e le giustificazioni date per le scelte imposte: tempi, costi, sono gli aspetti nuovi e repressivi del rapporto tra il potere e la base contadina;  
— che il ruolo svolto dall'architetto è quello di un tentativo di tradurre a livello formale un modo di vivere, la cultura di questi popoli: mediazione fallita in quanto le scelte di fondo che avrebbero forse potuto sostenerla non appartengono né all'architetto né alla popolazione locale;  
— che per l'intero progetto si fa affidamento non sulle potenzialità interne, ma sugli aiuti esterni. Questi aiuti, in definitiva, significano che: allo studio, la ricerca, la progettazione e il controllo delle realizzazioni vengono svolte da società e studi stranieri; le imprese partecipanti alla costruzione sono straniere e si valgono di attrezzature, materiali, tecniche, tecnici e manodopera qualificati stranieri. La manodopera locale svolge unicamente lavoro di manovalanza. Quasi tutto il personale indigeno



Figuras 77 e 78: Esquema de *compound* tradicional urbano hauçá do norte da Nigéria, com pequenos núcleos para a família estendida, e cuja forma é influenciada pelas “leis locais e normas islâmicas, a necessidade de segurança, os materiais de construção disponíveis e as técnicas aplicadas” (p. 44). “Cidade de Kano (norte da Nigéria). [...] Na cidade murada (histórica) de Kano, o principal esquema de organização das habitações (*compounds*) é ainda hoje

surpreendentemente uniforme e deriva, com poucas modificações, de *compounds* precedentes mais antigos” (fonte: Spazio e Società, n. 1, 1978, p.41).

Já o plano para a capital Kaduna, projetado por outro escritório inglês Max Lock & Partners, ao contrário do projeto acima descrito, partiria da exigência de frear a expansão urbana periférica em curso. A ideia central seria a de melhorar os aspectos visíveis do centro e diminuir a sua densidade, tornando-o mais compacto, representativo e funcional, alocando a população mais pobre próxima ao núcleo industrial (de transformação de produtos agrícolas, núcleo este que, junto ao centro militar e governativo, fazia parte do planejamento de fundação de Kaduna no período colonial), e prevendo medidas para que as zonas externas rurais crescessem em função das exigências da cidade, contendo a população rural naquelas áreas agrícolas. Quanto às habitações, eram previstas de baixo, médio e alto custo, que seriam construídas por empresas privadas (estrangeiras e locais) em conjunto com o Estado, destacando-se as de baixo custo pela sua maior demanda: o plano previa habitações autoconstruídas para aquela população mais pobre cuja força de trabalho seria absorvida pela indústria, com a regulamentação e auxílio do governo, que também seria responsável pela implantação de novas infraestruturas urbanas. Também nessa proposta os materiais de base para a construção das casas eram o cimento, cimento-amianto, ferro e tintas, e seu projeto partia do esquema das casas tradicionais hauçá (BARBERO e SAWIDU, 1978).



Figuras 79 e 80: O plano para Kaduna (Nigéria), que respeita a separação por setores – militar, governativo e industrial -, e uma tipologia habitacional para operários, pensada à partir dos

*compounds*, e projetada para que fossem construídos os núcleos de serviços para que as famílias construíssem o restante da habitação (fonte: Spazio e Società, n. 1, 1978, p. 48-49).

Estes são apenas dois de outros projetos apresentados pelos autores, todos desenvolvidos contemporaneamente na porção Norte da Nigéria e que seguiriam, em maior ou menor grau, a mesma lógica: um modelo de desenvolvimento urbano “exportado” de países do Primeiro Mundo. A crítica parte desse modelo e avança para outros âmbitos, a começar pela aceitação – e às vezes a própria busca – por arranjos urbanos de cidades industriais, cujo contexto de desenvolvimento seria muito diferente do contexto em questão, ou a insistência (no caso do plano de Kaduna) no planejamento por *zoning*, com a separação de funções na cidade. Ainda nesta chave, os autores criticam os materiais previstos para a construção dos conjuntos habitacionais – indisponíveis localmente, de custo elevado devido a sua importação e muito diferentes dos usados comumente – e das soluções habitacionais dos arquitetos, que se basearam quase unicamente nos aspectos formais dos modelos tradicionais de moradia sem levar em consideração as práticas culturais e sociais que os conformaram. Por fim, há uma análise que engloba o viés político do modelo de desenvolvimento ocidental, a atuação do arquiteto e do urbanista e a prática projetual em si, que aparece também na publicação de Turner (1978) e de Aradeon<sup>127</sup> (1981), conectando os três textos.

Para esses autores, o planejamento urbano e o projeto de arquitetura deveriam ser entendidos como ferramentas políticas e sociais e enquanto tal, deveriam considerar rigorosamente o conjunto de valores da sociedade e os modos de vida daqueles que os desfrutarão. Aradeon (1981) reflete sobre os Planos de Desenvolvimento nacional elaborados na Nigéria após sua independência (que se deu em 1960), principalmente na década de 1970, para constatar que as grandes falhas e má gestão dos projetos urbanos vinham da adoção do modelo de desenvolvimento ocidental e que, quando conseguiam ser implantados, causavam mais danos que benefícios para a sua população. Dentre os inúmeros exemplos de edifícios públicos construídos dentro dos planos de reestruturação de centros urbanos dados pelo autor, ele destaca duas intervenções na cidade de Lagos que teriam transformado o tecido urbano e a escala da cidade: a substituição de uma arena esportiva para

---

<sup>127</sup> David Aradeon (1933) é um arquiteto, urbanista e curador nigeriano, cuja formação se deu na *Columbia University*, em Nova Iorque. Terminada a temporada de estudos e de trabalho nos EUA, retorna para a Nigéria para desempenhar uma pesquisa com bolsa de estudos da *Ford Foundation* sobre assentamentos humanos do norte e do oeste da África iniciada no final dos anos 1960. Na década seguinte se torna professor da Universidade de Lagos e a partir de então inicia também sua carreira de curador. Em fevereiro de 2022, foi um dos palestrantes do painel de abertura da *West Africa Architecture Biennale*, realizada em Lagos, sob o título “A busca por identidade, justiça e continuidade”.



corrida de cavalos, jogos de futebol e críquete existente pelo complexo *Tafawa Balewa Square*<sup>128</sup>, com longas arquibancadas de concreto para desfiles oficiais, e a construção de uma larga estrada de acesso à cidade, a *Ikorodu Road*, que adentra o perímetro urbano passando ao meio e cortando em duas partes um dos polos de concentração urbana mais importantes da cidade, causando muitos acidentes quando da sua implantação às pessoas que a atravessavam. Entendendo que certas transformações mais destruíam do que desenvolviam os territórios, nas palavras do autor, os exemplos dados “representam uma verdadeira violência social e econômica aos modos de vida nigerianos” (ARADEON, 1981, p. 41).

Já John Turner (1978), tecendo uma reflexão sobre as consequências desastrosas do desenvolvimento urbano-industrial do século XIX na segunda metade do século XX, tem como assunto central o problema da habitação – *housing* – e, no intuito de discutir os diversos significados atrelados aos temas da ajuda mútua, do baixo custo e o próprio *housing*, faz uma crítica maior aos mecanismos econômicos e políticos em escala global. Embora não objetivasse dar respostas ao problema da moradia, especialmente à moradia dos pobres da cidade, sua posição é clara a favor do protagonismo das pessoas nos processos de construção de suas casas, uma vez comprovada a ineficiência dos governos e administrações centrais de prover moradia de qualidade e acessível aos pobres.

As casas novas e reformadas que os abastados e seus governos colocaram à disposição dos 'miseráveis' são certamente inferiores, no geral, do que a soma daquelas destruídas para criar áreas 'revalorizadas' que beneficiam sobretudo os ricos. Na grande maioria dos casos, novas moradias destinadas aos pobres são muito caras, mesmo quando a localização e o projeto são cuidadosamente considerados. Quase todas as moradias de 'baixo custo' custam pelo menos duas vezes mais do que aquelas assistidas por empreendedores locais e proprietários-construtores de baixa renda. A moradia produzida como habitação social subsidiada abriga, na maioria das vezes, pessoas de melhores condições econômicas em detrimento dos verdadeiramente pobres. [...] Sempre que a oportunidade se apresenta, repito: quanto mais se expandir a habitação em grande escala e dependente da administração central, menos habitação haverá, para os pobres a curto prazo e para todos a longo prazo (TURNER, 1978, p. 102, tradução da autora).

No lugar de favorecer e discutir políticas públicas de intervenção estatal no campo da habitação social, entendendo que a habitação seria um direito a ser exigido do Estado, Turner (1979) defende uma aproximação ao problema a partir de um ponto de vista radicalmente oposto àquele das convenções modernas: entende que somente seria possível construir moradias apropriadas

---

<sup>128</sup> O complexo batizado com o nome do então Primeiro-Ministro nigeriano é o principal monumento à independência da Nigéria, com estátuas de quatro cavalos brancos e sete águias vermelhas na sua entrada principal – emblemas nacionais que simbolizariam força e dignidade – localizado na praça de mesmo nome em que se encontram outros monumentos, edifícios de órgãos nacionais, restaurantes, centros comerciais e um terminal de ônibus.

econômica, social e ecologicamente se a habitação fosse encarada como uma parte essencial da existência humana, mais do que um artigo de consumo. Sendo a habitação um direito de viver de modo criativo e responsável, o protagonismo nas atividades que a envolvem deveria recair no próprio usuário. O argumento de Turner coincide com o traçado que Ballent (2004) explicita de um caminho particular dentro do campo arquitetônico que iria do “modernismo para o populismo”, ou seja, da discussão sobre quadras multifamiliares dentro de unidades de vizinhança na primeira metade do século XX, passando pela solução dos grandes conjuntos habitacionais, em direção às discussões contemporâneas às de Turner sobre a construção por meio do esforço comunitário de lotes e unidades individuais de moradia.

Esse caminho traçado pela autora se insere em um contexto mais amplo, iniciado com a aposta no Estado de bem-estar social, a organização de um Estado forte, regulamentador e planejador que dirigiu a Europa do pós-Segunda guerra pelas décadas de 1950, 1960 e 1970, no período em que se daria o início e a intensificação das críticas ao movimento moderno na arquitetura e ao modelo de habitação provida por esse Estado. Tais críticas, somadas a outros fatores como a explosão demográfica nas cidades do mundo, vão desembocar nas ideias já explicitadas de que o problema da habitação só poderia ser resolvido com a atuação dos seus usuários. Somado a isso, a desilusão com o socialismo real da União Soviética e com a social-democracia europeia, levou muitos progressistas a apostarem na revolução vinda do Terceiro Mundo, uma vez que para eles esses dois sistemas somente serviriam para imobilizar a organização social dos trabalhadores no lugar de dar poder e condições a eles. Voltando ao Turner, é importante ressaltar que em seu texto, o inglês não defende a retirada total das instâncias governativas centrais dos processos de construção de moradias, mas, a partir do ponto de vista sugerido por ele, reflete sobre as possibilidades de o poder central participar das decisões locais (TURNER, 1978, p. 105).

Os tópicos levantados por Turner estão intrinsecamente ligados aos processos sociais e espaciais que levaram ao surgimento do assentamento urbano de Nueva Habana no Chile, assunto central de um dos três artigos da *Spazio e Società* que tratam de episódios de planejamento urbano na América Latina, indexados como Terceiro Mundo. Um ano depois do texto de Turner, o arquiteto argentino Eduardo Catalano<sup>129</sup> escreve sobre Nueva Habana, uma comunidade planejada e

---

<sup>129</sup> Eduardo Catalano (1917 – 2010) foi um arquiteto argentino, graduado pela Universidade de Buenos Aires nos anos 1940. Trabalhou com alguns projetos de Cidades Universitárias como a de Tucumán (1949) – com Horacio Caminos, Luis Felipe Vivanco, Enrico Tedeschi e Eduardo Sacriste, e cujas obras não foram completadas - e da Universidade de Buenos Aires (1960), com Horacio Caminos, Eduardo Sacriste e Carlos Picarel, além de edifícios no campus do MIT nos anos 1960, onde também lecionou de 1956 a 1977.

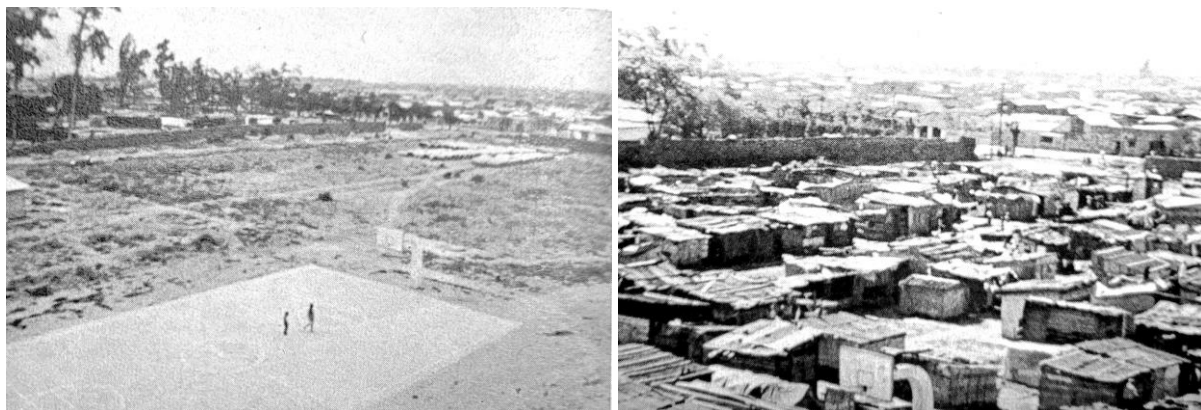
construída em uma área então periférica de Santiago entre 1970 e 1973 por *pobladores*<sup>130</sup>, iniciando seu texto com um panorama das consequências negativas da industrialização, urbanização e modernização forçadas nos países em desenvolvimento para então tratar do caso particular do Chile entre meados da década de 1960 e 1970, palco de experiências singulares de mobilização e participação política de camadas do proletariado, movimentos sociais e habitação urbana.

Frente a estratégias socioeconômicas nacionais que não priorizavam melhorias nas condições de vida das camadas urbanas proletárias e mais pobres, à falência de políticas públicas para moradia e à crescente demanda por habitação na capital Santiago<sup>131</sup>, que ocorriam desde o início do governo do *Partido Demócrata Cristiano* (PDC) em 1964, o autor mostra um verdadeiro fenômeno político e social de trabalhadores e sem-teto, organizados em torno da luta por moradia. Tal organização chegou em 1970, já no governo de Salvador Allende pela coalizão partidária *Unidad Popular* (UP), quando se iniciou o processo que tornaria Nueva Habana o exemplo de maior sucesso de uma aglomeração urbana autoconstruída, com infraestrutura e um plano de uso do solo desenvolvidos em duas fases: o *campamento*, um agrupamento de habitações provisórias erguidas em um terreno ocupado inicialmente de maneira ilegal, que evoluiu para uma *población*, assentamento permanente, construído com materiais como o tijolo e o cimento, de mais de 10 mil habitantes. De modo geral, o texto mostra como os processos organizativos e de participação da população tiveram seu ápice entre o final dos anos 1960 e o início dos 70, que o autor chama de “supermobilização dos *pobladores*”, ao “supercontrole” do regime militar que chegou ao poder após o golpe de estado de 1973 e não só destruiu todo o sistema comunitário como prendeu e torturou os *pobladores* de Nueva Habana, mas também destruiu documentos e planimetrias da *población* e prendeu, exilou ou matou seus organizadores, concedendo as unidades a famílias de militares.

---

<sup>130</sup> “Os *campamentos* são acampamentos/campos de barracos na periferia dos centros urbanos em terrenos ocupados por proletários sem-teto, os *pobladores*, que constroem moradias temporárias com sucata e materiais improvisados [nota do tradutor]” (CATALANO, 1978, p. 56).

<sup>131</sup> Segundo dados do autor, em 1970, um terço dos habitantes de Santiago moravam em *slums*, *campamentos* ou assentamentos irregulares, e a cidade concentrava 70% das atividades industriais do país (CATALANO, 1978, p. 59).



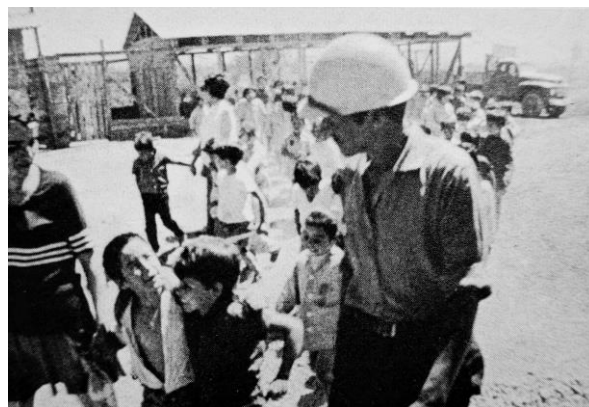
Figuras 81 e 82: “O local do *campamento* à vigília da ocupação” e “poucos dias após o *campamento* já estar em funcionamento” (fonte: Spazio e Società, n. 7, 1979, p. 60).

A fase de construção da *población* teve apoio da Universidade do Chile e do próprio governo da coalizão partidária *Unidad Popular* (UP), para além da mobilização dos moradores, de cuja organização se destacam o movimento em massa pela casa – movimento social urbano formado em sua maioria por moradores dos *slums* da cidade, e com estratégias políticas e modelos de desenvolvimento comunitário próprios –, a JPR (*Jefatura Provincial Revolucionaria de los sin casa*) e o MIR (*Movimiento de Izquierda Revolucionaria*), organização militante fundamental no apoio, instrução e comunicação entre os líderes populares e os representantes do Estado. Ainda de acordo com o autor, a cessão legal das áreas permanentes por parte do governo do Estado para os *pobladores* dos *campamentos* que se uniram para dar origem a *Nueva Habana* só foi conseguida após outras invasões e muita pressão e resistência por parte dessa população, que não só conseguiu a legalização das áreas dos *campamentos*, como aceitaram a colaboração técnica oferecida por professores e alunos da *Universidad de Chile*, particularmente de um grupo do DEPUR (*Departamento de Estudios y Planificación Urbano Regional*).

A organização popular de quase duas mil famílias, com o respaldo técnico e direcionamento político dos movimentos envolvidos, sistematizou 24 *manzanas* (quadras) residenciais para 64 famílias, com praça, um teatro a céu aberto e a sede do diretório<sup>132</sup> na fase de *campamento*. Da transição para a *población*, gestada durante discussões entre grupos de trabalho que envolviam o MIR, *pobladores*, universidade e governo, dois são os fatores que se sobressaem: no lugar de se fazer um planejamento urbano integral, foram consideradas as experiências coletivas nos processos de construção do *campamento* que iam desde a disposição de lotes até o preço de alguns materiais –

<sup>132</sup> A organização política do *campamento* se dava por quadras: cada uma possuía um comitê que elegia seu representante provisório, que cuidaria da organização da sua quadra e de problemas menores como desavenças entre famílias, casos de embriaguez etc. Os representantes provisórios elegiam os delegados para o diretório, que se ocupava dos problemas políticos de toda a comunidade. Ainda, tinham assembleias gerais dos *pobladores*, e frentes operativas para cada setor importante como a construção, educação, saúde, desemprego, segurança etc. (CATALANO, 1979, p. 65).

que facilitaria previsões de gastos na construção -, e os acordos entre *pobladores* e o governo envolvendo a *Corporación de la Vivienda*<sup>133</sup> em diversas atividades. Segundo Catalano (1979), a CORVI se encarregou da contratação de uma empresa privada de construção que deveria contratar o máximo de trabalhadores entre os *pobladores* antes de contratar mão-de-obra externa, admitindo 300 pessoas do *campamento*. Ainda, os materiais eram oferecidos pelo governo com garantia hipotecária a taxas muito baixas por meio do CORVI, em um acordo que praticamente permitia aos *pobladores* receberem salários para construir suas próprias casas. Além da habitação (com três tipos-base, mas com possibilidades de alteração), a construção da *población* incluía ruas e calçadas, redes de serviço (água potável, luz, esgoto etc.), praças, escolas, creches, pequenas lojas, ambulatórios, campos esportivos e estacionamentos.



Figuras 83 e 84: “Demonstração dos habitantes do *campamento*” e “os habitantes discutem o plano da *población*” (fonte: Spazio e Società, n. 7, 1979, p. 64-65).

Em síntese, as dinâmicas de que surgiu Nueva Habana se aproximam às ideias de Turner e de De Carlo sobre os significados políticos da participação do usuário nos processos de projeto e de construção, sobretudo no âmbito da realização da habitação. Frente à história de Nueva Habana seria possível dizer ainda que as instâncias políticas centrais é que participaram das tomadas de decisão dos usuários e movimentos sociais. Ainda assim, a participação dos habitantes na construção da *población* chilena extrapola os limites da aquisição de moradia para uma tomada maior de consciência social e de luta em diversas outras instâncias como por emprego, educação e saúde.

A própria ocupação da terra tornou-se uma ocasião de formação política, que ia além do objetivo de obter uma casa. Os *pobladores* tiveram a oportunidade de tomar consciência de seus interesses de classe por meio de uma experiência coletiva e politicamente orientada. De fato, dois objetivos políticos inspiraram o programa Nueva Habana: afastar-se dos métodos paternalistas tradicionais e aumentar a participação dos membros da comunidade nas atividades e decisões

<sup>133</sup> A CORVI foi uma instituição governamental chilena criada em 1953 para prover soluções habitacionais para o país, que se insere em um momento de desdobramento de uma mentalidade modernizante de ação do Estado dentro de um projeto sociopolítico de Bem-Estar Social. Seu fechamento por iniciativa da ditadura militar de Augusto Pinochet se deu em 1976.

comuns [...]. O objetivo de Nueva Habana, portanto, era sem dúvida a casa, mas o grande objetivo era garantir a participação política e nas atividades produtivas a todos os pobladores (CATALANO, 1979, p. 65, tradução da autora).

Na sua pesquisa sobre processos participativos na arquitetura e no urbanismo, De Carlo entendia que só seriam possíveis mudanças positivas reais no ambiente construído a partir de processos mais democráticos de tomadas das decisões:

a transformação do espaço físico só pode levar a resultados socialmente positivos se ocorrer com a participação direta dos usuários. O objetivo fundamental da ação participativa é envolver diretamente os usuários com o 'sistema de decisão' que produz a transformação do ambiente físico - e, portanto, também a construção da moradia - em todos os seus momentos: desde a escolha dos locais, a definição em e termos formais de configurações físicas, o gerenciamento de uso (DE CARLO apud BARBERO; SAVIDU, 1978, p.51, tradução da autora).



Figuras 85 e 86: Imagem de Che Guevara como símbolo de luta e ônibus em desuso que serviu de sala de aula no Campamento Nueva Habana (fonte: Spazio e Società, n. 7, 1979, p. 56-62).

Na mesma revista de número 7 é publicado outro artigo da classificação de Terceiro Mundo que aborda um caso de planejamento na América Latina. Muito diferente do processo de planejamento urbano de Nueva Habana, este texto apresenta dois projetos no Brasil do escritório do renomado arquiteto Joaquim Guedes: o projeto de 'cidade aberta' da Cidade Nova de Caraíba (1976) na Bahia e de um bairro popular na periferia da cidade paulista de Campinas. O texto, cuja autoria aparece como "Joaquim Guedes e Associados", é uma espécie de descrição dos projetos com uma breve contextualização. O processo de planejamento urbano de Nova Caraíba é apresentado com foco nas suas peculiaridades que envolveriam fatores geográficos e humanos particulares: a cidade se localizaria em uma região semiárida e até então sem infraestrutura no sertão da Bahia, por conta da previsão de implantação de uma indústria de processamento de minérios na mesma área,

destinada a uma população de 15 mil habitantes. Parte dessa população trabalharia na indústria, com diferentes funções e salários, mas grande parte dos indivíduos seria composta por famílias de operários e técnicos, em sua maioria iletrada e de baixa renda. O autor revela que o planejamento teria sido pensado na contramão dos anseios de uma burocracia estatal, que almejava uma cidade-jardim com segregação de funções e classes de renda nos moldes da cidade funcional moderna, priorizando uma disposição equilibrada no território com praças, de onde partem núcleos comerciais, de serviços, de instrução, cultura, administração e esportes. As agregações habitacionais, com tipos diferentes de unidades para suprir a demanda de diferentes famílias, também eram posicionadas no território de modo a reforçar a diversidade e a comunicação com os núcleos de serviços. A nomeação de ‘cidade aberta’ no início do texto teria a ver com a vontade de Guedes de projetar uma cidade que pudesse crescer naturalmente, inclusive com a previsão, já no planejamento, de áreas vazias e até casas para possíveis migrantes atraídos pela cidade (GUEDES, 1979).

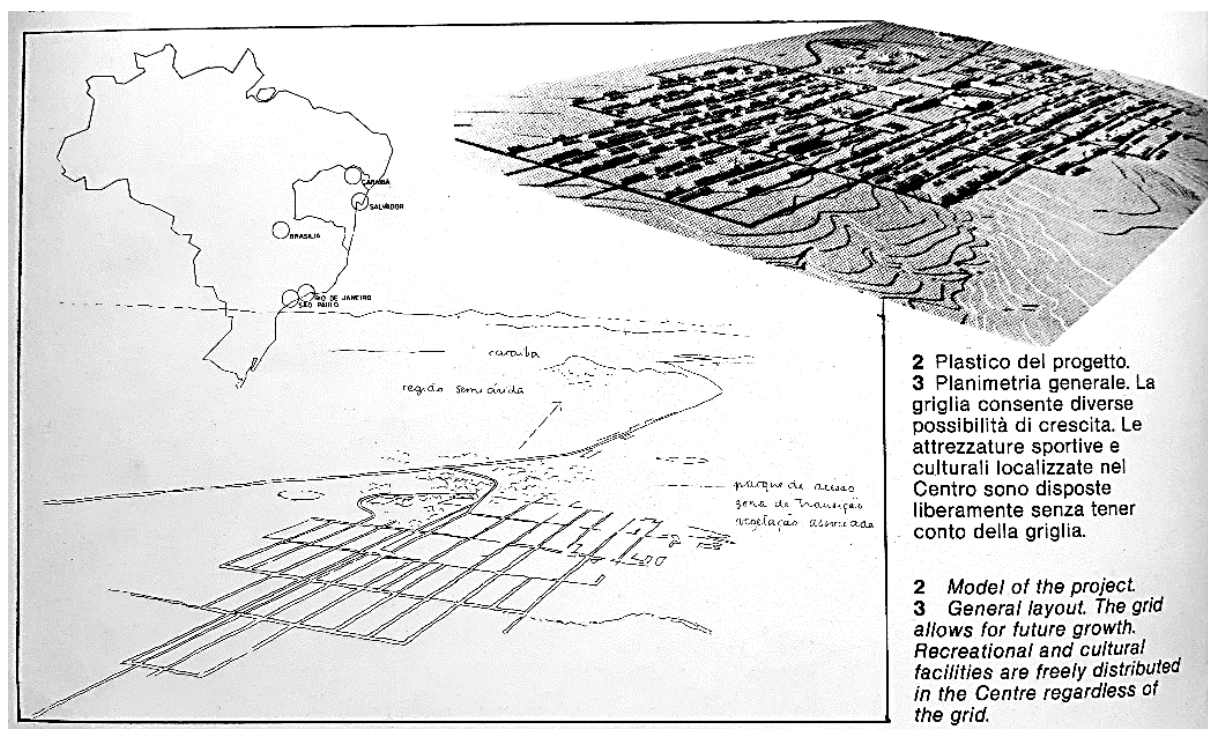
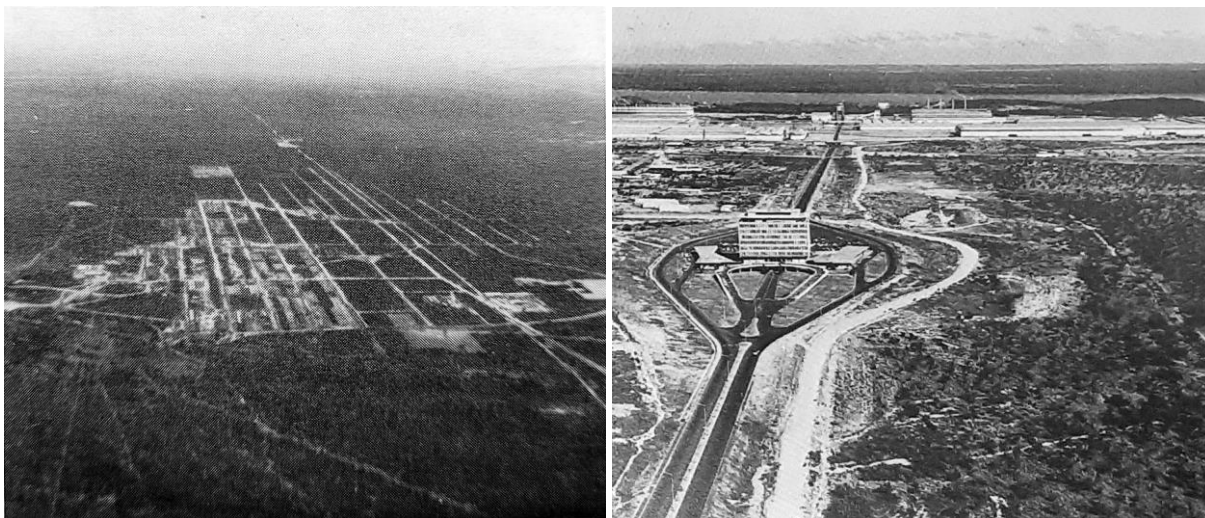


Figura 87: “Maquete do projeto” e “planimetria geral: o grid permite um crescimento futuro. Instalações de recreação e culturais são livremente distribuídas no Centro, independente do grid” (fonte: Spazio e Società, n. 7, 1979, p. 36).

Tanto no texto sobre a Nova Cidade de Caraiuba quanto o próximo a ser apresentado que trata do planejamento de Ciudad Guayana, na Venezuela, têm um ponto em comum que remete a uma discussão acerca do espaço na América: a questão da escala do meio-ambiente e do território (MONTANER, 2014). Os projetos em questão passam a imagem de um território extenso, quase ilimitado e com pouca conexão com assentamentos urbanos pré-existente, abrindo-se como um

vasto campo de infinitas possibilidades. Nesse ponto, o espaço na América seria muito diferente dos núcleos urbanos e semiurbanos estudados nos continentes africanos e asiáticos.



Figuras 88 e 89: Imagens presentes nos textos sobre o planejamento urbano no Brasil (implantação da cidade de Nova Caráiba, na Bahia), e sobre o planejamento da Ciudad Guayana, na Venezuela (imagem da siderúrgica atrás e do edifício da sua sede administrativa), em que se destaca a escala dos territórios (fonte: Spazio e Società, n. 7 de 1979, p. 35 e n. 26 de 1984, p. 103).

Em 1984 é publicado o texto de Lisa Peattie<sup>134</sup> e William Porter<sup>135</sup>, membros do corpo docente do Massachusetts Institute of Technology e integrantes do Centro Unificado de Estudos Urbanos MIT-Harvard, sobre o planejamento de uma cidade industrial na Venezuela, a Ciudad Guayana. Trata-se de um projeto urbano realizado na década de 1960 para uma área distante aproximadamente 560 quilômetros a sudoeste da capital Caracas, rica em recursos naturais como o ferro e de grande potencial hidroelétrico (às margens do rio Caroni), como parte de uma estratégia de desenvolvimento nacional por meio da industrialização e da modernização. O artigo, que se apresenta em inglês e em italiano, tem títulos ligeiramente diferentes: “*Ciudad Guayana: the social issues of city design*”, traduzido literalmente como “Ciudad Guayana: os problemas sociais do planejamento urbano”, e “*Ciudad Guayana: ‘città d’alabastro’ e realtà sociale*”, que seria então “cidade de alabastro e realidade social”. Apesar dos problemas literais dessas traduções, ambos os títulos representam o cerne da questão do texto: como um planejamento urbano pode ser ineficiente e falhar se não levar

---

<sup>134</sup> Lisa Peattie (1924-2018) foi uma antropóloga e acadêmica estadunidense. Desenvolveu seu doutorado na Universidade de Chicago, conseguindo o título em 1968, e já fazia parte do corpo docente do MIT desde 1963, onde se tornaria professora emérita de antropologia urbana no Departamento de Estudos Urbanos e Planejamento do Instituto. Em 1962 inicia sua participação nos projetos desenvolvidos para a Ciudad Guayana, cujas pesquisas, observações e documentações compõe o livro **The view from the Barrio** (University of Michigan Press, 1968).

<sup>135</sup> William Porter (1934) completou seu bacharelado em artes e mestrado em arquitetura na Universidade de Yale na década de 1950. Terminou o doutorado em filosofia já no MIT em 1969, onde também fundou, em 1979 com o professor de Artes de Harvard Oleg Grabar o já mencionado Aga Khan Program for Islamic Architecture (Harvard-MIT), sendo seu co-diretor até o ano de 1985.



em conta a realidade social em que vai se inserir, ainda que aquele em italiano possua uma espécie de metáfora, mais bem entendida após a leitura do texto.

Os autores relatam os processos de projeto da equipe estadunidense do *Joint Center for Urban Studies*, com pesquisadores do MIT e de Harvard, chamados para prestar uma consultoria técnica no projeto da futura nova cidade industrial venezuelana, em parceria com a *Corporación Venezolana de Guayana* (CVG), ente governamental criado em 1959. O contexto do Projeto Guayana tinha como pano de fundo o grande interesse internacional nas potencialidades da área, envolvendo empresas estadunidenses na organização do transporte do ferro (a *U.S. Steel* e a *Bethlehem Steel*), a construção de uma usina hidrelétrica pelo governo venezuelano em parceria com uma construtora francesa, e de uma siderúrgica, construída por italianos com consultoria de outra empresa estadunidense. O texto mostra que o objetivo final do planejamento urbano era objetivamente o progresso, entendido como modernização e desenvolvimento local por meio de indústrias fortes, investimentos em alta tecnologia, em autoestradas, siderúrgicas, shopping centers etc., ideia esta que parecia ter muita força no imaginário de todos, venezuelanos e os arquitetos e urbanistas estadunidenses. Nas palavras dos autores, a ideologia dominante do progresso tinha como base “a imagem americana da sociedade de consumo típica do capitalismo maduro” (PEATTIE e POTTER, 1984, p. 101), o que talvez explicaria a convocação daqueles técnicos para a consultoria, para além da importância e prestígio das instituições acadêmicas envolvidas.

O projeto inicial da equipe, tendo por finalidade o crescimento econômico por meio do desenvolvimento industrial, teria priorizado o desenho de uma cidade bela com espaços públicos agradáveis, que atraísse técnicos qualificados e o capital estrangeiro, indispensáveis para aquele desenvolvimento. Além de questões estéticas, as discussões abarcariam conceitos teóricos como o “coração da cidade” e, segundo os autores, haveria também um esforço no sentido da criação de um senso de comunidade naqueles espaços, ainda que toda decisão estivesse submetida à lógica do progresso. Outro ponto levantado, que de certo modo começa a apontar para a ineficácia do projeto, seria a pouca conexão com a realidade social local: os projetistas estariam fisicamente longe do lugar em que seria implantada a cidade e tinham poucos dados sociais de seus habitantes e daqueles das comunidades vizinhas, o que tornava todo o planejamento uma espécie de desenho de cidade ideal que se chocava com uma realidade local. Disto talvez tenha resultado o título em italiano, em que a menção ao alabastro, tipo de minério usado em ornamentos, referir-se-ia ao que é belo e agradável, contrapondo-se a uma realidade social que demandava outras ações e diretrizes de planejamento.

Por fim, a realidade em que teria se chocado o planejamento urbano nos estadunidenses seria a dos interesses particulares de instituições, dos modelos dos técnicos do transporte (cujos modelos

de circulação praticamente modificaram a forma urbana, submetendo-a a uma grande via principal para automóveis) e dos modelos instrumentais das empresas terceirizadas pela CGV, cujas intervenções produziram bairros distintos, cada um para um setor diferente de trabalhadores e suas famílias, com uma determinada categoria de renda. Pode-se dizer que há uma crítica da parte dos autores - uma antropóloga e um arquiteto-filósofo - quanto ao *modus operandi* dos planejadores urbanos no geral, por não considerarem dinâmicas reais como os conflitos de interesse entre grupos ou indivíduos exemplificados no caso venezuelano, mesmo quando seu objetivo é o bem-estar de uma comunidade.



Figuras 90 e 91: Fotos das habitações para técnicos à esquerda, e para os funcionários das minas à direita em Ciudad Guayana, Venezuela (fonte: Spazio e Società, n. 26, 1984, p. 107).

Retornando ao continente africano – e com processos muito diferentes daqueles do planejamento de Ciudad Guayana -, o último texto analisado nesta seção trata do Terceiro Mundo novamente como objeto de estudo dos autores Athinà Savvidu e Luciano Barbero, e foi publicado no final da década de 1980 na revista de número 43. Desta vez, o objeto central do estudo foi a comunidade de Aiyetoro na Nigéria, localizada na costa do Oceano Atlântico a cerca de 160 quilômetros a Leste da capital Lagos. O artigo sintetiza a história desse assentamento fundado no fim dos anos 1940 por um grupo de pescadores de origem Yorubá<sup>136</sup>, os “*Holy Apostles*” (Santos Apóstolos), como resultado de um movimento religioso. A escolha da área a se implantar a comunidade teria sido indicada por um dos profetas da religião, e suas construções erigidas sobre palafitas por se tratar de um trecho alagadiço.

Savvidu e Barbero (1988) mostram como Aiyetoro se desenvolveu historicamente a ponto de ser considerada, em 1951 (apenas quatro anos após a sua fundação) a comunidade mais próspera da

---

<sup>136</sup> Yorubá (ou Iorubá) é a denominação de um grupo étnico-linguístico da África Ocidental cuja maioria se localiza em regiões onde hoje estão a Nigéria, Benin, Togo e Gana. É o segundo maior grupo étnico da Nigéria (correspondendo a cerca de 21% da população), sendo o primeiro os Hauçás.

Nigéria, e os porquês da sua decadência a partir do final da década de 1960. Segundo os autores, seu sucesso teria se dado por uma escolha de vida comunitária que se refletia na sua morfologia, nas suas construções e no modo de vida de seus moradores. Seu sistema político era centralizado e tinha por representantes alguns profetas, anciãos, membros da elite e um “Oba”, líder de maior poder político e espiritual, que teria sido escolhido por Deus.

O sistema comunitário adotado para a organização da vida social e econômica do grupo reduziu a importância dos vínculos familiares bem como das atividades exercidas em família (muito comum na região de Ilaje, onde se encontrava a comunidade), com atividades bem definidas para homens e mulheres que espacialmente viviam separados na aldeia a partir de 1950. A primeira atividade econômica exercida foi a pesca, praticada na comunidade e vendida em terra firme, nos vilarejos próximos a Aiyetoro. Os fundos gerados possibilitaram as melhorias em toda a infraestrutura local, inclusive a compra de geradores de energia (escassos em quase toda a Nigéria) e a criação de pequenas indústrias (de tecidos, sapatos, sabão, gelo e pão). Além da construção de creches e escolas, a comunidade implantou progressivamente outros serviços comunitários, como uma biblioteca, correio, lavanderia comum, centro médico, áreas para cozinhar e defumar os peixes para vender, depósitos de alimentos e roupas, além de um sistema telefônico entre tais serviços e os membros da elite política.



Figuras 92 e 93: A área entre o público e o privado e as ‘ruas’ de Aiyetoro (em Lagos, Nigéria) até meados dos anos 1960 (fonte: Spazio e Società, n. 43, 1988, p. 40).

A prosperidade econômica e social da comunidade se refletiu na sua forma física. As edificações, construídas pelos habitantes, eram muito simples e compostas por três partes: a plataforma elevada do terreno, o telhado de quatro águas e o envoltório. Destacam-se as habitações<sup>137</sup>, construídas todas segundo um único modelo (exceto a casa do Oba, com dois andares), cujos ambientes também eram divididos em três partes, sendo a área central interna destinada a atividades comuns, com dois acessos de entrada, dois quartos aos lados, subdivisíveis, e um entorno criado pela

<sup>137</sup> Segundo os autores, com a substituição do sistema familiar por um sistema o mais estritamente comunitário possível, homens e mulheres eram divididos espacialmente na comunidade para as atividades diurnas e dormiam separadamente, em grupos de 4 a 5 pessoas do mesmo sexo, nas habitações (BARBERO e SAVVIDU, 1988, p. 34).

plataforma e coberto pelo avanço do telhado, criando um espaço de varanda, depósito ou apenas passagem. Na parte de trás da casa, localizavam-se recipientes para a coleta de água das chuvas, captada por calhas, e um espaço coberto para o banheiro. As construções eram interligadas por caminhos igualmente elevados por palafitas que poderiam, como ruas, também servir como locais de socialização. Os principais meios de transporte do vilarejo eram canoas e pequenos barcos.

Barbero e Savvidu (1988) ainda discorrem sobre todas as transformações espaciais e melhorias progressivas de Aiyetoro que cresceu a ponto de ser considerado após dez anos de existência e vivência comunitária, o assentamento rural mais desenvolvido, rico e de maior qualidade de vida da Nigéria. Contudo, ao final dos anos 1960 aquele modelo social e econômico foi gradualmente substituído pela empresa privada e pela reconstituição da família como unidade socioeconômica, como consequência de mudanças na própria comunidade religiosa dos *Holy Apostles* (que aspirava mudanças em direção a maiores liberdades individuais), e pelo governo do terceiro Oba. Tais mudanças, que se refletiram também no espaço físico da comunidade, embora possam ser consideradas como as principais causas do fim do sistema comunitário de Aiyetoro, não foram os únicos obstáculos à continuação do sucesso da comunidade “utópica”.

Os autores acreditam que este sucesso teria se dado enquanto houve um controle interno e um sistema comunitário em um lugar com condições de isolamento do seu entorno (Ilaje e do resto da Nigéria), somados ao esforço para superar as condições ambientais difíceis e implantar e desenvolver o assentamento (que durou justamente quase quinze anos), a forte base religiosa e a concentração do poder na figura forte e carismática do primeiro Oba. Curiosamente, dentre os fatores que teriam contribuído para a diminuição da harmonia daquele corpo social estaria o nível de prosperidade econômica alcançada depois de superados os obstáculos para a sua criação: chegado neste ponto, deixaria de ser necessário um trabalho duro da comunidade. Para as novas gerações, já nascidas nesse contexto, não seria uma opção viver naquele grupo, pois seu pertencimento já estava dado, era hereditário. Por fim, as pressões externas causadas por outros sistemas de valores – religiosos, culturais e econômicos – também seriam vistas como causas das mudanças ocorridas.

A análise dos textos expostos nessa seção destaca o caráter político que os permeia. Parece que a valorização dos interesses de comunidades locais, de pequenos grupos (ou mesmo não tão pequenos, como a comunidade de *pobladores* no Chile) e da força das coletividades nos casos trazidos pelos autores estariam em consonância com as críticas de uma esquerda progressista à social-democracia e ao socialismo real da União Soviética, e principalmente com as ideologias e visão de mundo dos editores-chefes da Spazio e Società. Faz parecer que, posicionados entre o Primeiro e o Segundo Mundos, restava-lhes projetar seus desejos de transformação social no Terceiro Mundo, num processo carregado de contradições e ambiguidades numa relação de

alteridade algumas vezes admitida, e outras tantas negada. De todo modo, Baracco e De Carlo pareciam buscar desde o primeiro número fazer de sua revista a porta-voz de práticas culturais e sociais alternativas às ações dos poderes institucionais.

Ainda, o exame dos autores desse conjunto de textos revela que a maioria deles são italianos que, como já mencionado no início desta seção, faziam parte de uma rede de profissionais formada nos âmbitos profissional e acadêmico de Giancarlo de Carlo, dentro e fora da Itália. Assim sendo, o Terceiro Mundo na revista é construído como uma projeção de seus autores europeus que o tomavam ora como objeto de estudo, ora como seu próprio *locus* de trabalho, tendo em vista os acordos de cooperação e ajuda mútua entre o Primeiro e Terceiro Mundos que possibilitavam o trânsito desses profissionais. A divisão dos textos pelas três partes apresentadas, portanto, está atravessada por projeções: a projeção e o desejo dos europeus por revolução; a projeção, a partir do “precário”, daquilo que poderia ser melhorado no outro; e, por fim, a busca no outro por elementos que refundariam a disciplina da arquitetura e do urbanismo. Diante disso e do estudo comparativo de outros textos da revista, o jogo de espelhos de Liernur (1992) vai ganhando novos personagens, novas miradas e mais complexidade.

### 3. O “OUTRO” TERCEIRO MUNDO NA REVISTA SPAZIO E SOCIETÀ

Embora o olhar da revista italiana para o Terceiro Mundo esteja expresso no conjunto de textos indexados como tal e analisados no capítulo 2 desta dissertação, há ainda, como já mencionado, mais de duzentos artigos sobre a cultura, a arquitetura e o urbanismo de lugares que seriam considerados pelo arranjo geopolítico internacional como pertencentes ao Terceiro Mundo. Desses artigos, destacam-se ainda os Dossiês, uma espécie de nova seção da revista iniciada somente em 1985 com o número duplo 31/32, que abarcaria o estado da arquitetura de certos países e cidades inserido em um contexto histórico, político e cultural mais abrangente. Aqui, a análise busca revelar o que não está dito. Quando a alteridade é finalmente admitida em sua voz e integridade, países e seus autores não são indexados ou edificados como sendo do Terceiro Mundo. Esse outro conjunto de textos que não consta no índice, portanto, ilumina a operação cultural da revista. Nesta seção, os textos serão organizados por continente, respectivamente África, Ásia e América Latina.

#### 3.1. A África

Com o nascimento de um governo local democrático e não racista em 1º de novembro de 1995, Joanesburgo emergiu de décadas de legislação, administração e planejamento urbano do apartheid. É uma cidade fragmentada, segregada e ineficiente: uma cidade cuja geografia ainda está ligada à raça; onde permanecem enormes discrepâncias entre um norte rico e um sul pobre; caracterizada por enormes bolsões de degradação, fuga de capitais, superlotação e crime; onde o desemprego e a falta de moradia são generalizados e aumentam sob as pressões de uma crescente urbanização; com um sistema de transportes ineficiente e descoordenado; com uma administração municipal ineficiente, injusta e corrupta de 35.000 funcionários, ainda inclinada a aplicar políticas antidemocráticas e hostis ao desenvolvimento (BREMNER, 1997, p. 64, tradução da autora).

O único dossiê que trata de um território africano tem como objeto central a cidade sul-africana de Joanesburgo, e foi publicado em 1997 na Spazio e Società. A data é significativa na história daquele país que por décadas vivia sob uma cultura racista institucionalizada conhecida como *apartheid* e que três anos antes, no âmbito de uma série de medidas em prol do seu fim, tinha elegido Nelson Mandela como seu presidente. O conjunto de textos gira em torno das consequências do *apartheid* no território, principalmente das iniciativas de resistência e luta contra a segregação e a violência

por parte dos negros habitantes de Joanesburgo em anos mais recentes, e dos desafios que se colocavam a partir da conformação da cidade naquele momento. Seus autores são sul-africanos que faziam parte da rede de pesquisadores da *University of the Witwatersrand*, escola pública situada na porção norte da cidade, exceto o italiano Franco Mancuso<sup>138</sup>, curador do dossiê.

Lindsay Bremner<sup>139</sup> (1997) apresenta um panorama da história de Joanesburgo, que desde a sua fundação, ligada ao descobrimento do ouro no final do século XIX, era uma cidade cuja forma resultaria de dinâmicas imperialistas e de necessidades econômicas, políticas e sociais do desenvolvimento capitalista, com práticas de segregação de seus habitantes segundo sua raça e classe social. Grosso modo, já no começo do século XX a área urbana estaria dividida entre subúrbios arborizados ao norte, habitados por pessoas brancas e de classes média e alta e assentamentos desordenados e em expansão da classe operária negra ao sul (Kliptown, Orlando, Meadowlands e Soweto), cortados por um cinturão de mineração de quase 60km de extensão. As diversas remoções de trabalhadores de subúrbios operários para outras áreas que vinham ocorrendo desde então resultaram na Lei de Áreas Urbanas Nativas (*Native Urban Areas Act*) em 1924, que sancionava a política segregacionista já em curso ao forçar as autoridades locais a designarem determinadas terras aos africanos. Ainda, essa lei marcaria o início de um programa de remoções dos negros das áreas municipais e a sua realocação em moradias subsidiadas pelo Estado ao sul da cidade, sobretudo na área já citada de Soweto. A partir da década de 1950, outras leis do Partido Nacionalista restringiriam e controlariam os fluxos de pessoas, tornariam ilegais quaisquer ocupações de terras e imporiam a segregação racial a todos os setores da sociedade para além da habitação: escolas, meios de transporte, áreas coletivas etc.

---

<sup>138</sup> Franco Mancuso (1937) é um arquiteto e urbanista italiano, nascido em Veneza. Lá concluiu seus estudos superiores no IUAV, quando foi aluno de De Carlo, e onde lecionou por décadas. Em meados da década de 1970, Mancuso recebeu e acompanhou Henri Lefebvre, que fora convidado pelo Instituto a participar de uma conferência, encontro que teria consolidado uma relação entre Lefebvre, Mancuso e De Carlo, então professor no IUAV, que teria decidido por publicar o periódico *Spazio e Società*. Recentemente foi publicada uma coletânea de 45 textos (aulas, seminários, artigos, fragmentos de livros etc.) de Mancuso publicados ao longo de 50 anos, com suas reflexões sobre as dimensões da arquitetura e do urbanismo, seus estudos sobre Veneza, a relação entre a cidade, a universidade e o ensino de arquitetura e urbanismo e sobre o significado e importância das praças como centros cívicos na Europa (MANCUSO, Franco. **La tâche de l'architecte**. Troyen-Multien: Éditions Conférence, 2022).

<sup>139</sup> Lindsay Bremner é uma arquiteta e professora sul-africana. Obteve seu diploma de graduação pela Universidade de Cape Town e os títulos de Mestre e Doutora pela *University of the Witwatersrand*, onde lecionou de 1998 a 2004. Uma de suas pesquisas de pós-graduação versava a arquitetura na África do Sul pós-apartheid que gerou duas publicações: **Johannesburg: One City Colliding Worlds** (Joanesburgo: STE Publishers, 2004) e **Writing the City Into Being: Essays on Johannesburg 1998-2008** (Joanesburgo: Fourthwall Books, 2010). Autora de outros livros e textos, atualmente leciona na Universidade de Westminster, na Inglaterra.

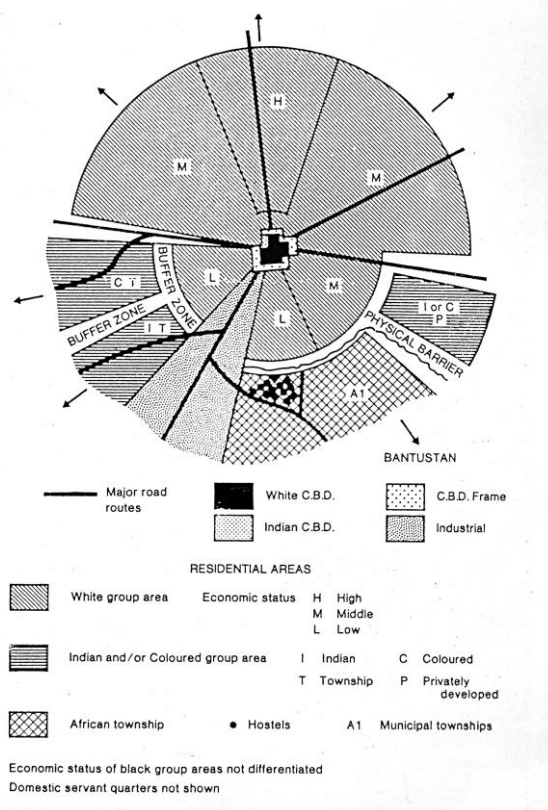


Figura 94: Modelo gráfico da cidade do apartheid (fonte: Spazio e Società, n. 77, 1997, p. 65)

A partir dessa contextualização, que inclui as manifestações contra o governo do apartheid no período do estado de emergência (1985-1989) como as greves de aluguéis e de serviços e os boicotes a diversos gêneros, os textos que seguem o dossiê tratam principalmente dos movimentos de resistência e mobilização, mais fortes no final da década de 1980 e início dos anos 1990, e dos desafios sociais, políticos e urbanísticos a serem enfrentados naquele momento. Dentre os movimentos, destacam-se os Parques do Povo (*People's Parks*) de que trata Steven Sack<sup>140</sup> e o trabalho da ONG *Planact*, apresentada por Jonathan Noble<sup>141</sup>. Pode-se dizer que o objetivo de divulgar o fenômeno dos parques populares - pequenos espaços e jardins decorados com recursos

<sup>140</sup> Steven Sack é um historiador da arte e curador sul-africano, graduado pela University of the Witwatersrand em 1974. É autor de alguns livros sobre arte, dentre eles **The Neglected Tradition: Towards a New History of South African Art 1930-1988** (Joanesburgo: The Gallery, 1998), fruto da sua pesquisa que resultou em uma exposição. Foi diretor da Johannesburg Art Foundation no fim da década de 1990 e atualmente trabalha com consultorias nas áreas de artes, museus e políticas culturais.

<sup>141</sup> Jonathan Noble (1967) é um arquiteto sul africano, cuja graduação (1986-1991) e mestrado (1998) foram desenvolvidos na University of the Witwatersrand, e doutorado (2003-2006) na University College London. É autor, dentre outros, do livro **African Identity in Post-Apartheid Public Architecture: White Skin, Black Masks** (Londres: Routledge, 2011), em cujo título há uma explícita referência ao clássico estudo de Frantz Fanon "Black Skin, White Masks", de 1952.



mínimos pelos habitantes das *township*<sup>142</sup> de Joanesburgo - seria exaltar não só a criatividade da arte popular espontânea de diversos grupos sociais, mas principalmente por serem

um primeiro passo em direção ao resgate das divisões e feridas de eventos passados. Uma tentativa de redefinir a *township*, de dar a ela uma identidade cívica que celebrava os heróis aprisionados e mortos na luta. Um evento popular e participativo em que os jovens experimentavam a sua fantasia transformando os entulhos em monumentos (SACK, 1997, p. 84, tradução da autora).



Figuras 95 e 96: Fotos de Ousakie: “Só o pobre o sente”, escultura-bicicleta e “Love”, parque em forma de coração. Fotos de Steve Hilton-Barber (fonte: Spazio e Società, n. 77, 1997, p. 81).

Os parques populares, também conhecidos como “parques da paz”, estariam inseridos em um complexo panorama político de governança local, e seriam o reflexo da necessidade de lidar com os problemas culturais, ambientais e recreativos das áreas residenciais dos negros. Das localidades tratadas destacam-se os parques de Mamelodi, *township* distante 25 quilômetros a leste de Pretória, a partir dos quais foram criados serviços essenciais como a limpeza das ruas e coleta do lixo por iniciativa local, a recuperação de áreas em desuso e atividades culturais e recreativas para os jovens, como um “clube” improvisado, estúdios de pintura ao ar livre e parques infantis com laguinhas com o formato do mapa da África. Embora os parques de Mamelodi ganhem ênfase no dossiê, seja pelas

<sup>142</sup> As townships, enquanto fruto do sistema sul-africano do apartheid, eram as áreas racialmente discriminatórias que separavam pessoas “negras” (*black*), “de cor/mestiços” (*mixed-race* ou *coloured*) e “nativos” (*indian*) pela Lei de Áreas (Land Act) de 1913 e a Lei de Áreas de Grupos (*Group Areas Act*) de 1950. “Mesmo dentro dos municípios negros, os grupos étnicos eram frequentemente segregados em áreas separadas para Zulus, Xhosas, Sothos e outros. Essas leis existiram até o início dos anos 1990 e, desde então, houve apenas uma dessegregação gradual de áreas anteriormente brancas, de cor e indígenas”. Disponível em: <<https://www.encyclopedia.com/social-sciences/applied-and-social-sciences-magazines/townships>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

grandes modificações (materiais e não materiais) que as intervenções suscitarão naquele território e naquelas pessoas, seja pela consciência política e luta por direitos democráticos traduzida nos símbolos e palavras daqueles parques, outros foram criados em diversos municípios da chamada Transvaal<sup>143</sup> entre 1985 até o início de 1986, quando o Estado de Emergência se tornou mais opressor nessas localidades e abafou o florescimento criativo da ação social dos cidadãos. O autor ainda revela que seu texto faz parte de um esforço de unir imagens produzidas por jornalistas, ativistas e fotógrafos que trabalhavam nas *townships* naqueles anos de forte repressão, uma vez que muitos documentos, e os parques, tinham sido destruídos.



Figuras 97 e 98: Placa com os escritos “*Maibuye Africa*”<sup>144</sup>, cuja tradução seria “Volta, África” (foto de Cecil Sols) e foto de u grupo de rapazes com o busto de Steve Biko, um ativista antiapartheid morto em 1977 (fonte: Spazio e Società, n. 77, 1997, p. 84).



Figuras 99 e 100: Township de Alexandra, foto do Jardim da Paz (The Garden of Peace) com vidros coloridos, e foto de dois meninos pintando um barril. Imagens da fotógrafa Gille de Vlieg (fonte: Spazio e Società, n. 77, 1997, p. 82).

<sup>143</sup> A Transvaal foi uma província sul-africana que abrigava toda a porção ao norte do rio Vaal, onde se localizavam Joanesburgo e a então capital, Pretória. Parte da divisão geográfica do apartheid, que incluía também as províncias do Cabo da Boa Esperança, Natal e Orange Free State, existiu de 1910 a 1994, quando a nova constituição redividiu o território.

<sup>144</sup> Os dizeres “*Maibuye Africa*” fazem referência a um grupo de apoio internacional na luta contra o *apartheid* por meio de manifestações culturais como música, teatro e dança, ligado a um projeto do Congresso Nacional Africano, que alcançou um sucesso considerável na Europa da década de 1970. Sobre esse tópico, consultar GILBERT, Shirli. Singing Against Apartheid: ANC Cultural Groups and the International Anti-Apartheid Struggle. *Journal of Southern African Studies*, vol. 33, n. 2, p. 421-441, jun. 2007. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/25065204>>. Acesso em: 16 nov. 2022.

Por último no dossiê, Hannah Le Roux<sup>145</sup> trata mais especificamente do campo da arquitetura e do urbanismo na África do Sul a partir da década de 1930 até os anos 1990, e da formação dos profissionais pela então única faculdade de arquitetura de Joanesburgo, a *University of the Witwatersrand*. Em uma ordem cronológica, Le Roux mostra a relação dos arquitetos formados em Joanesburgo com as principais correntes na arquitetura no mundo, como o movimento moderno e o pós-moderno, e com as possibilidades de inserção e atuação no país frente às barbaridades do apartheid. De modo geral, os arquitetos atuantes nas décadas de 1930 e 1940, dos quais ela cita Kurt Jonas (1914-1942), Rex Martienssen (1905-1942) e Norman Hanson (1909-1991), teriam uma linguagem modernista influenciada pelo discurso europeu e pela obra de Le Corbusier. Já na década seguinte, acompanhando novamente dinâmicas externas, as obras arquitetônicas seriam norteadas por um modernismo mais “moderado”, com maior atenção ao clima e a luz natural, e com mais apreço à arquitetura tradicional, ainda que traduzido limitadamente em padrões ornamentais nos edifícios.

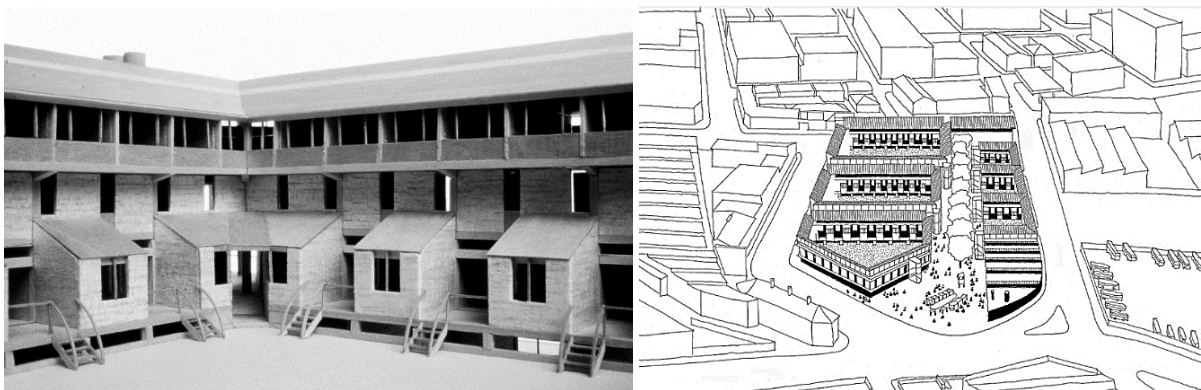
A partir então da década de 1960, a autora mostra que muitos arquitetos recém-formados se recusariam a exercer a função em cargos no Estado ou em obras que o envolvessem mesmo que indiretamente por questões morais, frente a repressão intensa que muitas vezes resultou em mortes de quaisquer grupos periféricos que se manifestassem contra as condições políticas vigentes. Ainda na década de 1960, houve uma maior internacionalização da universidade, com muitos estudantes buscando a pós-graduação fora do país – sendo a Universidade da Pensilvânia como um dos destinos mais populares, o que explicaria uma onda de influência da obra de Louis Khan no território sul-africano – e outros se dedicando ao exercício teórico e outras atividades. Le Roux traça este panorama para chegar na década de 1990, quando são revogadas algumas das leis que segregavam o território, alterando gradativamente as práticas arquitetônicas e urbanísticas até então.

Desse período são apresentados cinco arquitetos de Joanesburgo (Joseph Noero, Muhammad Mayet, Heinrich Kammeyer, e Kate Otten e Anthony Philbrick de uma geração mais nova), cujos projetos e experimentos estariam em um ponto de transição para uma nova prática com maiores possibilidades, mais autêntica e comprometida com um novo tempo. Joseph Noero, que pertenceria àquela geração de arquitetos que dera continuidade aos seus estudos superiores fora do país, nesse caso pesquisando na *Newcastle University* com John Turner, desenvolve três projetos de pequena e média escala que representam um esforço de compreensão das necessidades locais e leitura do

---

<sup>145</sup> Hannah Le Roux é uma arquiteta, pesquisadora e professora sul-africana. cursou a graduação (1987) e o mestrado (2002) na *University of the Witwatersrand*, onde lecionou entre 1996 e 2015, e o doutorado (2014) na *KU Leuven* (Bélgica). Também se tornou diretora da universidade sul-africana e desde 2022 desenvolve pesquisas como professora visitante na *ETH Zurich*, na Suíça. Um de seus focos principais de pesquisa envolve o projeto modernista na arquitetura na África: como ele teria se dado neste território e como a África apresentaria um modelo conceitual para o design contemporâneo.

espaço significativos. Seu projeto *Salisbury Claims Housing* (de 1994, não construído), concebido para um antigo terreno de mineração dentro de uma área industrial de Joanesburgo, faria parte de uma redefinição da área que passaria a ter outras funções: na contramão de toda a lógica do apartheid, que impunha a setorização da cidade e das suas margens segundo raça, classe social e atividades (como um reflexo da cidade funcional moderna), alguns arquitetos e urbanistas sul-africanos atuantes em meados da década de 1990 buscariam romper com esse fundamento. O conjunto, inspirado em parte pelo *Ark Building*<sup>146</sup>, disporia de serviços e comércio no piso térreo e habitações no piso superior, conformando seu uso misto por todo o perímetro da quadra. Sua implantação conformaria um passeio no meio da quadra largo o bastante para mais comércio e outras atividades além de servir de passagem. Os pátios internos de cada conjunto seriam “vigiados” pelas cozinhas das unidades habitacionais, equilibrando a privacidade e vigilância dos moradores (LE ROUX, 1997).

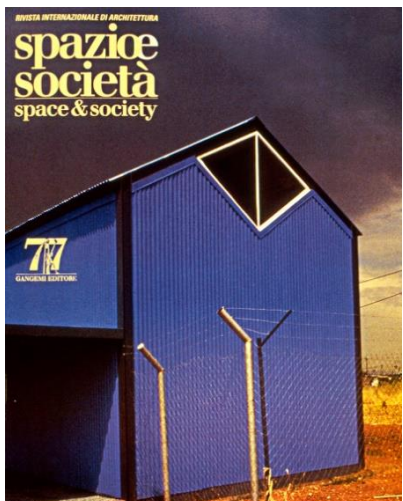


Figuras 101 e 102: Foto da maquete e perspectiva da implantação no terreno da *Salisbury Claims Housing*, de Joseph Noero, Joanesburgo, 1994 (fonte: *Spazio e Società*, n. 77, 1997, p. 103, 104).

Destacam-se também outros dois projetos de Noero construídos na década de 1990: o Centro de União das Mães Anglicanas (*Anglican Mothers Union Centre*) de 1994 e o Centro de Planejamento Familiar (*Planned Parenthood Centre*) de 1995. O primeiro, localizado em um outrora subúrbio para negros próximo da *inner city* e da universidade chamado *Pageview*, trata-se de um anexo a uma igreja que resistira as demolições em massa da região nos anos 1970 quando o Estado expulsou os habitantes de então e expropriou-os das suas terras. Do projeto simples de Noero que se conecta com a igreja formando um pequeno pátio, distingue-se uma escada em espiral que se tornou um elemento de destaque pelos habitantes, que nela afixavam placas comemorativas. Já o segundo, construído com componentes de aço pintados de azul em *Orange Farm*, área então de

<sup>146</sup> O *Ark Building* é um edifício de uso misto localizado a pouco mais de 1 quilômetro da área de projeto do *Salisbury Claims* de Joseph Noero, e é atualmente reconhecido como patrimônio da cidade pela *Johannesburg Heritage Foundation*. Trata-se de um edifício de um pavimento construído no perímetro da quadra, com serviços no nível da rua e moradia no primeiro pavimento. Segundo o autor, trata-se de um dos poucos remanescentes arquitetônicos anteriores ao período modernista.

baixa densidade e periférica ao sul de Soweto, teria por objetivo difundir informações sobre a AIDS e auxiliar no planejamento familiar daquela comunidade, tornando-se por fim também local de encontros e reuniões.



Figuras 103 e 104: Capa da revista *Spazio e Società* de número 77 e vista do projeto de Joseph Noero, *Planned Parenthood Centre* de 1995, em *Orange Farm*, Joanesburgo (fonte: *Spazio e Società*, n. 77, 1997, capa e p. 105).

Outros exemplos de práticas mais autênticas no território africano são divulgados na *Spazio e Società*. Dos países ao norte do continente, há um curto texto de Walter Barbero (1982) sobre a mesquita de Sidi Brahim, na região de El Atteuf na Argélia, construída possivelmente entre os séculos XIII e XV. O autor menciona as viagens de Le Corbusier à Argélia entre fins da década de 1920 e início dos anos 1930, e seu encantamento com a descoberta de uma arquitetura de “extraordinária liberdade compositiva” referindo-se às construções e paisagem do vale do M'Zab<sup>147</sup>. Além de expor o grande valor dessa arquitetura, que conciliaria técnicas construtivas muito simples e grande flexibilidade e liberdade compositivas, Barbero relembra a anedota de que o projeto da capela *Notre-Dame-du-Haut*, em Ronchamp, de 1950 do arquiteto franco-suíço teria sido inspirado na mesquita de Sidi Brahim para ironizar seus preceitos modernos.

Quanto a Le Corbusier, embora deva ser dado o devido crédito a sua "descoberta" (nunca publicada), ainda nos resta o problema de Ronchamp - não, claramente, por causa da "inspiração", mas por causa de uma impressão persistente de que o a obra moderna não se sai muito bem de uma comparação, agora que finalmente pode ser feita, com seu antigo e anônimo predecessor (BARBERO, 1982, p. 123, tradução da autora).

<sup>147</sup> O M'Zab é um vale localizado a aproximadamente 500 quilômetros ao sul da capital Argel, onde existe um assentamento humano criado no século X em torno de cinco cidades fortificadas (*ksour*) – a mais antiga delas é El Atteuf. Por seu valor único e excepcional, o conjunto foi inscrito como Patrimônio Mundial na lista da UNESCO em 1982.



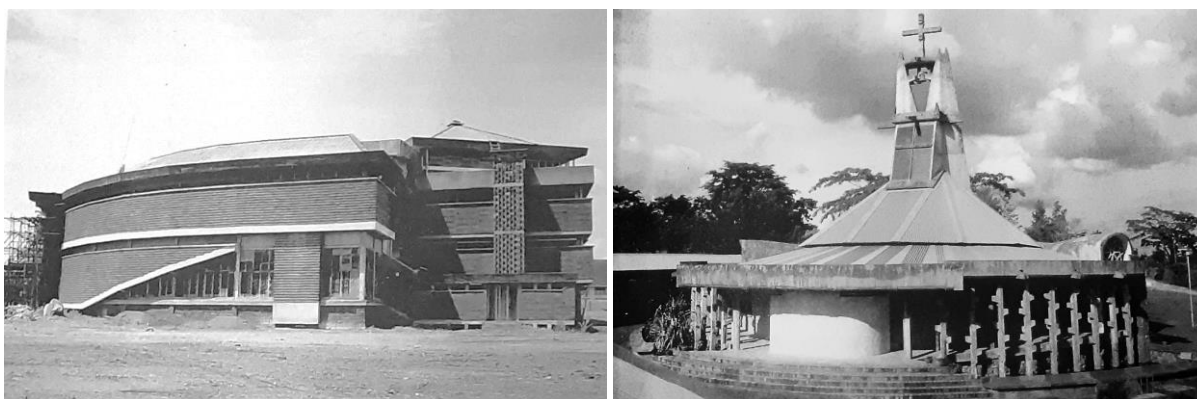
Figuras 105, 106 e 107: Imagens externas e interna da mesquita de Sidi Brahim, ao norte da Argélia (fonte: Spazio e Società, n. 20, 1982, p. 122, 124 e 126).

Dentre os outros textos sobre territórios africanos na *Spazio e Società*, há os que mostram uma arquitetura na Nigéria diferente daquela que aparece indexada como Terceiro Mundo. Escritos por sua vez por Luciano Barbero, tratam de projetos como o da Igreja de Santa Maria Auxiliadora dos Cristãos (*St. Mary's Help of Christians*) e da Casa Salesiana, ambas na cidade de Akure (capital do estado de Ondô, localizada a cerca de 250 quilômetros a nordeste de Lagos), construídas em finais da década de 1980. Os projetos fariam parte de uma iniciativa do bispo de Akure que oferecera à ordem dos Salesianos duas paróquias, uma em Akure e outra na cidade de Ondo (distante 50 quilômetros de Akure). Barbero (1992) então trata dos Centros Don Bosco, como são chamados os conjuntos de edifícios, projetados e construídos com o envolvimento de arquitetos italianos e nigerianos, como o próprio Barbero.

No ano seguinte a essa publicação, na revista de número 61 (1993), Barbero escreve um artigo<sup>148</sup> dedicado à formação e obra de Demas Nwoko, um importante artista, mestre de obras e arquiteto nigeriano. Para o autor, a prática de “arquiteto-construtor” de Nwoko se distinguiria por ser única na Nigéria e na África Ocidental, na medida em que ele iniciara sua prática frequentando diariamente o canteiro de obras e com uma abordagem construtiva que buscava integrar técnicas e materiais tradicionais reinterpretando-os com destreza e criatividade (BARBERO, 1993). Ainda que sua arquitetura respondesse à cultura local, o autor sustenta que não se trataria de obras

<sup>148</sup> Há alguns problemas na publicação de Barbero: na parte escrita, o ano de nascimento de Nwoko, que consta como 1936 é equivocado, pois o artista e arquiteto nasceu um ano antes; quanto as imagens, o problema é maior na medida em que há uma obra com a legenda errada. As imagens publicadas como sendo da “Capela do Monastério Beneditino de Ibadan, 1968-70” são da Capela Dominicana e do Instituto Dominicano, cujo projeto é de 1977.

regionalistas ou dominadas por sentimentalismos passados, mas de exemplos de uma vontade consciente de progredir na tradição de construir, inserindo novas tecnologias quando necessário e sem precisar anular os valores socioespaciais inerentes a ela. Por dificuldades locais, questões econômicas e por vezes políticas, a construção de suas obras era feita a “pequenos passos”, como o Centro Cultural da Cidade de Benin, conhecido como *Oba Akenzua Cultural Centre*, comissionado em 1972 e completado dois anos após a publicação do texto, em 1995.



Figuras 108 e 109: Fachada oeste do Centro Cultural da Cidade de Benin, e Capela Dominicana em Ibadan, fotos dos projetos em construção de Demas Nwoko na Nigéria (fonte: Spazio e Società, n. 61, 1993, p. 36 e 37).

Ainda quanto à sua investigação sobre técnicas e materiais tradicionais e novas tecnologias, mais especificamente no campo das artes em meados dos anos 1960 o artista teria enveredado para o trabalho com uma das formas de expressão artística mais antigas da África: a terracota. Para tal, Nwoko teria estudado, experimentado e construído um forno para o cozimento das peças, no intuito de retomar essa tradição. O forno, adequado para o trato com o tipo de barro local e que funcionaria com combustíveis acessíveis, permitiu que fossem feitas esculturas que mais tarde seriam expostas em uma mostra intitulada *A Revival of Terracotta at Ibadan* (BARBERO, 1993). Por fim, Barbero menciona a revista *New Culture*, criada e impressa por ele e um grupo de artistas nigerianos no final da década de 1970, que se propunha ser uma publicação alternativa à dependência cultural *noratlântica*. Sua interrupção após apenas 11 números teria se dado por motivos econômicos e por uma indiferença dos setores a quem a revista se direcionava, mostrando também como suas ideias e práticas diferentes de um padrão já estabelecido (dependente) encontrava relutância em corporações de arquitetos nigerianos.

Mas também aqui é difícil compreender por que esse artigo escapou à indexação na palavra-chave Terceiro Mundo na revista, considerando os aspectos que direcionavam a operação, dos quais fazia parte essa frente relacionada a questões construtivas. Talvez a obra, por não ser “dominada por sentimentalismos passados”, não corresponderia a um Terceiro Mundo visto como lugar do atraso.

### 3.2. A Ásia

O dossiê sobre a Índia é o maior publicado na *Spazio e Società*, contendo dezesseis textos de colaboradores das mais diversas áreas, incluindo arquitetos, urbanistas, professores, jornalistas, escritores e pesquisadores, em sua maioria indianos. Organizado por Balkrishna Doshi e reproduzido na revista de número 38 (1987), o conjunto de textos busca traçar um panorama histórico daquele território de tradições milenares até chegar nas mudanças ocorridas no século XX, a fim de que o leitor compreendesse melhor as questões contemporâneas que se colocavam naquele momento, quarenta anos após a independência da Índia. Sua multiplicidade se dá nos mais variados campos: fisicamente, o território dispõe de montanhas nevadas, florestas tropicais e um árido deserto; sua população, que em meados da década de 1980 já contava com quase 800 milhões de pessoas, seguia diferentes religiões, dentre elas o hinduísmo, islamismo, cristianismo e budismo; e eram já reconhecidas naquele momento mais de dez línguas oficiais. Apresentar e analisar todas as diversas linguagens e concepções arquitetônicas e urbanísticas presentes nesse complexo e vasto território talvez não fosse possível em um dossiê, portanto foram destacadas aquelas que mostrariam uma autonomia consciente das tradições, das influências externas mais recentes e das necessidades contemporâneas daquela população, naquele território. Nas palavras de Doshi,

talvez possamos dizer que começou uma espécie de renascimento da arquitetura indiana moderna e do planejamento urbano, caracterizados por um interesse renovado no estudo da tradição, mas desta vez com um compromisso cultural mais profundo, que busca identificar e afirmar uma ética arquitetônica e urbanística indiana. planejamento. As formas e métodos tradicionais já não são mais vistos como fatos "exóticos", sem sentido em uma sociedade industrializada, mas como soluções ainda válidas desde que devidamente reinterpretadas no contexto contemporâneo (DOSHI, 1987, p. 46, tradução da autora).

No âmbito do urbanismo, Ranjit Sabiki<sup>149</sup> retoma o desenho de algumas das cidades mais antigas da Índia no intuito de mostrar o que seria o urbanismo tradicional daquelas localidades. Os núcleos urbanos apresentados surgiram, em sua maioria, quando o território indiano fazia parte do império Mogol<sup>150</sup>, que iniciou seu domínio no século XVI. Muitos deles se originariam de edifícios-cidades: grandes complexos de palácios, mesquitas e mausoléus para imperadores e sua corte, a partir dos quais cresceriam outros núcleos de forma espontânea; ou ainda cidades dentro de muros ou protegidas por fortes, fundadas como centros de comércio ao longo de percursos caravaneiros em

---

<sup>149</sup> Ranjit Sabiki é um arquiteto, urbanista e professor indiano que iniciou sua carreira no começo dos anos 1960. Lecionou na *School of Planning and Architecture*, da Universidade de Nova Delhi, de 1959 a 1975 onde também dirigiu o Departamento de Planejamento Urbano.

<sup>150</sup> A dinastia muçulmana Mogol (Moghul ou Mughal), que dominou grande parte do território de onde hoje é a Índia entre o início do século XVI e meados do século XVIII, foi fundada e governada por descendentes do governante mongol Genghis Khan. Destacam-se as sete gerações de governantes habilidosos e os esforços de seus imperadores para integrar hindus e muçulmanos em um estado unido (informações da Enciclopédia Britannica online).



regiões desérticas como o Rajastão. Dessa era Mogol, na porção norte, onde hoje se situa o estado de Uttar Pradesh, é ressaltado o complexo de Akbar em Fatehpur Sikri, cuja forma urbana se daria pela harmônica integração dos pátios, jardins e pavilhões que, segundo o autor, resultaria em um dos mais significativos exemplos de desenho urbano da Índia.

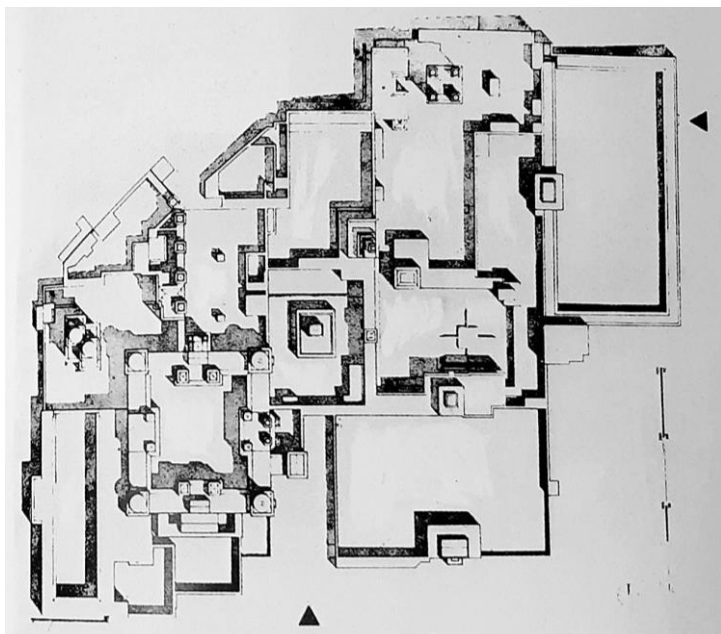
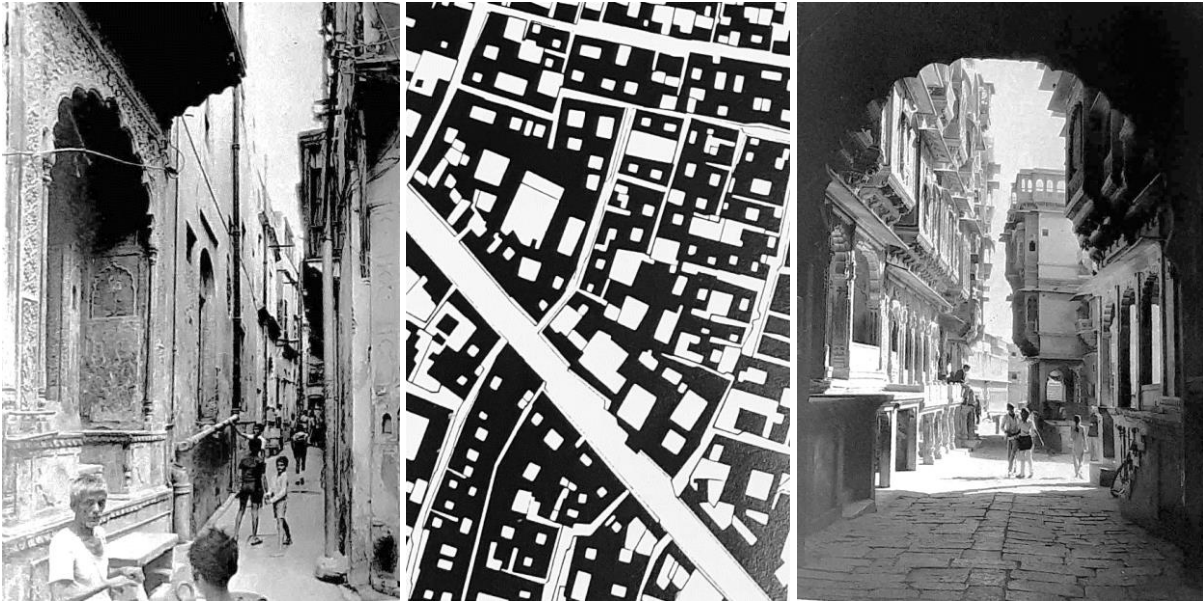


Figura 110: Planta do complexo de Akbar, em Fatehpur Sikri, um dos exemplos mais significativos de desenho urbano da Índia. Apesar de sua intrincada organização e variedade de espaços, tem um desenho para a escala humana, cujo espaço e forma refletem um senso de harmonia (fonte: Spazio e Società, n. 38, 1987, p. 91, mas originalmente publicada no livro *“Living Architecture: Islamic India”*, de Andreas Volwahren).

Hyderabad, hoje capital do estado de Telangana, também é mencionada, cujo núcleo histórico inicial teria se expandido organicamente entre pátios internos privados e espaços abertos públicos durante o império Mogol. Jaipur, capital do estado do Rajastão, seria outro exemplo importante de urbanismo tradicional, inicialmente construída sob um traçado ortogonal sobreposto à paisagem que também tivera um desenvolvimento orgânico, unificada por uma cor rosada imposta para todas as fachadas de seus edifícios. Dos núcleos urbanos que o autor chama “cidades do deserto”, na região do Rajastão, são mencionadas Udaipur, Jaisalmer, Amber, Bikaner e Bundi. Cada uma teria suas peculiaridades, sobretudo na sua arquitetura, mas em termos urbanísticos, o fato de serem cidades compactas, com ruas estreitas, protegidas do sol e dos ventos e cercadas por muros são características semelhantes entre elas. Por fim, são destacadas na porção meridional do território as cidades-templos de Srirangam e Chidambaram, ambas localizadas no atual estado de Tamil Nadu.



Figuras 111, 112 e 113: Uma rua em Shahjehanabad: cheia, insalubre, mas em escala humana e com forte caráter urbano e ao lado, seu tecido denso. Esta foi uma cidade fundada pelo imperador Shah Jehan no século XVII e faria já na década de 1980 parte de Delhi. Por trás do labirinto de vielas estreitas, existe um rico sistema de pátios internos que juntos constituem um quarto da área total. Por fim, a última imagem é de uma rua de Jaiselmer “cidade do deserto” do século XII: as ruas estreitas, as pequenas aberturas, as saliências e as arcadas se combinam para proteger do forte sol de verão (fonte: Spazio e Società, n. 38, 1987, p. 92 e 93).

O autor reforça em seu texto que a forma do ambiente construído era dada, em grande medida, em função do clima, principalmente em regiões como o Rajastão, e chama a atenção para o refinamento espacial daquelas cidades. Por conta das grandes variações de temperatura, muito altas durante o dia e baixas durante a noite, as construções precisariam proteger do sol e conservar o ar fresco o máximo possível. Assim, todos os cômodos das casas teriam uma ligação com um pátio central que por sua vez ligar-se-ia à rua através da entrada, formando sombras e espaços vazios, ruas estreitas com elementos visuais menores, ornamentos e saliências nas superfícies. Ainda, na estrutura da cidade tradicional, a habitação era ligada ao local de trabalho da família e era comum que um edifício servisse para diversos usos. Quanto às habitações rurais, o arquiteto Kulbhushan Jain apresenta em outro texto do dossiê diferentes tipologias de moradia vernacular de pontos diversos daquele território.

O desenvolvimento tradicional urbano evidenciado por Sabiki (1987) teria sofrido uma ruptura a partir da consolidação da colonização britânica, em meados do século XIX. O modelo colonial de urbanismo responderia às exigências tecnológicas da revolução industrial: ferrovias e automóveis impunham uma nova escala, contrários aos espaços urbanos que privilegiam percursos pedonais. Ainda, seguiria os preceitos do *zoning* - dividindo a cidade em áreas para funções particulares - e do modelo de cidade-jardim de Ebenezer Howard, praticamente contrários aos princípios de uso misto e da escala das ruas da cidade tradicional. O exemplo mais emblemático que marcaria a diferença entre tais desenhos urbanos segundo o autor seria o Plano Lutyens New Delhi, que previa a criação de subúrbios para os britânicos, um grande eixo com construções governamentais e um

centro comercial, um desenho de cidade muito diferente do crescimento orgânico que teria se desenvolvido anteriormente naquele local. O problema também residiria no fato de que mesmo após a independência, os modelos e ideais europeus continuariam sendo bem ou mal reproduzidos em planos habitacionais, núcleos comerciais e campus universitários, em intervenções públicas e privadas, sem muita reflexão por parte dos arquitetos e urbanistas sobre as possibilidades de incorporação dessas ideias e de outras com referências locais.

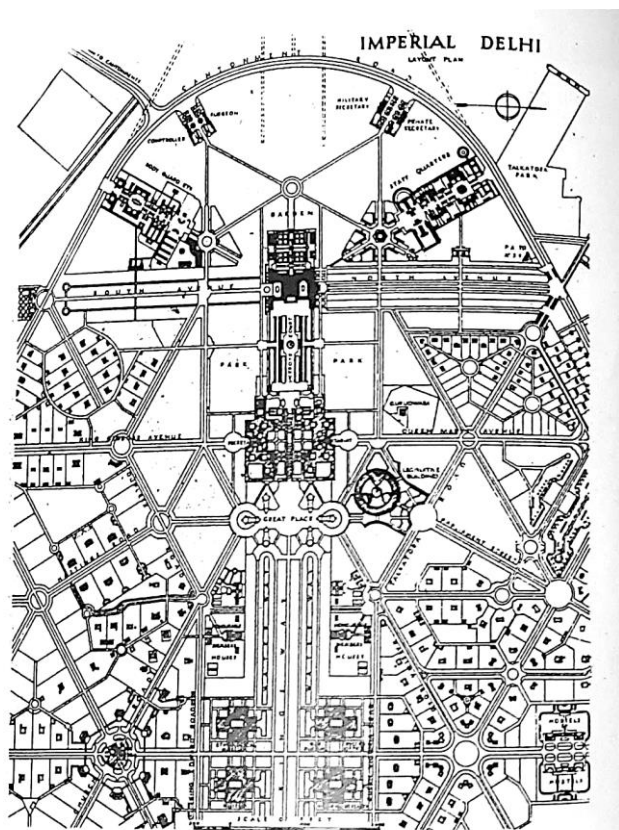


Figura 114: O plano do arquiteto inglês Edwin Lutyens para Nova Delhi (fonte: Spazio e Società, n. 38, 1987, p. 94).

Em concordância com algumas das ideias principais dos editores-chefes da Spazio e Società, que valorizavam a participação e o envolvimento das coletividades na construção dos espaços, Sabiki (1987) mostra como dois núcleos comerciais do início dos anos 1960 tiveram mais ou menos sucesso por conta de seus conceitos. A comparação se deu entre o planejamento e construção de um dos primeiros eixos comerciais pós-independência em Delhi, a Asaf Ali Road, com o INA Market, um mercado sobretudo de frutas legumes e outros alimentos, constituído por uma série de barracas e estruturas provisórias montadas espontaneamente por seus comerciantes. Após vinte anos da sua existência, o autor reafirma a importância deste último, que se tornara um importante centro de Nova Delhi, atraindo também pessoas de outras áreas. Nesse caso, ainda que a montagem espontânea de barracas apresentasse também limites e problemas, o INA Market seria um lugar mais interessante na medida em que haveria uma maior harmonia e coerência entre seu espaço e

aquela sociedade. O arquiteto entende que os desafios que se colocavam naquele momento do final da década de 1980 eram mais complexos e envolviam muito mais pessoas, com a expansão massiva das cidades em quase todo o mundo, mas acreditava que seria possível olhar para as formas de integração, de expressão e uso das cidades tradicionais e recriá-los em termos contemporâneos.



Figuras 115 e 116: Imagens da Asaf Ali Road, uma das primeiras ruas comerciais planejadas após a independência, e do INA Market, formado espontaneamente com estruturas improvisadas e que se tornou um centro comercial dinâmico, ambos em Nova Delhi e distantes cerca de 10 quilômetros (fonte: Spazio e Società, n. 38, 1987, p. 96).

Quanto à arquitetura, o dossiê contém alguns textos com reflexões sobre o que seria uma possível arquitetura indiana moderna. A independência da Índia aparece como um ponto chave para o início dessa reflexão, pois seria um momento de intensa atividade construtiva no país, principalmente atrelada às políticas progressistas do então primeiro-ministro Jawaharlal Nehru, e de uma intensa discussão internacional sobre a arquitetura e o urbanismo modernos no âmbito da reconstrução europeia. Ram Sharma<sup>151</sup> (1987) mostra como o projeto e construção da capital Chandigarh, em Punjab, por Le Corbusier no início da década de 1950 teria lançado a Índia no panorama arquitetônico mundial, e contribuído para a disseminação do Estilo Internacional em muitas escolas de arquitetura do país, cujos programas ofereceriam aos alunos técnicas e métodos construtivos ocidentais. O novo estereótipo urbano, com destaque para uma variedade de brise-soleils, poderia ser visto no desenvolvimento de diversas cidades daquele momento. Contudo, a década seguinte veria aflorar reflexões e busca por identidade por parte de alguns arquitetos que se questionariam: em que medida essas formas respondiam à realidade indiana?

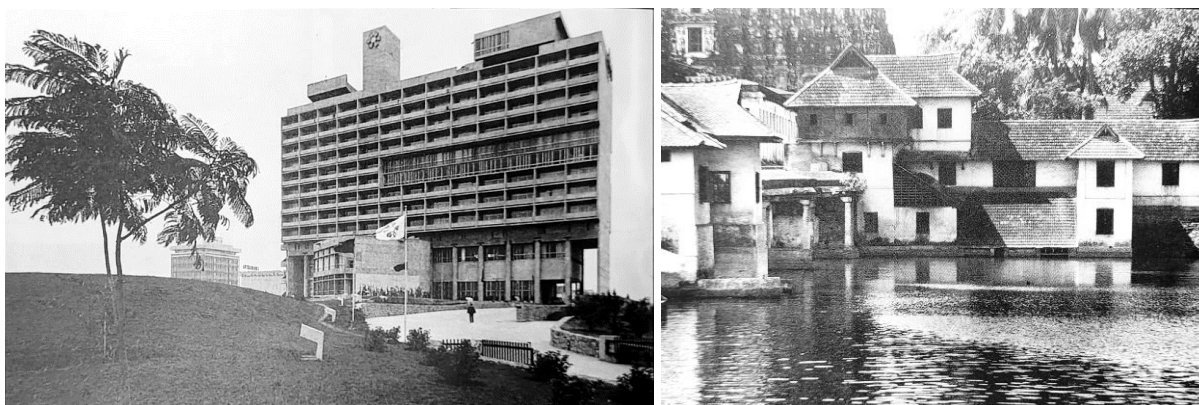
Até que ponto eram capazes de compreender e satisfazer as necessidades materiais e sociais do povo? Quão eficazes foram os sistemas de proteção contra o sol, vento e chuva derivados de metodologias ocidentais nos desertos indianos, florestas de monções ou nas montanhas do Himalaia? Que relação teriam os novos

---

<sup>151</sup> Ram Prakash Sharma é um arquiteto, paisagista e acadêmico indiano, residente em Nova Delhi. Recebeu seu diploma de graduação em arquitetura pela *Delhi University* (1957), o título de Mestre em arquitetura paisagística pela *Harvard University* (1959) e outro pelo *Pratt Institute* (1962). Lecionou por mais de 40 anos na Escola de Planejamento e Arquitetura de Nova Delhi onde é atualmente presidente do Conselho Executivo.

edifícios com as várias arquiteturas regionais? (SHARMA, 1987, p. 102, tradução da autora)

Já no final dos anos 1960 então, duas tendências se desenvolveriam nesse âmbito: os arquitetos que estariam empenhados no estudo de materiais e técnicas locais, inspirados nos valores tradicionais, e aqueles que explorariam o emprego de novos materiais e novas técnicas, acreditando que o retorno à tradição seria mais um modismo que não levaria em consideração o contexto político e socioeconômico da arquitetura tradicional, nem as transformações da sociedade e a moderna complexidade urbana. Laurie Baker (1987) tece sua reflexão na mesma linha que Sharma e faz uma crítica às práticas arquitetônicas modernas europeias – sobretudo ao uso intensivo do concreto, aço e vidro -, que não se integrariam aos modelos culturais regionais nem levariam em consideração o meio ambiente, propondo que pudesse haver uma versão moderna dos estilos arquitetônicos locais de outrora, frutos de uma evolução lenta e constante de processos construtivos. Além de carregarem consigo uma identidade, elementos como tetos inclinados e o *jali* – já mencionados na seção 2.1.2 desta dissertação - seriam respostas eficazes a região sul da Índia em que ocorrem chuvas de monções, onde então residia Baker.



Figuras 117 e 118: A influência de Le Corbusier no Akbar Hotel em Delhi (1965-69) de Shiv Nath Prasad, e vista do Palacio Padmanabhapuram, um exemplar da arquitetura do Querala, localizado no estado vizinho de Tamil Nadu (fonte: Spazio e Società, n. 38, 1987, p. 102 e 110).

Por fim, Vikram Bhatt<sup>152</sup> e Peter Scriver<sup>153</sup> (1987) vão mais a fundo na questão do moderno quando afirmam que não se poderia subestimar o fascínio emocional que os elementos revolucionários e

---

<sup>152</sup> O indiano Vikram Bhatt formou-se arquiteto em 1973 na Escola de Arquitetura de Ahmedabad, no Centro de Planejamento e Tecnologia Ambiental. Durante seus estudos e depois, trabalhou com Balkrishna Doshi, até ingressar no Mestrado em arquitetura pela *McGill University* (Canadá), que finalizou em 1975. Juntou-se então à equipe de pesquisa do *Minimum Cost Housing Group*, unidade educacional e de pesquisa da Escola de Arquitetura da *McGill*, liderando suas atividades a partir de 1988, concentrando a atenção nos problemas de moradia dos pobres. Atualmente é professor emérito daquela Escola.

<sup>153</sup> Peter Scriver desenvolveu seus estudos superiores de graduação e pós-graduação na canadense Escola de Arquitetura da *McGill University* entre 1979 e 1984. Obteve o título de Doutor em História e Teoria da Arquitetura na *Delft University of Technology* (Países Baixos) em 1994, e desde 1996 é professor associado na Escola de Arquitetura e do Ambiente Construído na *University of Adelaide*, na Austrália, onde o arquiteto

novos do paradigma modernista, como valores humanos universais e um forte simbolismo futurista, causaram em muitos daqueles empenhados em construir suas novas nações. No caso da Índia, mostram obras de ‘mestres’ modernos, como Le Corbusier e Louis Khan e de arquitetos indianos como Balkrishna Doshi, Charles Correa, Anant Raje e Achyut Kavinde, no território desde meados do século XX até os anos 1980. Grosso modo, é possível depreender do texto uma espécie de linha do tempo em que há uma maior adoção de alguns dos modelos correntes de arquitetura moderna do Primeiro Mundo imediatamente após a independência (muito embora as promessas do Estilo Internacional já estivessem se esgotado quando da inauguração dos monumentos de Chandigarh), que paulatinamente vai dando lugar a outras experimentações e abordagens, muitas destas retomando modelos, práticas, elementos e materiais locais anteriores ao período colonial<sup>154</sup>. Todavia, esse processo não é linear e as classificações não poderiam ser absolutas: tomando como base os arquitetos tratados nos textos e também os arquitetos autores do Dossiê, fica evidente que suas trajetórias são produtos de cruzamentos culturais como tradição-modernidade, local-universal, antigo-novo etc., com conflitos e ambiguidades que nada mais são do que elementos da própria modernidade. Liernur (2010) explica que

a Modernidade se constitui em um duplo movimento paradoxal: é movida pelas leis de ferro da universalização e da expansão - do capital, do consumo, da igualdade política, da razão - mas para impô-las precisa e alimenta as forças do singular - a burguesia, o novo, as nações, as subjetividades - (LIERNUR, 2010, p. 273, tradução da autora).

Em outras palavras, o discurso de universalização da modernidade só é possível se forem ativadas as forças locais. Na arquitetura, a partir da questão material por exemplo, esse paradoxo enquadra as discussões sobre a arquitetura “local” (as de tijolo, de barro, de madeira), que seria então ativada pela vontade moderna de universalização, nessa dialética entre o local e o universal (a essência da modernidade). Sendo assim, os arquitetos “locais” estariam pensando o desenvolvimento de uma arquitetura própria e original, com a utilização de materiais locais e considerando as tradições dos territórios em que constroem, ao mesmo tempo em que estariam respondendo a essa expansão da modernidade. A leitura dos textos revela esse duplo sentido: a busca por construir formas originais

---

fundou o *Centre for Asian and Middle-Eastern Architecture*. As áreas de pesquisa de Scriver são centradas principalmente na história e crítica da arquitetura na Índia moderna, nas relações culturais e cognitivas entre a arquitetura, planejamento e desenho urbano e construção e nos quadros institucionais e redes profissionais em que operariam tais disciplinas.

<sup>154</sup> O interesse pela arquitetura pós-colonial na Ásia Meridional é reforçado na atualidade com a exposição no MoMA ocorrida no primeiro semestre de 2022, intitulada “*The Project of Independence: Architectures of Decolonization in South Asia, 1947–1985*”. Nela foram exibidos documentos, imagens e maquetes de obras na Índia, Paquistão, Bangladesh e Sri Lanka de arquitetos modernos locais que, segundo seus curadores e pesquisadores, poderiam ser entendidas como um instrumento de emancipação da colonização política e cultural, mas também de uma concepção rígida do modernismo como exclusivamente desenvolvido pelo Ocidente e considerado a partir de uma perspectiva ocidental.

e identitárias a partir desses materiais, concomitante ao desejo universalizante, de participação da modernidade.

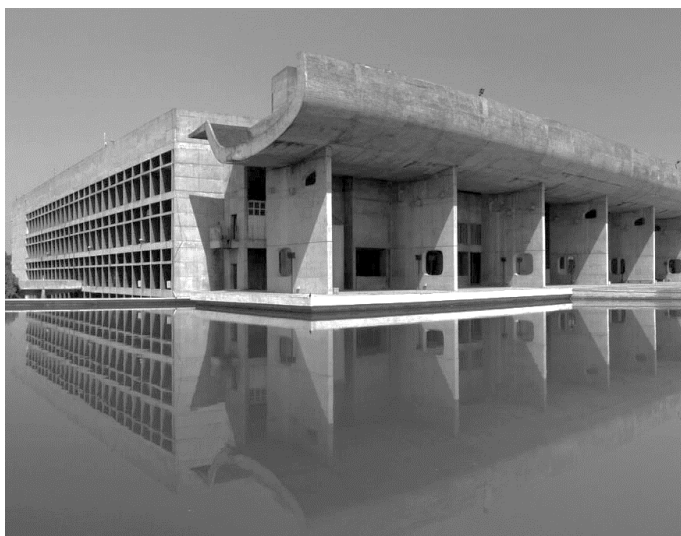


Figura 119: A arquitetura dos mestres: Palácio da Assembléia de Chandigarh, projetado por Le Corbusier na década de 1950 (fonte: Spazio e Società, n. 38, 1987, p. 112).



Figura 120: Fotografia exibida na exposição do MoMA *The Project of Independence: Architectures of Decolonization in South Asia, 1947–1985* (2022), de uma mulher carregando cimento no Complexo do Capitólio de Chandigarh, em frente ao Edifício do Secretariado, em 1956 (foto de Ernst Scheidegger). Disponível em <[https://www.archdaily.com/981654/moma-exhibition-explores-the-architectures-of-decolonization-in-south-asia?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com/981654/moma-exhibition-explores-the-architectures-of-decolonization-in-south-asia?ad_medium=gallery)>. Acesso em: 11 fev. 2023.

Bhatt e Scriver (1987) destacam os indianos Balkrishna Doshi e Achyut Kanvinde (1916-2002) como pertencentes a uma primeira geração de arquitetos modernos indianos que conseguiram, em maior ou menor grau, explorar uma linguagem própria considerando a arquitetura internacional e a indiana, com boa qualidade do espaço e da forma de suas obras. Ambos se graduaram na *Sir J. J. School of Art* em Mumbai na década de 1940 e tiveram experiências de estudos e trabalho no exterior. Kanvinde fora então enviado para os EUA pelo governo de Nehru para estudar em Harvard e lá teve contato com outros ‘mestres’ como Walter Gropius, retornando à Índia para ser nomeado

arquiteto-chefe do Conselho de Pesquisa Científica Industrial e construir, ao longo de quase uma década, uma série de complexos administrativos e laboratórios de pesquisa pelo país. Já Doshi teria trabalhado diretamente com Le Corbusier em Paris e retornara ao seu país em 1954, para acompanhar as obras de alguns projetos comissionados ao arquiteto franco-suíço. Desse momento começa a sua prática na Índia, sobretudo em Ahmedabad, com projetos de habitações privadas, em que ele explora a linguagem antiga e as propriedades de materiais simples como o tijolo bruto em um momento em que a estética minimalista e os *bangalôs* de concreto estavam em alta entre a burguesia indiana. Outros projetos de moradia surgem, dessa vez para as camadas mais pobres da sociedade, nos quais também se sentiriam as qualidades de um espaço concebido para o modo de vida indiano, harmônico em seus princípios e nos seus aspectos formais e materiais. Seu projeto do *Lalbai Dalpatbhai Institute of Indology*, de 1960, teria uma linguagem próxima a de Le Corbusier, porém com elementos sutilmente modificados a fim de evocar proporções clássicas da arquitetura indiana.

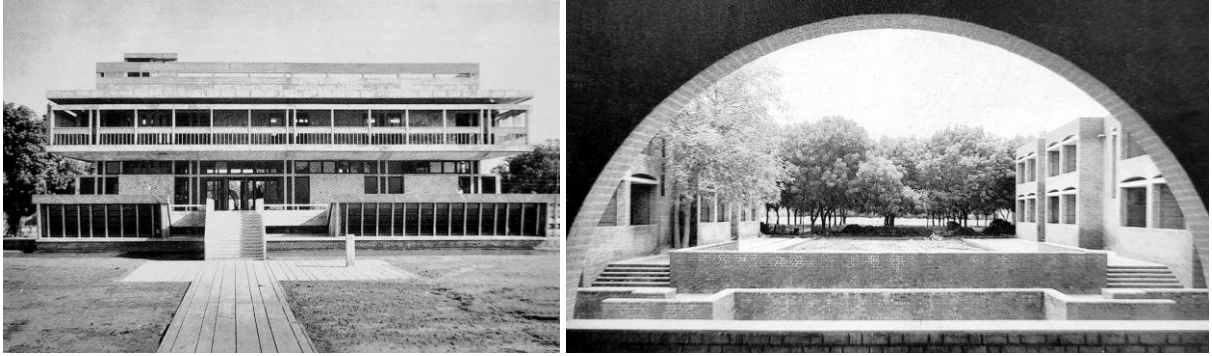
Charles Correa, que também teria percorrido um trajeto de formação contemporâneo e semelhante ao dos dois em Mumbai e nos Estados Unidos (na *University of Michigan* e no MIT), neste mesmo ano projetara o Gandhi Smarak Sangrahalaya, um *ashram*<sup>155</sup> cuja arquitetura seria “uma síntese entre suas inspirações estrangeiras (o edifício de Louis Khan em Trenton) e a humildade dos velhos *ashram* onde o pai venerado da Índia livre [referindo-se ao Ghandi] vivera por muitos anos com seus seguidores” (BHATT e SCRIVER, 1987, p. 114).

Outro mestre moderno do Primeiro Mundo a construir na Índia foi o estadunidense Louis Khan, que na década de 1960 desenvolve seu projeto para o Indian Institute of Management (IIM) em Ahmedabad, como uma “arquitetura do espaço esculpida em volumes monolíticos” segundos os autores, contemporaneamente à idealização do Indian Institute of Technology, em Kanpur, pelo Kavinde, cujos espaços e estrutura se aproxima a outras concepções do Ocidente e dos metabolistas japoneses. Anant Raje (1929-2009), arquiteto indiano que teria trabalhado por quase uma década com Louis Khan na Filadélfia, tem o seu projeto *Management Development Centre* ressaltado no texto como uma sensível adição posterior ao IIM de Khan.

---

<sup>155</sup> O *ashram*, no hinduísmo, é um lugar para práticas espirituais e yoga usualmente afastado dos centros urbanos, muitas vezes associados com a figura de um líder, o guru, a quem os residentes seguem.





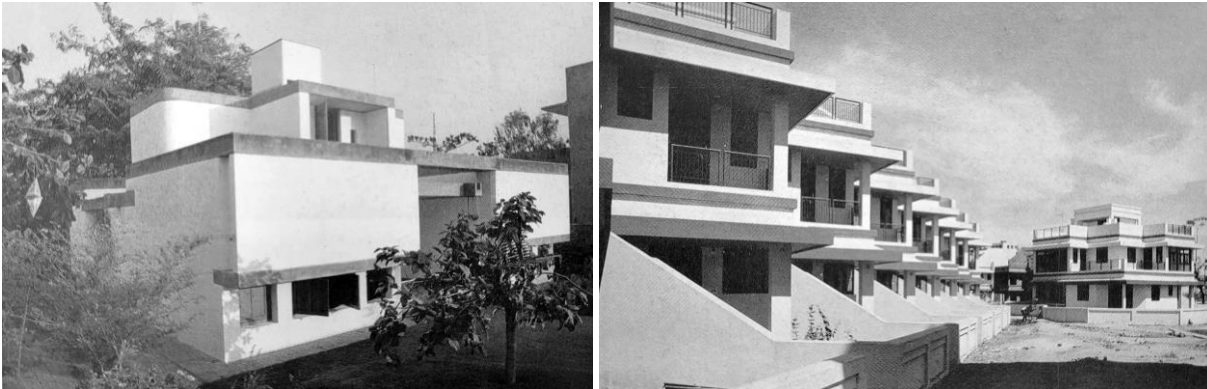
Figuras 121 e 122: Institute of Indology projetado por Balkrishna Doshi, em Ahmedabad, 1960, e vista do pátio central do Management Development Centre, de Anant Raj (fonte: Spazio e Società, n. 38, 1987, p. 114 e 116).



Figuras 123 e 124: Vista do projeto do arquiteto Achyut Kavinde, Indian Institute of Technology, em Kanpur (*Spazio e Società*, n. 38, 1987, p. 117). Imagem do mesmo Instituto exibida na exposição do MoMA *The Project of Independence: Architectures of Decolonization in South Asia, 1947–1985* (2022). Crédito da foto: Kavinde Archives, disponível em <[https://www.archdaily.com/981654/moma-exhibition-explores-the-architectures-of-decolonization-in-south-asia?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com/981654/moma-exhibition-explores-the-architectures-of-decolonization-in-south-asia?ad_medium=gallery)>. Acesso em: 11 fev. 2023.

Nas décadas seguintes, os autores mostram como vão surgindo sintomas de uma nova sensibilidade na arquitetura, mais autônomas dos padrões e mestres externos, e como alguns temas como a habitação urbana tornaram-se centrais por serem problemas muito graves no país. Alguns projetos habitacionais de meados da década de 1970 na capital Delhi são ressaltados por Bhat e Scriver, mas igualmente se destacam o mal-estar e a quase impotência sentidos por arquitetos, urbanistas e políticos frente à realidade alarmante e ao problema de grandíssimas proporções da questão da moradia para os pobres nas grandes cidades indianas.

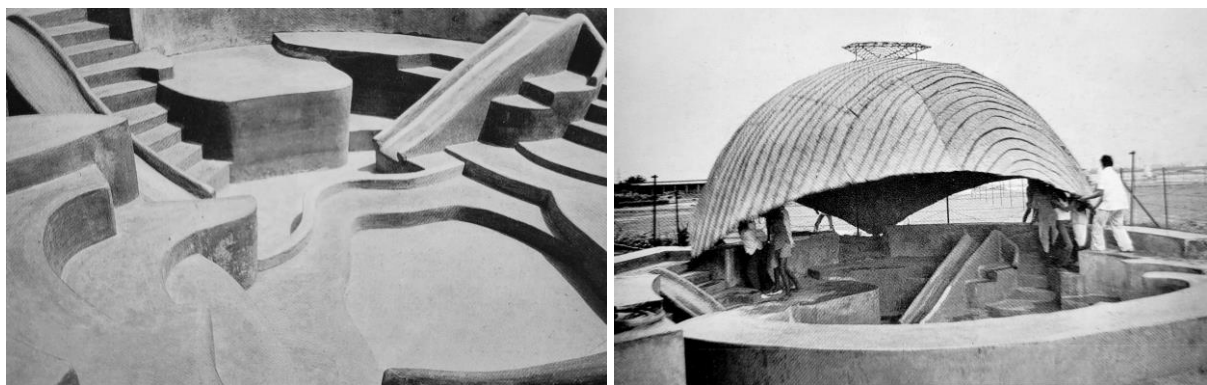
Além de outros projetos dos arquitetos já comentados, o texto se estende com diversos nomes de uma nova geração de arquitetos indianos e suas obras, com a nova sensibilidade voltada às questões climáticas do ambiente construído, como no projeto residencial de Leo Pereira e no conjunto de casas concebido pelo estúdio Abhikram (de Nimish Patel e Parul Zaveri), à dedicação às áreas rurais, com a criação de uma rede de centros comunitários multifuncionais para áreas rurais, de Ashish Ganju rurais em colaboração com o Departamento de Desenvolvimento Rural da UNICEF, e aos experimentos formais do Abhikram na construção de um jardim de infância de sala única, para citar alguns.



Figuras 125 e 126: Casa de Leo Pereira e Complexo Residencial Cosmoville do estúdio Abhikram, ambos em Ahmedabad (fonte: Spazio e Società, n. 38, 1987, p. 114 e 116).



Figura 127: Centro de maternidade e infância para a comunidade rural Bagnan Village, no estado indiano de West Bengala, em 1979. Promovido pela UNICEF de Calcutá e pelo Departamento de Assistência Social do governo de West Bengala (fonte: Spazio e Società, n. 38, 1987, p. 127).



Figuras 128 e 129: Escola Bal Prasoon, em Ahmedabad: sala externa para crianças do jardim de infância, em que a área de brincar e as funções educativas são unidas em um anfiteatro cuja cobertura tem o formato da concavidade do terreno escavada para a criação do ambiente. Projeto do estúdio Abhikram (fonte: Spazio e Società, n. 38, 1987, p. 129).

### 3.3. A América Latina

Dos textos sobre países da América Latina na revista Spazio e Società, destacam-se os dossiês sobre a Argentina (1986), Uruguai (1986) e Venezuela (1987). A partir dos relatos de Segawa (2020)

sobre a sua participação na revista, e no intuito de melhor compreender a trama de relações entre os editores do periódico e seus outros autores, as expectativas quanto ao conteúdo a ser publicado na seção dos dossiês e as dinâmicas gerais da sua produção (a escolha dos temas, dos autores etc.), foram organizadas curtas entrevistas com os três arquitetos à frente dos citados dossiês. Com isso, foi possível também confirmar informações sobre a distribuição da *Spazio e Società* que, como presumido a partir da pesquisa na própria revista, dar-se-ia por meio de assinatura. No caso da América Latina, ao menos nos países de que tratam os dossiês, os periódicos estariam disponíveis a estudantes de arquitetura de algumas faculdades que assinaram a *Spazio e Società*.

Voltando aos três dossiês, de modo geral, os processos históricos de cada um desses países têm semelhanças, começando por um passado colonial comum, que reverberariam em maior ou menor grau até finais do século XX quando foram publicados os textos. Por outro lado, as peculiaridades aparecem para elucidar outros encadeamentos, como a geografia e dimensão dos países de forma mais abrangente, ou fatos específicos como o descobrimento de petróleo no território venezuelano nas primeiras décadas do século XX, evento que indiscutivelmente o diferencia dos processos históricos das suas nações vizinhas. A forte imigração vinda sobretudo da Europa é um ponto que a aproxima a Argentina e o Uruguai. No período entre 1857 e 1930, a Argentina recebeu por volta de 6.330.000 imigrantes em seu território (COGGIOLA, 1997), e o peso dessa imigração também é repetidamente mencionado no dossiê do Uruguai com diversas implicações na sociedade, cultura e arquitetura locais, tornando-se um tema central nos dois conjuntos de textos que tratam dessas sociedades. Outro grande tema de confluência entre os três dossiês é a cidade, com especial atenção às capitais Buenos Aires e Montevideo, que abrigariam mais da metade das populações de todo o país na década de 1980, e Caracas, que abrigaria então um quarto do total de venezuelanos. As questões sociais e urbanas decorrentes dessa grande concentração de pessoas nas capitais são semelhantes entre estes e outros países latino-americanos na segunda metade do século XX:

Infelizmente, a partir dos anos 1960 predominou um crescimento selvagem, expressão máxima das leis e inércias capitalistas de crescimento. Isso levou a cidades modernas caóticas e desorganizadas, com bairros periféricos intermináveis, uma parte com condomínios fechados para os ricos e outra com bairros marginais autoconstruídos para os pobres. [...] os bairros informais reproduzem tanto a cultura orgânica e espontânea do campo no coração da metrópole, assim como repetem o ato arbitrário dos descobridores apropriando-se de novas terras. De fato, a morfologia do bairro autoconstruído não é recente, já que desde a fundação das cidades coloniais se tem reproduzido em seus arredores e caminhos os assentamentos dos migrantes pobres vindos do campo (MONTANER, 2014, p. 24-25).

O primeiro dos dossiês, o maior em número de textos se comparado aos outros dois, publicado na revista de número 33 em março de 1986, foi coordenado pelo arquiteto argentino Rubén Pesci<sup>156</sup> e trata da cultura, história e arquitetura da Argentina. São oito textos que o compõe, escritos por sete autores ao longo de oitenta páginas. O primeiro deles, intitulado “País e sociedade no pós-guerra” e escrito pelo próprio Pesci, tem como foco a caracterização da sociedade argentina desde finais do século XIX até o pós-Segunda Guerra Mundial, momento marcante na história do país e referência importante para quase todos os textos que vêm a seguir. “O debate cultural entre tradição e inovação” é o título do artigo de Ernesto Schoo<sup>157</sup>, que apresentou um panorama geral da produção cultural na Argentina, sobretudo nos meios artísticos e literários, relacionando-a com o cenário político do país a partir de 1945. Na sequência é reproduzida uma passagem do ensaio “Radiografia do Pampa”<sup>158</sup> em que Ezequiel Martínez Estrada<sup>159</sup> interpreta o ‘ser argentino’ considerando a histórica conquista de seu território pela coroa espanhola, a geografia da vasta planície argentina e as relações humanas que nela se deram.

A partir do quarto artigo, as questões urbanísticas e arquitetônicas ganham maior destaque, como o breve panorama da história da arquitetura na Argentina desde o período pré-hispânico até a primeira metade do século XX, escrito pelo arquiteto Ramón Gutiérrez<sup>160</sup> sob o título “A evolução da arquitetura na Argentina”. Já o texto do também arquiteto Rafael Iglesia<sup>161</sup>, “Tendências da

---

<sup>156</sup> Rubén Pesci (La Plata, Argentina, 1942) é um arquiteto e urbanista argentino graduado na Universidade Nacional de La Plata, pós-graduado em História e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura de Roma e em Projeção Ambiental pela Universidade de Veneza em 1973/74, tendo estudado com Bruno Zevi, Giancarlo de Carlo e Umberto Eco. Pesci é fundador e responsável pela Fundação CEPA (Centro de Estudos e Projetos do Ambiente) em 1974, e fundador do Fórum Latino-americano de Ciências Ambientais (Flacam). Fundou também em 1979 a revista *A/MBIENTE*, que dirige até os dias atuais, e é autor de inúmeros livros e textos premiados e publicados internacionalmente.

<sup>157</sup> Ernesto Schoo (1925-2013) foi um escritor, jornalista e crítico literário argentino. Trabalhou como chefe de redação em diversas revistas argentinas, além de traduzir para o espanhol obras de autores como Franz Kafka e Henry James. São seus os romances *Función de gala* (1976), *El Baile de los guerreiros* (1978) e o livro de contos *Ciudad sin noche* (1989).

<sup>158</sup> ESTRADA, E. M. **Radiografia de la Pampa**. Buenos Aires: Editorial Losada S.A., 1933.

<sup>159</sup> O escritor, poeta e crítico literário Ezequiel Martínez Estrada (1896-1964) foi professor extraordinário na Universidade Nacional do Sul (Bahía Blanca, Argentina) e presidente da Sociedade Argentina de Escritores, mas sua trajetória profissional ganhou notoriedade com a obra *Radiografía de la Pampa* e a sua interpretação da história argentina.

<sup>160</sup> Ramón Gutiérrez (1939) é um importante arquiteto e historiador argentino, especialista em arquivística e bibliografia latino-americana e estudioso da herança colonial hispânica. Formado arquiteto pela Universidade de Buenos Aires em 1963, é professor Honorário das Universidades de Engenharia e Ricardo Palma de Lima, de San Agustín de Arequipa, da Universidade do Chile, da Universidade Nacional do Paraguai. É também fundador do Cedodal (*Centro de Documentación de Arquitectura Latinoamericana*) e membro do Conicet (*Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas*, Argentina).

<sup>161</sup> O argentino Rafael E. J. Iglesia (1930) formou-se na Universidade de Buenos Aires, onde atualmente é Diretor do Mestrado em História e Crítica da FADU (*Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo*), bem como professor, consultor e membro da Comissão Doutoral da mesma instituição, lecionando em outras

arquitetura: 1958 – 1984”, retrata obras arquitetônicas argentinas que, segundo o autor, teriam passado por processos semelhantes às de países industrializados como Estados Unidos, França, Itália, Grã-Bretanha e Japão, analisadas do ponto de vista estético e semântico. Em “A política urbana e habitacional”, Juan Manuel Borthagaray<sup>162</sup> tem como foco o tema da habitação vinculado à problemática urbana, percorrendo historicamente o crescimento das cidades desde a sua gênese em torno do núcleo colonial da *Plaza Mayor*, passando por tipologias urbanas comuns como os *conventillos*<sup>163</sup>, até chegar na produção de habitação contemporânea pelo Estado, por iniciativas privadas e sua produção “espontânea”. O autor parte dos fenômenos da imigração europeia e do êxodo rural ocorridos com mais intensidade entre as últimas décadas do século XIX e início do século XX em decorrência do desenvolvimento da industrialização do país, para apresentar os processos de ocupação do território e as diferentes formas do morar. O último artigo da série, intitulado “Cultura e arquitetura para a nova Argentina”, de Rubén Pesci, é composto pela reprodução parcial de outros dois textos anteriormente publicados na revista *Ambiente*<sup>164</sup>, que lidam com os limites culturais impostos pela ditadura que estivera em curso na Argentina até 1983, e com críticas a modos de fazer arte, arquitetura e urbanismo que, segundo o autor, seriam ineficientes para suprir as demandas do seu país. Neste ponto, o autor tece uma reflexão em busca de saídas para tais impasses, partindo de uma questão que parece percorrer também os outros dossiês deste bloco no que diz respeito às práticas arquitetônicas e urbanísticas de então: “quais possibilidades existem para que, na situação atual, [...] a heresia de propor uma cultura autêntica, abrangente e universal graças a sua força local, contextual, intrínseca, afirmem-se?” (PESCI, 1986, p. 137).

Pode-se dizer que há uma complementariedade nos textos e três temáticas que os atravessam em maior ou menor grau. A primeira é o histórico político argentino do século XX, que aparece frequentemente como ponto chave de influência em todas as esferas da sociedade. A segunda

---

universidades também. É membro do grupo *Onda Arquitectura*, situado na corrente das “casas brancas” (casas blancas) que será apresentado adiante e autor de Eero Saarinen (1969), A arquitetura histórica do século XIX (1979) e A cidade e seus sítios (1987), entre outros livros.

<sup>162</sup> Juan Manuel Borthagaray (1928) formou-se arquiteto também pela Universidade de Buenos Aires em 1951, onde prosseguiu uma longa carreira na docência. Atualmente é professor emérito, Doutor *Honoris Causa*, e dirige o Instituto de Urbanismo da FADU.

<sup>163</sup> O *conventillo* seria uma moradia multifamiliar surgida no final do século XIX, conhecidos como cortiços no Brasil e *vencidad* no México, habitada por uma classe trabalhadora urbana de baixa renda, de origem imigratória ou rural. Segundo Borthagaray (1986), em 1910 cerca de 19% dos habitantes de Buenos Aires viviam em *conventillos*. Para um entendimento mais amplo das causas históricas e das tipologias dos *conventillos*, consultar RAMOS, Jorge. *Arquitectura del habitar popular em Buenos Aires: el conventillo. Seminario de Crítica*, Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas, Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo da Universidad de Buenos Aires, n. 101, novembro de 1999. Disponível em: <<http://www.iaa.fadu.uba.ar/publicaciones/critica/0101.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2022.

<sup>164</sup> Editorial. *Ambiente*, n. 45, abril, 1985; Le tre posizioni. *Ambiente*, n. 46, julho, 1985.

temática seria a relação da Argentina com a Europa e com os Estados Unidos no âmbito da cultura de modo geral, e mais especificamente no campo da arquitetura e do urbanismo. Por último, como já observado, no início desta seção, é notório o protagonismo da capital Buenos Aires em todo o dossiê, por ser a maior e mais importante cidade do país.

Para tratar das transformações da arquitetura e do urbanismo na Argentina, Gutierrez (1986) as divide em três períodos: o pré-hispânico e colonial, a arquitetura ‘de transição’ que se daria entre 1810 e 1880, e a arquitetura do liberalismo, de 1880 a 1914, mostrando como muitas das manifestações teriam um histórico fortemente ligado à Europa.

No período pré-hispânico a maior concentração de pessoas se localizava na porção noroeste do território devido aos assentamentos incas. Destes, destacam-se as tipologias de habitações, estábulos, fortificações (*pucarás*) e as *terrazas* de cultivo<sup>165</sup>. A conquista espanhola, além de unificar uma vasta região sob um mesmo sistema político, socioeconômico, mesmas língua e religião, trouxe consigo novos programas arquitetônicos, tipologias, mudanças na forma de construir e na organização social, marcas da nova sociedade colonial que pretendia romper com os precedentes modos incas. Além da importância da arquitetura das igrejas e das prefeituras dos novos municípios (os *cabildos*), cujo conteúdo simbólico ressalta o caráter político e religioso da conquista, o autor considera a ‘redução’ do modelo cultural espanhol como fenômeno mais interessante do período colonial, “que se projeta na América não como espelho das suas várias condições regionais, mas sobretudo como proposta de síntese” (GUTIERREZ, 1986, p. 78). Ele identifica algumas formas arquitetônicas de origem árabe-andaluzas em materiais como a pedra e a madeira, bem como na reelaboração sofisticada de construções das regiões de Castela e Extremadura na Espanha em arcadas em áreas guaranis.

Ainda, na cidade de Córdoba encontrar-se-iam diversas manifestações barrocas de arquitetos italianos e alemães, cujas formas expressivas se diferenciam das hispânicas. Já na região de Buenos Aires, zona portuária e área estratégica de defesa do império espanhol contra a colonização portuguesa, o desenvolvimento arquitetônico começaria a se consolidar a partir do século XVII, com a importação mais rápida de elementos arquitetônicos e novas tecnologias da Espanha e de outras regiões. Assim sendo, em diversas partes da capital, surge a tipologia da “casa mediterrânea”, construída em torno de um pátio interno. De todo modo, é importante ressaltar que a ocupação da Argentina fora muito reduzida no período colonial, sendo as grandes áreas povoadas somente no final do século XIX.

---

<sup>165</sup> As *terrazas* provêm de uma técnica ancestral pré-hispânica de cultivo de alimentos em áreas geográficas difíceis como os altiplanos andinos, cuja forma e desenho em diversos níveis permitem um uso melhor dos recursos hídricos – por vezes muito escassos -, melhor drenagem do solo e diminuição dos riscos de erosões.



Figura 130: “Edifício de San José, residência do general Urquiza, Concepción del Uruguay. Arquiteto Pedro Fossati, 1854. Um excepcional ‘cortile’ italiano (fonte: Spazio e Società, n. 33, 1986, p. 81).

Quanto ao período seguinte, entre 1810 – quando se dá a independência da Argentina e a fragmentação do vice-reino em outros Estados como o Paraguai e o Uruguai - e 1880 - quando Buenos Aires se torna a capital da nação -, Gutierrez (1986) identifica duas correntes arquitetônicas mais presentes em Buenos Aires: uma de influência das academias bourbônicas espanholas<sup>166</sup>, preferida pelos engenheiros militares, percebida, dentre outras referências, nos elementos neoclássicos dos edifícios públicos de então; e outra de caráter “anti-espanhol”, representando uma espécie de reação à submissão aos interesses europeus. A nível nacional, o autor destaca outras duas: uma “italianizante”, que teria surgido em meados do século XIX como nova expressão arquitetônica após a queda do governador Juan Manuel de Rosas<sup>167</sup>, e outra pós-colonial, continuação da arquitetura colonial com algumas inovações tecnológicas e maior utilização de materiais como a cerâmica, ferro importado e com uso industrial da madeira (GUTIERREZ, 1986). A segunda metade do século XIX assiste a um crescimento demográfico cada vez maior, que levou a um aumento no número de escolas, teatros, hospitais e edifícios públicos especialmente em Buenos Aires, bem como, no âmbito da forma arquitetônica, ao surgimento da ideia da arquitetura “de fachada” de princípios neoclássicos:

---

<sup>166</sup> A dinastia da família dos Bourbon reina a Espanha desde 1700, apesar de ter sido derrubada e restaurada diversas vezes durante o século XIX.

<sup>167</sup> Juan Manuel José Domingo Ortiz de Rozas (1793 – 1877) foi um militar e político argentino, que governou a Província de Buenos Aires de 1829 a 1832 e depois de 1835 a 1840.

[...] o complexo de inferioridade com a própria cultura e a admiração por tudo aquilo que é estrangeiro se expressam na frequente sobreposição de fachadas novas às velhas casas. [...] Estranhamente, com exceção das cidades onde a explosão demográfica impõe as modificações das tipologias residenciais, as mudanças são sobretudo externas e não afetam as tipologias estruturais e funcionais dos edifícios. As fachadas sobrepostas às velhas casas coloniais formam a nova cenografia urbana (GUTIERREZ, 1986, p. 81, tradução da autora).



Figuras 131 e 132: Igreja de San Francisco, Salta, 1882 (*Spazio e Società*, n. 33, 1986, p. 82). Assentamento urbano tradicional com fachada “cortina”. A largura do lote é de 8,66m (fonte: *Spazio e Società*, n. 33, 1986, p. 126).

Tal crescimento demográfico, ocorrido em grande medida por uma forte imigração europeia, trouxe outras grandes transformações físicas no território. Os laços que uniam a Argentina com a Europa perduravam, fosse pelo número de europeus no território americano (segundo Gutierrez, em 1914 Buenos Aires teria mais habitantes estrangeiros do que argentinos), fosse pela formação dos arquitetos nas academias de belas artes com seus modelos neoclássicos e ecléticos, ou pelos períodos de exílio dos intelectuais em tempos de regimes militares durante o século XX. Todavia, a industrialização e crescimento das cidades a partir de 1880 também acarretaria no surgimento de bairros operários e de uma outra arquitetura, morada das classes mais pobres da sociedade, os *conventillos* e *casas de vecindad*. A especulação imobiliária se fez presente na cidade, envolvendo inclusive os *conventillos*, que inicialmente consistiam na ocupação de velhos edifícios para depois passarem a ser efetivamente construídos por especuladores.

Para Gutierrez, mesmo a crise do academicismo e o surgimento do modernismo chegam na Argentina como uma espécie de mimetismo dos processos europeus, sem um processo crítico autônomo da parte dos arquitetos. Somente em 1914, com a crise gerada pela Primeira Guerra Mundial, haveria a tentativa de busca por uma identidade cultural própria e uma vontade de se



desvincular dos modelos europeus. Rafael Iglesia, por sua vez, estuda um momento posterior ao analisado, lançando um olhar para a produção arquitetônica a partir do final da década de 1950 e constata que, embora ainda houvesse a presença das vanguardas arquitetônicas europeias e estadunidenses, existiria também um movimento em busca de características próprias de uma cultura argentina, ainda que ambos tivessem correlacionados.

Nesse sentido, o movimento das “casas brancas” do final dos anos 1950 teria um projeto que unia os princípios funcionalistas de uma arquitetura moderna europeia com parâmetros e valores culturais argentinos na busca por uma linguagem própria, e encontrou terreno fértil na construção de casas unifamiliares de subúrbio. O período histórico já era marcado por críticas ao movimento racionalista em diversas partes do mundo, embaladas também pelos debates do Team X na Europa. As reações na Argentina apareciam de diversas formas, tanto em movimentos essencialmente formalistas na arquitetura quanto no desenvolvimento de teorias, frutos da experiência prática pessoal dos arquitetos, como mostra Iglesia. No âmbito da pesquisa, destacam-se a criação em 1959 do IDEHA (*Instituto de Estudios de Historia de la Arquitectura*), cujo intuito de inserir a Argentina no debate internacional trouxera a passagem de grandes pesquisadores externos como Nikolaus Pevsner e Reyner Banham, e já em 1974, o CEPA (*Centro de Estudios y Proyección del Ambiente*), dirigido pelo Rubén Pesci. Além das diversas frentes de projeto, urbanismo, pesquisa e teorias da arquitetura, Iglesia evidencia a busca por novas práticas pedagógicas no ensino da disciplina com a criação da *Escuelita*<sup>168</sup>, também em meados da década de 1970. Fechando esse ciclo de reação anti-racionalista iniciado com as casas brancas e estendido a diversos campos, a *Escuelita* estaria inserida em um momento de estudo e reavaliação da história, com especial atenção a dois pontos: “para retrazar memórias, permanências e tipologias que permitissem um desenvolvimento sem rupturas culturais; e a apropriação da história como ‘ferramenta de projeto’ (Aldo Rossi)” (IGLESIA, 1986, p. 96).

No âmbito da literatura, o movimento entre uma maior ou menor aproximação a modelos estrangeiros se deu de forma diferente no estudo desenvolvido por Ernesto Schoo, que analisa algumas manifestações artísticas relacionadas à cena política em vigor, em um recorte temporal que parte do pós-Segunda Guerra.

---

<sup>168</sup> Criado pelos arquitetos Tony Días e Rafael Viñoly, o instituto que mais tarde viria a se chamar La Escuelita foi um lugar de ensino de arquitetura desvinculado ao sistema universitário, que se deu durante a última ditadura militar, de 1976 a 1983. Segundo Deleclave (2022), tratava-se por um lado “de uma espécie de retorno à ordem na autorrepresentação da arquitetura, que se encontrava diluída na militância e disputando espaço com outros profissionais do *habitat*. Por outro, tratava-se de encontrar um espaço em que colegas pudessem discutir arquitetura com maior liberdade de conteúdo – e fazê-lo na pequena escala, oposta à massificação e à hierarquia que atravessavam as universidades federais” (DELECLAVE, 2022, p. 40).

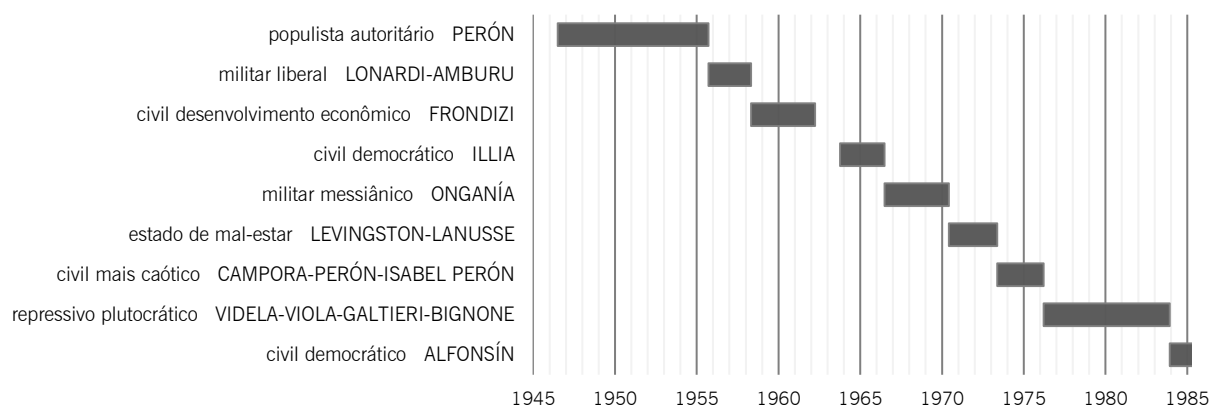


Figura 133: Linha do tempo dos regimes políticos na Argentina desde o segundo pós-guerra até meados de 1980, criada a partir das descrições de Rubén Pesci em seu texto *Paese e Società nel Dopoguerra* (1986).

Do ponto de vista do histórico político argentino e seu reflexo na cultura, o ano de 1945 aparece como ponto chave na maioria dos artigos do dossiê. No caso do texto de Schoo (1986), é ressaltada a mudança de uma dependência econômica e cultural britânica para outra estadunidense<sup>169</sup>, acompanhada por um nacionalismo argentino singular que crescera durante os anos de guerra e se aproximara em certa medida ao fascismo.

É importante recordar as características desse nacionalismo argentino que rejeita o capital inglês e o materialismo protestante, se apega a tudo o que é "autêntico" argentino, suspira lembrando a herança espanhola (o triunfo de Francisco Franco na guerra civil reforça, por influência da Igreja Católica, essas ideias delirantes), chega a se compadecer dos índios (exterminados há cinquenta anos) e no final proclama um catolicismo intolerante (SCHOO, 1986, p. 66, tradução da autora).

Em 1946 o presidente da Argentina era Juan Domingo Peron (1895 – 1974)<sup>170</sup>, e muitos artistas e intelectuais discordavam das propostas de seu governo. Segundo Schoo, casos emblemáticos como a prisão de Victoria Ocampo (1890 – 1979), fundadora e proprietária da revista *Sur*<sup>171</sup> e a interferência do Estado na trajetória profissional de Jorge Luis Borges (1899 – 1986)<sup>172</sup> seriam uma demonstração da censura e das dinâmicas do peronismo. Por um lado, foram publicadas na década

<sup>169</sup> Simbólica dessa transformação poderia ser a mudança física da direção dos veículos: antes se localizava ao lado direito como no território britânico, passando a ser do lado esquerdo.

<sup>170</sup> Perón foi presidente da Argentina por três mandatos: de 1946 a 1952, de 1952 a 1955 e de 1973 a 1974.

<sup>171</sup> Lançada em 1931 pela escritora Victoria Ocampo, a revista *Sur* foi um periódico literário que tinha como objetivo difundir a cultura literária publicando obras de autores argentinos e estrangeiros. O período de 1938 a 1961 é considerado o mais fecundo da revista que foi por muito tempo referência do campo das Letras na Argentina. Sua última publicação se deu em 1971.

<sup>172</sup> “[...] Jorge Luis Borges, conhecido [então] apenas pelos amantes de ‘coisas estrangeiras’, teve em seu destino burocrático uma súbita mudança: de um modesto empregado de uma biblioteca municipal de periferia, promovido a inspetor de galinhas” (SCHOO, 1986, p. 66). Borges então rejeita a oportunidade, o que o leva a se dedicar à escrita, tornando-se um dos maiores escritores da Argentina e sendo nomeado anos depois, diretor da Biblioteca Nacional de Buenos Aires.

de 1940 na Argentina obras literárias como *Ficciones*<sup>173</sup>, de Jorge Luis Borges e *Los Reyes*<sup>174</sup>, de Julio Cortázar, importantes marcos na busca por uma identidade cultural própria. *Ficciones* é um livro de contos que permeia temas como labirintos, espelhos, sonhos, memória, o tempo e a eternidade, em que Borges enxerga em fatos banais da realidade, o mítico e o fantástico, adicionando uma dimensão filosófica às histórias ali contadas e imaginando outras realidades possíveis. Já a peça teatral de Cortázar reescreve a história mitológica do Minotauro preso em um labirinto, inserindo outros símbolos e metáforas na sua releitura poética da história grega. Por outro lado, muitos artistas e intelectuais como o próprio Cortázar, saíram do país em exílio por conta do regime de Perón. Outro dado interessante levantado por Schoo (1986), evidenciando as contradições do período, é o fato de o peronismo ter elevado a condição de vida dos trabalhadores de modo geral ao mesmo tempo que fora considerado (na década de 1980 em que Schoo escrevia) o regime mais opressor contra greves operárias desde o início dos anos 1920.



Figuras 134 e 135: Capa de **Ficciones** (1944), livro de contos de Jorge Luis Borges e **Los Reyes** (1949) de Julio Cortázar.

O panorama cultural foi voltando a florescer após a queda de Perón em 1955, ainda que muito lentamente. Fatos significantes no curto governo<sup>175</sup> do general Eduardo Lonardi foram o retorno de alguns exilados para a Argentina e a nomeação de literatos como Borges para diretor da Biblioteca Nacional da República da Argentina em 1955. A década de 1960 viu mudanças mais radicais na cena cultural com o governo do presidente Arturo Frondizi (que governou o país de 1958 a 1962),

<sup>173</sup> BORGES, Jorge L. **Ficciones**. Buenos Aires: Editorial Sur, 1944.

<sup>174</sup> CORTÁZAR, Julio F. **Los Reyes**. Buenos Aires: Gulab y Aldabador, 1949.

<sup>175</sup> Lonardi chegou à presidência da Argentina por meio do golpe de Estado que derrubou Perón, conhecido como *Revolución Libertadora*, e governou a nação por menos de dois meses. Seu sucessor foi o general Pedro Eugenio Aramburu, que governou o país até o fim desse período de ditadura, em 1958.

sucedidas por outro período de prosperidade e liberdade durante a presidência de Arturo Umberto Illia entre 1963 e 1966, em que se destacam o surgimento de revistas como a *Primera Plana*<sup>176</sup> e do *Instituto Di Tella*<sup>177</sup>. O golpe de Estado que levou o general Juan Carlos Onganía à liderança do país em 1966 deu início a outro período de censuras, ameaças, autoritarismo, repressão e exílios de intelectuais e artistas, inclusive levando ao fechamento o *Instituto Di Tella*.

No âmbito da arquitetura e do urbanismo, Borthagaray (1986) apresenta um panorama da produção de habitação popular na Argentina, com especial atenção à segunda metade do século XX. Dessa produção, no contexto da ação estatal, destacam-se os 390.000<sup>178</sup> empréstimos do Banco Hipotecário para a construção de casas unifamiliares próprias e conjuntos habitacionais para aluguel entre 1947 e 57, no governo de Perón. Após 1957 os empréstimos diminuíram drasticamente por conta de uma grande crise econômica, mudando os processos das décadas seguintes. Na década de 1960, Borthagaray ressalta dois movimentos: a criação do *Plan de Erradicación de villas de emergencia* e o *Plan Federal de Vivienda*, que utilizaria créditos do BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento – para a construção habitacional direcionada às famílias de baixa renda. Especificamente sobre o *Plan de Erradicación de villas de emergencia*, o autor afirma que, embora tenha sido criado no âmbito de um governo democrático, fora posto em prática prevalentemente pelos governos militares após o golpe de 1966 que se utilizaram de concursos públicos. Os resultados foram grandes intervenções, projetos com pouca ligação às necessidades locais, inspirados em modelos arquitetônicos europeus e em grande medida, atrelados aos interesses das grandes empresas de construção envolvidas nos processos. Desse Plano foram realizadas 17.000 unidades, quase todas na área metropolitana de Buenos Aires. Em contrapartida, é também apresentado o plano para a construção de moradias subsidiadas VEA (*Viviendas Económicas Argentinas*) criado com a colaboração do então secretário de Planejamento Esteban Guaia em 1968. Tratava-se de uma operação descentralizada, com a atuação do Estado e de instâncias intermediárias como municípios, cooperativas de construção e por vezes, empresas

---

<sup>176</sup> A revista *Primera Plana*, fundada em novembro de 1962, foi um semanário consumido em grande medida por classes mais abastadas da sociedade argentina, vinculado aos setores *Azules* das Forças Armadas (facção a favor dos Estados Unidos na Guerra Fria e favorável a uma integração limitada do peronismo à vida política argentina). Ernesto Schoo era responsável pela seção de ‘artes e espetáculos’ da revista.

<sup>177</sup> Fundado em 1958, o Instituto Torcuato Di Tella (ITDT) era financiado por órgãos nacionais e internacionais, sobretudo estadunidenses como a fundação Rockefeller e Ford. Seu objetivo era o de impulsionar a produção artística e cultural na Argentina por meio de diversas atividades nos seus centros de investigação e pesquisa. Dentre eles, o Centro de Investigaciones Económicas (1960), o Centro de Investigaciones Sociales (1963), Centro de Experimentación Audiovisual, Centro Latinoamericano de Altos Estudios Musicales e o Centro de Artes Visuales, todos também de 1963. Para um aprofundamento do tema, consultar GARCÍA, Fernando. **El Di Tella. Historia íntima de un fenómeno cultural**. Barcelona: Paidós, 1990.

<sup>178</sup> Tais empréstimos do Banco Hipotecário Nacional se dariam desde 1911, a partir de uma lei que o permitia concedê-los para a construção do setor de habitação. Ao final do decênio citado teriam sido concedidos quase 500.000 empréstimos no total (BORTHAGARAY, 1986, p. 130).

privadas, a fim de melhor entender as demandas dos usuários. Ainda, os créditos incluíam financiamentos para escolas e outros equipamentos, incluindo jardins e plantações. Embora o autor considerasse este plano mais bem elaborado que os acima citados, reconheceu dois limites quando do seu desenvolvimento material: por um lado, sinalizou a incapacidade de se encontrarem áreas adequadas à implantação dos projetos, e por outro, no final do governo de Isabel Perón<sup>179</sup>, uma série de distorções no papel das instâncias intermediárias degradaram a descentralização ao sobrepujá-la com acordos diretos entre as grandes empresas e a direção sindical. Entre 1969 e 1973, o Banco Hipotecário Nacional concedeu empréstimos que foram utilizados na construção de quase 130.000 moradias por todo o território nacional, mas com o governo militar posterior ao golpe de Estado que depôs Isabelita Perón da presidência, o programa VEA foi abandonado e substituído por outros arranjos (BORTHAGARAY, 1986, p. 132).

Fechando a série de textos do dossiê da Spazio e Società, Pesci (1986-c) aponta caminhos possíveis para a construção de uma cultura autêntica por meio de uma ação conjunta de setores da sociedade. Em primeiro lugar estariam o governo e as forças políticas que, naquele momento, ajustavam-se a um novo período democrático. Os meios de comunicação são ponto chave no processo de fortalecimento da cultura e difusão de informação, seguidos pela universidade, cujo papel de transformação, debate e inovação é imprescindível para a sociedade. Ainda, os profissionais e a população no geral são mobilizados pelo autor, que ressalta a importância daqueles como portadores de conhecimento e capacidade técnica e desta como elemento de energia e confiança, fundamental na pressão em massa a favor da democracia, da cultura e de planos de governo que contemplem a maioria. Por fim, a arquitetura teria também um papel importante na busca por uma identidade argentina e na sua independência cultural.

O problema da nossa dependência cultural (a atração por tudo o que é estrangeiro e vem do Norte: um tempo pela *grandeur* francesa, depois pelo fascínio mórbido pela eficiência inglesa, hoje pelos fortes modelos estadunidenses e russos) é grave porque a alienação cultural-ideológica leva facilmente à dependência política (PESCI, 1986-c, p. 139, tradução da autora).

Ao tratar da dependência externa dos países do Norte, fosse ela econômica e/ou cultural, Pesci evoca a necessidade de uma integração latino-americana, com o desenvolvimento da criatividade, imaginação e visão solidária da vida próprias das populações deste bloco como alternativa ao materialismo funcionalista daquelas outras culturas. Mais especificamente no campo da arquitetura e do urbanismo, ele ressalta a discrepância dos dados econômicos, humanos e das possibilidades que tem Buenos Aires em comparação com o resto do país, e propõe um desenvolvimento mais equilibrado de todas as regiões do país, com a promoção de iniciativas de comunidades locais e

---

<sup>179</sup> María Estela Martínez de Perón, conhecida como Isabelita Perón, foi presidente da Argentina entre 1974 e 1976.

participativas, com um cuidado e atenção maiores ao meio ambiente e à paisagem local em prol de uma arquitetura coletiva.

Ainda, pode-se dizer que embora os textos do dossiê da Argentina não tratem diretamente dos debates acerca do Terceiro Mundo, estão atravessados em maior ou menor grau por perspectivas terceiro mundistas. O terceiro mundismo, entendido por Albuquerque (2013) em suas raízes latino-americanas como ideologia, sensibilidade e paradigma<sup>180</sup>, teria se disseminado no campo intelectual argentino entre as décadas de 1960 e 70, tornando-se uma sensibilidade hegemônica em sintonia com outros pensamentos como o anti-imperialista, o dependentista e o revolucionário. Ainda, o terceiro mundismo teria se expandido para diversas esferas culturais, como o cinema (com o documentário de 1968 *La hora de los Hornos* de Octavio Getino e Fernando Solanas como um exemplo), a psicologia, a religião católica (com o Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo) e o esoterismo, com o reconhecimento da dominação cultural dos países centrais e um esforço na elaboração de práticas e conceitos que melhor respondessem às dinâmicas dos grupos e cultura argentinos. Nos campos político-ideológico e nas ciências sociais houve também a reflexão sobre problemas epistemológicos que, conjuntamente com a mais bem elaborada formulação conceitual dentre os campos desenvolvida sobretudo nos periódicos da época, constituíram uma ideologia e levaram o terceiro mundismo ao seu auge na Argentina no período entre 1968 e 1974.

O fato dessas ideias alternativas e pensamento político singularmente ativo nas décadas de 1960 e 1970 que Albuquerque chama de terceiro mundismo ter se dado em um período de instabilidade política no país<sup>181</sup> mostra de certo modo uma resistência da cultura frente ao autoritarismo dos regimes militares. Ainda, O dossier da Argentina, publicado em 1986 tinha como objetivo primeiro olhar para os processos históricos do país para entender a situação de então, também buscando outras respostas e possíveis caminhos para o novo contexto. Em 1983, o país saíra do seu último período de ditadura e é certo que os textos de modo geral mostram que as práticas culturais lograram melhores frutos nos períodos democráticos, como mostram mais especificamente os textos de Ernesto Schoo (1986) e Ruben Pesci (1986-c), mesmo sendo o âmbito cultural um lugar de resistência. Períodos de governos autoritários com restrições à liberdade dos intelectuais, artistas e

---

<sup>180</sup> Segundo o autor, uma ideologia “como um conjunto coerente de ideias sobre as realidades nacional e internacional que envolve uma explicação ou diagnóstico delas e uma estratégia para transformá-las”, sensibilidade “como uma certa atitude frente à sociedade, uma disposição positiva ou negativa diante de referentes políticos, econômicos, culturais, religiosos etc. que se consubstancia em opiniões, posições, gostos, referências e interesses, integrando elementos emotivos e subjetivos” e paradigma como “uma forma particular de conhecer a realidade baseada em preceitos teóricos e procedimentos metodológicos” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 4).

<sup>181</sup> O golpe de estado que ocorreu em 1966 deu origem a uma ditadura militar que durou até 1973 e se autodenominou Revolução Argentina. Outro golpe militar ocorreu em 1976, impondo uma ditadura que durou até 1983.

de toda a sociedade civil contribuiriam muito pouco para avanços na cultura, e se tornam obstáculos na construção de uma sociedade mais igualitária que respeita as diversidades. Quanto aos processos no campo da arquitetura e do urbanismo, Borthagaray (1986) tensiona a criação de planos voltados para a construção de habitação de interesse social criados por governos eleitos democraticamente, mas postos em prática por governos militares posteriores como o *Plan de erradicación de villas de emergencia*. Sua crítica tem como base a constatação de que os processos daí decorridos foram pouco interessantes tanto em termos sociais quanto construtivos, ao se inspirarem, em grande medida, em modelos arquitetônicos europeus.

Entretanto, a dimensão precária, os conflitos étnicos – todavia existentes ainda que escamoteados na sociedade argentina – não aparecem no dossiê. As questões estão mais relacionadas ao problema da dependência cultural e aos conflitos políticos mais explícitos, num movimento em que se pode dizer que há alguma identificação implícita, em que o outro está mais próximo.

Já o dossiê do Uruguai problematiza mais diretamente algumas questões. Escrito e publicado em 1986 (um ano após o fim da ditadura militar no país, que teve início em 1973), é o menor em número de textos dos dossiês sobre países americanos contendo 3 textos. Organizado pelo uruguaio Mariano Arana<sup>182</sup>, inicia-se com um texto de título emblemático: “O paradoxo uruguaio”. Nele, a escritora uruguaia Alicia Migdal traça um panorama geral histórico-político e cultural de um país que seria o único território ibero-americano a não (mais) possuir uma população nativa - os últimos *charrúas* teriam sido exterminados no século XIX, pelos “heróis” da independência -, e cuja população portanto descenderia de espanhóis, italianos, negros e hebreus. O paradoxo que aparece no título talvez venha do fato de que, embora por muito tempo o Uruguai tivesse sido visto como o país mais Europeu da América Latina, com uma sociedade construída nos primeiros trinta anos do século XX em torno de ideais igualitários e com a modernização de seus serviços sob um Estado benfeitor muito antes que seus países vizinhos, não escapou de entrar em uma crise em meados do século, terminada uma conjuntura econômica favorável durante a Segunda Guerra Mundial. O Uruguai também não escapou de sofrer um golpe militar já na década de 1970 com o medo, as prisões, a censura e os exílios tomando o lugar de um bem-estar passado. A crise e depois o desmonte das instituições e o cerceamento das liberdades, segundo Migdal (1986), teriam afetado uma identidade presente no imaginário coletivo (a europeia) e despertado em alguns uma consciência de diversidade.

---

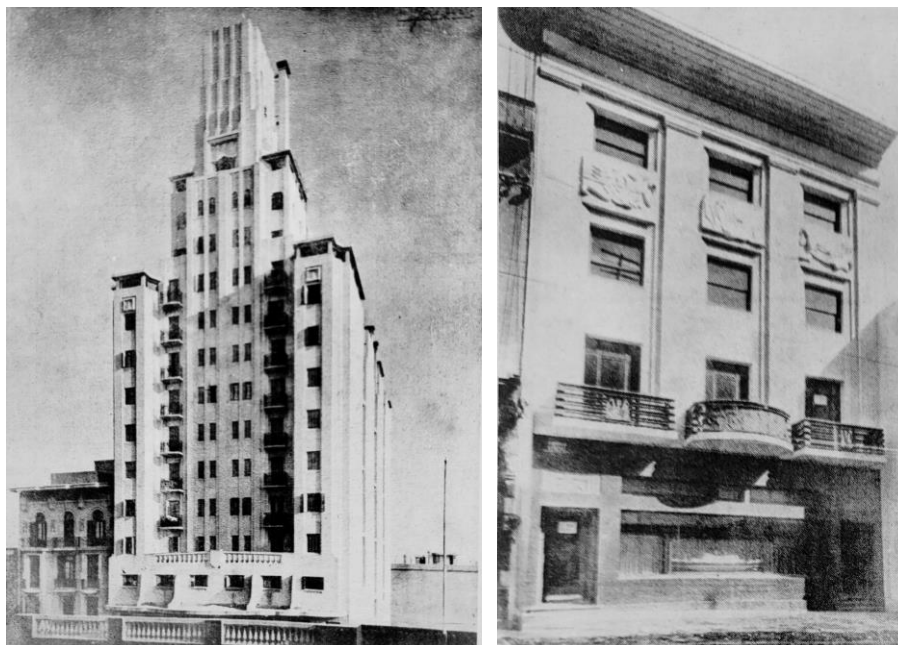
<sup>182</sup> Mariano Arana (1933) é um arquiteto uruguaio, formado em 1961 em Montevideo. Foi professor de História da Arquitetura Contemporânea e diretor do Instituto de História da Faculdade de Arquitetura de Montevideo, e membro do comitê nacional do ICOMOS Uruguai. Ingressou na carreira política na década de 1990, eleito duas vezes prefeito municipal de Montevideo (em 1994 e em 2000), e Ministro da Habitação, Planejamento Espacial e Ambiental de 2005 a 2008.

A autora então apresenta figuras historicamente conhecidas no âmbito da literatura, música e pintura desde a metade do século XIX até o XX, que tensionariam em suas obras os laços fortes entre a cultura uruguaia e a Europa (nem todos nasceram no Uruguai), e o movimento de busca por uma identidade uruguaia, fosse partindo “do zero”, fosse de forma a incorporar elementos do passado. Dos literatos, que atuavam em diversos âmbitos, desde a poesia e a narrativa até a crítica jornalística e o ensino médio e universitário, destaca-se a “geração de 45”, grupo de intelectuais ligados inicialmente ao periódico semanal *Marcha* (criado em 1939) e aos principais jornais do Uruguai. Julio Castro, Carlos Quijano, Juan Carlos Onetti, Carlos Martínez Moreno, Mario Benedetti, Felisberto Hernández, Francisco Espinola, Mario Arregui, Idea Vilarino e Ida Vitale seriam alguns grandes nomes dessa produção uruguaia iniciada no pós-Segunda guerra. Dos pintores, destacam-se o Joaquín Torres García (também desenhista, escultor, escritor e professor), Pedro Figari e Rafael Barradas, e dos músicos, o violinista Eduardo Fabini, Jaurés Lamarque Pons e Héctor Tosar para citar alguns. Por fim, Migdal menciona o futebol e o tango como expoentes de uma cultura popular que teria se amplificado na década de 1960, bem como reinterpretações do folclore por cantores populares como Ruben Lena, Alfredo Zitarrosa e Daniel Viglietti e a menção à *murga* e ao *candombe*, tradições do carnaval uruguaio que expressariam críticas a sociedade por meio do canto e da sátira.

Já o segundo texto do dossiê, escrito pelo próprio Mariano Arana e pelo arquiteto uruguaio Lorenzo Garabelli, apresenta um esforço de reflexão sobre a arquitetura no Uruguai realizada entre 1915 e 1940, cuja história não teria sido ainda escrita e que se justificaria por ter sido um período de introdução e de relativa afirmação de uma nova arquitetura no país (especialmente na capital Montevideo). Os autores partem da criação da Ordem dos Arquitetos em 1914 – e principalmente da sua revista *Arquitectura* – e da fundação da primeira Faculdade de Arquitetura no ano seguinte como ações identitárias da profissão na sociedade (antes da Faculdade, as disciplinas de arquitetura e engenharia seriam lecionadas na faculdade de matemática e setores afins). As discussões em âmbito acadêmico, as diferentes propostas pedagógicas ao longo do período em exame, a própria formação dos arquitetos naquela escola e os debates publicados na revista *Arquitectura* seriam um *locus* importante de elaboração de uma nova linguagem arquitetônica que curiosamente teria se dado a partir do olhar para o exterior: a Europa e os Estados Unidos. Os arquitetos e estudantes daquele período teriam acesso ao conteúdo publicado em revistas como alemã *Moderne Bauformen*, a holandesa *Wendingen* e a estadunidense *Architectural Forum*, difundido pela uruguaia *Arquitectura*. A nova linguagem arquitetônica, portanto, teria fortes laços com a Europa na medida em que os autores identificam diversas influências de expressões culturais desses centros estrangeiros em obras no Uruguai, como os elementos Art Déco e as similaridades com o projeto (não construído) do finlandês Eliel Saarinen para a Chicago Tribune Tower, no Palacio Díaz em Montevideo dos arquitetos uruguaio Gonzalo Vásquez Barrière e Rafael Ruano de 1934; ou as



influências do arquiteto austríaco Adolf Loos na Casa Pucci, projetada pelo arquiteto e urbanista uruguaio Mauricio Cravotto em 1928, confirmando, de certo modo, a hipótese colocada no início do texto de que não teria nascido desse período uma nova arquitetura nacional, mas que elementos arquitetônicos externos teriam sido “nacionalizados” para a resolução de problemas locais.



Figuras 136 e 137: Palacio Díaz de Vásquez Barrière e Rafael Ruano, publicado em *Arquitectura* em 1935 e casa, escritório e laboratório para o dr. F. Pucci do arquiteto M. Cravotto (publicada em 1931 na mesma revista), ambos em Montevideo (fonte: Spazio e Società, n. 35, 1986, p. 100 e 103).

Os autores entendem que a assimilação de diferentes tendências de vanguarda estrangeiras nessa arquitetura da primeira metade do século XX no Uruguai – um “novo ecletismo” -, embora pudesse parecer resultado de uma aceitação acrítica de propostas externas, refletiria de fato a vontade dos arquitetos da época de construir uma arquitetura “própria”. Nesse sentido, ganhariam destaque no texto outros olhares para fora do Uruguai: o olhar para uma dimensão mais ampla “americanista” – na arte difundida pelas missões jesuíticas na América do Sul, México e Califórnia (CRISTOPHERSEN apud ARANA; GARABELLI, 1986, p. 95) - e para versões coloniais do “hispanico”, como os casos de Julio Vilamajó (1894 – 1948), que teria assimilado o influxo da África do Norte e da Espanha em alguns períodos da sua trajetória, e Alberto Muñoz del Campo (1889 – 1975), que valorizaria influências espanholas da história do Uruguai também para se contrapor ao peso que teria a cultura francesa no país no começo do século XX. No texto, Vilamajó é considerado o exemplo de maior proeminência desse grupo de arquitetos que teria enfrentado os novos programas e necessidades da época sem puramente transpor modelos externos e com discernimento crítico, que também contaria com os uruguaio Juan Antonio Scasso e Carlos Surraco.



Figuras 138 e 139: O “mouresco” e o “hispanico” na casa Costemalle, em Montevideo, de Julio Vilamajó (1927) e a casa do arquiteto, também em Montevideo, de 1930 (fonte: Spazio e Società, n. 35, 1986, p. 94 e 104).

Por fim, no último artigo do dossiê, Arana (1986) se propõe a fazer um balanço crítico e reabrir um debate sobre a prática da arquitetura e do urbanismo do Uruguai do ponto de vista técnico, acadêmico e profissional, com um maior foco na questão da habitação do final dos anos 1960 até os anos 1980. Sua crítica se inicia diferenciando os países industrializados europeus, cujas obras arquitetônicas seriam espontaneamente “nacionais”, enquanto nos países periféricos o fenômeno da “transferência de modelos” seria tanto mais generalizado quanto maiores fossem os laços de dependência desses países com aqueles centrais. Arana (1986) reforça as diferenças do Uruguai também com relação aos seus vizinhos ao notar que embora fosse um país periférico, seria um caso atípico no âmbito latino-americano: um território àquela altura quase totalmente desprovido de seus povos originários, que integrara diversas ondas migratórias europeias desde o início do século XVIII e cuja população total não passaria então de 3 milhões de habitantes, dos quais mais de 1,3 milhão viveria na capital Montevideo.

O foco maior de sua análise é o campo da habitação na segunda metade do século XX no Uruguai, mas o autor não deixa de antes apresentar um panorama geral de como o desenvolvimento de uma linguagem arquitetônica própria e outros esforços no âmbito do urbanismo e da gestão do patrimônio histórico foram gradualmente perdendo lugar para a especulação imobiliária, a degradação do meio ambiente e da natureza - com o caso de *Punta del Este* como um exemplo notório - e o descaso com o patrimônio arquitetônico histórico em favor do lucro e do capital privado, estrutura que justificaria o título do texto “Da liberdade criativa à cidade repressiva”. Suas críticas dizem respeito à gestão política municipal, principalmente a de Montevideo que, embora tivesse um segmento todo dedicado ao Plano Regulador desde 1939, nunca chegara a orientar de fato o processo de expansão da cidade, restringindo-se grosso modo a atuar dentro do conceito de *zoning*, limitar gabaritos e

zonas industriais. Ainda para o autor, suspeitar-se-ia que muitos dos regulamentos municipais seriam modificados menos por razões de utilidade pública e cada vez mais por pressão de interesses privados.



Figuras 140 e 141: Antigo Mercado Central de Montevideo demolido por decisão municipal e especulação e degradação urbana na cidade de *Punta del Este* (fonte: Spazio e Società, n. 35, 1986, p. 117 e 119).

Por fim, Arana (1986) apresenta a *Ley Nacional de Vivienda*, aprovada em 1968, como um marco profícuo no enfrentamento da carência de moradias de médio e baixo custo no Uruguai. Das experiências desenvolvidas no âmbito dessa lei, destaca-se a criação das Cooperativas de habitação, que se dividiam em dois tipos: as do tipo *Ahorro Previo* (poupança prévia), voltada sobretudo à classe média que teria uma capacidade de economia maior e poderia dar a contraparte nas concessões de crédito facilitadas pela lei, e as de *Ayuda Mutua* (ajuda mútua), que substituíam a capacidade de poupança (muito baixa das classes com menor poder aquisitivo) por horas de trabalho, difundindo a habitação social dessas circunstâncias para centros pequenos e médios do interior do país. O incentivo ao cooperativismo e a sua integração às políticas públicas para a moradia representariam muitas vantagens quando comparados aos processos comuns de provisão de casas, nos mais diversos níveis.

Em primeiro lugar, procurou assegurar assessoria responsável aos seus membros por meio de institutos de assistência técnica interdisciplinares (compostos por arquitetos, assistentes sociais, engenheiros, consultores técnicos, juízes, contadores). Além disso, introduziu o conceito até então inédito de "direito de uso" da casa, que modificou o conceito exclusivo de propriedade e tendeu a desestimular a especulação imobiliária. Acima de tudo, favoreceu a possibilidade de participação dos interessados diretos na solução de seus problemas habitacionais (ARANA, 1986, p. 122, tradução da autora).



Figura 142: Edifício de habitação Grupo Intercooperativo Mesa 1, construído entre 1971 e 1975, de 420 unidades em Montevideo. Consultoria e projeto da CCU – Centro Cooperativista Uruguaio (fonte: Spazio e Società, n. 35, 1986, p. 123).

As questões tratadas por Arana revelam sua evidente afinidade intelectual com De Carlo: o apreço pelas questões sociais, o trabalho participativo e colaborativo entre arquitetos e as populações como foco de políticas públicas, e o cooperativismo como alternativa a ações mais diretas do Estado – em suma, alguns elementos entendidos como potenciais caminhos no horizonte do Terceiro Mundo.

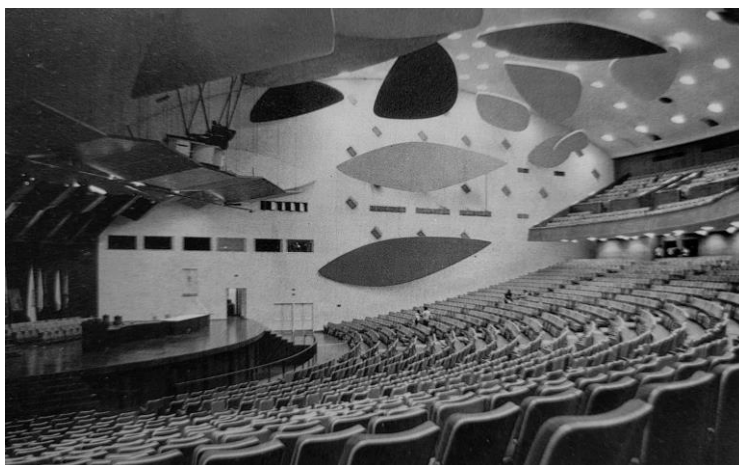
O último dos dossiês sobre países latino-americanos trata da Venezuela, e é composto por dez textos relativamente breves que tratam principalmente da arquitetura e do urbanismo após o boom do petróleo no país no século XX, mas também da relação entre a arquitetura e o urbanismo modernos com os do passado da Venezuela e dos desafios que se colocavam quando foi produzido o dossiê, em meados da década de 1980. A arquiteta e urbanista responsável pelo conjunto de textos, Margarita Iglesia<sup>183</sup>, convidou os autores de seu dossiê segundo sua rede de contatos acadêmicos, com colegas e ex-professores sobretudo da *Universidad Simón Bolívar*, onde a arquiteta fizera sua graduação.

Tanto o urbanismo como a arquitetura da Venezuela aparecem no dossiê inseridos em uma crítica que envolve modelos arquitetônicos e de organização das cidades estrangeiros e suas possibilidades de aplicação no território venezuelano. Muitos dos autores retomam a história da formação das cidades naquele território (e, de maneira geral, de todas as cidades latino-americanas durante a colonização espanhola), cujo traçado em forma de grelha teria relações diretas com modelos de

---

<sup>183</sup> Margarita Iglesia graduou-se arquiteta e urbanista na *Universidad Simón Bolívar* (Venezuela) e cursou o programa de Mestrado em Planejamento Urbano na Universidade de Harvard por meio da bolsa de estudos Mariscal Día Ayacucho. Há vinte anos Iglesia trabalha com design e planejamento urbano e projetos de arquitetura. No âmbito acadêmico, sua pesquisa é focada no projeto sustentável, planejamento urbano de escalas menores ('comunidades') e recuperação de áreas degradadas. Atualmente é professora de Urbanismo sustentável na *Boston Architectural College* e Projeto Arquitetônico no *Wentworth Institute of Technology* (também em Boston).

cidades medievais militares europeias. Dividir o território e controlá-lo mais facilmente seriam alguns dos motivos da adoção desse modelo dentro de uma organização sistemática do processo de colonização dos territórios latino-americanos, mas também, ainda com raízes em princípios políticos da Europa do século XVI, a geometria do desenho da cidade reforçaria a diferença desta do campo, expressando os objetivos da civilização e afirmando um domínio cultural sobre a natureza (FRONTADO, 1987). Mais adiante na história do país, os autores definem um momento crucial que mudaria todas as suas dinâmicas: o descobrimento de imensas jazidas de petróleo na década de 1920. Tal descoberta, e suas consequências econômicas, teriam impulsionado um processo de urbanização frenético, bem como transformado um país agrário (com 80% de sua população vivendo no meio rural em 1920) no primeiro exportador de petróleo do mundo (com 80% da população vivendo no meio urbano em 1985), com cerca de um quarto da população venezuelana vivendo na capital Caracas em meados da década de 1980 (IGLESIA, 1987).



Figuras 143 e 144: *Panteón Nacional*, Caracas, restaurado em 1929 por Manuel Mujica e Aula Magna da *Ciudad Universitaria de Caracas*, projeto de Carlos Raul Villanueva, 1953 (fonte: Spazio e Società, n. 39, 1987, p. 108-112).

No campo da arquitetura, José Roig (1987) escreve sobre o modernismo na Venezuela mostrando que, embora esse e os outros estilos arquitetônicos do país tivessem sido “importados da Europa”, houve alguns arquitetos que em maior ou menor grau superaram os vínculos modernistas com aquele continente e com os Estados Unidos, produzindo obras importantes tidas pelo autor como exemplos da busca por uma expressão arquitetônica autônoma. O hispano-venezuelano Manuel Mujica Millán (1897-1963) seria o primeiro a inaugurar uma arquitetura que não seguiria os 5 pontos da arquitetura moderna de Le Corbusier e flertava com o historicismo. Carlos Raul Villanueva (1900-1975) também é mencionado, e ganha destaque também no texto de Miguel Arroyo (“Carlos Raul Villanueva ou a síntese das artes”), com seu projeto de 1953 para o campus da Cidade Universitária de Caracas. Ainda são apresentados Fruto Vivas (1928-2022), José Miguel Galia

(1919-2009) e Carlos J. Gomez de Llerena (1939), cada um associando elementos modernos e históricos da sua maneira. Ainda, o autor menciona a existência de uma ‘arquitetura paralela’ de casas maiores, provavelmente para a classe alta, construídas por empresas sem o envolvimento de arquitetos e com elementos da arquitetura colonial -muros brancos, tijolos, colunas da ordem toscana, frontões e janelas com grades. Segundo a análise de Roig (1987), seria difícil precisar se tal arquitetura estaria somente ligada à tradição, ou à busca por uma identidade cultural, ou à negação do estilo moderno.

Já a habitação enquanto questão de política pública na Venezuela é examinada por Folco Riccio (1987) que, com exemplos reais, apresenta o que teriam sido iniciativas de sucesso para a resolução do problema da moradia dos pobres e casos que não teriam logrado bons resultados, agravando a situação social e ambiental. De modo geral, o autor julga ruins as soluções de verdadeiros bairros residenciais populares, com edifícios altos, sem uso misto e distantes de outras atividades e serviços da cidade. Tal conformação não seria favorável à criação de relações sociais entre os moradores, mas favorável à degradação e violência.



Figuras 145 e 146: “Edifícios de alta densidade realizados pelo setor público nos anos 1950” e “o edifício e a área do entorno não favorecem a integração da comunidade” (fonte: Spazio e Società, n. 39, 1987, p. 100).

Ainda do ponto de vista da forma e da posição geográfica na cidade, as habitações de alta densidade que são apresentadas como exemplos de sucesso têm gabarito mais baixo (de até quatro pavimentos), implantados de forma mais compacta no território, com menores distâncias entre eles e entre outros núcleos urbanos. Ou ainda exemplos de casas unifamiliares construídas em áreas mais íngremes de Caracas, também com atenção aos percursos pedonais, e desenhadas de modo que haja conexões com vizinhos por meio de atividades como o cozinhar ou lavar as roupas. Há nesses projetos uma maior atenção aos trajetos para pedestres que, incitando uma maior circulação, tornaria os ambientes mais humanos e diminuiria os índices de violência. Em contrapartida, o autor reconhece a “casa pronta” produzida pelo Estado ou em parcerias ainda é acessível para poucos, sendo a habitação apenas um ramo de um problema social mais complexo. A solução para esse impasse, portanto, não poderia ser resolvida somente no âmbito da arquitetura, com a produção de

casas no espaço físico (ainda que a produção de uma boa arquitetura fosse indispensável nesse processo, como visto nos exemplos dados) mas, extrapolando seus limites, exigiria o envolvimento de iniciativas nos campos social, político e educacional.

o problema das habitações continuará irresoluto para os habitantes que não atingirem o nível mínimo de possibilidades de acesso, se não for garantido um rendimento mínimo de subsistência a todas as famílias. Isto significa que cada família deveria contar ao menos com um emprego estável e bem remunerado e acesso a instrução e aos serviços sociais. O setor público deve estudar estratégias políticas e projetuais globais, capazes de eliminar as *causas* e não comente os *sintomas* da marginalização/exclusão (RICCIO, 1987, p. 102-103, tradução da autora)



Figuras 147 e 148: “Assentamento residencial de casas baixas” e “as casas são agregadas por grupos e conectadas a uma rede de percursos para o pedestre” (fonte: Spazio e Società, n. 39, 1987, p. 101-102).

De maneira geral os dossiês aparecem na revista como conjuntos de textos em que há um esforço de se apresentar países e cidades específicos a partir da sua história, cultura, geografia, economia, arquitetura e urbanismo, para então compreender e debater sua condição nas últimas décadas do século XX. Ao se relacionar os textos dos dossiês tratados nesta seção (de países que seriam considerados pela geopolítica mundial de Terceiro Mundo) com os textos indexados como sobre o Terceiro Mundo, tornam-se evidentes algumas diferenças.

Partindo da autoria dos dossiês tratados, percebe-se que seus autores são, em grande medida, terceiro-mundistas que falam de dentro de seus países. Embora certas temáticas dos textos sobre o Terceiro Mundo tangenciem os artigos dos dossiês, nota-se que os pontos de vista de indianos, sul africanos, argentinos, uruguaios e venezuelanos os inserem nos debates de maneira diversa. O cruzamento de miradas nos dossiês parece “dissolver a imagem original”: a busca por uma cultura

(e, mais especificamente, de práticas arquitetônicas e urbanísticas) mais autêntica é recorrente em todos esses textos, em que arquitetos, escritores, músicos e outros profissionais discutem a força e reincidência histórica de “influências” estrangeiras em suas culturas locais, e buscam constantemente o desenvolvimento de práticas autônomas e originais. As obras que aparecem nos dossiês parecem pertencer a uma categoria de arquitetura erudita e mais autoral, se comparadas às práticas mais coletivas dos artigos do segundo capítulo, o que explica em parte o fato de escaparem à indexação como sendo pertencentes ao Terceiro Mundo. Vê-se, portanto, uma trama complexa de pontos de vista, manifestados num momento em que as transformações políticas tiveram implicações no campo da arquitetura, marcado desde então por sucessivas crises. Ainda é possível antever a partir desse último conjunto de textos, que os atravessamentos de distintos regimes de temporalidade e do problema colonial que marca tanto os processos geopolíticos quanto a história da própria disciplina, não são facilmente identificáveis. Trata-se do exercício proposto desde o início deste trabalho.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No intuito de compreender o que seriam as práticas arquitetônicas, urbanísticas e culturais do Terceiro Mundo difundidas na revista *Spazio e Società*, inseridas no debate do campo disciplinar que vinha ocorrendo desde a década de 1950 de revisão dos preceitos do movimento moderno na arquitetura e no urbanismo, buscou-se traçar um panorama histórico partindo dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna até o momento de produção da revista. Nesse contexto, delinearam-se as trajetórias profissionais das figuras de Giancarlo de Carlo e Giuliana Baracco, editores-chefes do periódico, e suas redes de relacionamento profissional<sup>184</sup>, refletidas nas autorias dos textos. Em outras palavras, a escolha dos autores que publicariam na *Spazio e Società* teria se dado, em grande medida, devido aos circuitos internacionais em que De Carlo se inseria. Reuniram-se ideias, imaginários sociais, conceitos e teorias que pudessem auxiliar na compreensão da construção ideológica do conceito de Terceiro Mundo ao longo do século e, a partir do cruzamento desse conteúdo com a análise dos textos da revista *Spazio e Società*, é possível tecer alguns comentários.

A alegoria do jogo de espelhos presente na epígrafe deste trabalho é continuamente tangenciada desde o primeiro capítulo, que mostra o olhar da cultura moderna para o “outro” e a repercussão desse olhar. Por um lado, são produzidos catálogos, exposições, livros, estudos etnográficos e projetos, e por outro, são elaborados imaginários, teorias e conceitos que influenciam ações concretas. Ainda, há o olhar dos ditos terceiro-mundistas, para o outro também e para si, nesse cruzamento de miradas de que trata Liernur (1992).

A análise então se volta para o próprio Terceiro Mundo, conceito em disputa desde meados do século XX com diversos significados ligados ao contexto histórico em que se insere e ao lugar de quem os elabora. Surgem então as noções de subdesenvolvimento, pobreza, dependência, neutralidade política e revolução, que são conceitos-chave que permeiam em maior ou menor grau os artigos da revista italiana sobre o Terceiro Mundo. Estes, por sua vez, vão surgindo à medida em

---

<sup>184</sup> Nesse ponto, Baracco é menos mencionada pelas dificuldades de acesso a fontes sobre a tradutora e editora italiana, o que revela a necessidade de se desenvolverem pesquisas nesse sentido. Neste sentido, é reforçada a importância e o valor da contribuição de Anna De Carlo para esta dissertação.

que são estudados os fenômenos arquitetônicos e urbanísticos segundo três entradas – a precariedade; elementos, materiais e técnicas locais; e planejamento urbano e regional -, mais próximas ao campo disciplinar.

De modo geral, nos artigos sobre o Terceiro Mundo há uma grande valorização do lugar – tanto no sentido de sua geografia, matéria e clima, quanto na sua dimensão cultural -, fortalecendo a ideia de que o conjunto de práticas locais, saberes tradicionais e de formas diferentes de existir no mundo das culturas silenciadas pela Modernidade poderiam indicar caminhos aos impasses da própria Modernidade, inclusive ao modelo de modernidade que se tornou hegemônico na arquitetura e no urbanismo por meio dos CIAM na Europa. Os autores italianos, estadunidenses e outros europeus que lançavam seus olhares para essa porção do globo, o faziam em grande medida tomando-o como objeto de estudo dentro das suas universidades, o que corrobora com a imagem dessa busca por respostas aos impasses contemporâneos em outros lugares, em outras práticas culturais.

Ainda, tópicos como a pobreza e a carência aparecem nos textos ligados a uma população migrante que causaria a superlotação dos centros urbanos – os “pobres da cidade” -, que, criariam os meios para a sua própria sobrevivência construindo seu habitat por conta própria. Os resultados disso - as *bidonvilles*, *squatters*, *slums* e favelas - foram vistos ao longo da história ora como pragas sociais, ora como alternativas para novas abordagens no âmbito habitacional e modelos de práticas coletivas de grande interesse. Os autores da revista parecem tender à segunda opção, valorizando as experiências participativas locais como mais eficazes na resolução e no enfrentamento dos problemas urbanos em detrimento de ações vindas de governantes, do Estado ou da iniciativa privada. Nesse sentido, a *Spazio e Società* de Baracco e De Carlo parece ser uma porta-voz de práticas culturais e sociais alternativas a ações dos poderes institucionais. A aposta nas ações coletivas também parece se repetir nos textos analisados na seção de planejamento urbano e regional, uma vez que a força das coletividades nos casos apresentados estaria em consonância com as críticas que vinham sendo elaboradas à social-democracia e ao socialismo real da União Soviética. A intensificação dessas críticas ao longo da segunda metade do século XX se traduziria na ideia de que a revolução verdadeira viria então do Terceiro Mundo.

Já o conjunto de textos analisados no terceiro capítulo desta dissertação, escritos em sua grande maioria por autores terceiro-mundistas que falam de dentro de seus países, nos dão outras miradas desse jogo de espelhos. Cada país apresentado possui inúmeras singularidades locais: de modo geral, o dossiê da África do Sul gira em torno das consequências físicas do apartheid no território e na vida da população; o conjunto de textos sobre a Índia tensiona constantemente o local e o universal, a modernidade e a identidade cultural, nas práticas dos arquitetos destacados; o dossiê da Venezuela considera o boom do petróleo como um divisor de águas no país, e os textos sobre o

Uruguai e a Argentina mostram a constante busca por uma identidade cultural, tendo em vista as enormes influências que a Europa teria nas práticas arquitetônicas e urbanísticas desde finais do século XIX.

Apesar das peculiaridades, os dossiês estudados no terceiro capítulo apresentam semelhanças: todos partem de um passado colonial, fosse ele mais ou menos recente, que influenciaria fortemente a vida contemporânea em quase todos os seus aspectos; no campo disciplinar, o que é apresentado parece ser o resultado dessa busca constante pela própria identidade dentro das possibilidades de inserção das obras, dos arquitetos e até de seus países, na modernidade.

O confronto dos dois conjuntos de artigos então evidencia a dialética entre a modernidade e a tradição, as identidades e o vernáculo, com o Terceiro Mundo muito mais atrelado a ideia de desvio e alternativa ao sistema, portanto, lugar da revolução, e o “outro” Terceiro Mundo, não classificado como tal pela revista mas também inserido nessa dialética, como o lugar cujas possibilidades de inserção no moderno residem em uma arquitetura mais autônoma, que inclui elementos locais, mas almejando ser universal.

Por fim, tais processos parecem envolver os arquitetos e urbanistas na sua interface com outros campos da cultura, no paradoxo de que trata Liernur (2010): ao expandir a ideia de universalidade (do consumo, do capital, da democracia, dentre outros) para o mundo, a Modernidade necessariamente ativaria as forças “locais” (as singularidades, a nação, as subjetividades etc.). O duplo sentido da Modernidade, em suas múltiplas direções se cruzam: os agentes do norte atlântico projetam no outro a si mesmo e a seus anseios, ativando no Terceiro Mundo seus elementos próprios. De outro lado, os arquitetos locais dos dossiês parecem buscar desenvolver uma arquitetura identitária e original, muitas vezes com uma combinação entre materiais locais e modernos, saberes locais e aprendizados adquiridos em escolas estrangeiras, como uma resposta à expansão daquela universalidade. Em retroalimentação, essas respostas ativas novos elementos no próprio movimento de expansão universal, conformando circuitos culturais globais múltiplos e diversos que, todavia, mantêm as assimetrias definidas por graus de persistência do colonialismo. Resta construir pontos de vista que busquem revelar e ao mesmo tempo tensionar a historiografia resultante de tais assimetrias. Esse trabalho pretendeu dar sua contribuição na construção da consciência sobre a disciplina, e em perspectiva histórica trazer à luz elementos pouco evidentes de seus diálogos e implicações para questões que ainda permanecem.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL ASSAL, Marianna R. B. **Arquitetura, identidade nacional e projetos políticos na ditadura varguista – as Escolas Práticas de Agricultura do Estado de São Paulo**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ALBUQUERQUE, Germán F. Tercer Mundo y tercermundismo em Brasil: hacia su constitución como sensibilidad hegemónica em el campo cultural brasileño – 1958-1990. **Estudios Ibero-Americanos**, PUCRS, v. 37, n. 2, p. 176-195, jul./dez. 2011.

ANDRADE, Carlos R. M. de.; DAIDONE, Isabella; SEGAWA, Hugo M.; GRANER, Mônica; SAVINO, Fabiane R. **A produção escrita de Giancarlo de Carlo na revista Spazio e Società e a proximidade com o pensamento de Henri Lefebvre**. 2020, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. FAU Encontros, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bkZXLGq4WDg&t=5s>>. Acesso em: 11 ago. 2022.

ARAVECCHIA-BOTAS, Nilce C. O pensamento decolonial: caminhos para o ensino de arquitetura na América Latina. **América – Revista da Pós-Graduação da Escola da Cidade**., n.1, p. 76-81, dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Técnica y Política en la producción de la ciudad latinoamericana: ciudad Kennedy, Bogotá (1960-1963). In. *Arquitectos, profesionales, expertos y vanguardistas en el cono sur*. **A&P Continuidad**. Facultad de Planeamiento, Arquitectura y Diseño de la Universidad Nacional de Rosario, vol. 6, n.11, p. 70-81, dez. 2019.

\_\_\_\_\_; CASTRO, Ana Cláudia V. Urbanização, marginalidade e dependência: Manuel Castells e Aníbal Quijano entre Europa e América Latina (1950-1970). **8º Congresso Conselho Europeu de Pesquisas Sociais na América Latina**. Organização: Instituto de Ibero América, Universidade de Salamanca, Salamanca, jun./jul. 2016.

ARGAN, Giulio C. A Crise da Arte como “Ciência Europeia”. In: \_\_\_\_\_. **Arte Moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1992. p.507-646.

AVERMAETE, Tom. CIAM, Team X, and the rediscovery of African settlements: between Dogon and the bidonville. In. LEJEUNE, Jean-François; SABATINO, Michelangelo (org.). **Modern architecture and the Mediterranean. Vernacular dialogues and contested identities**. Nova Iorque: Routledge, 2010, p. 251 - 264.

BALLENT, Anahi. Learning from Lima. **Block**, Universidad Torcuato di Tella, Buenos Aires, n. 6, p. 86-95, mar. 2004.

BARACCO, Giuliana. Dietro le quinte: conversazione con Giuliana Baracco. **Spazio e Società. Una sezione longitudinale sulla rivista**, Rimini, n. 93, p. 6-13, 2000.

BARBERO, Luciano; SAVVIDU, Athinà. Architettura e neocolonialismo. **Spazio e Società**. Milão, n. 1, p. 27-66, jan. 1978.

BARONE, Ana Cláudia C. **Team 10: arquitetura como crítica**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

\_\_\_\_\_; DOBRY, Sylvia A. "Arquitetura participativa" na visão de Giancarlo de Carlo. **PosFAUUSP**, [S. l.], n. 15, p. 18-31, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43369>. Acesso em: 12 set. 2022.

BERGER, Mark T. After the Third World? History, destiny and the fate on Third Worldism. **Third World Quarterly**, Oxfordshire, v.25, n. 1, p.9-39, 2004.

BIAGI, Francesco. A critical reflection beyond the academic disciplines. In: \_\_\_\_\_. **Henri Lefebvre's critical theory of space**. Londres: Palgrave Macmillan, p. 1-60, 2020.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. Evolución de las ideas de la Cepal. **Revista Cepal. Número extraordinário: Cepal cincuenta años**, p. 21 – 45, out. 1998.

BRANDÃO, Carlos A. Celso Furtado e o processo de desenvolvimento-subdesenvolvido visto da periferia: estruturas, decisões e estratégias. In: SOUSA, Cidoval M., THEIS, Ivo M., and BARBOSA, José L. A., (eds.) **Celso Furtado: a esperança militante (Interpretações)**. Campina Grande: EDUEPB, vol. 1 [online], pp. 171-193, 2020.

BRESSER-PEREIRA, Luis Carlos. As três interpretações da dependência. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais - UNESP**, São Paulo, v. 38, p. 17-48, jul./dez. 2010.

BRUNA, Paulo. Arquitetura Italiana Racionalista nos anos 1930. **Revista da Pós-graduação de Arquitetura e Urbanismo FAUUSP**, São Paulo, n. 4, p. 151-155, abr. 1995.

BUNČUGA, Franco; DE CARLO, Giancarlo. **Conversazioni con Giancarlo de Carlo: Architettura e libertà**. Milão: Elèuthera, 2014.

CASTILHO, Sergio R. R. Cultura e pobreza a partir de Oscar Lewis: notas para uma antropologia urbana dos pobres do Brasil. **Século XXI, Revista de Ciências Sociais**, v.7, n. 2, p.11-34, jul./dez. 2017.

COGGIOLA, Osvaldo. Buenos Aires, Cidade, Política, Cultura. **Revista Brasileira de História**, São Paulo: Humanitas, v. 17, n. 34, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01881997000200005> . Acesso em: 25 jan. 2023.

CORTÉS, Alexis. **Favelados e pobladores nas ciências sociais: a construção teórica de um movimento social**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2018.

DAIDONE, Isabella. **Spazio e società: Giancarlo de Carlo e il tema della base sociale dell'architettura**. 2012. Tese (Doutorado) – Facoltà di Architettura, Università degli Studi di Palermo, Palermo, 2012.

DAINESE, Elisa. From the charter of Athens to the 'habitat': CIAM 9 and the African grids. **The journal of architecture**, vol. 24, n. 3, p. 301- 324, mai. 2019.

DE CARLO, Giancarlo. La testata. **Spazio e Società**, Milão, n. 1, p. 3-8, jan. 1978.

\_\_\_\_\_. Editorial. **Spazio e Società**, Florença, n. 14, p. 3-5, jun. 1981.

\_\_\_\_\_. I cambiamenti. **Spazio e Società**, Gênova, n. 47-48, p. 4-7, jul.-dez. 1989.

\_\_\_\_\_ ; SCHIROLLO, Livio. (org.) **Gli Spiriti dell'Architettura**. Roma: Editori Riuniti, 1992.

\_\_\_\_\_. Talk on the situation of contemporary architecture (1959). In: NEWMANN, Oscar. **CIAM '59 in Otterlo**. Londres: Tiranti, 1961.

\_\_\_\_\_. Tortuosità. **Domus**, n. 866, pp.24-25, jan. 2004.

\_\_\_\_\_. Formalismo, continuità dell'accademismo. **Casabella-Continuità**, n. 199, p. ii, dez. 1953/jan. 1954.

\_\_\_\_\_. Uma precisazione. **Casabella-Continuità**, n. 214, p. 1 (Note), fev./mar. 1957.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 51-73, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/wcP4VWBVw6QNbvq8TngggQk/?lang=pt>. Acesso em: 21 ago. 2021.

ESCOBAR, Arturo. **La invención del Tercer Mundo. Constucción y deconstrucción del desarrollo**. Caracas: Fundación Editorial el perro y la rana, 2007.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GILMAN, Claudia. **Entre la pluma y el fusil. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2003.

GORELIK, Adrián. A aldeia na cidade: ecos urbanos de um debate antropológico. In: LANNA, Ana L. D.; LIRA, José T. C.; PEIXOTO, Fernanda A.; SAMPAIO, Maria R. A. **São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades**. São Paulo: Alameda Editorial, 2011, pp. 133-164.

\_\_\_\_\_. A produção da "cidade latino-americana". **Tempo Social**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 111-133, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12456> . Acesso em: 14 fev. 2020.

GREGOTTI, Vittorio. **Il territorio dell'architettura**. Milano: Feltrinelli, 1966.

GRIECO, Lorenzo. Giancarlo de Carlo from CIAM to ILAUD. In: CORREIA, Nuno; MAIA, Maria Helena; FIGUEIREDO, Rute. **Revisiting Post-CIAM generation: debates, proposals and intellectual framework proceedings**. Porto: CEEA/ESAP-CESAP, 2019, pp. 167-180.

GUMIERO, Rafael G. A teoria do subdesenvolvimento: entre o centro e a periferia. In: *IX Congresso Brasileiro de História Econômica e 10ª Conferência Internacional de História Econômica*, 2011, Curitiba. **Anais do IX Congresso Brasileiro de História Econômica e 10ª Conferência Internacional de História Econômica**, 2011.

HOBBSAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

HUAPAYA ESPINOZA, José C. Eduardo Neira Alva. Aportes profesionales para el debate sobre el desarrollo territorial y la ecología urbana en América Latina, 1961-1998. **Ensayo: Revista de arquitectura, urbanismo y territorio**, v. 1, n. 1, p. 67-81, 18 dez. 2015.

\_\_\_\_\_.; SIMÕES, Nathalia A. Cidade e urbanismo na América Latina: um olhar através das revistas especializadas italianas, 1930-1966. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 14, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** São Carlos: Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2016. p. 10 – 20. Disponível em: <<https://www.iau.usp.br/shcu2016/anais/index.php/textos-e-posteres/textos/eixo-1/>>. Acesso em: 21 jun. 2020.

KHAN, Hasan-Uddin. Developing discourses on architecture: the Aga Khan Award for Architecture, the journal “Mimar: Architecture in Development”, and other adventures. **Journal of Architectural Education (1984-)**, Nova Iorque, v. 63, n. 2, p. 82-84, mar. 2010. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20778816>. Acesso em: 2 jan. 2023.

LEMOS, Amália I. G. A metropolização nos países do Terceiro Mundo. **Revista do Departamento de Geografia – FFLCH USP**, n. 13, p. 7-36, 1999.

LIERNUR, Jorge F. Es el punto de vista, estúpido!. In: \_\_\_\_\_. **Arquitectura em teoria**. Escritos 1986-2010. Buenos Aires: Nobuko, 2010, p. 273-288.

\_\_\_\_\_. Mutaciones de Cancer a Capricornio. La construcción del discurso occidental sobre la vivienda en territorios tropicales: de instrumento colonialista a factor de conflicto en la Guerra Fría. **Estudios del Hábitat**, Universidad Nacional de La Plata, vol. 13, n.1, p. 1-60, jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Un nuevo mundo para el espíritu nuevo: los descubrimientos de América latina por la cultura arquitectonica del siglo XX. **Revista Anales del Instituto de Arte Americano e Investigaciones Esteticas**, Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires, n. 29, p. 1-28, ago. 1992.

LUCA, Tania R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111 – 153.

MICARA, Ludovico; PETRUCCIOLI, Atillio. Carl Pruscha: dalla Ruhr a Katmandu. **Spazio e Società**, n. 25, p. 90 - 97, 1984.

MONTANER, Josep M. **Arquitectura e crítica na América Latina**. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2014.

MOTA, Nelson. Quando o mito da Intocável Virgem Branca se desfez. A arquitetura vernácula e a emergência de um outro Moderno em Portugal. **Vitruvius - Arquitectos**, São Paulo, ano 13, n. 145.02, jun. 2012. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/13.145/4382> Acesso em 12 set. 2022.

MUMFORD, Eric P. **The CIAM discourse on urbanism 1928/1960**. Cambridge: MIT Press, 2002.

NORWOOD, Bryan E. Mechanization takes command: a contribution to anonymous history (2013) by Sigfried Giedion. **Culture Machine Reviews**, 2015, p. 1 – 12. Disponível em: <<https://culturemachine.net/wp-content/uploads/2019/05/576-1383-1-PB.pdf>>. Acesso em 12 ago. 2022.

NURKSE, Ragnar. **Problems of capital formation in underdeveloped countries**. Oxford: Oxford University Press, 1953.

PIZA, João. Vida e obra de Giancarlo de Carlo. **Vitruvius, Resenhas Online**, São Paulo, ano 02, n. 022.01, \_\_\_\_\_ out. \_\_\_\_\_ 2003. Disponível \_\_\_\_\_ em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/02.022/3205> . Acesso em: 11 jul. 2022.



ROSTOW, Walt W. **The stages of economic growth: a non-communist manifesto**. Cambridge: Cambridge University Press, 1960.

RUDOLFSKY, Bernard. **Architecture Without Architects: a Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture**. Nova Iorque: Museum of Modern Art, 1964.

SAMASSA, Francesco. DE CARLO, Giancarlo. Dizionario biografico degli italiani, **Enciclopedia online Treccani**, 2014. Disponível em <[http://www.treccani.it/enciclopedia/giancarlo-de-carlo\\_\(Dizionario-Biografico\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/giancarlo-de-carlo_(Dizionario-Biografico)/>). Acesso em: dez. 2019.

\_\_\_\_\_. Dentro gli archivi di Spazio e Società. **Planum.net**. fev. 2003. Disponível em: <<http://www.planum.bedita.net/planum-magazine/percorsi/dentro-gli-archivi-di-spazio-e-societa>>. Acesso em: 4 ago. 2020.

SANTOS, Milton. **Les villes du Tiers Monde**. Paris: Ed. Génin, Librairies Techniques - Géographie Economique et Sociale, 1971.

SAUVY, Alfred. Trois Monde, Une Planète. **L'Observateur politique, économique et littéraire**, n. 118, p. 5, 14 ago. 1952.

SCOTT, Felicity D. Revisando *Architectura sin arquitectos*. **Block**, Universidad Torcuato di Tella, Buenos Aires, n. 6, p. 80-85, mar. 2004.

SILVA, Joana M. C. **O arquiteto e a produção da cidade: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva 1930-1960**. 2010. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SINTINI, Matteo. An open field of debates. Architectural culture since 1978 in the journal Spazio e Società. In: *Theory's History, 196X/199X. Challenges in the Historiography of architectural Knowledge*, 2017. Bruxelas. **Anais eletrônicos...** Bruxelas: KU Leuven, 2017. P. 2-22. Disponível em: [https://www.academia.edu/35803807/An\\_open\\_field\\_of\\_debates\\_Architectural\\_culture\\_since\\_1978\\_in\\_the\\_journal\\_Spazio\\_e\\_Societ%C3%A0](https://www.academia.edu/35803807/An_open_field_of_debates_Architectural_culture_since_1978_in_the_journal_Spazio_e_Societ%C3%A0) Acesso em: 2 ago. 2022.

WASSERMAN, Claudia. História, Mito e Política na América Latina. **Boletim do Tempo Presente**, n. 7, p. 1-16, 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempopresente/issue/view/380> . Acesso em: 25 jan. 2023.

### Artigos da Spazio e Società indexados como Terceiro Mundo

ARADEON, David. L'ambiente costruito nelle economie in sviluppo. **Spazio e Società**, n. 14, p. 40-45, jun. 1981.

ARCHITECTURE + DESIGN (magazine). Abitazioni per i senzatetto. **Spazio e Società**, n. 46, p. 6-23, abr./jun. 1989.

BAGNASCO, Giorgio. Una lettera da Luanda. **Spazio e Società**, n. 33, p. 56, mar. 1986.

BARBERO, Luciano; SAVVIDU, Athinà. Architettura e neocolonialismo. **Spazio e Società**, n. 1, p. 27-66, jan. 1978.

BARBERO, Luciano. Africa: dall'interno com rispetto. **Spazio e Società**, n. 31/32, p. 106-109, set./dez. 1985.

- BARBERO, Luciano. Ricordi di un emigrato comunitario sui monti Mitumba. **Spazio e Società**, n. 56, p. 110-118, out./dez. 1991.
- BARBERO, Luciano; SAVVIDU, Athinà. Un'esperienza didattica all'università di IFE, Nigeria. **Spazio e Società**, n. 14, p. 46-66, jun. 1981.
- BARBERO, Luciano; SAWIDU, Athinà. Un'utopia tra colonialismo e neocolonialismo. **Spazio e Società**, n. 43, p. 30-41, jul./set. 1988.
- BARBERO, Walter. Dall'architettura dei nomadi alle case dei sedentari: Tunisia. **Spazio e Società**, n. 20, p. 10-25, dez. 1982.
- BARIS, Danielle; THEUNYNCH, Serge. Autocostruzione come terapia: mental health care units, Bamako, Mali. **Spazio e Società**, n. 30, p. 103-105, jun. 1985.
- BERLANDA, Franco. Bombe sulla storia. **Spazio e Società**, n. 35, p. 62-67, set. 1986.
- BERLANDA, Franco. Un paese danneggiato dalla guerra: il Vietnam. **Spazio e Società**, n. 68, p. 98-109, out./dez. 1994.
- BERLANDA, Franco. Un popolo disperso: campi profughi palestinesi in Giordania. **Spazio e Società**, n. 47/48, p. 65-69, jul./dez. 1989.
- BERTAGNIN, Mauro. Algeria: autocostruzione o *bidonvilles*?. **Spazio e Società**, n. 20, p. 100-107, dez. 1982.
- BERTAGNIN, Mauro. Costruire con il fango. **Spazio e Società**, n. 24, p. 118-125, dez. 1983.
- BERTAGNIN, Mauro. Scuole di terra: CRATerre in Burkina Faso. **Spazio e Società**, N. 57, p. 90-99, jan./mar. 1992.
- CANDILIS, George. Il fondo del problema. **Spazio e Società**, n. 3, p. 101-106, set. 1978.
- CANDILIS, Georges. Università Bou Ali Sina, Hamadan (Iran). **Spazio e Società**, n. 4, p. 17-28, dez. 1978.
- CANNAT, Noël. Quali speranze per gli esclusi dalla città-mondo?. **Spazio e Società**, n. 71, , p. 70-83, jul./set. 1995.
- CATALANO, Fernando. La storia di Nueva Habana, Cile. **Spazio e Società**, n. 7, p. 55-72, set. 1979.
- CECCARONI, Marco. Architetti senza frontiere. **Spazio e Società**, n. 68, p. 82-91, out./dez. 1994.
- CHANGFU, Wu; XIANG-MING, Huang; WANGBING. Notizie dalla Cina. **Spazio e Società**, n. 56, p. 64-77, out./dez. 1991.
- CINÀ, Giuseppe. Quale partecipazione?. **Spazio e Società**, n. 31/32, p. 90-93, set./dez. 1985.
- CORREA, Charles. Strategie urbane per il terzo mondo. India/New Bombay. **Spazio e Società**, n. 15/16, p. 44-55, set./dez. 1981.
- CORREA, Charles. Usare il passato per inventare il futuro (progetti dei Correa Consultants). **Spazio e Società**, n. 15/16, p. 56-63, set./dez. 1981.

- COSTA, Roberto. Sul neo-colonialismo. **Spazio e Società**, n. 17, p. 95-98, mar. 1982.
- CROCE, Barbara. Recensione 'La città del sole e delle acque: Fathpur Sikri' de Attilio Petruccioli. **Spazio e Società**, n. 45, p. 124-126, jan./mar. 1989.
- DE CARLO, Giancarlo. Dalle Sun Belt Cities all'India e viceversa. **Spazio e Società**, n. 46, p. 4-5, abr./jun. 1989.
- DE CARLO, Giancarlo. Goree, Dakar, Pikine. **Spazio e Società**, n. 20, p. 4-9, dez. 1982.
- DOSHI, Balkrishna V. Progetti in India tra urgenze contemporanee e tradizione. **Spazio e Società**, n. 3, p. 5-31, set. 1978.
- DUFRESNE, Maria S.. Architettura e codici simbolici nell'India classica. **Spazio e Società**, n. 45, p. 74-79, jan./mar. 1989.
- EKRAM, Lailun N. Il risanamento di Indore di Himanshu Parikh. **Spazio e Società**, n. 87, p. 8-23, jul./set. 1999.
- ETBS Ventiane; GRET Parigi. Scuola Elementare a Naxathong, Laos. **Spazio e Società**, n. 49, p. 114-117, jan./mar. 1990.
- EYCK, Aldo V. Immaginazione e competenza. **Spazio e Società**, n. 8, p. 43-78, dez. 1979.
- FERRARA, Maddalena. Da Bujumbura a Kampala. **Spazio e Società**, n. 53, p. 112-117, jan./mar. 1991.
- FRIEDMANN, Yona. Lezioni di tecnologie semplici. **Spazio e Società**, n. 37, p. 42-47, jan./mar. 1987.
- GUEDES, Joaquim. Una città di nuova fondazione e un quartiere popolare in Brasile. **Spazio e Società**, n. 7, p. 35-45, set. 1979.
- MANFRIN, Mauro. Rio de Janeiro: Programmi per una città indivisa. Favelas e recupero urbano. **Spazio e Società**, n. 90, p. 14-23, abr./jun. 2000.
- MICARA, Ludovico; PETRUCCIOLI, Attilio. Carl Pruscha: dalla Ruhr a Katmandu. **Spazio e Società**, n. 25, p. 90-97, mar. 1984.
- PEARCE, Fred. Gli "*squatters*" prendono il controllo. **Spazio e Società**, n. 77, p. 46-51, jan./mar. 1997.
- PEATTIE, Lisa; PORTER, William. Ciudad Guayana: "Città d'alabastro" e realtà sociale. **Spazio e Società**, n. 26, p. 100-107, jun. 1984.
- PETRILLI, Amedeo. Una città di villaggi. Una comunità per 40000 abitanti a Indore. **Spazio e Società**, n. 25, p. 10-33, mar. 1984.
- PETRUCCIOLI, Attilio. Abdel Wahed El Wakil: un'intervista. **Spazio e Società**, n. 29, p. 88-95, mar. 1985.
- PETRUCCIOLI, Attilio. Hassan Fathy. Inseguendo il poeta dei mattoni crudi. **Spazio e Società**, n. 17, p. 42-51, mar. 1982.

PETRUCCIOLI, Attilio. Il Dio mammone. Intervista con Hassan Fathy. **Spazio e Società**, n. 17, p. 52-61, mar. 1982.

PETRUCCIOLI, Attilio. Intervista a Balkrishna V.Doshi. **Spazio e Società**, n. 3, p. 32-40, set. 1978.

PETRUCCIOLI, Attilio. Passaggi in India: Anand Raje. **Spazio e Società**, n. 35, p. 20-27, set. 1986.

PETRUCCIOLI, Attilio. Passaggi in India: Uttam Jaim. **Spazio e Società**, n. 35, p. 14-19, set. 1986.

PINI, Daniele. Abaji, Nigeria di Vernon Gracie. **Spazio e Società**, n. 20, p. 108-121, dez. 1982.

PINI, Daniele. Algeria: autocostruzione o "grands ensembles"?. **Spazio e Società**, n. 3, p. 75-83, set. 1978.

RAMAN, P. G. La tela della tradizione: architetture di Ken Yeang in Malaysia. **Spazio e Società**, n. 51, p. 96-105, jul./set. 1990.

REUTERSWARD, Lars. Sul "Parallelismo asimmetrico". **Spazio e Società**, n. 25, p. 86-89, mar. 1984.

RICH, Peter. Africa: i "palazzi" ibridi dei Mapogga. **Spazio e Società**, n. 26, p. 6-25, jun. 1984.

SPENCE, Robin. La ricchezza delle risorse povere. India: architetture di Laurie Baker. **Spazio e Società**, n. 15/16, p. 64-73, set./dez. 1981.

TOMBESI, Paolo; VANNUCCI, Riccardo. Raun Theatre. Teatro popolare a Papua Nuova Guinea. **Spazio e Società**, n. 40, p. 52-61, out./dez. 1987.

TURNER, John F. C. Autocostruzione contro grandi programmi. **Spazio e Società**, n. 1, p. 101-106, jan. 1978.

REDAZIONE. Nigeria. **Spazio e Società**, n. 14, p. 38-39, jun. 1981.

REDAZIONE. Marocco, India, Indonesia, Egitto: quattro quartieri pubblici. **Spazio e Società**, n. 37, p. 22-29, jan./mar. 1987.

ZHIHUA, Chen. Problemi e prospettive delle residenze in Cina. **Spazio e Società**, n. 43, p. 86-90, jul./set. 1988.

### Artigos da Spazio e Società tratados no Capítulo 3

ARANA, Mariano. Dalla libertà creatrice alla città repressiva. **Spazio e Società**, n. 35, p. 108-125, set. 1986.

ARANA, Mariano; GARABELLI, Lorenzo. Avanguardia e pragmatismo nell'architettura uruguaiana. **Spazio e Società**, n. 35, p. 92-107, set. 1986.

BAKER, Laurie. Verso un'architettura indiana moderna. **Spazio e Società**, n. 38, p. 109-111, abr./jun. 1987.

BARBERO, Luciano. Demas Nwoko. **Spazio e Società**, n. 61, p. 28-41, jan./mar. 1993.

- BARBERO, Luciano. Le rondini e la lucertola: Centro Salesiano Don Bosco ad Akure, Nigeria. **Spazio e Società**, n. 58, p. 38-49, abr./jun. 1992.
- BARBERO, Walter. La moschea di Sidi Brahi a El Atteuf, Algeria. **Spazio e Società**, n. 20, p. 122-127, dez. 1982.
- BHATT, Vikram; SCRIVER, Peter. Architettura indiana contemporanea. **Spazio e Società**, n. 38, p. 112-135, abr./jun. 1987.
- BORTHAGARAY, Juan Manuel. La politica urbanistica e residenziale. **Spazio e Società**, n. 33, p. 126-133, mar. 1986.
- BREMNER, Lindsay. Joannesburg e la democrazia. **Spazio e Società**, n. 77, p. 64-71, jan./mar. 1997.
- DOSHI, Balkrishna V. Introduzione. **Spazio e Società**, n. 38, p. 46-47, abr./jun. 1987.
- FRONTADO, Guillermo. La città latino-americana e il piano a scacchiera. **Spazio e Società**, n. 39, p. 84-87, jul./set. 1987.
- GUTIERREZ, Ramon. L'evoluzione dell'architettura in Argentina. **Spazio e Società**, n. 33, p. 78-83, mar. 1986.
- IGLESIA, Margarita. Venezuela: 50 anni di boom del petrolio. **Spazio e Società**, n. 39, p. 76-83, jul./set. 1987.
- IGLESIA, Rafael. Tendenze dell'architettura 1958-1984. **Spazio e Società**, n. 33, p. 84-99, mar. 1986.
- LE ROUX, Hannh. Cinque architetti de Johannesburg. **Spazio e Società**, n. 77, p. 98-112, jan./mar. 1997.
- MIGDAL, Alicia. Il paradosso uruguaio. **Spazio e Società**, n. 35, p. 84-91, set. 1986.
- PESCI, Rubén. L'utopia possibile. **Spazio e Società**, n. 33, p. 58, mar. 1986.
- \_\_\_\_\_. Paese e società nel dopoguerra. **Spazio e Società**, n. 33, pp. 59-65, mar. 1986.
- \_\_\_\_\_. Cultura e architettura per la nuova Argentina. **Spazio e Società**, n. 33, p. 134-139, mar. 1986.
- RICCIO, Folco. Il problema degli alloggi e il settore pubblico. **Spazio e Società**, n. 39, p. 98-103, jul./set. 1987.
- ROIG, José M. Il modernismo in Venezuela. **Spazio e Società**, n. 39, p. 108-111, jul./set. 1987.
- SABIKI, Ranjit. Il disegno della città. **Spazio e Società**, n. 38, p. 88-98, abr./jun. 1987.
- SACK, Steven. I parchi popolari 1958-86. **Spazio e Società**, n. 77, p. 80-87, jan./mar. 1997.
- SHARMA, Ram. La ricerca di radici. **Spazio e Società**, n. 38, p. 102-104, abr./jun. 1987.
- SHOO, Ernesto. Il dibattito culturale fra tradizione e innovazione. **Spazio e Società**, n. 33, p. 66-69, mar. 1986.

## Outras fontes

Entrevista Anna Vermiglia de Carlo

Entrevista Margarita Iglesia

Entrevista Mariano Arana

Entrevista Rubén Pesci



## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: “Soluções elegantes e usuais de galerias ( <i>loggie</i> ) com sistema vertical de madeira e alvenaria nas casas de Val Seriana (Jefe) e Lombardia (Treviglio)”, norte da Itália. Imagens presentes no catálogo da VI Trienal de Arquitetura de Milão em 1936, sob o tema “Arquitetura Rural Italiana”. Fonte: GUARNIERO, Daniel; PAGANO, Giuseppe. <b>Architettura Rurale Italiana</b> . Milão: Ulrico Hoepli Editore, 1936, p. 67. ....	20
Figura 2: Capa da revista <i>The Architectural Review</i> , n. 627, mar. 1949, Londres: Architectural Press Ltda., sobre a exposição <i>40.000 Years of Modern Art</i> do <i>Institute of Contemporary Art</i> de Londres em 1949. Fonte: DAINESE, 2019, p. 305. ....	27
Figura 3: Foto de 1954 das casas com pátio projetadas para a área de <i>Carrières Centrales</i> , na periferia Casablanca, por Michel Écochard. Fonte: DAINESE, 2019, p. 311. ....	29
Figura 4: Unidades habitacionais verticais projetadas por Woods e Candilis entre as casas de <i>Carrières Centrales</i> , em Casablanca, 1952 (fotografia de Michael Écochard). Fonte: DAINESE, 2019, p. 312. ....	30
Figuras 5, 6 e 7: Capas da revista francesa <i>L’Architecture d’aujourd’hui</i> dedicadas ao Marrocos e à África do Norte, de número 35 (1951) e 60 (1955) respectivamente, e do livro de Amos Rapoport, <i>House form and culture</i> (editora Prentice Hall , Nova Jersey) de 1969. ....	34
Figuras 8 e 9: Capa do periódico <i>Le Carré Bleu</i> , n.1 de 1965 e páginas do artigo sobre o projeto desenvolvido por Candilis, Josic e Woods para Fort Lamy, no Chade. ....	34
Figuras 10 e 11: Páginas do artigo de Aldo van Eyck “Architecture of the Dogon” na revista <i>Architectural Forum</i> n. 5 de setembro de 1961. ....	35
Figuras 12, 13 e 14: Capas das obras de Jane Jacobs (1961) e John Turner (1972 e 1976)...	40
Figuras 15, 16 e 17: Capa e páginas do catálogo da mostra do MoMA, <i>Architecture without architects</i> (1964). ....	41
Figuras 18 e 19: Capas da revista <i>Espaces et Sociétés</i> de números 1 (1970) e 2 (1971). ....	45
Figuras 20, 21 e 22: Capas da revista <i>Spazio e Società</i> de números 11 (1980), 12 (1980) e 14 (1981). ....	47
Figuras 23, 24, 25 e 26: Capas das revistas de n. 31-32 ( <i>SAGEP</i> ), n.59 ( <i>Le Lettere</i> ), n. 73 ( <i>Gangemi</i> ) e n. 86 ( <i>Maggioli</i> ). ....	48



Figura 27: Páginas do texto <i>Architettura e neocolonialismo</i> (n. 1, 1978) com a vista aérea da aldeia Songhai, entre o Níger e o Mali, no rio Niger. ....	52
Figura 28: Foto de uma aldeia de pescadores em Poonthura (estado do Querala, Índia), presente no artigo “A riqueza dos recursos pobres” ( <i>La ricchezza dele risorse povere</i> ). Fonte: <b>Spazio e Società</b> , n. 15/16, 1981, p. 66. ....	54
Figuras 29 e 30: Capas das obras Dependência e Desenvolvimento na América Latina, de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, e <i>Imperialismo y Urbanización en América Latina</i> , organizado por Manuel Castells e com texto de Aníbal Quijano, ambas de 1973. ....	66
Figuras 31, 32 e 33: Capas da revista <i>Mimar: architecture in development</i> de números 1 (1981), 2 (1981) e 4 (1982) respectivamente. ....	75
Figuras 34, 35 e 36: Capas das revistas <i>Architecture+Design</i> (n. 175 de 2014), <i>Urbana</i> (n.13 de 1993) e <i>New Scientist</i> (n.2032 de 1996). ....	76
Figura 37: Imagem retirada do texto “Habitações para os sem-teto”, sobre um tipo de habitação na Índia. Na legenda consta: “um exemplo de moradia para alugar no centro da cidade, construída ilegalmente ao longo de um rio, em situação precária e desafiando a lógica estrutural. Os materiais usados variam de terra a bambu, tábuas de madeira reciclada, estanho, amianto, telhas e concreto” (fonte: Spazio e Società n. 46, 1989, p. 10). ....	79
Figura 38: O processo de planejamento e construção da Nova Cidade de Pamplona pelos seus moradores (fonte: Spazio e Società, n. 3, 1978, p. 102). ....	81
Figuras 39 e 40: Os <i>grands ensembles</i> construídos na Argélia, cujo projeto inspirava-se em modelos franceses do pós-segunda Guerra (fonte: Spazio e Società, n. 3, 1978, p. 75). ....	82
Figuras 41 e 42: A <i>kasbah</i> em Argel: o processo de saturação do centro antigo é óbvio, e as cidades “formal” e “informal” paralelas (fonte: Spazio e Società, n. 20, 19828, p. 101 e 102). ....	84
Figuras 43 e 44: Imagem de um conjunto habitacional construído por um ente estatal em péssimo estado depois de apenas dez anos de sua construção. Ao lado, a vista de um chawl típico (fonte: Spazio e Società, n. 46, 1989, p.8 e 12). ....	87
Figuras 45 e 46: Imagens presentes no texto de Noël Cannat, <i>Quali speranze per gli esclusi della città-mondo?</i> (fonte: Spazio e Società, n. 71, 1995, p. 78-79). ....	90
Figuras 47 e 48: Tampas de bueiros dos esgotos construídos pelos próprios habitantes no squatter de Orangi, em Karachi, Paquistão, do texto de Fred Pierce (fonte: Spazio e Società, n. 77, 1997, p. 46 e 48). ....	92
Figuras 49 e 50: Imagens do texto de Mauro Manfrin sobre as favelas do Rio de Janeiro (fonte: Spazio e Società, n. 90, 1995, p. 23). ....	93
Figura 51: A preparação dos tijolos, Egito (fonte: Spazio e Società, n. 17, 1982). ....	95

Figuras 52 e 53: Dois projetos para a Universidade Bou-Ali Sina, no Irã. A primeira figura apresenta a planimetria geral da primeira proposta; a segunda, detalhe dos módulos para uma área destinada a atividades didáticas (fonte: Spazio e Società, n. 4, 1978, p. 18 e 4).....	98
Figuras 54 e 55: Foto e maquete do conjunto <i>Tara Group Housing</i> em Nova Delhi, 1979 (fonte: Spazio e Società, n. 15/16, 1981, p. 57 e 59). .....	99
Figuras 56 e 57: Casa Parekh: vista externa e seções de inverno e verão (fonte: Spazio e Società, n. 15/16, 1981, p. 62 e 63). .....	99
Figuras 58 e 59: Projetos de Lawrence Baker: uma típica casa de baixo custo (32,5 m <sup>2</sup> ) e a Casa do Professor, ambas com telhado inclinado e com paredes externas em <i>jali</i> . Querala, Índia (fonte: Spazio e Società, n. 15/16, 1981, p.67 e 68). .....	101
Figura 60: Vista da aldeia de Nova Gourna, de Hassan Fathy (fonte: Spazio e Società, n. 17, 1982, p.46). .....	102
Figuras 61, 62 e 63: “Uma casa em Cairo da época mameluca e seus elementos principais: a corte interna, a <i>Qa’a</i> e a <i>mashrabiya</i> ” (fonte: Spazio e Società, n. 17, 1982, p.56 e 58). .....	103
Figuras 64 e 65: Esquema de ventilação com o ar entrando por um <i>malkaf</i> à direita, passando pela <i>Dorga’a</i> e saindo por lanternins. Planta e cortes do “princípio da <i>Qa’a</i> aplicado às construções rurais por Hassan Fathy” (fonte: Spazio e Società, n. 17, 1982, p.59). .....	104
Figura 66: Cúpulas em construção, projeto do arquiteto egípcio Abdel Wahed El Wakil, década de 1980 (fonte: Spazio e Società, n. 29, 1985., p. 95).....	105
Figura 67: Aldeia fortificada berbere de Zraoua, Tunísia (fonte: Spazio e Società, n. 20, 1982, p. 13).....	107
Figuras 68 e 69: A “cratera” de uma casa troglodita em Matmata e a planta de um conjunto de habitações trogloditas da aldeia berbere de Téchine (fonte: Spazio e Società, n. 20, 1982, p. 16 e 15).....	107
Figuras 70 e 71: Parte da cidade de Médenine que sobreviveu à demolição, originalmente formada por um conjunto de 25 <i>ksour</i> com mais de 600 <i>ghorfes</i> , e habitações em construção para uma “aldeia de sedentarização” em Mesreb (foto de 1981), Tunísia (fonte: Spazio e Società, n. 20, 1982, p. 19 e 24). .....	109
Figuras 72 e 73: Construção de cúpulas sem escoramento e tijolos crus feitos à mão (aos cozidos eram adicionados resíduos de palha de arroz para os tornar mais leves), cidade de Rosso, Mauritània (fonte: Spazio e Società, n. 68, 1994, p. 91).....	110
Figura 74: Novas habitações para os trabalhadores das minas de Ciudad Guayana, Venezuela (fonte: Spazio e Società, n. 26, 1984).....	111

Figura 75: “Mapa da África: 16 países obtiveram a independência em 1960, ano que pode então ser considerado crucial”. Na legenda, os países colonizadores de cada território – França, Inglaterra, Portugal, Bélgica, Itália e Espanha (fonte: Spazio e Società, n. 1, 1978, p. 29). .....	112
Figura 76: Vista aérea de uma aldeia rural na África, em que se podem ver <i>compounds</i> tradicionais dispersos no território (fonte: Spazio e Società, n. 1, 1978, p. 40).....	114
Figuras 77 e 78: Esquema de <i>compound</i> tradicional urbano hauçá do norte da Nigéria, com pequenos núcleos para a família estendida, e cuja forma é influenciada pelas “leis locais e normas islâmicas, a necessidade de segurança, os materiais de construção disponíveis e as técnicas aplicadas” (p. 44). “Cidade de Kano (norte da Nigéria). [...] Na cidade murada (histórica) de Kano, o principal esquema de organização das habitações ( <i>compounds</i> ) é ainda hoje surpreendentemente uniforme e deriva, com poucas modificações, de <i>compounds</i> precedentes mais antigos” (fonte: Spazio e Società, n. 1, 1978, p.41). .....	114
Figuras 79 e 80: O plano para Kaduna (Nigéria), que respeita a separação por setores – militar, governativo e industrial -, e uma tipologia habitacional para operários, pensada à partir dos <i>compounds</i> , e projetada para que fossem construídos os núcleos de serviços para que as famílias construíssem o restante da habitação (fonte: Spazio e Società, n. 1, 1978, p. 48-49). .....	115
Figuras 81 e 82: “O local do <i>campamento</i> à vigília da ocupação” e “poucos dias após o <i>campamento</i> já estar em funcionamento” (fonte: Spazio e Società, n. 7, 1979, p. 60). .....	120
Figuras 83 e 84: “Demonstração dos habitantes do <i>campamento</i> ” e “os habitantes discutem o plano da <i>población</i> ” (fonte: Spazio e Società, n. 7, 1979, p. 64-65). .....	121
Figuras 85 e 86: Imagem de Che Guevara como símbolo de luta e ônibus em desuso que serviu de sala de aula no Campamento Nueva Habana (fonte: Spazio e Società, n. 7, 1979, p. 56-62). .....	122
Figura 87: “Maquete do projeto” e “planimetria geral: o grid permite um crescimento futuro. Instalações de recreação e culturais são livremente distribuídas no Centro, independente do grid” (fonte: Spazio e Società, n. 7, 1979, p. 36). .....	123
Figuras 88 e 89: Imagens presentes nos textos sobre o planejamento urbano no Brasil (implantação da cidade de Nova Caraíba, na Bahia), e sobre o planejamento da Ciudad Guayana, na Venezuela (imagem da siderúrgica atrás e do edifício da sua sede administrativa), em que se destaca a escala dos territórios (fonte: Spazio e Società, n. 7 de 1979, p. 35 e n. 26 de 1984, p. 103).....	124
Figuras 90 e 91: Fotos das habitações para técnicos à esquerda, e para os funcionários das minas à direita em Ciudad Guayana, Venezuela (fonte: Spazio e Società, n. 26, 1984, p. 107). .....	126
Figuras 92 e 93: A área entre o público e o privado e as ‘ruas’ de Aiyetoro (em Lagos, Nigéria) até meados dos anos 1960 (fonte: Spazio e Società, n. 43, 1988, p. 40). .....	127
Figura 94: Modelo gráfico da cidade do <i>apartheid</i> (fonte: Spazio e Società, n. 77, 1997, p. 65) .....	132

Figuras 95 e 96: Fotos de Ousakie: “Só o pobre o sente”, escultura-bicicleta e “Love”, parque em forma de coração. Fotos de Steve Hilton-Barber (fonte: Spazio e Società, n. 77, 1997, p. 81).	133
Figuras 97 e 98: Placa com os escritos “ <i>Maibuye Africa</i> ”, cuja tradução seria “Volta, África” (foto de Cecil Sols) e foto de u grupo de rapazes com o busto de Steve Biko, um ativista antiapartheid morto em 1977 (fonte: Spazio e Società, n. 77, 1997, p. 84).	134
Figuras 99 e 100: Township de Alexandra, foto do Jardim da Paz (The Garden of Peace) com vidros coloridos, e foto de dois meninos pintando um barril. Images da fotógrafa Gille de Vlieg (fonte: Spazio e Società, n. 77, 1997, p. 82).	134
Figuras 101 e 102: Foto da maquete e perspectiva da implantação no terreno da <i>Salisbury Claims Housing</i> , de Joseph Noero, Joanesburgo, 1994 (fonte: Spazio e Società, n. 77, 1997, p. 103, 104).	136
Figuras 103 e 104: Capa da revista <i>Spazio e Società</i> de número 77 e vista do projeto de Joseph Noero, <i>Planned Parenthood Centre</i> de 1995, em <i>Orange Farm</i> , Joanesburgo (fonte: Spazio e Società, n. 77, 1997, capa e p. 105).	137
Figuras 105, 106 e 107: Imagens externas e interna da mesquita de Sidi Brahim, ao norte da Argélia (fonte: Spazio e Società, n. 20, 1982, p. 122, 124 e 126).	138
Figuras 108 e 109: Fachada oeste do Centro Cultural da Cidade de Benin, e Capela Dominicana em Ibadan, fotos dos projetos em construção de Demas Nwoko na Nigéria (fonte: Spazio e Società, n. 61, 1993, p. 36 e 37).	139
Figura 110: Planta do complexo de Akbar, em Fatehpur Sikri, um dos exemplos mais significativos de desenho urbano da Índia. Apesar de sua intrincada organização e variedade de espaços, tem um desenho para a escala humana, cujo espaço e forma refletem um senso de harmonia (fonte: Spazio e Società, n. 38, 1987, p. 91, mas originalmente publicada no livro “ <i>Living Architecture: Islamic India</i> ”, de Andreas Volwahren).	141
Figuras 111, 112 e 113: Uma rua em Shahjehanabad: cheia, insalubre, mas em escala humana e com forte caráter urbano e ao lado, seu tecido denso. Esta foi uma cidade fundada pelo imperador Shah Jehan no século XVII e faria já na década de 1980 parte de Delhi. Por trás do labirinto de vielas estreitas, existe um rico sistema de pátios internos que juntos constituem um quarto da área total. Por fim, a última imagem é de uma rua de Jaiselmer “cidade do deserto” do século XII: as ruas estreitas, as pequenas aberturas, as saliências e as arcadas se combinam para proteger do forte sol de verão (fonte: Spazio e Società, n. 38, 1987, p. 92 e 93).	142
Figura 114: O plano do arquiteto inglês Edwin Lutyens para Nova Delhi (fonte: Spazio e Società, n. 38, 1987, p. 94).	143
Figuras 115 e 116: Imagens da Asaf Ali Road, uma das primeiras ruas comerciais planejadas após a independência, e do INA Market, formado espontaneamente com estruturas improvisadas e quese	

tornara um centro comercial dinâmico, ambos em Nova Delhi e distantes cerca de 10 quilômetros (fonte: Spazio e Società, n. 38, 1987, p. 96). .....	144
Figuras 117 e 118: A influência de Le Corbusier no Akbar Hotel em Delhi (1965-69) de Shiv Nath Prasad, e vista do Palacio Padmanabhapuram, um exemplar da arquitetura do Querala, localizado no estado vizinho de Tamil Nadu (fonte: Spazio e Società, n. 38, 1987, p. 102 e 110). .....	145
Figura 119: A arquitetura dos mestres: Palácio da Assembléia de Chandigarh, projetado por Le Corbusier na década de 1950 (fonte: Spazio e Società, n. 38, 1987, p. 112). .....	147
Figura 120: Fotografia exibida na exposição do MoMA <i>The Project of Independence: Architectures of Decolonization in South Asia, 1947–1985</i> (2022), de uma mulher carregando cimento no Complexo do Capitólio de Chandigarh, em frente ao Edifício do Secretariado, em 1956 (foto de Ernst Scheidegger). Disponível em < <a href="https://www.archdaily.com/981654/moma-exhibition-explores-the-architectures-of-decolonization-in-south-asia?ad_medium=gallery">https://www.archdaily.com/981654/moma-exhibition-explores-the-architectures-of-decolonization-in-south-asia?ad_medium=gallery</a> >. Acesso em: 11 fev. 2023. ....	147
Figuras 121 e 122: Institute of Indology projetado por Balkrishna Doshi, em Ahmedabad, 1960, e vista do pátio central do Management Development Centre, de Anant Raj (fonte: Spazio e Società, n. 38, 1987, p. 114 e 116).....	149
Figuras 123 e 124: Vista do projeto do arquiteto Achyut Kavinde, Indian Institute of Technology, em Kanpur ( <i>Spazio e Società</i> , n. 38, 1987, p. 117). Imagem do mesmo Instituto exibida na exposição do MoMA <i>The Project of Independence: Architectures of Decolonization in South Asia, 1947–1985</i> (2022). Crédito da foto: Kavinde <i>Archives</i> , disponível em < <a href="https://www.archdaily.com/981654/moma-exhibition-explores-the-architectures-of-decolonization-in-south-asia?ad_medium=gallery">https://www.archdaily.com/981654/moma-exhibition-explores-the-architectures-of-decolonization-in-south-asia?ad_medium=gallery</a> >. Acesso em: 11 fev. 2023. ....	149
Figuras 125 e 126: Casa de Leo Pereira e Complexo Residencial Cosmerville do estúdio Abhikram, ambos em Ahmedabad (fonte: Spazio e Società, n. 38, 1987, p. 114 e 116). .....	150
Figura 127: Centro de maternidade e infância para a comunidade rural Bagnan Village, no estado indiano de West Bengala, em 1979. Promovido pela UNICEF de Calcutá e pelo Departamento de Assistência Social do governo de West Bengala (fonte: Spazio e Società, n. 38, 1987, p. 127). ....	150
Figuras 128 e 129: Escola Bal Prasoan, em Ahmedabad: sala externa para crianças do jardim de infância, em que a área de brincar e as funções educativas são unidas em um anfiteatro cuja cobertura tem o formato da concavidade do terreno escavada para a criação do ambiente. Projeto do estúdio Abhikram (fonte: Spazio e Società, n. 38, 1987, p. 129).....	150
Figura 130: “Edifício de San José, residência do general Urquiza, Concepción del Uruguay. Arquiteto Pedro Fossati, 1854. Um excepcional ‘ <i>cortile</i> ’ italiano (fonte: Spazio e Società, n. 33, 1986, p. 81). ....	155

Figuras 131 e 132: Igreja de San Francisco, Salta, 1882 ( <i>Spazio e Società</i> , n. 33, 1986, p. 82). Assentamento urbano tradicional com fachada “cortina”. A largura do lote é de 8,66m (fonte: <i>Spazio e Società</i> , n. 33, 1986, p. 126). .....	156
Figura 133: Linha do tempo dos regimes políticos na Argentina desde o segundo pós-guerra até meados de 1980, criada a partir das descrições de Rubén Pesci em seu texto <i>Paese e Società nel Dopoguerra</i> (1986). .....	158
Figuras 134 e 135: Capa de <b>Ficciones</b> (1944), livro de contos de Jorge Luis Borges e <b>Los Reyes</b> (1949) de Julio Cortázar. ....	159
Figuras 136 e 137: Palacio Díaz de Vázquez Barrière e Rafael Ruano, publicado em <i>Arquitectura</i> em 1935 e casa, escritório e laboratório para o dr. F. Pucci do arquiteto M. Cravotto (publicada em 1931 na mesma revista), ambos em Montevideo (fonte: <i>Spazio e Società</i> , n. 35, 1986, p. 100 e 103). ....	165
Figuras 138 e 139: O “mouresco” e o “hispanico” na casa Costemalle, em Montevideo, de Julio Vilamajó (1927) e a casa do arquiteto, também em Montevideo, de 1930 (fonte: <i>Spazio e Società</i> , n. 35, 1986, p. 94 e 104). .....	166
Figuras 140 e 141: Antigo Mercado Central de Montevideo demolido por decisão municipal e especulação e degradação urbana na cidade de <i>Punta del Este</i> (fonte: <i>Spazio e Società</i> , n. 35, 1986, p. 117 e 119). .....	167
Figura 142: Edifício de habitação Grupo Intercooperativo Mesa 1, construído entre 1971 e 1975, de 420 unidades em Montevideo. Consultoria e projeto da CCU – Centro Cooperativista Uruguaio (fonte: <i>Spazio e Società</i> , n. 35, 1986, p. 123). ....	168
Figuras 143 e 144: <i>Panteón Nacional</i> , Caracas, restaurado em 1929 por Manuel Mujica e Aula Magna da <i>Ciudad Universitaria de Caracas</i> , projeto de Carlos Raul Villanueva, 1953 (fonte: <i>Spazio e Società</i> , n. 39, 1987, p. 108-112). .....	169
Figuras 145 e 146: “Edifícios de alta densidade realizados pelo setor público nos anos 1950” e “o edifício e a área do entorno não favorecem a integração da comunidade” (fonte: <i>Spazio e Società</i> , n. 39, 1987, p. 100). .....	170
Figuras 147 e 148: “Assentamento residencial de casas baixas” e “as casas são agregadas por grupos e conectadas a uma rede de percursos para o pedestre” (fonte: <i>Spazio e Società</i> , n. 39, 1987, p. 101-102). ....	171

## ANEXOS

### Entrevista Anna Vermiglia De Carlo

Anna de Carlo, filha de Giancarlo De Carlo e Giuliana Baracco, que trabalhou como ilustradora na Spazio e Società, aceitou gentilmente responder algumas perguntas sobre a sua mãe e sobre o trabalho na revista. Enviou suas respostas via e-mail em 27 de abril de 2022. As perguntas estão em negrito e as respostas (bem como o texto da premissa escrito por Anna De Carlo), em letra comum. O texto foi traduzido pela autora.

Premissa:

Minha mãe era filha de um oficial de cavalaria e de uma professora, nasceu em Alba. Ela perdeu a mãe aos três anos de idade, então foi criada em Milão pelas suas irmãs Livia e Anita que, na década de 1960, mudaram-se para a Cidade do Cabo na África do Sul, e nunca mais se viram.

Giuliana fez parte do movimento *partigiano* onde conheceu meu pai (ela era já casada), eles se apaixonaram perdidamente e ficaram juntos por toda a vida.

Giuliana era uma mulher belíssima, muito inteligente, sensível e culta. Era praticamente ascética, detestava o luxo e o desperdício, era uma ecologista *ante litteram*. Nunca tivemos uma televisão e comíamos comida integral em uma época em que ninguém sonhava em fazê-lo. Ela nunca quis ter casas próprias porque era contra a propriedade privada. Não gostava de se exibir ou de aparecer, e talvez por isso pouco se saiba sobre ela e seu trabalho.

Sempre acompanhou com muita paixão e atenção todos os fenômenos sociais que aconteciam no mundo, desde as revoltas juvenis às guerras, aos movimentos dos negros estadunidenses etc.

Na década de 1960 por vezes participávamos de manifestações na praça, eu ainda adolescente. Até o fim ela foi um verdadeiro espírito livre.

#### **Qual era a formação acadêmica de Giuliana Baracco? Ela frequentou a universidade?**

Minha mãe frequentou uma escola de “colocação profissional” em que, além de outras disciplinas, aprendeu bem inglês e francês. O inglês naquela época não era uma língua conhecida na Itália, enquanto a língua estrangeira mais difundida era o francês.

Esse conhecimento possibilitou que Giuliana trabalhasse na USIS – a agência americana de colaboração internacional com os países libertos após a guerra.

O trabalho da minha mãe possibilitou que nos anos do pós-guerra meu pai pudesse estudar para conseguir o diploma de arquiteto.

A Giuliana depois iniciou uma intensa atividade de tradução de textos inéditos na Itália de arquitetura e sociologia. Os livros traduzidos por ela ainda são altamente conceituados (tanto do francês como do inglês).

### **Qual era a sua função e quais tarefas ela desempenhou nas edições da Spazio e Società?**

O papel da minha mãe na Spazio & Società foi muito vasto. Como coordenadora editorial, encarregava-se do contato com e entre os autores e colaboradores da revista, mas na realidade fez muito mais. Eram suas as traduções de praticamente todos os artigos que eram publicados, ela tinha uma voz importante nas escolhas editoriais tanto de natureza estética (capas, imagens etc.) quanto nos temas e projetos selecionados para publicação.

Digamos que minha mãe sendo extremamente interessada e sensível a questões sociais, à ecologia, ao reuso etc., a grande atenção da revista a essas questões deveu-se em grande parte ao impulso de Giuliana nessa direção. O que meu pai obviamente compartilhava e incentivava.

Ela também estabeleceu relações intensas com alguns autores, relações epistolares das quais infelizmente se perderam os vestígios.

### **Ela desenvolvia outras atividades profissionais fora da revista?**

Digamos que desde o início da Spazio & Società Giuliana, tendo que desempenhar muitas funções, não tinha muito tempo disponível, porém era uma grande leitora e intelectual, sempre muito informada.

Spazio & Società cessou suas atividades quando minha mãe não tinha mais condições de se ocupar dela, ficando impossibilitada de ir ao ateliê devido ao seu mau estado físico do último período. Meu pai decidiu que sem ela a revista não teria sentido. Mas até os 80 anos Giuliana pegava o metrô duas vezes por dia para trabalhar.

### **Uma pergunta sobre a senhora, Anna. Quando a senhora começou a fazer ilustrações para a revista? Como foi o seu envolvimento com a Spazio e Società?**

Comecei a fazer desenhos para a S&S desde o primeiro número, com um desenho na capa. Então a minha colaboração durou por todos os números. Meu pai os considerava uma espécie de “amuleto da sorte”. Sempre acompanhei o desenvolvimento da revista como sempre acompanhei o trabalho



do meu pai, tendo uma mesa em todos os seus ateliês e tendo participado com frequência nos seus projetos de arquitetura.

A relação que tive com meus pais sempre foi cheia de trocas e afeto, sempre estivemos em contato próximo e isso foi uma imensa riqueza e sustento para mim.

## Entrevista Margarita Iglesia

Entrevista com a arquiteta, urbanista e professora Margarita Iglesia sobre a sua participação na revista italiana *Spazio e Società* no final da década de 1980, concedida por meio da ferramenta virtual Google Meets em 6 de novembro de 2020. Iglesia mora atualmente em Boston. As perguntas estão em negrito e as respostas, em letra comum. O texto foi traduzido pela autora.

### **A senhora poderia falar um pouco sobre a sua trajetória profissional?**

Sim. Eu estudei arquitetura na Venezuela no começo dos anos 1970, na Universidad Simon Bolivar [de 1971 a 1977], e foi uma experiência maravilhosa para todos nós da classe porque éramos a primeira turma do curso de arquitetura da Simon Bolivar. Tínhamos professores muito comprometidos que foram alunos na Cornell University [no estado de Nova Iorque]. Naquele período a Venezuela tinha muito dinheiro devido ao petróleo e eu apliquei para o programa de bolsas de estudo Mariscal Dia Ayacucho, criado pelo governo democrático de então para treinar jovens profissionais que levariam a Venezuela para o futuro<sup>185</sup>. Fui beneficiada com uma bolsa de estudos para completar meu percurso acadêmico em Boston, onde cursei um Mestrado em Arquitetura no Desenho Urbano (Master of Architecture in Urban Design na Harvard University Graduate School of Design de 1980 a 1982) que me abriu muitas portas. Pude trabalhar em um pequeno escritório de desenho urbano que atuava por toda New England<sup>186</sup> como urbanista, o que não me permitia ter muito tempo para dar aulas. Somente por volta de 2009, com a recessão que tivemos aqui – a grande recessão econômica – as coisas mudaram, e eu encontrei um caminho para a docência. Hoje em dia trabalho a maior parte do tempo como professora.

### **Sobre a *Spazio e Società*, como a senhora entrou em contato com a revista? Conhecia pessoalmente o Giancarlo de Carlo?**

Não, eu não o conhecia pessoalmente, mas trabalhei com o Antonio di Mambro. Seu escritório naquele momento se chamava “Comunitas”, e Antonio tinha sido aluno do De Carlo na Itália - Antônio era italiano. Ele veio para os EUA basicamente quando era adolescente, e então estudou

---

<sup>185</sup> O programa de bolsas da Gran Mariscal Ayacucho Foundation foi uma iniciativa do governo de Carlos Andrés Pérez, iniciado em meados da década de 1970 e voltado para o treinamento de estudantes venezuelanos de graduação e pós-graduação em áreas diversas, dentro e fora do país. As bolsas dariam oportunidades de estudo para os jovens, “principalmente em cursos de ciência e tecnologia destinados a formar profissionais qualificados necessários aos processos de nacionalização das indústrias de base do país e para o aproveitamento de várias fontes de tecnologia” (AMEA, Ruth L. Innovation in the harnessing and transfer of technology: the Gran Mariscal de Ayacucho Foundation. **Impact of Science on Society: Science in Latin America**, UNESCO, vol. 27, n. 3, p. 299-306, jul./set. 1977.

<sup>186</sup> New England é uma região no nordeste dos EUA que compreende seis estados: Connecticut, Maine, Massachusetts, New Hampshire, Rhode Island e Vermont.

no MIT. Acredito que ele tenha estudado por um período na Itália. Ele sempre admirou o Giancarlo de Carlo e eles permaneceram em contato. Antonio se tornou o colaborador da *Spazio e Società* da América do Norte e quando eles estavam planejando diferentes tipos de Dossiês, houve uma conexão, e eu tive a sorte de estar trabalhando para o Antonio naquela ocasião. Além disso, o Antonio ajudou a supervisionar o dossiê enquanto ele estava sendo produzido, deu-me conselhos e ajudou a editar o dossiê também em termos de linguagem e organização. Mas foi ótimo poder usar minhas conexões naquele momento com outros acadêmicos venezuelanos e profissionais emergentes que colaboraram para tornar isso possível.

**Sobre o dossiê da Venezuela, você recebeu instruções específicas do Antonio sobre como organizá-lo ou desenvolvê-lo?**

Não. Eu tinha muita liberdade na concepção do dossiê, que se desenhou a partir das respostas que recebi das pessoas que convidei para colaborar. Dois deles eram amigos, outros foram meus professores e colegas. Eu tinha uma visão da importância do movimento moderno na Venezuela naquele momento, quando a cidade estava se expandindo, a economia do país todo estava crescendo e o International Style e a arquitetura moderna eram a linguagem. Eu busquei entrar em contato com pessoas que tinha feito contribuições significativas no campo da arquitetura e do planejamento urbano naquele momento, e havia coisas como o metrô que era provavelmente a maior obra da cidade com a maior influência no desenvolvimento desta. A influência se deu pelas novas conexões da cidade, pois a construção do sistema de metrô incentivou o desenvolvimento de certas áreas próximas às estações, como vemos hoje em todas as áreas que têm transporte público de massa. O que o metrô permitiu em Caracas foi a introdução de uma nova qualidade e experiência para os pedestres e a expansão do acesso por toda a cidade, para todos os habitantes. Tornou-se, de certa forma, um equalizador social, pois permitiu que pessoas da periferia, e em particular pessoas de baixa renda, pudessem acessar lugares dentro da cidade formal onde haveria empregos disponíveis.

**Os autores do dossiê estavam todos nos EUA quando o dossiê foi escrito?\***

Não, eles estavam todos em Caracas, na Venezuela.

**Cada autor poderia escrever sobre o assunto que quisesse ou tinham algum direcionamento?**

Eles tinham Liberdade para escrever sobre o argumento que quisessem, no entanto nós (eu e a Ruth, esposa do Antonio di Mambro) fizemos algumas edições de linguagem e gramática sem a intenção de mudar muito os significados, mas de certa forma pode ser que o sentido de alguns parágrafos tivesse mudado. Havia um colaborador que não ficou feliz com o resultado das edições.

### **Ele achou que seu texto não tinha sido bem traduzido?**

Sim, ele achou que tinha sido traduzido de uma maneira que diminuía o impacto de algumas orações, e eu não consigo lembrar exatamente sobre o que se tratava. Sei que um autor não estava feliz e me escreveu reclamando. Ainda assim, ambos concordamos em publicar o texto, mesmo sem que ele estivesse feliz. Todos os outros estavam satisfeitos.

### **A senhora e o Antonio faziam as traduções? Recebiam todos os textos em espanhol?**

Eu fazia as traduções e então o Antonio e a Ruth as editavam, o que ajudava muito porque eu me mudei para os EUA há quase 40 anos e sempre estive tentando melhorar o meu inglês. Sinto-me muito orgulhosa e confiante, mas naquela época eu ainda não era fluente, então eu realmente precisava de ajuda. O bom é que a Ruth e o Antonio eram compreensivos. Ruth falava inglês como sua língua materna e ainda que não fosse o mesmo caso do Antonio, ele era muito mais proficiente que eu naquela época.

### **Após a publicação do dossiê a senhora voltou a escrever para a Spazio e Società novamente?**

Não, essa foi a minha participação, e sinto muito orgulho e gratidão pela oportunidade inclusive porque me mantive mais focada na prática do que na academia durante os anos que se seguiram. Sempre escrevi muito, mas a nível profissional, não acadêmico – se é que isso faz sentido.

### **A revista estava disponível nas faculdades venezuelanas? A senhora sabe sobre a distribuição da revista?**

A revista era conhecida na Venezuela já antes de eu vir para cá [para os EUA, quando ela foi em 1980]. Eu acredito que na faculdade nós tínhamos acesso à revista, mas, você sabe, os recursos na América Latina são escassos...

### **Era possível comprar a revista nas bancas?**

Eu acredito que não, mas você poderia assinar... Receber pelo correio – essas assinaturas vinham pelo correio. Além disso, outras revistas estavam disponíveis.

### **O que a senhora achava da Spazio e Società no geral? Qual a sua opinião sobre a revista?**

Eu achava a revista muito boa, especialmente pelo fato de ter um conteúdo que envolvia séries [os dossiês] e crítica de arquitetura e design. A qualidade das ilustrações nem sempre era boa e as imagens eram todas em preto e branco. Sou muito orientada para cores, faz parte da minha herança cultural como provavelmente faz parte da sua também...

**Sim, eu concordo!**

Crescer no Brasil ou na Venezuela, não dá para escapar das cores! Uma revista em preto e branco é um pouco menos empolgante, mas o conteúdo intelectual sempre foi muito alto, então essa foi – e continua sendo – a minha imagem sobre a revista. [...] Ainda, muitas das fotos do dossiê da Venezuela foram tiradas por James Kostaras [seu marido], principalmente as imagens da obra de Villanueva e da Universidad Central de Venezuela.

\*Lista de autores e artigos do dossiê da Venezuela:

Margarita Iglesia - Venezuela: 50 anni di boom del petrolio/Venezuela: 50 years of Oil Boom

Guillermo Frontado - La città latino-americana e il piano a scacchiera/The traditional Latin American City: the Gridiron Plan

Alberto Morales Tucker - L'evoluzione di Caracas/Caracas' Urban Evolution: an Overall View

David Gouverneur - Il metro di Caracas e il disegno urbano/The Caracas Metro: an Opportunity for Urban Design

Folco Riccio - Il problema degli alloggi e il settore pubblico/The Housing Problem: Public Sector Policies and Design

Oscar Graues - Adattare è meglio che adottare/Adapted vs. Adopted

José M. Roig - Il modernismo in Venezuela/Modernism in Venezuela

Miguel Arroyo - Carlos Raul Villanueva o la sintesi delle arti/Carlos Raul Villanueva: The Synthesis of the Arts

Enrique Larrañaga - A la recherche du temps perdu

Editorial Staff - Le ultime generazioni/Portfolio

## **Entrevista Mariano Arana**

Entrevista concedida em 23 de novembro de 2020, com as respostas de Mariano Arana enviadas recebidas via e-mail. As perguntas estão em negrito e as respostas, em letra comum. O texto foi traduzido pela autora.

### **O senhor conhecia o Giancarlo de Carlo ou Giuliana Baracco pessoalmente?**

Conheci o Giancarlo por meio de um amigo e colega Giorgio Lombardi, infelizmente já falecido.

### **Como o senhor entrou em contato com a revista Spazio e Società? Com quem trocava correspondências: diretamente com De Carlo, com Giulia Baracco ou com outros editores italianos?**

Então nos encontramos em Bogotá em um importante encontro de vários arquitetos europeus e latino-americanos na Universidad de los Andes e me correspondi diretamente com ele como diretor da revista "Spazio e Società".

### **A revista Spazio e Società era vendida no Uruguai? Havia exemplares nas Faculdades de Arquitetura?**

Não se vendia a revista no Uruguai. Quanto à existência de exemplares da revista na Faculdade de Arquitetura de Montevideú: efetivamente sim, eu que as enviei para lá.

### **O que o senhor acha da Spazio e Società? Acredita que a revista foi uma boa fonte de informação no âmbito da arquitetura e do urbanismo?**

Efetivamente foi uma fonte muito boa e informação no campo da arquitetura e do urbanismo. Eu a apreciava pelo seu conteúdo teórico pouco frequente nas revistas da época.

### **Como se deu a escolha dos autores e dos temas desenvolvidos no dossiê?\***

Em relação ao meu artigo sobre arquitetura no Uruguai, escolhi aqueles autores e obras que me pareceram mais talentosos e conceitualmente mais sólidos. Quanto ao texto de Alicia Migdal, [escolhi-a] por ser uma excelente escritora e crítica compatriota.

### **O senhor enviou os textos já em inglês, ou os enviou em espanhol? Se enviou em espanhol, ficou satisfeito com as traduções feitas? Os editores da Spazio e Società respeitaram os títulos dos textos e o conteúdo?**

Enviei os textos em espanhol. E fiquei satisfeito com as traduções realizadas. Parece que me lembro que os editores da "Spazio e Società" respeitaram os textos dos títulos enviados, bem como seu conteúdo.

O senhor escreveu para a Spazio e Società novamente depois de publicado o dossiê? Manteve contato com a revista após a publicação do Dossier?

Não voltei a escrever depois da publicação do dossiê.

\*Lista de autores e artigos do dossiê do Uruguai:

Alicia Midgal - Il paradosso uruguaio/The Uruguayan Paradox

Mariano Arana e Lorenzo Garabelli - Avanguardia e pragmatismo nell'architettura Uruguaiana/Avantgarde and Pragmatism in Uruguayan Architecture

Mariano Arana - Dalla libertà creatrice alla città repressiva/From Creative Freedom to the Repressive City

## **Entrevista Rubén Pesci**

Entrevista concedida em 16 de novembro de 2020, com as respostas do prof. Rubén Pesci recebidas via e-mail. As perguntas estão em negrito e as respostas, em letra comum. O texto foi traduzido pela autora.

**Como o senhor entrou em contato com a revista Spazio e Società? Com quem trocava correspondências: diretamente com De Carlo, com a Giulia Baracco ou com outros editores italianos?**

Conheci Giancarlo De Carlo em Veneza em 1973, onde ele era professor no Instituto Universitário de Arquitetura e eu era aluno de pós-graduação com Sergio Los. Depois fui para Urbino, em 1980, no ILAUD (Laboratório Internacional de Arquitetura e Desenho Urbano), dirigido por Giancarlo, e iniciou-se uma amizade profissional e editorial entre a sua revista e a nossa Revista Ambiente, onde publicamos inúmeros artigos sobre De Carlo e a sua obra.

A partir de então fui correspondente da Spazio e Società e me comunicava permanentemente com Giancarlo e Giulia Baracco.

Foram 40 anos de parceria e amizade crescente, sendo [De Carlo] para mim um dos meus principais Professores, pela sua qualidade como arquiteto e urbanista. Foi também um dos principais projetistas em multi-escala, um dos promotores e fundadores do Team X e um dos principais idealizadores da superação do Movimento Moderno.

**A revista Spazio e Società era vendida na Argentina? Havia exemplares nas Faculdades de Arquitetura?**

A partir da nossa entidade, a Fundación CEPA [Centro de Estudios y Proyectos del Ambiente], fizemos muita divulgação de Giancarlo e da sua revista, o que promoveu uma reflexão crítica a nível internacional. Contribuímos para divulgá-lo mais na Argentina, mas não conseguimos alcançar uma penetração real no mercado de publicações. O mercado de arquitetos continuou a se mover em direção a uma arquitetura consumista de “glamour”.

**Qual a sua opinião particular sobre Spazio e Società? Acredita que a revista foi uma boa fonte de informação no âmbito da arquitetura e do urbanismo?**

Acredito que Giancarlo foi muito mais do que isso e conseguiu impulsionar uma grande corrente de arquitetura multi-escala e mais socialmente responsável. Com esta abordagem, não conseguiu mudanças substantivas no mercado da nossa profissão, embora tenha conseguido formar novas escolas de pensamento voltadas para a sustentabilidade econômica, social e ambiental.



**Como se deu a escolha dos autores e dos temas desenvolvidos no dossiê\***

O dossiê foi coordenado por mim, com a colaboração da Fundação CEPA e nosso grupo de editores da Revista Ambiente.

**O senhor enviou os textos já em inglês, ou os enviou em espanhol? Se enviou em espanhol, ficou satisfeito com as traduções feitas? Os editores da Spazio e Società respeitaram os títulos dos textos e o conteúdo?**

Os textos foram traduzidos para o italiano na Argentina e supervisionados na Itália, e tivemos um relacionamento extraordinário com os editores da Spazio e Società para conseguir o ajuste final.

**O senhor escreveu para a Spazio e Società novamente depois de publicado o dossiê?**

Continuei correspondente da Spazio e Società até a revista deixar de publicar e escrevi vários artigos.

\*Lista de autores e artigos do dossiê da Argentina:

Rubén Pesci - Argentina: l'utopia possibile/A Feasible Utopia

Rubén Pesci - Paese e società nel dopoguerra/Postwar Argentina

Ernesto Schoo - Il dibattito culturale fra tradizione e innovazione

Ezequiel Martínez Estrada - Radiografia della pampa

Ramón Gutiérrez - L'evoluzione dell'architettura in Argentina

Rafael E. J. Iglesia - Tendenze dell'architettura 1958-1984/Architectural Trends

Rafael Iglesia e Rubén Pesci (org.) - Selezione di architetture 1958-1984/Selection of Architecture 1958-1984

Juan Manuel Borthagaray - La politica urbanistica e residenziale/Planning and Housing Policies

Rubén Pesci - Cultura e architettura per la nuova Argentina/Culture and Architecture for the New Argentina